DOCUMENT RESUME

ED 473 620 FL 027 177

AUTHOR	Barbara, Leila, Ed.; Rajagopalan, Kanavillil, Ed.
TITLE	Revista de Documentacao de Estudos em Linguistica Teorica e Aplicada (DELTA): Novos Estudos em Gamatica Gerativa, 2001 (Journal of Documentary Studies in Theoretical and Applied Linguistics [DELTA]: New Studies in Generative Grammar, 2001).
INSTITUTION	Pontificia Universidade Catolica de Sao Paulo (Brazil). Programa de Pos-Graduacao em Linguistica Aplicada e Estudos da Linguagem.
ISSN	ISSN-0102-4450
PUB DATE	2001-00-00
NOTE	354p.
AVAILABLE FROM	D.E.L.T.A., Revista de Documentacao de Estudos em Linguistica Teorica e Aplicada, Programa de Pos-Graduacao em Linguistica Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), Rua Monte Alegre, 984, CEP 05014-001, Sao Paulo, SP, Brasil. E-mail: delta@pucsp.br.
PUB TYPE	Collected Works - Serials (022)
JOURNAL CIT	Revista de Documentacao de Estudos em Linguistica Teorica e Aplicada; v17 n1 spec iss 2001
LANGUAGE	Spanish, English, Portuguese
EDRS PRICE	EDRS Price MF01/PC15 Plus Postage.
DESCRIPTORS	Electronic Text; Foreign Countries; Grammar; Language Acquisition; Negative Forms (Language); Phonology; *Portuguese; Reading Comprehension; Research; *Sociolinguistics
IDENTIFIERS	*Brazil; Functional Linguistics; Geolinguistics; Language Contact; Null Subject Parameter; Politeness; Relative Clauses; Textlinguistics

ABSTRACT

These two issues of volume 17, include the following articles: "The Competing Motivation Model in the Functional Domains of Negation" (M. Angelica Furtado da Cunha); "Discursive Resonance and Politeness in Reading and Writing Practices" (Silvana Serrani Infante); "The Acquisition of Relative Clauses in Brazilian Portuguese" (Maria Cecilia Perroni); "Has the Adverbial Entao Already Become Grammaticalized as a Conjunction?" (Erotilde Goreti Pezzatti); "The Two Great of Brazilian Sociolinguistic History (1500-2000)" (Dante E. Lucchesi); "Interview with M.A.K. Halliday, Cardiff, July, 1998" (Geoff Thompson and Heloisa Collins); "Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter" (M. Aparecida C.R. Torres-Morais); "Applied Research in Language: Challenges for the New Millennium" (Carlos Alberto Faraco); "Textlinguistics: Quo Vadis?" (Ingedore Grunfeld Villaca Koch); "Dialectology: Traveled Roads and Routes to Travel" (Suzana Alice Marcelino Cardoso); "Theoretical and Descriptive Issues in Sociolinguistics and in Applied Sociolinguistics and a Project for an Agenda" (Maria Cecilia de Magalhaes Mollica and Claudia Nivia Roncarti); and "Research in Portuguese Phonology" (Maria Helena Mira Mateus). An appendix includes: "52nd SBPC Annual Meeting: Brasilia, July 2000 Meeting: Scientific Journals in the New Century"; "Letters and Linguistics Brazilian Journals" (Luiz Antonio Marcuschi); "Electronic Texts" (Vilson J. Leffa); and

Reproductions supplied by EDRS are the best that can be made
from the original document.

"The Preparation of a General Journal" (Leila Barbara, Maria Aparecida Caltabianco, and Sumiko N. Ikeda). (Papers contain references.) (SM)

Reproductions supplied by EDRS are the best that can be made
from the original document.

ED 473 620

Revista de Documentacao de Estudos em Linguistica Teorica e Aplicada (DELTA): Novos Estudos em Gamatica Gerativa, 2001 (Journal of Documentary Studies in Theoretical and Applied Linguistics [DELTA]: New Studies in Generative Grammar, 2001)

Editors
Leila Barbara and Kanavillil Rajagopalan

Revista de Documentacao de Estudos em Linguistica Teorica e Aplicada; v17 n1 spec iss 2001

U.S. DEPARTMENT OF EDUCATION
Office of Educational Research and Improvement EDUCATIONAL RESOURCES INFORMATION CENTER (ERIC)

[] This document has been reproduced as received from the person or organization originating it.

[] Minor changes have been made to improve reproduction quality

[] Points of view or opinions stated in this document do not necessarily represent official OERI position or policy.

PERMISSION TO REPRODUCE AND DISSEMINATE THIS MATERIAL HAS BEEN GRANTED BY

S. Madurreira

TO THE EDUCATIONAL RESOURCES INFORMATION CENTER (ERIC)

1

FL 027 177

BEST COPY AVAILABLE

revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada

PERMISSION TO REPRODUCE AND DISSEMINATE THIS MATERIAL HAS BEEN GRANTED BY

Sandra Madureira

TO THE EDUCATIONAL RESOURCES INFORMATION CENTER (ERIC)

1

U.S. DEPARTMENT OF EDUCATION
Office of Educational Research and Improvement
EDUCATIONAL RESOURCES INFORMATION CENTER (ERIC)

☑ This document has been reproduced as received from the person or organization originating it.

☐ Minor changes have been made to improve reproduction quality.

• Points of view or opinions stated in this document do not necessarily represent official OERI position or policy.

BEST COPY AVAILABLE

FL027177

Vol. 17 - N.º 1 - 2001

educ

DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS
EM LINGÜÍSTICA TEÓRICA E APLICADA
D.E.L.T.A., Vol. 17, Nº 1, 2001

Editores / Editors
Leila Barbara - *PUC-SP*
Kanavillil Rajagopalan - *UNICAMP*

Editores Executivos / Executive Editors
Antônio Paulo Berber Sardinha – *PUC -SP*
Laís Furquim de Azevedo - *PUC-SP*
Maria Aparecida Caltabiano-Magalhães - *PUC-SP*
Mara Sophia Zanatto - *PUC-SP*
Mary Aizawa Kato - *UNICAMP*
Roxane R. H. Rojo - *PUC-SP*
Sumiko Nishitani Ikeda - *PUC-SP*

Conselho Editorial / Editorial Board

Ana M. Martins – *U. de Lisboa*
Ana Zandwais - *UFRGS*
Ângela B. Kleiman - *UNICAMP*
Charlotte Galves – *UNICAMP*
Daniel Everett - *U. de Manchester*
Daniel Faïta - U. de Provence
Dennis Albert Moore - *UFPa*
Eduardo Raposo - *U. da Califórnia, Stª Bárbara*
Eleonora Albano - *UNICAMP*
Emilia dos Santos Ribeiro Pedro - *U. de Lisboa*
Esmeralda V. Negrão – *USP*
Giampaolo Salvi – *U. de Budapeste*
Helena Nagamine Brandão – *USP*
Heloisa Collins – *PUC-SP*
Ian Roberts - *U. de Wales*
Ilza Ribeiro - *U. Feira de Santana*
Ingedore G. V. Koch – *UNICAMP*
Jairo Nunes – *UNICAMP*
João A. de Moraes – *UFRJ*
João Andrade Peres - *U. de Lisboa*
José Luiz Fiorin – *USP*
Jürgen M. Meisel - *U. de Hamburgo*
Leda Bisol – *PUC-RS*
Leonor Scliar-Cabral - *UFSC*
Letícia M. Sicuro Corrêa - *PUC-RJ*
Luiz A. Marcuschi - *UFPe*
Malcolm Coulthard - *U. de Birmingham*
Marco Antonio de Oliveira - *UFMG*
Margarida Basílio - *UFRJ*
M. Antonieta A. Celani - *PUC-SP*
M. Cecília Pérez de Souza e Silva - *PUC-SP*
M. da Graça Pinto - *U. do Porto*
M. Denilda Moura - *UFAL*
M. do Carmo Leite de Oliveira - *PUC-RJ*
M. Helena Moura Neves - *UNESP, Araraquara*
M. Luíza Braga - *UNICAMP*
M. Raquel D. Martins - *U. de Lisboa*
Michael R. Scott - *U. de Liverpool*
Nadja R. Moreira - *UFCe*
Paola Bentivoglio - *U. de Caracas*
Pascual Cantos Gomes - *Universidade de Murcia*
Pedro M. Garcez - *UFRGS*
Rodolfo Ilari - *UNICAMP*
Rosa V. Matos e Silva - *UFBa*
Roxane H. R. Rojo - *PUC-SP*
Shana Poplack - *U. de Ottawa*
Thomas Huckin - *U. de Utah*
Yonne de F. Leite - *UFRJ*
W. Leo Wetzels - *U. Livre de Amsterdam*

© Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada

Assinaturas / Subscriptions

Oferta Especial / Special Offer

Metade do preço – **R$** 25,00 – da Assinatura anual para sócios de todas as associações de Lingüística do Brasil.

Para grupos de 10 assinaturas conjuntas será oferecida uma Assinatura gratuita.

For foreign subscription special offer, please contact e-mail: delta@pucsp.br.

To/Para:

- D.E.L.T.A.
  Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada.
  Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL)
  Rua Monte Alegre, 984. CEP 05014-001. São Paulo, SP, Brasil.

From/De:

NOME/NAME: _____

_____

ENDEREÇO/ADDRESS: _____

_____

CEP/ZIP CODE: _____ COUNTRY: _____

Pagamento/Payment

- ❒ cheque em reais (for foreign currency, please contact journal)
- ❒ depósito em banco: conta corrente BANESPA, # 01.063171-1
  Banco # 033, Agência # 0220

Pedido/Order

- ❒ Assinatura Anual/Annual Subscription _____ 2.001
- ❒ Anos Anteriores/Previous Years _____
- ❒ Números Especiais/Special Issues:
  - ❒ Chomsky in/no Brasil (Conferências de/Talks by Chomsky)
  - ❒ Homenagem a/In Honour of Ataliba T. de Catilho (artigos sobre a gramática do português falado/articles on the grammar of spoken Portuguese)
  - ❒ 30 anos de/30 years of Abralin (retrospectiva da Lingüística no Brasil/30 years of Brazilian Linguistics)
  - ❒ Homenagem a/In Honour of Mary Kato.

BEST COPY AVAILABLE

D.E.L.T.A.

Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada

Sumário / Contents

Artigos/Articles

M. Angélica Furtado da Cunha – O Modelo das Motivações Competidoras no Domínio Funcional da Negação / *The Competing Motivation Model in the Functional Domain of Negation* 1

Silvana Serrani-Infante – Resonancias Discursivas y Cortesía en Prácticas de Lecto-Escritura / *Ressonâncias Discursivas e Polidez em Práticas de Leitura e Produção Escrita / Discursive Resonance and Politeness in Reading and Writing Practices* 31

Maria Cecília Perroni – As Relativas que são Fáceis na Aquisição do Português Brasileiro / *The Acquisition of Relative Clauses in Brazilian Portuguese* 59

Erotilde Goreti Pezatti – O Advérbio *Então* já se Gramaticalizou como Conjunção? / *Has the Adverbial* Então *already become Grammaticalized as a Conjuction?* 81

Debate/Debate

Dante E. Lucchesi – As duas Grandes Vertentes da História Sociolingüística do Brasil (1500-2000) / *The two Great Trends of Brazilian Sociolinguistic History (1500-2000)* 97

Entrevista/Interview

Interview with M. A. K. Halliday, Cardiff, July, 1998 / *Entrevista com M. A. K. Halliday, Cardiff, Julho, 1998.* Por/By Geoff Thompson e Heloisa Collins 131

Resenha/Review

Kato, M. & E. Negrão (eds.) (2000) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Por/By M. Aparecida C. R. Torres-Morais 155

Notas sobre Livros/Booknotes 169

Revista D.E.L.T.A. São Paulo Vol. 17:1 2001 p. 1-174 ISSN 0102-445

BEST COPY AVAILABLE

D.E.L.T.A.: Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada.
Vol. 1, 1/2 (fev/ago 1985)
São Paulo: EDUC, 1985
Semestral, no. Especial desde 1992
Revista da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC SP
Resumo em Português e Inglês em todos os artigos

1. Lingüística Teórica - periódicos. 2. Lingüística Aplicada - periódicos. I. Título: Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo III. Associação Brasileira de Lingüística

ISSN 0102-445 **CDD** 405

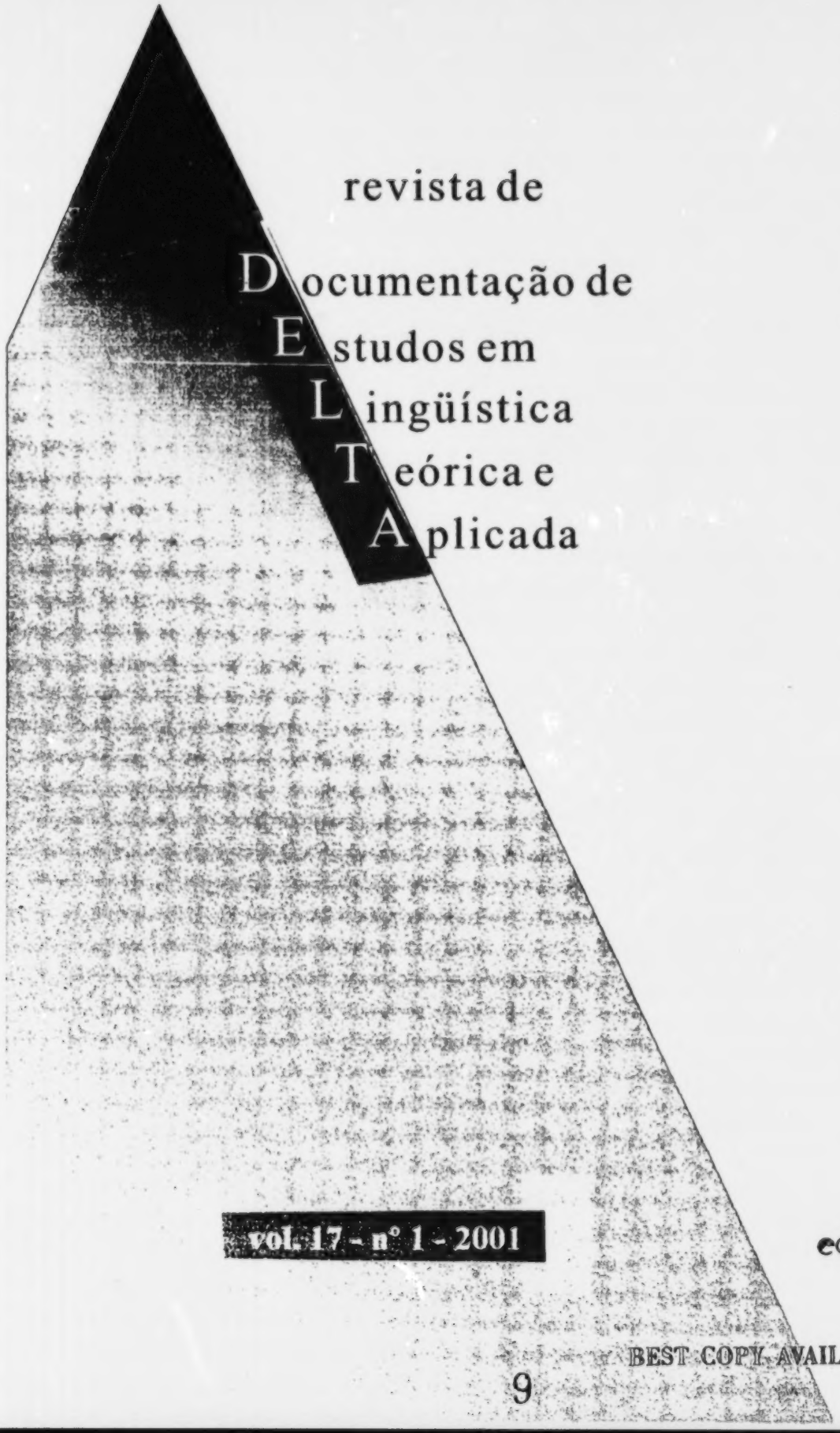
EDUC – Editora da PUC-SP
Rua Ministro Godói, 1213 – São Paulo – Telefax: (11) 3873-3359/3672-6003 – E-mail: educ@pucsp.br

Os textos publicados na revista são indexados no LLBA (Linguistics and Language Behavior Abstracts), Linguistics and Language Behaviour Abstracts Database, no MLA (Mordern Language Association) Directory of Periodicals e International Bibliography, no Sociological Abstracts, no ULRICH's International Periodicals Directory e no ERIC.

The Journal and its contents are indexed in LLBA (Linguistics and Language Behavior Abstracts), Linguistics and Language Behaviour Abstracts Database, MLA (Mordern Language Association) Directory of Periodicals as well as International Bibliography, Sociological Abstracts and ULRICH's International Periodicals Directory and ERIC.

Revista financiada com apoio de:

Programa de Apoio a Publicações Científicas
MCT CNPq FINEP
PUC-SP



revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada

vol. 17 - nº 1 - 2001

educ

BEST COPY AVAILABLE

POLÍTICA EDITORIAL

A Revista D.E.L.T.A. publica estudos de caráter teórico ou aplicado, oriundos de qualquer área referente ao fenômeno lingüístico, desde que se trate de contribuições inéditas.

Será dada preferência a trabalhos que contenham pesquisa original, que poderão vir em forma de ARTIGOS, DEBATES e QUESTÕES E PROBLEMAS. A Revista publica, ainda, RETROSPECTIVAS (síntese crítica acerca do estado da ciência), RESENHAS e NOTAS DE LIVRO.

Colaboradores de todos os países estão convidados a submeter seus trabalhos, os quais serão avaliados, anonimamente, por dois membros do Conselho Editorial assessorados, quando necessário, por pareceristas ad hoc. Em caso de empate, um terceiro parecerista é convidado.

Tais trabalhos devem ser escritos em português, inglês, francês, espanhol ou italiano. Artigos, Retrospectivas, Debates são precedidos de abstract em Inglês e resumo em Português com aproximadamente 150 palavras cada. Para programas a serem usados e normas gerais de digitação, ver final do volume.

Os originais apresentados não devem ter sido publicados ou submetidos simultaneamente a outra revista.

Ficam concedidos à revista todos os direitos autorais referentes aos trabalhos publicados.

ASSINATURAS

A Revista D.E.L.T.A. é uma publicação semestral, podendo haver a possibilidade de um número especial incluso na anuidade. Preço anual da assinatura no Brasil: indivíduos: R$50,00 (número avulso: R$25,00). Instituições: R$120,00 (número avulso: R$60,00).

Aceita-se permuta.

EDITORIAL POLICY

D.E.L.T.A. is adressed to all areas of study concerning language and speech, whether theoretical or applied; however, only unpublished contributions will be considered.

Preference will be given to original research work, presented under the categories of ARTICLES, DEBATES or SQUIBS. The journal also carries OVERVIEWS (critical overview of the state of the art), as well as REVIEWS and BOOK NOTES.

Researchers from all countries in the world are invited to submit their papers which will be sent to two anonymous referees from the Editorial Board. In the event of a tie, a third will be called. If necessary, an ad hoc referee can be invited.

The articles should be written in Portuguese, English, French, Spanish or Italian.

Articles, Overviews, Debates are preceded by an abstract not exceeding 150 words, in English and Portuguese. As for word processing software to be used and general typing instructions see last page of this issue.

It is a condition of publication that manuscripts submitted to this journal have not been published and have not been simultaneously submitted elsewhere.

The acceptance of papers by the journal entails the transference of the copyright to the publishers.

SUBSCRIPTIONS

D.E.L.T.A. is a bi-annual publication with an opitional special issue. Annual price-abroad:
individuals: $60,00 (single issue: $30,00).
Institutions: $120,00 (single issue: $60,00).

Exchange of publications welcome.

NOTA INICIAL

A Editoria da D.E.L.T.A. vem informar que, a partir do presente volume, a D.E.L.T.A. passa a ser autônoma. Como tal, passa a beneficiar os sócios de todas as associações da área oferecendo 50% de desconto, ou seja, R$25,00 anuais, a taxa devida, até agora, pela ABRALIN por associado.

Como é do conhecimento dos leitores, a D.E.L.T.A. foi fundada com o objetivo de prestar um serviço à comunidade de lingüistas e vem se mantendo dentro dos princípios de rigor científico e imparcialidade, tendo já conquistado prestígio em nível internacional. Entre as evidências desse prestígio, podemos citar ter ela sido aceita para constar de três grandes indexadores internacionais e ter sido a única revista da área de Lingüística selecionada para constar do Scielo, o banco eletrônico de revistas científicas latino americano, implementado pela FAPESP, tendo desde 26/2/1998 tido 8554 artigos copiados ('requested') (uma média de 2851 por ano e 7.8 por dia), muitos do exterior, principalmente Estados Unidos, Europa e Japão.

Para mais uma evidência de prestígio internacional e de alcance inter-institucional, dos 306 trabalhos já publicados, 45 são de prestigiados lingüistas de fora do país e apenas 44 são de pesquisadores vinculados à PUC-SP – indicando sua qualidade inter-institucional.

As atribuições que eram exercidas pelo Conselho da ABRALIN deverão passar a ser preenchidas por um Conselho Superior composto de membros cuja competência acadêmica seja inquestionável e cuja preocupação com o desenvolvimento da área e com o rigor científico sejam amplamente reconhecidos.

Como sempre preocupada com os interesses de seus leitores, a D.E.L.T.A. introduziu em 1996 uma nova seção, intitulada Notas de Livros, com pequenas resenhas de publicações, contendo a descrição do seu conteúdo. Dado o interesse despertado pela seção, ela está sendo institucionalizada e substituirá a seção Relação de Eventos (já disponível e muito mais rapidamente na Comunidade Virtual da Linguagem (CVL)

O Modelo das Motivações Competidoras no Domínio Funcional da Negação

(The Competing Motivation Model in the Functional Domain of Negation)

Maria Angélica Furtado da Cunha
(Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Abstract: *Brazilian Portuguese exhibits three strategies of clausal negation: the standard negative, the double negative and the postverbal negative. This paper is an attempt to describe and interpret specific linguistic properties, which supposedly derive from the use of those strategies by speakers, aiming at inferring the rules that code the discourse function of denial. The negative sentences, analyzed according to the model of competing motivations, are interpreted as the result of the conflict between iconicity and economy. The data come from Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade do Natal.*

Key-words: *Negation; Competing motivations; Functionalism; Linguistic change.*

Resumo: *No português do Brasil co-ocorrem três estratégias de negação oracional: a negativa canônica, a negativa dupla e a negativa final. Este artigo busca descrever e interpretar propriedades lingüísticas específicas que ocorrem no uso dessas estratégias pelos falantes, com o fim de depreender as regras de codificação da função discursiva de quebra de expectativa. Utilizo-me da teoria das motivações competidoras como abordagem analítica para as negativas, que são interpretadas como resultado do conflito entre iconicidade e economia. A análise tem como fonte de dados o Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade do Natal.*

Palavras-chave: *Negação; Motivações competidoras; Funcionalismo; Mudança lingüística.*

Introdução

Neste trabalho analiso três mecanismos de negação recorrentes no português do Brasil – a negativa canônica pré-verbal, a negativa dupla e a negativa final – sob o enfoque da Lingüística Funcional, de inspiração em Givón, Hopper, Traugott, Bybee e Thompson, entre outros. Em especial, vou-me aprofundar nos conceitos mais centrais do funcionalismo: marcação, iconicidade e gramaticalização. A co-existência desses três mecanismos de negação oracional é interpretada como o resultado da atuação de pressões rivais sobre o sistema lingüístico. Admito que a competição entre motivações distintas é responsável, em princípio, pelos processos de variação e mudança que ocorrem nas línguas naturais.

O estudo das construções conhecidas como universais lingüísticos, como a negação, por exemplo, contribui para o entendimento da natureza do pensamento humano e da interação social na medida em que tais construções parecem refletir universais psicológicos e socioculturais (Slobin 1980). Nesse sentido, tento compreender as motivações de ordem comunicativa e/ou cognitiva para o uso das estratégias de negação na sincronia atual do português do Brasil.

O texto está organizado em quatro seções. Na primeira, exponho os postulados básicos do quadro teórico funcionalista no estudo da linguagem. Na segunda, discuto os mecanismos alternativos de negação oracional no português do Brasil. Na terceira, faço um breve retrospecto histórico do modelo das motivações competidoras e analiso as construções negativas como manifestação dessas motivações. A última seção sumariza as conclusões principais do trabalho.

1. Postulados básicos da Lingüística Funcional

As análises lingüísticas de orientação funcionalista trabalham diretamente sobre o postulado básico – *a língua é uma estrutura maleável, sujeita às pressões do uso e constituída de um código não totalmente arbitrário.* Orientado por Givón, Hopper, Traugott, Haiman e Thompson, entre outros, o funcionalismo representa uma tentativa de explicar a forma da língua a partir das funções que ela desempenha na interação. Admite que um grande conjunto de fenômenos lingüísticos fundamentais é o resultado da adapta-

ção da estrutura gramatical às necessidades comunicativas dos usuários da língua. Se a função mais importante da língua é a contínua interação entre as pessoas, que se alternam como falantes e ouvintes, essa função deve, de algum modo, condicionar a forma do código lingüístico.

Partimos do princípio de que a gramática de uma língua natural é dinâmica e maleável, adaptando-se a pressões internas e externas, que continuamente interagem e se confrontam. Assim sendo, a gramática é vista como um conjunto de convenções resultantes de motivações de natureza distinta, em que sobressaem as pressões de uso. Admitimos que a gramática de qualquer língua exibe padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes, cujos princípios motivadores buscamos descrever. Nesse sentido, o surgimento de novas estruturas morfossintáticas é motivado por fatores de natureza comunicativa e cognitiva. Tomamos, então, a sintaxe como resultado da cristalização ou regularização de estratégias discursivas recorrentes, na linha de Givón (1979), que defende que a linguagem humana evoluiu do modo pragmático para o modo sintático. Logo, a sintaxe tem sua origem no discurso, aqui tomado como o conjunto de estratégias criativas empregadas pelo falante para organizar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte em uma determinada situação de comunicação. Entendemos, com Givón, que a sintaxe não pode ser compreendida ou estudada sem referência tanto à sua evolução a partir do discurso quanto aos fatores comunicativos que governam seu surgimento. As regras da gramática são modificadas pelo uso (isto é, as línguas mudam) e, portanto, é necessário observar a língua como ela é falada.

Dentre os princípios centrais do funcionalismo, interessam, particularmente, marcação, iconicidade e gramaticalização. Em termos sumários, 'marcação' diz respeito à presença versus ausência de uma propriedade nos membros de um par contrastante de categorias lingüísticas. 'Iconicidade' representa a hipótese de isomorfismo funcionalmente motivado entre estruturas morfossintáticas e suas funções semânticas ou pragmáticas correspondentes. 'Gramaticalização' focaliza a emergência, ao longo do tempo, de novas estruturas morfossintáticas, a partir de precursores paratáticos, sintáticos ou lexicais.

1.1. Marcação

O princípio de marcação, herdado da lingüística estrutural desenvolvida pela Escola de Praga, estabelece três critérios principais para a distinção entre categorias marcadas e categorias não-marcadas, em um contraste gramatical binário:

a) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não-marcada correspondente;

b) distribuição de freqüência: a estrutura marcada tende a ser menos freqüente do que a estrutura não-marcada correspondente;

c) complexidade cognitiva: a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não-marcada correspondente. Refiro-me, aqui, a fatores como esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento.

Há uma tendência geral, nas línguas, para que esses três critérios de marcação coincidam. Admite-se que a correlação entre marcação estrutural, marcação cognitiva e baixa freqüência de ocorrência é o reflexo mais geral da iconicidade na gramática, dado que representa o isomorfismo entre correlatos substantivos (de natureza comunicativa e cognitiva) e correlatos formais da marcação. Assim, as categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem também a ser substantivamente mais marcadas.

1.2. Iconicidade

Para o funcionalismo, a estrutura da língua reflete, de algum modo, a estrutura da experiência, isto é, a estrutura do mundo, incluindo a perspectiva imposta ao mundo pelo falante. Como a linguagem é uma faculdade humana, a suposição geral é que a estrutura lingüística revela as propriedades da conceitualização humana do mundo ou as propriedades da mente humana. Assim, em sua versão original, o princípio de iconicidade postula uma relação motivada, isomórfica, de um para um, entre forma e conteúdo (Bolinger 1975, 1977).

Estudos sobre os processos de variação e mudança, ao constatar a existência de duas ou mais formas alternativas de dizer "a mesma coisa", leva-

ram à reformulação dessa versão forte. Na língua que usamos diariamente, especialmente na língua escrita, existem por certo muitos casos em que não há uma relação clara, transparente, entre forma e conteúdo. Há contextos comunicativos em que a codificação morfossintática é opaca em termos da função que desempenha.

Em sua versão mais branda, o princípio de iconicidade se manifesta em três subprincípios, que se relacionam à quantidade de informação, ao grau de integração entre os constituintes da expressão e do conteúdo e à ordenação linear dos segmentos. Segundo o subprincípio da quantidade, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa. Isso significa que a complexidade de pensamento tende a refletir-se na complexidade de expressão (Slobin 1980): aquilo que é mais simples e esperado se expressa com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo.

O subprincípio da integração prevê que os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação – o que está mentalmente junto, coloca-se sintaticamente junto. O entendimento de que a distância formal corresponde à distância conceitual tem uma longa história no funcionalismo, sendo o filósofo Condillac apontado como um precursor na utilização dessa relação, de que fizeram uso também Frei (1929), Behagel (1932), Jespersen (1949) e Bolinger (1975), entre outros.

O subprincípio da ordenação linear diz que a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática, de modo que a ordem dos elementos no enunciado revela a sua ordem de importância para o falante. Uma versão preliminar desse princípio foi nomeada por Jespersen (1949) como o princípio da realidade (*actuality*).

Do que foi exposto, conclui-se que a língua não é um mapeamento arbitrário de idéias para enunciados: razões estritamente humanas de importância e complexidade se refletem nos traços estruturais das línguas. As estruturas sintáticas não devem ser muito diferentes, na forma e organização, das estruturas semântico-cognitivas subjacentes. Como opção teórica, o princípio da iconicidade, em sua formulação atenuada, permite uma investigação detalhada das condições que governam o uso dos recursos de codificação morfossintática da língua.

1.3. Gramaticalização

Tal como concebida aqui, a gramaticalização é um parâmetro retomado e desenvolvido no quadro da lingüística funcional americana, associado aos fenômenos de variação e mudança lingüística. Com o avanço dessa linha de pesquisa, a gramaticalização passa a ser entendida não só como a reanálise de material lexical em material gramatical, na linha de Meillet (1912), mas também como a reanálise de padrões discursivos em padrões gramaticais (Hopper & Traugott 1993). Novos recursos gramaticais podem-se desenvolver a despeito da existência de estruturas mais antigas funcionalmente equivalentes. Como conseqüência dessa evolução contínua, pode-se atestar, numa dada língua, material gramatical em diferentes estágios de desenvolvimento. Como se vê, estou adotando uma definição mais ampla de gramaticalização como a organização de material gramatical, sobretudo morfossintático, que inclui as mudanças na ordenação dos constituintes da sentença. O conceito de gramaticalização representa um desafio às abordagens lingüísticas que pressupõem categorias discretas encaixadas em sistemas fixos e estáveis.

A freqüência de uso é um dos traços caracterizadores do processo de regularização lingüística. Quando uma forma ou combinação de formas passa a ocorrer no discurso com freqüência crescente, ela deixa de ser um modo "inesperado" de reforçar um ponto discursivo e começa a ser interpretada como o modo "normal" e despercebido de procedimento. A recorrência de tais expressões é um dos fatores que indica se elas são ou não consideradas pela comunidade lingüística como "gramaticais".

A gramaticalização focaliza a interdependência entre *langue* e *parole*, entre estrutura e uso, entre o categórico e o menos categórico na língua. Trata da codificação de categorias, tanto diacrônica quanto sincronicamente. Nesse sentido, o processo de gramaticalização é um tipo de mudança lingüística que afeta as categorias morfossintáticas e, portanto, a própria gramática da língua. Segundo essa abordagem, a gramática de uma língua é dinâmica, incompleta e maleável. As regularidades convivem com aspectos instáveis, não completamente determinados.

A vertente funcionalista que adotamos é essencialmente pancrônica pois os princípios que dela decorrem podem ser aplicados tanto aos padrões fluidos do uso da língua que se observam num corte sincrônico quanto

aos processos de mudança que se depreendem na trajetória diacrônica. Assim, concebemos a gramaticalização como um processo pancrônico que apresenta uma perspectiva diacrônica, já que envolve mudança, e uma perspectiva sincrônica, já que implica variação que pode ser descrita como um sistema sem referência a tempo. Uma vez que um elemento lingüístico é capaz de adquirir e reter novos sentidos e usos sem perder os antigos, seu estudo requer uma perspectiva pancrônica.

2. Mecanismos de negação no português do Brasil

A variedade falada do português do Brasil exibe três estratégias de negação oracional:

a) a negativa canônica pré-verbal *não* + SV:

(1) ... a nova regente ... ela **não tava sabendo** reger direito ... (Língua falada, 2º grau, p. 278)

b) a negativa dupla *não* + SV + *não*:

(2) ... **não vou falar agora a letra do cântico não** que é muito difícil ... (Língua falada, 2º grau, p. 271)

c) a negativa final SV + *não*:

(3) ... tudo eu faço ... sabe? **tem isso comigo não** ... (Língua falada, 2º grau, p. 264)

Busco descrever e interpretar propriedades lingüísticas específicas que ocorrem no uso dessas estratégias pelos falantes, com o fim de depreender as regras de codificação da função discursiva de quebra de expectativa. Tal função possibilita a ocorrência de um processo de variação/mudança na ordenação vocabular da construção negativa. A questão central a que procuro responder é: como se explica a coexistência de diferentes mecanismos de negação no português do Brasil? A resposta a essa questão implica examinar outros dois aspectos: (i) qual é a trajetória do processo de gramaticalização desses mecanismos? e (ii) em que grau é icônica a relação entre forma e função, nos canais da fala e da escrita, no domínio funcional da negação?

Em particular, utilizo-me da teoria das motivações competidoras, tal como formulada em Haiman (1983, 1985), Du Bois (1985) e Givón (1995), como abordagem analítica para as negativas. A análise tem como fonte de dados o *Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade do Natal* (Furtado da Cunha 1998). Desse *corpus* extraí 1649 orações negativas produzidas por 4 estudantes de cada um dos seguintes graus de escolaridade: 8ª série do 1º grau, 3ª série do 2º grau e universitários. Cada um deles produziu cinco textos falados e, baseados nesses, cinco textos escritos, num total de 120 textos, como se segue: narrativas de experiência pessoal, narrativas recontadas, descrições de lugar, relato de procedimento e relato de opinião (cf. Furtado da Cunha 1996).

A análise dos dados sincrônicos forneceu os resultados dispostos no quadro abaixo, que exibe a distribuição das estratégias negativas de acordo com a modalidade do texto e o grau de escolaridade do falante:

Quadro 1: Distribuição dos tipos de negativa por modalidade e escolaridade

	Fala	**(1465)**		**Escrita**	**(184)**	
Escolar.	não+SV	não+SV+não	SV+ não	não+SV	não+SV+não	SV+ não
8ª	293	67	05	55	–	–
3ª	508	52	02	63	–	–
Univ.	497	39	02	66	–	–
Total	1298	158	09	184	–	–

Como se pode ver no quadro 1, fala e escrita diferem com relação à ocorrência dos padrões negativos. Enquanto todas as três estratégias estão presentes na oralidade, apenas a negativa pré-verbal canônica ocorre nos textos escritos. Essa distribuição revela a trajetória de gramaticalização das negativas dupla e final, que se manifestam primeiramente no discurso falado. O registro mais formal, nesse caso, a língua escrita, evita os novos padrões. Como era de se esperar, as formas mais novas estão associadas a forças sociolingüísticas inovadoras, tais como falantes mais jovens, modalidade oral e estilo coloquial. Vale notar que mesmo a negativa canônica é muito mais freqüente na fala (1298 orações) do que na escrita (184 orações). As freqüências diferentes parecem estar relacionadas às condições de

uso da negação. Sugerimos que a maior ocorrência da negação na comunicação oral tem a ver com o fato de que as rejeições e as negações explícitas são típicas da fala, mas não parecem plausíveis na comunicação escrita. Dadas as funções características da negação, a natureza interativa da fala explica a grande ocorrência de orações negativas nessa modalidade, comparada aos textos escritos.

Se estamos diante de uma mudança lingüística em curso, não é surpreendente encontrar algumas diferenças na ocorrência das três variantes entre falantes mais velhos e mais jovens. O quadro 2 mostra a freqüência relativa das negativas nos dados da fala de acordo com o grau de escolaridade do estudante:

Quadro 2: Distribuição dos tipos de negativa na modalidade oral por escolaridade

Escolar.	Total	não+SV	não+SV+não	SV+não
8ª	365	293 (80.2%)	67 (18.3%)	05 (1.3%)
3ª	562	508 (90.3%)	52 (9.2%)	02 (0.3%)
Univ.	538	497 (92.3%)	39 (7.2%)	02 (0.3%)

Note-se que, nos dados da fala, quanto mais alto o grau de escolaridade do falante, menor a ocorrência das negativas dupla e pós-verbal: é na fala dos estudantes da 8ª série, em oposição aos das séries mais avançadas, que se encontra a maior freqüência das duas construções negativas. Assim, há uma correlação entre grau de escolaridade, e conseqüentemente idade, e o uso das diferentes estratégias de negação. A ausência tanto da negativa dupla quanto da final nos textos escritos parece correlacionar-se com uma influência do processo educativo no uso dos mecanismos de negação, uma vez que o ensino normativo proscreve o emprego, típico das situações mais informais ou coloquiais, de mais de uma marca de negação na mesma sentença.

A baixa freqüência de negativas pós-verbais parece estar relacionada ao instrumento de coleta de dados usado nesta pesquisa – gravação de relatos produzidos pelos falantes, com pouca tomada de turno pelo interlocutor, que apenas estimulava o falante ou mudava o assunto da entrevista. Assim, o *corpus* não representa conversação natural. A observação empírica do português falado revela que a negativa pós-verbal ocorre,

preferencialmente, como resposta a perguntas diretas. Embora o número de ocorrências para esse padrão seja pequeno e não autorize conclusões definitivas, 3 das 9 negativas finais em meus dados representam esse contexto discursivo. Veja-se o exemplo abaixo, no qual o falante explica como acompanhar, ao teclado, uma pessoa cantando:

(4) ... ou então você dá o mesmo acorde e fica lá ... passando por cima das notas ... isso aí é ... como é o nome? **sei não** ... (Língua falada, 8ª série, p. 377)

No que se segue, vou comentar os usos típicos das estratégias negativas na comunicação real, falada e escrita. Os relatos são indicativos de tendências gerais e não se pretendem conclusivos. Do ponto de vista de sua motivação discursiva, os três padrões negativos ocorrem em diferentes situações comunicativas (cf. Tottie 1991, Givón 1995, Thompson 1995). São usados:

1. para recusar uma oferta ou sugestão, como em (5);

2. para rejeitar uma asserção:
   a) previamente mencionada (negação explícita), como em (6);
   b) pressuposta (negação implícita), como em (7).

Meus dados apóiam essa classificação funcional embora haja apenas quatro casos da categoria de recusa. Vamos examinar algumas ocorrências. O fragmento abaixo ilustra o uso da negativa dupla como uma recusa a um convite explícito. O falante está contando como foi convidado a ser presidente de uma associação protestante de jovens e recusou:

(5) ... e teve uma pessoa que chegou para mim e perguntou ... "Gerson ... você aceita ficar no cargo e tudo?" num sei quê ... eu disse ... "não ... **num aceito não** porque ... (Língua falada, 2º grau, p. 178)

Em (6), a negativa rejeita uma asserção presente no contexto imediato, exemplificando, assim, uma negação explícita. O falante está narrando o filme *Uma linda mulher*. A negativa dupla nega a informação dada pelo próprio falante de que o carro que seguia o personagem principal estava sendo dirigido por seu próprio motorista. Assim, essa negativa funciona como um recurso de auto-reparo:

(6) ... e um motorista dele ... nesse tempo ele ... num era ... **num era um motorista dele não** ... era do hotel ... porque ele ficou sem motorista ... (Língua falada, 2º grau, p. 244)

A negativa em (7) nega uma asserção implícita, algo que o falante assume que o seu interlocutor está inclinado a ouvir. Ou seja, a negativa desfaz uma expectativa "incorreta" (cf. Givón 1979). Nesse trecho, a falante conta o filme *Mudança de hábito*, no qual a personagem principal, uma cantora de boate que procura abrigo em um convento, se envolve com o coral da igreja:

(7) ... a nova regente ... **ela não tava sabendo reger direito** ... a regente do coral ... tava errando lá um monte de coisas ... né ... quando ia dar as notas pra pessoa ... **não dividia o coral em vozes** ... né ... soprano ... contralto ... esse negócio todo ... (Língua falada, 2º grau, p. 278)

Dado nosso conhecimento do senso comum, espera-se que um regente de coral tenha conhecimentos musicais que lhe permitam desempenhar essa tarefa a contento. A negativa contradiz essa expectativa - a pressuposição de que um regente de coral saiba como reger.

Com respeito à sua motivação discursiva, então, as três construções negativas parecem se sobrepor funcionalmente. As negativas padrão, dupla e pós-verbal podem ser intercambiáveis uma vez que são usadas, prioritariamente, para rejeitar uma asserção ou, secundariamente, para recusar um convite.[1] Meus próprios achados confirmam os resultados de Tottie (1991) e Thompson (1995).

Para analisar as funções discursivas da negação, observei apenas as negativas produzidas pelos estudantes do 2º grau, num total de 625 orações. O quadro 3 mostra a distribuição das negativas segundo a função que desempenham:

[1] Schwegler (1991:194) afirma que "a posição do morfema negativo acrescenta informação pragmática importante ao significado básico": a negativa padrão (a forma não-marcada) simplesmente declara um fato, sem pressuposição, enquanto as negativas dupla e pós-verbal (as formas marcadas) assinalam contradição. A análise dos meus dados não sustenta o argumento de Schwegler já que todos os três padrões negativos podem ser usados para recusar, rejeitar ou contradizer uma expectativa ou asserção prévia.

Quadro 3: Distribuição das negativas segundo a função discursiva

Neg. explícita	Neg. implícita	Recusa	Total
566	55	4	625
90%	9%	1%	100%

Quanto ao contexto de uso específico da negativa dupla, em meus dados essa construção é predominantemente usada em porções do discurso em que o falante interrompe o tema ou tópico central da conversação, fazendo uma digressão que corresponde a uma pausa temática (cf. Givón 1983). No exemplo (8), o falante narra o filme *Cemitério maldito*, que seu irmão lhe contou. O referente principal desse fragmento é representado pelos meninos em cuja casa os eventos centrais acontecem. Eles decidem visitar o cemitério. A negativa dupla ocorre como material de suporte, no qual o falante detalha a comunicação central, suspendendo o referente tópico *os meninos*, retomado logo após a oração negativa:

(8) ... [os meninos] ficaram muito assustado e voltaram pra casa ... conseguiram sair de lá e voltaram pra casa num sei como ... como ... num sei como foi ... meu irmão disse que também **num entendeu não** como ... eles conseguiram voltar em casa e contaram lá ao pai dela né ... (Língua falada, 3º grau, p. 28)

Outras ocorrências de negativa dupla aparecem em trechos de discurso direto[2], como o exemplo (9):

(9) ... então eu era um cara super fechado assim ... um ... num falava com ninguém ... num abria os ... num abria os olhos pra ver o mundo ... foi aí que eu fui ao ... a um alergista ... aí ele disse ... "ah você tem que se mudar do ambiente que vocêtá ... que passa muito ônibus ... é muito ... poluído ... mude pra um ambiente mais limpo ... porque **sua rinite num tá muito boa não**" ... aí mainha procurou ... passou ... seis meses ... sei lá quanto tempo ... procurando nos

[2] Chafe (comunicação pessoal) sugeriu que a negativa dupla pode representar um padrão mais emocional em comparação com a negativa pré-verbal, uma vez que ela tende a ocorrer em contextos de discurso direto. De acordo com esse autor (Chafe 1994:217), "sem dúvida, a motivação mais comum para o discurso direto é introduzir informação avaliativa associada a um evento discursivo anterior. (...) O discurso direto pode, assim, ser visto como um modo de expressar envolvimento" e "pode também transmitir uma instrução, um conselho, uma demonstração ou explicação." Na mesma linha, Jespersen (1962:69) refere-se ao "caráter emocional da negação repetida".

> classificados um lugar que ... fosse mais propício pra ... pra tratar da minha ... alergia ... (...) aí quando a gente mudou pra cá ... todo o meu mundo sei lá parece que ... expandiu os horizontes assim ... mudei pra cá ... tenho vários amigos no colégio que mora aqui perto ... (Língua falada, 8ª série, p. 364)

Nesse trecho, o falante reproduz o conselho do seu médico, mudando o sujeito *eu* para *você* na oração com duplo *não*, produzindo, assim, uma interrupção na cadeia referencial. Ele faz uso desse recurso para explicar o que motivou a sua mudança de endereço e como essa mudança influenciou seu comportamento.

Os casos de duplo *não* em meus dados sugerem que esse padrão é favorecido em contextos que correspondem a uma pausa temática, isto é, trechos em que há uma suspensão, interrupção ou digressão da cadeia tópica principal.

Vejamos, agora, a questão da posição do morfema negativo pós-verbal. A posição mais esperada para o morfema negativo nas línguas SVO é entre o S e o V, gerando a ordem S NEG V O (cf. Dryer 1989 e Dahl 1979). A ordenação NEG V é a mais comum porque, presumivelmente, ela é a mais fácil de processar, já que o escopo do marcador negativo é, geralmente, o V.[3] Nas línguas românicas, contudo, a negação é freqüentemente expressa por dois morfemas negativos simultâneos, um precedendo e o outro seguindo o verbo, a assim chamada negativa dupla. Em geral, explica-se essa tendência como sendo motivada pela carga comunicativa "pesada" do morfema negativo, que transmite uma parte importante da mensagem. Haveria, assim, uma paridade entre marcação morfológica e marcação semântica ou pragmática. Dryer (1989) argumenta que o uso da negativa dupla fornece um caminho para a mudança na posição negativa se o morfema originalmente obrigatório mais tarde se torna opcional, como está acontecendo com o *ne* pré-verbal do francês.

Assumindo que a variação é uma conseqüência necessária da gradualidade da mudança lingüística (Lichtenberk 1991), parece que, no caso da negação no português do Brasil, estamos diante de uma mudança lingüística em progresso. Dado que atendem à mesma pressão discursiva,

[3] Para Jespersen (1962:5) a tendência geral de se colocar a negativa na primeira posição antes do verbo se justifica por motivos de clareza.

as negativas pré-verbal, dupla e pós-verbal estão em algum tipo de variação. Essas três formas se originaram em épocas diferentes no passado: a negativa pré-verbal é a mais antiga, seguida pela negativa dupla e finalmente pela negativa pós-verbal (cf. Jespersen 1962, Croft 1991 e Dahl 1979 sobre o ciclo da negação nas línguas).

Ao invés de admitir "ciclos recursivos" de gramaticalização no domínio funcional da negação, em que um estágio da língua substitui outro, interpreto as estruturas negativas como formas concorrentes, conforme o evidencia a freqüência textual dessas formas. Nesse domínio funcional, a negativa canônica, mais antiga, coexiste e interage com as negativas dupla e final, exemplificando o conceito de camadas de Hopper (1991).

3. Motivações competidoras no domínio da negação

3.1. O modelo das motivações competidoras

O reconhecimento da atuação de forças contraditórias sobre o sistema lingüístico tem permeado a literatura por longo tempo, embora de forma instável. Segundo Hopper & Traugott (1993), o neogramático alemão Gabelentz (1891) foi um dos primeiros a sugerir que a gramaticalização é o resultado de duas tendências em competição, uma voltada para a facilidade de articulação do som, a outra em direção à manutenção da distinção (*distinctness*). A pronúncia relaxada causa mudanças sonoras que "gastam" as palavras, obscurecendo as distinções. Na fonologia, a hipótese de motivação entre forma e significado é contemplada, por exemplo, pelos trabalhos de Sapir, Jespersen e Köler sobre o simbolismo sonoro – a associação entre a produção de um som e o conceito a ele relacionado.

O estruturalismo clássico do início do século XX enfatiza o princípio da arbitrariedade, segundo o qual a língua é um sistema autônomo que não é afetado por fatores externos. Sob esse ponto de vista, as forças estruturadoras ou os princípios organizadores que operam em um domínio não afetam o outro, o que reflete a distinção entre lingüística interna e externa. Contudo, Saussure (1973:155) reconhece que a arbitrariedade é limitada por associações e motivações relativas e propõe uma tipologia das línguas ao longo da dimensão de motivação, exemplificada pelas palavras compostas transparentes (por exemplo, Latim *in-imicus* 'inimigo') e seu

oposto, opacidade, exemplificada pela tradução francesa (ou portuguesa) 'ennemi'. Saussure se refere também à aparente correlação inversa entre a expansão léxica de uma língua e a iconicidade de sua gramática.

Ainda na primeira metade do século, Zipf (1935:29, *apud* Haiman 1985:167) se refere à tendência em economizar esforço: "alta freqüência é a causa de pequeno tamanho", o que significa que o que é familiar, nas línguas, recebe expressão reduzida. Para ele, a complexidade (logo, a transparência) de uma expressão lingüística varia inversamente à sua freqüência. Esse argumento tem sido continuamente repetido na literatura (cf. Jespersen 1909, Meillet 1912, Osgood 1953 e Bolinger 1977, entre outros).

Em contraposição à postura estruturalista, a questão da iconicidade volta a atrair o interesse dos lingüistas, em especial a partir da década de 60, quando o foco da atenção recai sobre os estudos tipológicos e os universais lingüísticos. Essa área de estudos foi enfatizada sobretudo pelos crioulistas, na investigação de sistemas lingüísticos que evoluíram de uma estrutura relativamente icônica para uma estrutura mais opaca por motivos de economia. Greenberg (1966) é um dos primeiros a usar o modelo de motivações em competição para explicar a variação translingüística. Para ele, assim como para Jakobson e Benveniste, tendências estatísticas, em particular as mudanças sonoras, podem obscurecer as correlações entre padrões formais e padrões semânticos ou conceituais. Reconhece(m), porém, que há uma tendência para restaurar a correlação perdida através de diferentes processos.

Retomado e reformulado no contexto da Lingüística Funcional Americana, o princípio da iconicidade prediz que, em sua origem, a relação entre forma e conteúdo é motivada. Desse modo, a iconicidade reduz o impacto da arbitrariedade, contribuindo com uma nova perspectiva nos estudos sobre a organização morfossintática da língua e, em particular, sobre o processo de gramaticalização.

A concepção de gramática como uma estrutura emergente reconhece a interação das motivações que operam na língua. Num modelo como esse, nenhuma língua é ótima, isto é, totalmente motivada, porque os princípios que governam a existência dos tipos lingüísticos estão em conflito. Nesse sentido, a motivação é entendida como uma correspondência entre nossa percepção do mundo e nossa codificação dessa percepção. Historicamente as línguas se movimentam constantemente para trás e para a

frente, entre os pólos de uma expressão compacta e sintética e uma expressão segmentada e analítica. Isso porque o dever de ser claro está sempre em luta com o dever de ser rápido e natural. Segundo Givón (1995), a funcionalidade plena existe apenas em algum ponto no meio do ciclo de evolução de uma forma. No final do ciclo, com a erosão fonética, a situação é de pobreza de marca, em oposição ao início, quando existia um excesso de marca.

As motivações podem ser distinguidas ao longo da dimensão de clareza referencial vs economia e também ao longo da dimensão interna vs externa. De acordo com essa orientação, a gramática de uma língua natural é concebida como um sistema que se adapta a pressões internas e externas ao sistema, que continuamente interagem e se confrontam. As mudanças lingüísticas são, em muitos casos, resultado da interação entre essas pressões. O processo de regularização das formas lingüísticas representa um aspecto interno da gramática, de acordo com o princípio estabelecido por Du Bois (1985) de que padrões discursivos recorrentes exercem pressão sobre padrões estruturais. Ou, em suas palavras, "as gramáticas codificam melhor o que os falantes fazem mais". Para Givón (1995), que compartilha o mesmo ponto de vista, a língua é uma arena interativa, onde sub-sistemas competidores encontram seu equilíbrio dinâmico em um compromisso eclético. É o que defende também Slobin (1980), que vê a língua como um sistema comunicativo que reflete a resolução de várias pressões concorrentes. Assim, a variação lingüística não é um processo evolutivo unidirecional rumo a um estado final ideal, mas antes uma constante e dinâmica tentativa para manter o equilíbrio entre simplificação (economia) e elaboração (iconicidade).

Temos, então, o seguinte quadro: de um lado, a necessidade de ser informativo e expressivo, o que favorece a manutenção de oposições distintivas; de outro, a tendência à redução da atividade física e mental (a lei do menor esforço, de Zipf), que leva à eliminação das diferenças. Assim, a mudança lingüística é, simultaneamente, o agente tanto da iconicidade da gramática quanto da sua opacidade. A arbitrariedade, ou ausência de iconicidade entre expressão e conteúdo, surge a partir de princípios como economia, generalização e associação. Há um conflito constante entre iconicidade e economia de esforço. Nesse sentido, a língua reflete uma alternância contínua entre motivação, entendida como iconicidade, e arbitrariedade: a mudança sonora desgasta a motivação mas a analogia a re-

constrói. Segundo Haiman (1985), as tendências de maximização da iconicidade e da economia são duas das motivações competidoras mais importantes que atuam nas línguas. A economia se opõe à iconicidade e contribui para o seu enfraquecimento. A motivação econômica destrói o paralelismo entre estrutura lingüística e estrutura externa. A tendência em economizar no comprimento ou complexidade de uma forma ou enunciado pode levar à opacidade ou arbitrariedade. Está claro que as línguas podem mudar, ao longo do tempo, na predominância de uma motivação sobre a outra. Anomalias e inconsistências lingüísticas são esperadas uma vez que se reconhece a existência de motivações em conflito. A língua está em constante fluxo por causa do equilíbrio dinâmico e, portanto, provisório, entre pressões rivais.

Minha hipótese é de que, tendo o ouvinte como meta, o falante procura maximizar a informatividade para atingir seus propósitos comunicativos. Ao mesmo tempo, da parte do falante há uma tendência em maximizar a economia, reduzindo o sinal falado no discurso rápido, o que resulta em desgaste fonológico e conseqüente desbotamento semântico. A economia se correlaciona, pois, com rotinização, perda semântica e aumento na freqüência de uso de um item ou construção. No processo de gramaticalização, as unidades lingüísticas tendem a perder progressivamente em complexidade semântica, significação pragmática, liberdade sintática e substância fonética, enquanto ganham em regularização e, portanto, em velocidade de processamento.

Rapidez, eficiência, clareza, expressividade e rotinização são exemplos de motivações rivais que dizem respeito à relação entre a língua e seus contextos de uso ou, mais especificamente, à negociação do significado entre falante e ouvinte no ato comunicativo. Tais necessidades e restrições do falante e do ouvinte configuram a forma da língua. A economia é assumida como um fenômeno de processamento. A eficiência no processamento, tanto para o falante quanto para o ouvinte, aumenta pelo encurtamento de formas mais comuns (estruturalmente não-marcadas) e simplificação das formas menos usadas (marcação comportamental, cf. Croft 1990). A iconicidade também é uma questão de processamento: é mais eficiente que a língua seja paralela à estrutura da experiência. Segundo Givón (1985), uma experiência codificada é mais fácil de estocar, reter e comunicar se o código for maximamente isomórfico à experiência (princípio da metaiconicidade). As explicações externas da abordagem funcional se baseiam

na hipótese da estrutura lingüística como uma resposta adaptativa a pressões funcionais, em particular, adequação funcional e eficiência funcional.

3.2. Iconicidade, economia e negação

A análise das estratégias negativas revela a interação de motivações que competem pelo domínio da negação, uma na direção da restauração da iconicidade e a outra levando a uma perda da iconicidade, num movimento em direção à economia. A negativa dupla fornece evidência positiva ao princípio icônico da quantidade, segundo o qual quanto mais relevante e imprevisível for a informação, maior a quantidade de forma. Do ponto de vista psicológico, é mais fundamental afirmar um fato do que negá-lo ou desmenti-lo. A negação acrescenta complexidade cognitiva, que se reflete num aumento de complexidade gramatical ou morfológica. Primeiramente, observa-se que o marcador negativo pré-verbal passa por um processo de desgaste fonológico, que enfraquece o *não* tônico para *num* átono no discurso falado rápido[4], conforme o quadro 4:

Quadro 4: Realização do *não* nas negativas padrão e dupla

Negativa padrão		Negativa dupla	
Não	279 (55%)	não	10 (19%)
Num	229 (45%)	num	42 (81%)
Total	508 (100%)	Total	52 (100%)

A negativa dupla funciona como uma dica dada pelo falante para que o ouvinte interprete corretamente o enunciado negativo, assegurando a processabilidade. Para reforçar a informação negativa, ou seja, a quebra da expectativa do ouvinte, o falante acrescenta um segundo marcador *não* no fim da oração. Esse marcador pós-verbal pode ser interpretado como uma estratégia que compensa o desgaste fonológico do *não* pré-verbal e seu

[4] Cf. Nascentes (1922) e Amaral (1920), que afirmam que o operador *não* é pronunciado *num* quando colocado antes do verbo.

conseqüente enfraquecimento semântico, restabelecendo, assim, a iconicidade. A corrosão do marcador negativo pré-verbal pressionaria a emergência e posterior fixação do marcador final.[5]

A perda de distinção morfológica causada pelo desgaste fonológico é um fenômeno comum nas línguas, sobretudo em palavras monomorfêmicas (cf. Hopper 1994, Bybee 1988). Como vimos anteriormente, a rotinização no uso de uma forma lingüística pode levar à sua redução fonológica e perda do seu conteúdo semântico. Por um lado, no discurso falado rápido verifica-se uma tendência para a redução do signo. Por outro lado, quando um item (ou construção) é freqüentemente repetido, ele perde sua força expressiva. A repetição freqüente resulta, por economia, no enfraquecimento desse item, o que motiva, por sua vez, uma busca por redundância. A redundância é motivada pela necessidade de maximizar a facilidade de percepção. A redução fonológica, econômica, obscurece o signo, que, então, é repetido para garantir a compreensão. O reforço representa uma estratégia recorrente para recuperar material que se desgastou: restaura-se uma forma semanticamente enfraquecida ou desbotada por meio da adição de um segundo morfema. O resultado desse processo é a emergência de uma construção que cobre muito do domínio funcional da forma antiga antes que ela sofresse redução e enfraquecimento. A nova forma tipicamente começa como uma variante usada esporadicamente, sua freqüência aumenta à medida que o tempo passa e, finalmente, ela pode vir a substituir a forma antiga. Como ressalta Hopper (1994:37), sem dúvida, o evento básico na mudança lingüística é a simples erosão de material fonológico.

É comum, em orações negativas, a reduplicação da negação, como em:

(10) ... eu num ... **num** sou **nada** contra [o vestibular] ... (Língua falada, 2º grau, p. 201)

(11) ... porque o médico disse que ela **não** podia levar **nenhuma** pancada ... (Língua falada, 2º grau, p. 223)

[5] A redução fonológica do marcador negativo não é um fenômeno restrito ao português falado em Natal (RN). Ramos (1997) analisa a variação na pronúncia *não/num*, argumentando a favor do estatuto clítico da negação no português do Brasil. Sua análise se baseia em uma amostra da fala de Belo Horizonte (MG). Mata (1997) investiga, sob a perspectiva da sociolingüística laboviana, a alternância das formas *não* e *num* no *corpus* do Projeto VALPB (Variação Lingüística no Estado da Paraíba).

Da mesma forma, estou postulando que, de uma perspectiva diacrônica, o *não* pós-verbal é originalmente introduzido na negativa como um elemento de reforço opcional. À medida que a freqüência de ocorrência desse padrão aumenta, o marcador pós-verbal perde sua natureza enfática e se torna regular. Assim, a negativa dupla deixa de ser um modo "inesperado" de reforçar um ponto discursivo e começa a ser interpretada como o modo "normal" de procedimento. Via abdução, o falante cristaliza – ou gramaticaliza – o segundo *não* como parte da própria estrutura negativa. Temos, então, estágios sucessivos de reanálise para as construções negativas, em um processo contínuo de mudança na atribuição de fronteiras (cf. Hopper & Traugott 1993). A redução fonológica do *não* pré-verbal tem duas conseqüências relacionadas. Primeiro, o marcador pós-verbal enfático é reanalisado como um constituinte da sentença negativa. Segundo, dado o seu enfraquecimento fonológico, o próprio marcador pré-verbal é reinterpretado como um elemento opcional, o que leva à emergência da construção SV + *não*. Esses estágios de reanálise estão representados em (12):

(12) [[não + SV] não] > [não + SV + não] > não [SV + não] > [SV + não]

Do ponto de vista estrutural, parte-se de uma construção morfologicamente mais pesada e fonologicamente mais longa e distinta – a negativa dupla – para outra que é mais leve, mais curta e menos distinta – a negativa final. A posição do marcador negativo em relação ao SV parece, portanto, caracterizar estágios diferentes na ordenação da negativa no português do Brasil.

Uma evidência do caráter originalmente enfático do *não* pós-verbal é o fato de, na língua escrita, esse elemento geralmente vir separado da construção negativa por meio de vírgula. A vírgula é uma tentativa de representar a pausa da língua falada, que deixa o *não* fora da fronteira do SV, conforme o primeiro estágio em (12). A pausa, nesse caso, tem uma função icônica: indica que o marcador negativo se aplica a toda a sentença, e não apenas ao V. Logo, a pausa pode ser vista como um recurso prosódico de marcar iconicamente o isolamento relativo do segundo *não*, isto é, a distância conceitual relativa entre o SV e o reforço negativo. A perda da pausa entre constituintes, como no segundo estágio em (12), é, segundo Havers (1931 *apud* Haiman 1985), motivada pela repetição freqüente da forma *A pausa B*. Não apenas a pausa mas também nuances entonacionais e prosódicas podem-se perder pela força da rotinização.

A hipótese do isomorfismo prevê que expressões quase sinônimas, como se dá com as negativas do português, diferem no significado de algum modo. A hipótese da motivação, contudo, vai além, prevendo que a diferença em forma corresponde, de algum modo, à diferença em significado. Quanto maior a distância formal entre dois elementos, sejam o SV e o operador *não*, maior a distância conceitual entre as noções que eles representam. Assim, no primeiro estágio em (12), a pausa separa o SV do *não* final , cujo escopo é toda a sentença. No segundo estágio, esse *não* está dentro da fronteira do SV e, portanto, conceitualmente mais próximo. No último estágio, o *não* final está formalmente mais distante, em termos de número de morfemas intervenientes, do V e, portanto, conceitualmente mais distante também. Daí a falsa impressão inicial de uma asserção afirmativa na interação comunicativa. É só quando o enunciado está completo que o ouvinte é informado de que a asserção é negativa. No caso da negativa final, a complexidade formal – representada pela subversão da ordenação canônica do operador *não* – corresponde a maior complexidade cognitiva – a indicação da quebra da expectativa do ouvinte – que é adiada ou suspensa para o fim do enunciado. Estou entendendo proximidade conceitual, nesse caso, como o afetamento do V pelo *não* e a percepção de *não* + V como uma unidade, um todo. Assim, pode-se dizer que a diferença formal entre as três estruturas negativas reflete a distância conceitual entre o V e o marcador negativo em cada uma delas.

Note-se que há um outro padrão negativo no português em que o *não* pré-verbal é omitido e o único marcador negativo é o pronome *nada*:

(13) ... no dia que eu soube que ele tinha me colocado [chifre] ... num quis conversa ... não fiz nada ... sabe? nenhum ... um drama assim ... **fui cobrar nada dele**... (Língua falada, 2º grau, p. 229)

(14) E: num pegou catapora não?
I: **peguei nada** ... (Língua falada, 2º grau, p. 231)

Casos como esses confirmam a hipótese de enfraquecimento fonológico e conseqüente eliminação do *não* pré-verbal. A tendência geral em reduzir o número de marcadores que expressam a mesma função gramatical explica o fato de o *não* pré-verbal não ser mais um marcador negativo obrigatório. A omissão desse marcador assinala uma mudança no domínio funcional da negação. A perda de marcadores é invariavelmente precedida por

um estágio em que o uso desses morfemas é opcional, isto é, eles podem ou não ser usados sem diferença substancial de significado, como se dá com as três estratégias de negação. Uma vez que a mudança parece ser unidirecional, é possível prever a negativa final como o próximo estágio no desenvolvimento da negação. É de se esperar que, se o processo de enfraquecimento do *não* pré-verbal avança, haverá uma tendência para o aumento na freqüência de uso tanto das negativas duplas quanto das pós-verbais, com a ampliação dos seus contextos de ocorrência. Desse modo, a negativa dupla reflete um caminho plausível de mudança na ordenação da negativa no português do Brasil. Vale frisar, contudo, que não há nada determinístico com relação à gramaticalização. As mudanças não têm, necessariamente, que se completar. A hipótese de que, uma vez que uma mudança teve início, seu progresso é inexorável, não é empiricamente comprovada.

Uma última observação sobre a negativa pós-verbal se faz necessária. O princípio icônico da ordenação linear, segundo o qual quanto mais relevante a informação, tanto antes ela é codificada, parece ser cancelado aqui já que o marcador negativo é expresso no final da oração. Embora o *não* pós-verbal pareça, à primeira vista, sincronicamente arbitrário, ele é, contudo, diacronicamente motivado, se admitirmos que a direcionalidade da mudança nas negativas vai da negativa pré-verbal para a negativa dupla e daí para a negativa pós-verbal. A motivação da negativa final, então, está obscurecida porque foi cancelada por fatores históricos. Assim, temos uma série de mudanças, uma das quais na direção da restauração da iconicidade (negativa dupla) enquanto a outra leva a uma perda da iconicidade (negativa pós-verbal). Outro ponto diz respeito ao princípio da quantidade. Embora se registre, na literatura, uma forte tendência de a complexidade formal ser uma medida icônica da complexidade semântica, como no caso da negativa dupla, essa correspondência não é categórica. Ela pode ser enfraquecida ou atenuada, como no caso da negativa final, pela tendência à economia. No que diz respeito ao tamanho da construção negativa final, pode-se considerar, também, a iconicidade entre a dimensão formal de comprimento e a dimensão conceitual de familiaridade ou polidez: quanto mais polido o registro, mais longa a mensagem. A negativa final é característica de situações dialógicas informais, conforme comprovam meus dados.

Vários estudos focalizam o processo de reforço, ou de marcação redundante, na negação como um caso comum na história de muitas línguas (cf. Jespersen 1962, Schwegler 1988, Croft 1991, Dryer 1989, Ashby 1981,

Payne 1985 e Hopper & Traugott 1993, entre outros). O marcador redundante é identificado como tal pelo fato de que ele nem sempre vem expresso. Schwegler (1988) afirma que há uma "tendência psicolingüística" para o desenvolvimento de marcadores negativos enfáticos e mostra que eles surgem em contextos de contradição, isto é, em contextos emocionalmente pesados. Do ponto de vista funcional, há uma motivação econômica aqui: as línguas tendem a ter meios perifrásticos complexos para expressar noções que são semanticamente complexas. A introdução de elementos enfáticos na negação é geralmente explicada pelo fato de que os enunciados negativos quase sempre pressupõem o enunciado afirmativo correspondente no contexto, seja explícita seja implicitamente (cf. Givón 1979). A asserção negativa contrasta com a pressuposição positiva e portanto induz uma ênfase na asserção negativa. Assim, os marcadores negativos entram no sistema de negação como indicadores da rejeição enfática da expectativa explícita ou implícita do ouvinte. Via reanálise, o operador enfático original se torna mais tarde um operador regular e o marcador negativo originalmente obrigatório é omitido.

Payne (1985:224) observa que há uma forte tendência, nas línguas em geral, para enfatizar e reforçar a partícula negativa, freqüentemente pela adição de uma outra partícula em outra porção da sentença, formando um par de negativas encadeadas. O exemplo clássico citado é a construção negativa do francês, em que os pares *ne ... pas* e *ne ... point* circundam o verbo, como em *je ne chante pas*. A partícula negativa original do francês é o *ne* pré-verbal, que deriva do latim *non*. Nos textos do francês antigo, *ne* ocorre sem as contrapartes *pas* ou *point*, construção que ainda pode ser constatada em expressões do francês contemporâneo como *je ne saurais dire*. A partir do século XII, contudo, *ne* foi reforçado por *pas*, do latim *passum* (*passo*) e *point*, do latim *punctum* (*ponto*). Havia, ainda, uma outra partícula, *mie*, do latim *mica* (*migalha*), que não se manteve. Acredita-se que essas partículas originalmente eram objetos dos verbos com os quais estavam associadas, como por exemplo em *il ne marche pas*. Sua função original parece ter sido a de focalizar a atenção na própria negação, e não no verbo que estava sendo negado. Quanto à partícula *pas*, à medida que ela perdeu sua qualidade enfática, passou a ser usada em quase todos os contextos sintáticos, de tal modo que no francês coloquial moderno sua ocorrência é possível mesmo na presença de outros objetos do verbo. Além disso, nessa variedade do francês, a partícula pré-verbal *ne* é omitida, o que resulta numa construção negativa que exibe apenas a partícula pós-verbal *pas*, um traço incomum numa língua SVO como o francês.

De acordo com Jespersen (1962: 427), a posição pós-verbal do *not* do inglês é explicável de modo semelhante: a partícula original pré-verbal *ne* do inglês antigo foi primeiramente reforçada pela partícula pós-verbal *nawiht* (*nothing*, 'nada'), a qual, após a perda do *ne*, desenvolveu-se em *not*.

Hopper & Traugott (1993:58) também citam o desenvolvimento da negação em francês como exemplo da interação cíclica entre reanálise, analogia (i.e., generalização) e reanálise. Esse processo se constitui das seguintes etapas: 1) negação com *ne* antes do verbo; 2) reforço opcional dos verbos de movimento através de *pas*; 3) reanálise de *pas* como uma partícula negativa do tipo *ne* V de movimento (*pas*); 4) extensão analógica de *pas* para outros tipos de verbo: *ne* V (*pas*); 5) reanálise da partícula *pas* como um componente obrigatório de *ne* para a negação em geral: *ne* V *pas*; 6) substituição de *ne* por *pas* na língua falada, via dois estágios: (*ne*) V *pas* (reanálise de *ne* como opcional) e V *pas* (reanálise pela perda de *ne*).

Para Ashby (1981), a retenção ou supressão de *ne* na negativa do francês moderno não é livre, e sim condicionada por fatores gramaticais, estilísticos e sociais, de tal modo que quanto mais informal o registro e quanto mais jovem o falante, maior a probabilidade de supressão do *ne*, o que confirma a mudança em curso. Ashby ressalta que a gramaticalização de um segundo marcador negativo é uma inovação no francês, se comparado ao latim vulgar e a outras línguas românicas, em que o operador negativo só é reforçado esporadicamente, em especial por substantivos que denotam insignificância.

É possível traçar um paralelo entre o processo de mudança da estrutura negativa do francês e o que se observa nas negativas do português. Na negativa dupla do português (*não* + SV + *não*), a negação também é redundantemente marcada: o segundo *não* vem reforçar a contra-expectativa veiculada pelo primeiro *não*, que se acha desgastado de substância fonética e conteúdo semântico. A questão que surge é: como a redundância se torna gramaticalizada ou obrigatória? Alguns autores (cf. Haiman 1985) admitem que a gramaticalização da redundância é parte da tendência de mudança de uma estrutura analítica para uma sintética, motivada pela necessidade de maximizar a facilidade de percepção.

Vimos que a distribuição da negativa dupla está relacionada ao grau de escolaridade do falante e à modalidade: em meus dados, esse tipo de

negativa ocorre predominantemente nos textos falados dos estudantes da 8ª série (mais jovens do que os do 2º e 3º graus). Quanto à negativa final (*não* + SV), sua ocorrência parece estar condicionada a fatores pragmáticos já que seu contexto de uso típico corresponde a respostas a perguntas diretas. Logo, tal como se dá com a supressão de *ne* em francês, as construções negativas emergentes no português também estão condicionadas por fatores gramaticais, pragmáticos e sociais, o que caracteriza o processo de gramaticalização. Note-se que o uso de negativas duplas se expande por todo o Brasil, enquanto as negativas finais parecem estar restritas aos falantes nordestinos e a algumas regiões de Minas Gerais e do Rio de Janeiro.[6]

Em francês, a gramaticalização de *pas* levou à supressão de *ne*; em português, a evolução da gramaticalização do *não* pós-verbal pode resultar na omissão do *não* pré-verbal e, conseqüentemente, no aumento da freqüência da negativa final. A diferença entre os dois processos é que, em francês, o segundo elemento do par de marcadores negativos, *pas*, não é um item lexical de sentido originalmente negativo, mas um substantivo que se especializou numa função gramatical, enquanto em português o segundo marcador negativo é idêntico ao marcador negativo original. Uma outra diferença é que ambos os marcadores pré e pós-verbais do português são iguais ao operador negativo absoluto *não* (*non* em francês e *no* em inglês), que ocorre no início de uma resposta negativa.

As semelhanças entre o ciclo de negação no francês e no português brasileiro sustentam a interpretação de que a negativa dupla em português representa um estágio de transição no processo de gramaticalização. Após um período de estabilidade relativa desse padrão, com a coocorrência dos dois marcadores negativos, é possível que o *não* que antecede o SV seja completamente omitido na fala, via reanálise, tendo com resultado a estrutura SV + *não*, que, por sua vez, passa a sofrer o processo de gramaticalização, a exemplo do que se deu no francês.

---

[6] Cf. trabalho de Roncarati (1996) sobre as construções negativas na fala do Ceará. Alkmim (1999) investiga, sob a abordagem variacionista, a ação dos fatores etnia e mobilidade geográfica no processo de mudança em curso das estratégias de negação. Sua análise se baseia em um *corpus* coletado na cidade de Mariana (MG), que atesta a existência, nessa região, das negativas pré-verbal, dupla e final. O exame de amostras do *Corpus Discurso & Gramática* das cidades do Rio de Janeiro e Juiz de Fora (Rios de Oliveira & Votre 1995, 1996) também revela a coocorrência, no português falado nessas cidades, dos três mecanismos de negação.

BEST COPY AVAILABLE

Schwegler (1988) aponta que, por um lado, a reestruturação dos padrões de negação é um fenômeno comum nas línguas do mundo e, por outro lado, metade dos vernáculos românicos introduziu um segundo marcador negativo antes da perda do marcador negativo original, favorecendo, assim, as construções pós-verbais em detrimento das pré-verbais.

As estratégias de negação no português do Brasil refletem algumas das características mais salientes da gramaticalização, tais como: a) sobreposição, que se refere à coexistência de várias camadas do mesmo fenômeno gramatical; b) enfraquecimento fonológico e semântico de uma forma como gatilho para a emergência de uma nova forma funcionalmente equivalente; c) processos morfossintáticos que levam à iconicidade entre forma e função e, finalmente, d) reanálise, através da qual um marcador originalmente opcional passa a ser usado como um marcador regular.

O desenvolvimento dessas estratégias envolve conflito e resolução de problema. A variação parece resultar da competição entre motivações funcionais opostas. Em termos estritamente estruturais, é impossível prever qual dessas tendências vencerá no final. O modelo das motivações competidoras também não nos permite prever a configuração futura do domínio funcional da negação no português, o que está de acordo com a nossa incapacidade factual de prever que mudanças uma língua pode sofrer ao longo de sua história.

4. Considerações finais

Como se viu, há dois tipos de mudança que são freqüentemente associados à gramaticalização: a redução fonológica e o desbotamento semântico. Na negação do português os dois caminham juntos. A freqüência de ocorrência parece ser a força motivadora tanto para o desgaste fonológico quanto para o enfraquecimento semântico de uma forma. O ciclo de negação no português do Brasil pode ser interpretado como o resultado de um processo cujo objetivo é a solução de um problema de informatividade: a negativa dupla emerge em resposta ao objetivo do falante de reforçar uma relação que já existe mas se tornou desgastada. A redução fonológica do *não* pré-verbal reflete o efeito da repetição sobre o significado. A freqüência de uso da negativa pré-verbal cria um potencial para a perda de informação. A negativa dupla é, então, motivada por uma necessidade comuni-

cativa. Esse novo recurso gramatical surge a despeito da existência da negativa padrão pré-verbal, funcionalmente equivalente. Vimos que na fala a negativa pré-verbal alterna com a negativa dupla em contextos que representam uma pausa temática. É a recorrência do padrão *não* + SV + *não*, no discurso oral, que revela sua potencialidade para a gramaticalização e, em conseqüência, a possibilidade de mudança lingüística nos mecanismos de negação. A ausência da negativa dupla na escrita fornece evidência positiva de sua origem interacional. Nos textos escritos, o *não* pré-verbal não sofre redução e, portanto, não há necessidade pragmática para uma nova partícula reforçadora, típica da fala. Vale salientar que, ao utilizar argumentos como "necessidade comunicativa" e "resolução de problema de informatividade" não estou me referindo à existência de lacunas que precisam ser preenchidas, mas sim a estratégias usadas pelos interlocutores na produção e compreensão *on line* do fluxo do discurso. Creio que essas estratégias refletem processos cognitivos gerais, na linha de Hopper & Traugott (1993) e Bybee (1985).

A teoria das motivações competidoras permite interpretar a ocorrência das três construções negativas como resultado do conflito entre iconicidade e economia no domínio funcional da negação no português do Brasil. A aparente arbitrariedade da negativa pós-verbal pode ser interpretada como o resultado de um conflito entre motivações icônicas e econômicas. Por um lado, dada a redução do ditongo do *não* pré-verbal, a pressão por clareza leva à emergência da negativa dupla, em um movimento em direção à iconicidade (maximização da informatividade); por outro, a exigência de rapidez na produção do discurso motiva o desenvolvimento da negativa pós-verbal, em um movimento contra a iconicidade (maximização da economia). A omissão do *não* pré-verbal fere a questão da relevância no sentido de que a negativa assinala contra-expectativa ou rejeição do pressuposto e, portanto, informação relevante. Em outras palavras, a posição final do marcador negativo não corresponde ao ponto de aterrissagem, na oração, da informação relevante. A perda de transparência da mensagem é compensada pelo ganho em velocidade de produção da informação. Assim, a economia discursiva supera a transparência semântica como motivação para a negativa pós-verbal. Nesse caso, a iconicidade compete com a economia e a economia vence. Com respeito à presença do marcador negativo, então, a negativa dupla é icônica enquanto a negativa pós-verbal é econômica.

BEST COPY AVAILABLE

Referências Bibliográficas

Alkmim, M. G. R. (1999) Ação de dois fatores externos no processo de mudança em negativas sentenciais no dialeto mineiro. Trabalho apresentado no II Congresso Nacional da ABRALIN, UFSC.

Amaral, A. (1920) *O Dialeto Caipira*. São Paulo: Casa Editora "O livro".

Ashby, W. J. (1981) The loss of the negative particle 'ne' in French: a syntactic change in progress. *Language* **57**:674-687.

Behagel, O. (1923-1932) *Deutsche Syntax*, vols. I-IV. Heidelberg: Carl Winter.

Bolinger, D. (1975) *Aspects of Language*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.

_____ (1977) *The Form of Language*. London: Longmans.

Bybee, J. (1985) Diagrammatic iconicity in stem-inflection relations. In: Haiman, J. (ed.). *Iconicity in Syntax*. Amsterdam: John Benjamins.

_____ (1988) Semantic substance vs. contrast in the development of grammatical meaning. *BLS Parasession of Grammaticization*, 247-264.

Chafe, W. (1994) *Discourse, Consciousness and Time*. Chicago: The University of Chicago Press.

Croft, W. (1990) *Typology and Universals*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (1991) The evolution of negation. *Journal of Linguistics* **27**:1-26.

Dahl, Ö. (1979) Typology of sentence negation. *Linguistics* **17**:79-106.

Dryer, M. (1989) Universals of negative position. In: Moravcsik, E., J. Wirth, & M. Hammond (eds.) *Studies in syntactic typology*. Amsterdam: John Benjamins.

Du bois, J. W. (1985) Competing motivations. In: Haiman, J. (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins.

Frei, H. (1929) *La Grammaire des Fautes*. Paris: Geuthner.

Furtado da cunha, M. A. (1996) Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: Martelotta, M. E., S. J. Votre & M. M. Cezario (orgs.) *Gramaticalização no Português do Brasil – Uma Abordagem Funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

_____ (org.) (1998) *Corpus Discurso & Gramática – a Língua Falada e Escrita na Cidade do Natal*. Natal: EDUFRN.

Gabelentz, G. von der (1891) *Die Sprachwissenschaft. Ihre Aufgaben, Methoden, und bisherigen Ergebnisse*. Leipzig: Weigel.

Givón, T. (1979) *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press.

_____ (1983) Introduction. In: GIVÓN, T. (ed.). *Topic Continuity in Discourse*. Amsterdam: John Benjamins.

_____ (1985) Iconicity, isomorphism and nonarbitrary coding in syntax. In: HAIMAN, J. (ed.) *Iconicity in Syntax*. Amsterdam: John Benjamins.

_____ (1995) *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: John Benjamins.

GREENBERG, J. H. (1966) Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: GREENBERG, J. H. (ed.) *Universals of Grammar*. Cambridge: M.I.T. Press.

HAIMAN, J. (1983) Iconic and economic motivation. *Language* **59**:781-819.

_____ *Natural Syntax* (1985). Cambridge: Cambridge University Press.

HAVERS, W. (1931) *Handbuch der erklärenden Syntax*. Heidelberg: Carl Winter.

HOPPER, P. (1991) On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C. & B. HEINE (eds.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2 vols.

_____ (1994) Phonogenesis. In: PAGLIUCA, W. (ed.) *Perspectives on Grammaticalization* [*Current issues in linguistic theory*, 109]. Amsterdam: John Benjamins.

HOPPER, P. J. & E. C. TRAUGOTT (1993) *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

JESPERSEN, O. (1909-1949) *A Modern English Grammar on Historical Principles*, vols. I-VII. London: Allen and Unwin.

_____ (1962) Negation in English and other languages. In: *Selected Writings of Otto Jespersen*. London: Allen and Unwin.

LICHTENBERK, F. (1991) On the gradualness of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C. & E. HEINE (eds.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: Jonh Benjamins, 2 vols.

MATA, A. C. da. (1997) A variável de negação na cidade de João Pessoa. Trabalho apresentado no I Simpósio de Estudos Lingüísticos (SNEL), UFPB.

MEILLET, A. (1912) L'évolution des formes grammaticales. In: *Linguistique Générale et Linguistique Historique*. Paris: Champion.

NASCENTES, A. (1922) *O Linguajar Carioca em 1922*. Rio de Janeiro: Livraria Scientifica Brasileira.

OSGOOD, C. E. (1953) *Method and Theory in Experimental Psychology*. New York: Oxford University Press.

PAYNE, J. R. (1985) Negation. In: SHOPEN, T. (ed.) *Language Typology and Syntactic Description*, vol. II. Cambridge: Cambridge University Press.

RAMOS, J. M. (1997) A alternância "não" e "num" no Dialeto Mineiro: um caso de mudança lingüística. Trabalho apresentado no I Congresso Nacional da ABRALIN, UFAL.

RIOS DE OLIVEIRA, M. & S. VOTRE (orgs.) (1995) *Corpus Discurso & Gramática – A Língua Falada e Escrita na Cidade do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: UFRJ. Mimeo.

_____ (1996) *Corpus Discurso & Gramática – A Língua Falada e Escrita na Cidade de Juiz de Fora.* Rio de Janeiro: UFRJ. Mimeo.

RONCARATI, C. (1996) A negação no português falado. In: MACEDO, A., C. RONCARATI & C. MOLLICA (orgs.) *Variação e Discurso.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

SAUSSURE, F. de (1973) *Curso de Lingüística Geral.* São Paulo: Cultrix.

SCHWEGLER, A. (1988) Word-order changes in predicate negation strategies in Romance languages. *Diachronica* **2**:21-58.

_____ (1991) Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese – a change in progress. *Orbis* **34**:187-214.

SLOBIN, D. I. (1980) *Psicolingüística.* São Paulo: Companhia Editora Nacional.

THOMPSON, S. A. (1995) A discourse explanation for the cross-linguistic differences in the grammar of interrogation and negation. Santa Barbara: UCSB. Mimeo.

TOTTIE, G. (1991) *Negation in English Speech and Writing.* New York: Academic Press.

ZIPF, G. (1935) *The Psychobiology of Language: An Introduction to Dynamic Philology.* Cambridge: M.I.T. Press.

Resonancias Discursivas y Cortesía en Prácticas de Lecto-Escritura

(Ressonâncias Discursivas e Polidez em Práticas de Leitura e Produção Escrita)

(Discursive Resonance and Politeness in Reading and Writing Practices)

Silvana Serrani-Infante[1]
(Universidade Estadual de Campinas)

Resumo: *Neste artigo, apresentamos um estudo sobre a compreensão em leitura baseado em uma abordagem contrastiva de cunho argumentativo-discursivo. Examinamos a relação materialidade lingüística – processo discursivo, observando a conexão entre a leitura em língua estrangeira próxima (espanhol) e a produção escrita e a memória textual em língua materna (português). Além do interesse na pesquisa aplicada e as conseqüências para o ensino-aprendizagem de línguas, investigamos a relação teórica entre língua, subjetividade e discurso, focalizando a questão da polidez. A textualidade é concebida enquanto sedimentação de regularidades discursivas. Essa sedimentação, por ser singular em cada produção textual, não deixa de estar imbricada em uma rede de memórias discursivas, resultantes de relações sociais, contraditórias, em contextos históricos determinados (Foucault, 1986; Pêcheux, 1990). Na experiência de pesquisa aqui apresentada, temos como referência procedimentos da metodologia do Projeto*

[1] Agradezco las valiosas lecturas críticas de la versión preliminar de este texto que, en orden cronológico, realizaron: Sophie Guieu Telles Ribeiro, Walter C. Costa, Daniel Coste, Francis Grossmann, Jacob Mey y los asesores científicos anónimos de la revista *D.E.L.T.A.* A Sophie Guieu agradezco también la cuidadosa revisión de la versión en Francés para la edición electrónica de la revista. No es mero formalismo decir que las deficiencias que todavía puedan continuar son de mi exclusiva responsabilidad. Deseo agradecer a Beatriz Aloé y a Rita Moraes sus colaboraciones en la constitución del *corpus* y expresar mi reconocimiento a las entidades CAPES y COFECUB por el apoyo para la visita de trabajo a la Universidad Stendhal-Grenoble3, Francia, que dio origen a esta investigación, así como al CNPq y a la FAPESP por el incentivo dado a mi trabajo. Agradezco a los asistentes Gabriela Laplane, James Law Pereira y Josiane Diniz las tareas de apoyo realizadas.

BEST COPY AVAILABLE

Galatea, *desenvolvido na União Européia para estudar a intercompreensão em línguas românicas (Dabène, 1996). Em nosso estudo, utilizamos, também, procedimentos de simulação, com projeção enunciativa dos participantes, e operamos com a noção de ressonância discursiva. Os resultados, que dizem respeito aos modos direto e indireto de enunciar e à polidez enunciativa, levam a concluir que a concepção de polidez deve ser pensada além de fenômeno restrito a estratégia pragmática para evitar conflitos, para passar a ser abordada enquanto marca de constituição identitária e social. Finalmente, salientamos a relevância da sensibilização à discursividade, mostrando implicações teóricas e práticas de sua implementação.*

PALAVRAS-CHAVE: *Leitura; Análise Contrastiva; Ensino de Língua Estrangeira: Espanhol; Análise do Discurso; Polidez.*

ABSTRACT: *In this paper we present a study of reading comprehension based on a contrastive argumentative-discursive approach. We examine the relationship between linguistic materiality and discursive processes, observing the connection between reading in a foreign language, writing production and textual memories in the mother tongue. In addition to an interest in practical language teaching and learning processes (in this case of Spanish and Portuguese), we investigate the question of politeness and the theoretical relationship between subjectivity, language, and textuality. The latter, being understood as the result of discourse regularities, is unique for each and every production, yet is also conditioned by plural discursive memories resulting from contradictory social relationships in a specific historical context (Foucault, 1986; Pêcheux, 1990). In the experiment presented here, we follow some of the procedures of the methodology applied in the European* Galatea *Project developed for the study of reading strategies in the inter-comprehension between Romance languages (Dabène, 1996). We use the procedure of simulation and the subjective projection of participants as well as the notion of discursive resonance in the analysis. The results, having to do with directness and indirectness in speech and the question of politeness in two typologically close languages, lead to the conclusion that the concept of politeness goes beyond a pragmatic strategy used to avoid conflicts to be approached as a marker of cultural identity constitution. The relevance of discursive awareness and its theoretical and practical consequences are then emphasized.*

KEY-WORDS: *Reading; Contrastive Analysis; Foreign Language Teaching: Spanish; Discourse Analysis; Politeness.*

BEST COPY AVAILABLE

I. Introducción

Antes de entrar en el tema específico del trabajo, presentaré breves consideraciones de carácter general sobre modos de producción de los estudios del lenguaje en la actualidad. En este comienzo de los años 2000 múltiples dominios de conocimiento y acción parecen tornar evidente la siguiente paradoja: Por un lado, se proclama la necesidad creciente de calidad máxima (para lo cual se requiere comprensión profunda de los fenómenos y procesos en estudio) y por otro, se propugna el inmediatismo en la obtención de resultados. El campo aplicado de los estudios del lenguaje no es una excepción. Una tendencia que podría denominarse "expeditiva" parece intentar configurarse como dominante en la investigación y prácticas en diversas áreas, tales como adquisición de lenguas extranjeras; enseñanza-aprendizaje de lengua materna; traducción; lexicografía aplicada; educación bilingüe; análisis del lenguaje en contextos institucionales y mediáticos, etc. Esa tendencia se caracteriza por el énfasis en la generación rápida de productos para el "mercado" (de aprendices, de lectores, de instituciones de enseñanza o de otros "consumidores").

A diferencia de la postura descripta en el párrafo anterior, este estudio se inscribe en la línea de trabajo y acción que, junto con la indispensable búsqueda de resultados efectivos, promueve la realización de investigaciones cuyo desarrollo no siempre es rápido y cuyos productos pueden no sintonizarse necesariamente con los dictámenes mercadológicos. En esta perspectiva se espera que los estudios sean consistentes en su contribución al avance del conocimiento teórico-científico y tecnológico y, concomitantemente, que sean relevantes, institucional y culturalmente, para favorecer procesos de democratización social. Esto último, en el contexto actual, trae aparejada la necesidad de tomas de posición explícitas o implícitas de investigadores y mediadores en proyectos educativos con respecto a cuestiones tales como: Políticas lingüístico-educacionales adoptadas en determinadas regiones, naciones o bloques supranacionales; promoción del plurilingüismo; consecuencias sociales de estudios sobre del funcionamiento discursivo de las lenguas naturales y articulación de esos estudios con propuestas pedagógicas.

En este texto presentaré un estudio sobre lectura contrastiva y producción escrita. Al comienzo haré referencia a nuevos enfoques del análisis contrastivo y su relación con componentes de la denominada

concientización al lenguaje (*language awareness;* Hawkins, 1982). Luego presentaré resultados de una experiencia de investigación sobre factores argumentativos y discursivos en la lectura de un texto de tipo epistolar-comercial en Español, observando la relación con la producción escrita y la memoria textual en lengua materna (Portugués)[2]. Este trabajo se propone, por un lado, contribuir al perfeccionamiento de procedimientos en la enseñanza-aprendizaje de Español a brasileños (como se sabe, un campo en gran expansión actualmente) y por otro, repensar la relación lengua-sujeto-discurso, mediante un enfoque de la cortesía enunciativa.

II. Análisis Contrastivo y Componentes argumentativo-discursivos de la comprensión en lengua extranjera próxima

II.A. Contrastividad y Enunciación

Muchas de las principales críticas realizadas al análisis contrastivo en el seno de la Lingüística Aplicada durante las últimas décadas son, desde mi punto de vista, absolutamente pertinentes. La propuesta clásica de ese tipo de análisis era la de contrastar sistemas lingüísticos, desconsiderándose muchas veces las situaciones de interlocución y las posiciones enunciativas. Puede decirse que esa visión era reductora, pues sus efectos en el estudio de la adquisición de lenguas resultaban muy limitados. Ahora bien, en el caso particular de la investigación sobre enseñanza-aprendizaje de lenguas tipológicamente próximas, el análisis contrastivo no ha dejado nunca de estar presente. Algo recurrente ha sido la preocupación por marcar las diferencias entre las lenguas y el establecimiento de los llamados "falsos amigos". La importancia de los diccionarios de falsos amigos, como obras de consulta es evidente. Sin embargo, si se enfoca el contexto de investigación del *proceso* de producción-comprensión de Español por

[2] Presenté una versión con resultados parciales de este estudio en la Universidad Stendhal-Grenoble 3, Francia, a fines de 1999. Esa reunión de trabajo fue realizada en el marco del Convenio CAPES/ COFECUB existente entre el DLA-UNICAMP y el LIDILEM de esa universidad francesa. La coordinación del equipo fue inicialmente de Michel Dabène y es actualmente realizada por Francis Grossmann. El equipo brasileño de investigación sobre lectura al que pertenezco está formado también por Ángela Kleiman (coordinadora), Inês Signorini y María José Coracini.

brasileños, el énfasis excesivo dado a ese tema[3] puede ser cuestionable. Sobre todo cuando se presentan listas de términos descontextualizados o de curiosidades indiferenciadas en cuanto a su nivel de importancia y grado de ocurrencia. Tampoco es raro que esas listas aparezcan expuestas sin especificaciones sobre variedades lingüísticas regionales o sociales. Esa especie de "obsesión" por los falsos amigos de muchos profesores, autores de libros didácticos, formadores de profesores o, incluso, instituciones particulares dedicadas a la enseñanza de Español en Brasil etc.[4] puede llevar a los aprendices a desconfiar siempre de las semejanzas, produciendo o reforzando así un efecto de inseguridad que no favorece el acontecimiento de enunciar en lengua meta. Estoy de acuerdo con L. Dabène (1996:395 y 398) cuando afirma:

> *"El análisis de producciones – correctas o desviantes –de los aprendices así como el estudio de sus discursos explicativos (...) condujeron a los investigadores a tomar conciencia de la complejidad de los procesos constitutivos del acto de aprendizaje (...) La visión contrastiva sólo tiene sentido si desemboca en un trabajo de concientización el cual, parece admitido por la mayoría de los investigadores, favorece el aprendizaje, especialmente de la comprensión."*[5]

Queda claro que se trata de un problema que excede la dimensión léxica. Como intento de realizar un aporte para subsanar lo que bien señalan Degache y Masperi (1998:371):

---

[3] Sólo en la década del noventa, según tengo conocimiento, fueron editados en Brasil varios diccionarios de falsos amigos. Para fundamentar mi afirmación, haré referencia a tres de ellos: Hoyos, B: *Dicionário de falsos amigos do espanhol e do português*. São Paulo: Página Aberta, Consejería de Educacion de la Embajada de España, 1992; De Mello, T. e Bath, S: *Amigos traiçoeiros*, Brasília, UnB,1996 (en realidad, presentado como Coletânea de Falsos Amigos e Outras Peculiaridades da Língua Espanhola para Uso dos Brasileiros) e Fernandes Bechara, S e Moure, W.: *Ojo con los falsos amigos*, São Paulo, Moderna, 1998. Evidentemente, no hay aquí ninguna observación sobre los méritos de esas publicaciones, se trata de observar una tendencia editorial y de presentar interrogaciones sobre la concepción de lenguaje subyacente.

[4] Para esa afirmación me baso en contactos directos con profesionales del área y en la constatación de la recurrencia de comunicaciones sobre el tema en los Congresos Nacionales y Encuentros Regionales de Profesores de Español en Brasil.

[5] Louise Debène refiere aquí los trabajos de Hulstijn y De Graaff (1994): "Under what conditions does explicit knowledge of a second language facilitate the acquisition of implicit knowledge? A research propsal". *AILA Review, 11*. La traducción es mía. Ése será el caso siempre que la obra se encuentre en las Referencias Bibliográficas en Francés, Inglés o Portugués.

BEST COPY AVAILABLE

> *"el análisis contrastivo {es} (...) una ventaja insuficientemente aprovechada hasta ahora, principalmente en el marco del entrenamiento para la comprensión"*

a continuación, expondré una experiencia de investigación en la que examino, contrastivamente, recurrencias en la construcción del sentido en "protocolos"[6] verbales (escritos) sobre comprensión lectora y en textos producidos en contextos equivalentes al del texto leído.

II.B. Descripción del estudio

La investigación constó de dos partes. En la primera se propició la producción textual utilizando un procedimiento de *simulación* caracterizado por el recurso de *proyección enunciativa*. El mismo consiste en solicitar a enunciadores que al escribir en su lengua materna, se sitúen imaginariamente en roles que no son los suyos en el momento, pero cuya existencia es previsible para ellos en un futuro relativamente inmediato. Al tomarse en cuenta que en la producción de lenguaje hay siempre proyecciones imaginarias, las secuencias producidas por esos enunciadores son consideradas no sólo como protocolos de los que se puede extraer información, sino como secuencias discursivas cuya construcción lingüístico-discursiva es un síntoma de las representaciones y memorias enunciativas en juego. Como dice Pêcheux (1990a:82):

> *"A y B {los interlocutores} designan algo que difiere de la presencia física de organismos humanos individuales. (...) A y B designan lugares determinados en la estructura de una formación social, lugares de los cuales la Sociología puede describir el haz de rasgos objetivos característicos (...). Nuestra hipótesis es que esos lugares están* representados[7] *en los procesos discursivos(...), es decir, {el haz} se encuentra allí representado,* presente, pero transformado. *Lo que funciona en los procesos discursivos es una serie de formaciones imaginarias que designan el lugar que A y B se atribuyen cada uno a sí y al otro. Existen en los mecanismos de toda formación social reglas de proyección, que establecen las relaciones entre las situaciones (objetivamente definibles) y las posiciones (representaciones de esas situaciones)."*

Otra característica del procedimiento propuesto es que la simulación se realice a partir de una formulación discursiva efectivamente producida

[6] Mantendré el uso del término "protocolo", pero por los motivos que serán expuestos de inmediato el mismo debe ser entendido como formulación discursiva (Foucault, 1986; Pêcheux, 1990a).

[7] Destacado en el original.

por un hablante nativo de la lengua meta y que esa formulación se emplee durante el estudio contrastivo. En este caso, como veremos a continuación, el texto-pivote fue utilizado en la segunda parte de la experiencia.

En la primera fase, se le solicitó a 34 estudiantes brasileños con por lo menos 3 años de estudios universitarios (de Economía o de diversas carreras tecnológicas, como Ingeniería, Tecnología de Alimentos, etc.) que escribieran una carta de aproximadamente una página en Portugués, a partir de un contexto determinado. Tomando como referencia el Proyecto *Galatea* de estudio de la Inter-comprensión en lenguas romances[8], se eligieron participantes que nunca habían estudiado Español. La carta debería corresponder al contexto y a las consignas siguientes[9]:

1. "Suponga que Ud. ya se encuentra ocupando un cargo ejecutivo o directivo en una empresa brasileña que ha hecho un acuerdo comercial reciente (*joint-venture*, o algo semejante) con una empresa argentina en el marco del Mercosur. La empresa argentina produce las mercaderías y la empresa brasileña en la que Ud. tiene ese puesto se encarga de comercializarlas en Brasil.

2. Últimamente los clientes brasileños no aceptan fácilmente comprar los productos argentinos.

3. Las razones que ellos presentan al negarse a adquirir los productos argentinos que Ud. representa son:

   a) los fabricantes argentinos sólo se interesan en el mercado externo cuando el interno está en baja;

   b) los fabricantes argentinos no cumplen los plazos;

   c) los fabricantes brasileños comenzaron a ofrecer un servicio rápido y eficiente, de modo que a calidad y precios iguales, ellos prefieren los productos nacionales a los importados.

[8] El Programa *Galatea* de investigación sobre la intercomprensión en lenguas romances, reúne aproximadamente 30 pesquisadores de las Universidades Complutense y de Barcelona (España), de la Universidad de Aveiro (Portugal), de la Universidad de Salerno (Italia), de la Universidad de Neuchâtel (Suiza), de la Universidad de Bucarest (Rumania) y de las Universidades Stendhal-Grenoble 3, Lyon II y Paris VIII (Francia). (Cf. L. Dabène, 1994, Degache, 1996.)

[9] Las consignas fueron dadas en la lengua materna de los participantes.

4. Ud. escribirá la carta teniendo la idea de continuar el acuerdo con los argentinos, pues los negocios con ellos son interesantes en su ramo, pero Ud. necesita saber si podrá prometer a sus clientes un stock permanente y una entrega rápida, sin comprometer el prestigio de su empresa que es de renombre en Brasil".

Se le pidió a los participantes que utilizaran esas informaciones pero que no las copiaran textualmente, sino que escribieran su carta utilizando la estrategia textual que considerasen más adecuada o más frecuente para esa situación en su medio.

En la segunda parte de la experiencia se les dijo a los mismos estudiantes que se consideraran nuevamente ejecutivos de una empresa brasileña, pero con el siguiente cambio contextual: En esta ocasión la empresa de Brasil *produciría* las mercaderías a ser comercializadas en Argentina. Se les pidió que supusieran que habían recibido la carta que será reproducida a continuación. Se trata, como ya fue dicho, de una carta auténtica, efectivamente producida por un hablante nativo de Español rioplatense en una situación real como la recién descripta. Se solicitó que, después de haberla leído, escribieran de una manera espontánea sobre qué habían comprendido de la carta y la impresión que la misma les había dejado. También se les dijo que indicasen cuáles fueron las marcas lingüísticas que habían contribuido a producir esa comprensión/impresión (palabras, expresiones, los lugares en que esas palabras y expresiones aparecían) y que indicaran también, después de la lectura de la carta, si ellos creían que el empresario argentino deseaba continuar el acuerdo comercial. Además, se requirió que en caso de haber palabras o grupos de palabras que ellos hubieran tenido especial dificultad para entender, que las señalaran e hicieran comentarios sobre las deducciones que habían hecho para facilitar su lectura. También se pidió que indicaran las palabras o expresiones cuyo sentido permaneció totalmente oscuro y que dijeran si eso había impedido que el texto les fuera inteligible (cf. Degache, 1996:480)[10]. En la investigación hemos comenzado por la producción para evitar la influencia de la lectura de la carta en la escritura de los participantes, porque el objetivo era observar las representaciones que operan en el momento de lectura en lengua extranjera. Pero en esta exposición, tomando en cuenta el foco

[10] Como fue observado anteriormente para esta parte del procedimiento nos hemos inspirado en la metodología del Proyecto *Galatea*.

en la comprensión lectora, comenzaremos por los textos producidos a partir de la lectura hecha por los hablantes nativos de Portugués de la siguiente carta:

Estimado Fulano:

Continuamos ofreciendo los productos XX a todos nuestros clientes y estamos constatando que entre ellos se reiteran algunas ideas que pasamos a enumerar:

Los fabricantes brasileños atienden el mercado externo solamente cuando el mercado local está en baja.

Los fabricantes brasileños no cumplen con los plazos establecidos. La mercadería llega tarde o no llega.

Los fabricantes argentinos han comenzado a brindar un servicio rápido y eficiente y por lo tanto en igualdad de calidad y precio con productos importados prefieren los insumos nacionales.

Consideramos que estas ideas pueden ser desterradas mediante hechos que demuestren lo contrario, por eso necesitaríamos una vez más la colaboración de ustedes para satisfacer nuestras demandas de cotizaciones y muestras en la forma más rápida posible.

Cualquier tardanza de parte nuestra o de ustedes dificulta las negociaciones con fabricantes fuertemente condicionados por las ideas que enumeramos antes.

Por lo tanto, quisiéramos saber hasta qué punto podemos contar con ustedes para seguir prometiendo a nuestros clientes un stock permanente y una entrega inmediata. Reiteramos que la rapidez del servicio es, actualmente, un valor tan apreciado como la calidad y el precio.

Una vez más, contamos con el buen trabajo de equipo.

Sin otro particular, les enviamos cordiales saludos y abrazos.

Atentamente,

Mengano

II.C. Categoría de análisis: Conceptuación de resonancia discursiva

En el análisis se operó con la noción de ***resonancia discursiva***. Decimos que existe resonancia discursiva cuando determinadas marcas lingüístico-discursivas se repiten, contribuyendo a construir la representación de un sentido predominante. Se trata de un enfoque discursivo de los procesos parafrásticos.

Al analizar resonancias discursivas se examina la repetición de

a) items léxicos de una misma familia de palabras o de items de diferentes raíces léxicas presentados en el discurso como semánticamente equivalentes;

b) construcciones que funcionan parafrásticamente;

c) modos de enunciar presentes en el discurso (tales como el modo determinado y el modo indeterminado de enunciar; el modo de definir por negaciones o por afirmaciones – categóricas o modalizadas –; el modo de referir por incisas de tono casual, etc.).

Ese examen se realiza tanto cuando el foco está en la construcción de la referencia, de lo que se presenta como 'objeto del discurso', como cuando éste se encuentra en la construcción de estrategias argumentativas. El análisis de esas recurrencias en textos, y conjuntos de textos discursivamente relacionados, se estudia con el objetivo de establecer cómo se da, por efectos de vibración semántica mutua entre varias marcas específicas, la construcción de las representaciones de sentidos predominantes en un discurso determinado[11].

En los estudios de perspectiva exclusivamente morfosintáctica, las paráfrasis y las sinonimias léxicas se estudian como relaciones de identidad entre unidades lingüísticas. Eso comporta, como bien observan Fuchs y Le Goffic (1983), una visión simplificadora de las relaciones entre forma y sentido, pues se concibe que hay siempre *un* sentido expresado por *varias* formas. De ese modo, en esos enfoques predomina una concepción binaria del fenómeno. Dos o más oraciones *son* o *no son* paráfrasis por definición, presuponiéndose siempre un consenso de los sujetos, resultante de un sa-

[11] En Schnell (1997) puede encontrarse una ilustración de análisis de resonancias discursivas en corpus de tipo experimental.

ber intuitivo de reglas gramaticales internalizadas. En contrapartida, una perspectiva radicalmente opuesta considera que dos formas diferentes tienen necesariamente un sentido lingüístico diferente y, en consecuencia, nunca son sinónimas. Una tercera corriente, en la cual nuestro trabajo encuentra inspiración, es la que considera diversos niveles de análisis semántico y en la que se trabaja con la noción de polifonía del lenguaje (Bakhtin, 1984; Fuchs y Le Goffic, 1985). Así se explica el hecho de que un enunciado posea un sentido particular y simultáneamente sean posibles otras interpretaciones, las cuales a su vez pueden coincidir de algún modo con las de otros enunciados.

II.D.1 Ilustración del análisis realizado

Una primera constatación relacionada con los procedimientos de la propuesta metodológica *Galatea* es que todos los participantes lusohablantes han comprendido, en cuanto a inteligibilidad, lo esencial de la carta en Español. Muchos de ellos dijeron que se habían sorprendido al encontrar palabras "raras" o "difíciles"[12], pero que eso no les había impedido entender las informaciones fundamentales del texto. Las palabras mencionadas por la mayoría de los participantes como las más opacas fueron: "hechos" (las deducciones hechas por contexto fueron adecuadas: *feitos* o *eixos, frentes de pensamento* -esa última aproximación, en el contexto, nos pareció pertinente-), "cotizaciones", "muestras", "desterradas" y "llega".

Pasemos ahora al examen de resonancias discursivas

Lo que ha resonado en 61% de las secuencias discursivas en Portugués[13] producidas para caracterizar la comprensión de la carta en Español es la *exigencia* y la *presión* del autor de la carta. Es posible constatar en las secuencias discursivas de nuestro corpus numerosas resonancias de los siguientes items léxicos:

[12] La sorpresa mencionada se explica porque en general los brasileños manifiestan que 'saben' Español. Contrariamente, tal vez debido a la riqueza fonológica del Portugués, no es raro que los aprendices hispanohablantes evidencien una cierta preocupación con respecto a su comprensión inmediata en los primeros contactos con el Portugués. Durante los cursos de Español es interesante observar que esa idea de facilidad inmediata de los lusohablantes se transforma a veces en una representación de gran dificultad, o incluso imposibilidad, después de algunas semanas de curso.

[13] Se darán informaciones cuantitativas, pero el énfasis del análisis se encuentra en la observación de la configuración discursiva del sentido, siendo éste obviamente de naturaleza cualitativa.

El sustantivo *exigencia(s)* / el adjetivo *exigente(s)* / formas del verbo *exigir*.

Esos items están semánticamente asociados en el discurso a:

Urgência, pressão / ríspido, duro, direto, severo, rígido / criticar, fazer pressão.

Un ejemplo de construcciones que funcionan parafrásticamente puede observarse, por ejemplo, en (2):

(1) "Diz que tudo pode ser modificado se os brasileiros se esforçarem a *cumprir as exigências*. (...) se não forem atendidas, *o acordo sofrerá prejuízos*." [II, 26][14]

(2) "Realmente *os argentinos não escolhem as palavras : falam o que pensam, sem o mínimo de cordialidade*. Apesar dele querer manter a aliança, *não "admite" atrasos, pressionando*. (...) Eles *são exigentes... e ríspidos* !" [II, 8]

(3) "O ponto que *está em questão* é a capacidade do Brasil em atender as *exigências argentinas*. (...) Eles *exigem e criticam de maneira relativamente severa* a indústria brasileira (...). Os argentinos se portam *de maneira rígida*, pois, provavelmente, pretendem liderar, adquirir as maiores vantagens nesse acordo." [II, 9]

(4) "[é] uma carta *reclamando* alguns pontos por nós não cumpridos.(...) Eles *reclamam* quanto ao não cumprimento..." [II, 21]

(5) "Ao apontar enumerando *"nossas" falhas*, deixa claro a insatisfação (...). As questões abordadas são a *exigência* e a urgência e *o modo de abordagem é duro e direto*." [II, 32]

(6) "Caso isso [que a mercadoria chegue mais rápido] não se realizar, ele *desistirá da parceria. Está fazendo pressão.*" [II, 13]

La comprensión de una relación asimétrica de interlocución construida discursivamente en la carta en Español puede observarse en la mayoría de las secuencias discursivas de los lectores brasileños. Además del sentido de exigencia, la mayor parte de los lectores brasileños participantes de la experiencia comprenden que el autor de la carta en Español se atribuye el lugar de poder *dar una reprimenda, amonestar, exigir pruebas* o incluso *hacer amenazas*:

[14] En los ejemplos se reproducen formulaciones textuales de los enunciadores, manteniéndose incluso eventuales inadecuaciones léxicas o morfo-sintácticas. Las indicaciones numéricas que constan al final de cada ilustración corresponden a la ubicación de la secuencia en el *corpus* archivado en el IEL-UNICAMP. Los números romanos I y II indican que se trata de secuencias de la primera parte de la experiencia (producción escrita) o de la segunda parte (lectura).

(7) "*exigem* uma colaboração e definição de posição nossa (...). O argentino *pede provas* que demonstrem o contrário das idéias." [II, 23]

(8) "Para os argentinos as idéias mencionadas poderiam ser desmentidas caso houvesse feitos que *provassem* o contrário" [II, 6]

(9) "A impressão que se tem na carta é de "*um puxão de orelhas*", com vistas a não se repetir problemas anteriores e de um aviso sobre um *futuro rompimento da parceria*, caso estes problemas persistam." [II, 27]

(10) "Achei [a carta] *muito grotesca*, como se eles estivessem nos alertando de *falhas nossas, as quais não cometemos*, já que é *apenas um preconceito.*" [II, 7]

(11) "Vejo a carta como *uma ameaça* amena." [II, 28]

Por otro lado, algunos lectores brasileños interpretan que la posición de superioridad construida en el discurso del autor de la carta en Español a través de las exigencias, al mismo tiempo, implicita un efecto de sentido de necesidad, opuesto al de superioridad. Veamos el ejemplo 12:

(12) "É uma forma de *pressionar* a empresa brasileira a fazer do modo que eles desejam. *Para isto utilizam como estratégia a reação do consumidor* (...). A tentativa de acelerar as negociações demonstra que eles desejam continuar o acordo, *ou até mesmo precisam*. Se isso não fosse verdade, a pressa seria dos brasileiros." [II, 30]

En 14% de las secuencias discursivas encontramos indicios de una lectura del texto a la que corresponde la denominación de parafrástica (Orlandi, 1988). Es lo que ocurre cuando los lectores glosan la carta sin hacer ninguna observación sobre implícitos del texto:

(13) "[a carta] *enumera alguns fatores* que podem comprometer futuramente a parceria." [II, 10]

Finalmente, en 20% de las secuencias observamos resonancias discursivas sobre *la claridad*, *el profesionalismo* e incluso *la cortesía* de la carta pero, al mismo tiempo, se produce el sentido de haber una cierta desconfianza del autor de la carta con respecto a su destinatario.

(14) "é uma carta *muito polida*, mas deixando transparecer fortemente os interesses em jogo, ou seja, *muito profissional*. (...) A empresa deseja muito saber o grau de confiança que pode ter em nossa empresa. (...) *Apesar da desconfiança*, é possível perceber que *eles* desejam continuar a parceria." [II, 25]

Aunque la claridad, el profesionalismo o incluso la amenidad sean explicitados, pueden observarse menciones o alusiones sobre la falta de amistad del remitente:

(15) "O Mengano se mostrou *formal, mas bem político*. Soube dizer os problemas da empresa *claramente* e *pediu* para que fossem consertados (...). O fato de, no final da carta, o Mengano escrever 'trabalho em equipe' reforça ainda mais a idéia que ele está disposto a resolver o problema junto com a empresa brasileira. Na despedida da carta, com 'saludos y abrazos' é *mais* amigável." [II, 4]

Veamos ahora secuencias del corpus correspondiente a la parte de la experiencia en la cual se solicitó a los participantes la escritura de una carta, siguiendo el contexto descripto anteriormente.

En 56% de las secuencias discursivas de nuestro corpus en Portugués hay resonancias de *modo de enunciar indeterminado*. Los recursos lingüísticos son: enunciados construidos con *infinitivos, verbos en voz pasiva, empleo de participios pasados, construcciones con 'se-verbo', empleo de verbos impersonales o nominalizaciones*. Estas últimas, utilizadas principalmente cuando se trata de representar discursivamente las razones explícitas de la existencia de la carta.

(16) "*É preciso oferecer* aos nossos clientes *um estoque* permanente e *uma entrega* rápida, garantindo *as vendas* da mercadoria importada e a qualidade desta renomada empresa." [I, 2]

(17) "*É importante* também *o pré-estabelecimento de custos* para que *não haja* flutuações *no preço* final do produto, garantindo *a concorrência* do seu produto com os nacionais." [I, 10]

(18) "*É necessário* que *a entrega* das mercadorias *seja efetuada* segundo os prazos *estabelecidos*." [I, 18]

(19) "É necessário que *alguns pontos sejam esclarecidos e confirmados* devido a *alguns imprevistos ocorridos* que são da ordem de: *o mercado externo e sua viabilidade* a longo prazo para a Argentina; *análise do mercado brasileiro*, qualidade, valor, *disposição do material no prazo mínimo.*" [I, 1]

(20) "Para que os negócios se viabilizem, é necessário em primeiro lugar, que *os prazos* continuem *sendo respeitados estritamente*. Outro fator de destaque seria *a garantia de entrega* dos produtos. mesmo em um eventual surto de *crescimento da economia argentina*." [I, 34]

Otra resonancia observada fue la de *modo de enunciar afirmativo*, incluso para la representación de los tres puntos problemáticos señalados en el

contexto. Otra marca recurrente de estructuración textual de las cartas en Portugués es que, a diferencia de las cartas en Español, en aquellas los *puntos cuestionadores o problemáticos aparecen al final del texto, después de consideraciones positivas* sobre el acuerdo existente entre las empresas. Y en algunas cartas en Portugués, como se puede observar en los ejemplos (21) y (22) (reproducidos de forma completa), los puntos de reclamo no son mencionados explícitamente en absoluto.

(21) "A empresa Z envia a presente carta com o objetivo de fortalecer a relação que já mantém com sua empresa. Há *um interesse muito grande* na obtenção de uma maior quantidade de seu produto, para venda no Brasil. Aguardamos sua resposta e proposta de orçamento. Grato. ZZ." [I, 27]

(22) "O mercado brasileiro é muito exigente mas também sabe reconhecer um bom serviço. Pode ter certeza, quando ele se sente satisfeito, o consumo de seu produto e o lucro são certos. Atenciosamente, X." [I, 33]

En 20 % de las secuencias discursivas encontramos una resonancia de *modo de enunciar determinado*, pero juntamente con los verbos con agente explícito se observan nominalizaciones, expresiones que producen un efecto de sentido de una postura amable del enunciador. También constatamos en este sub-grupo de secuencias la formulación de propuestas de acción concreta que producen un efecto de pragmatismo en la posición del enunciador de la carta.

(23) "Devido a alguns problemas com clientes brasileiros, *nós* precisaremos do *seu* comprometimento em determinados quesitos, a saber: estoque permanente e entrega rápida assegurados. Esse comprometimento servirá para tranqüilizar e refutar *os argumentos não verdadeiros*, de alguns compradores brasileiros que dizem que *certos fabricantes argentinos não cumprem* prazos estabelecidos e só atendem o mercado brasileiro quando lhes é conveniente. (...) Sabemos que esses argumentos não são verdadeiros e *agradeço* antecipadamente *sua* compreensão e colaboração. Atenciosamente." [I, 17]

(24) "Devido à instabilidade da situação sócio-econômica, *temos* enfrentado dificuldades na comercialização direta de seus produtos. No entanto, como uma estratégia alternativa, gostaríamos de saber se *V. Sas.* poderiam assegurar *um estoque permanente e uma entrega rápida*. (...) Apreciamos demasiadamente a parceria desta empresa com a de *V. Sas.* e, portanto, ficaremos muito felizes se puderem nos fornecer uma resposta positiva." [I, 24]

(25) "É do nosso interesse continuar com a parceria, mas isso só poderá acontecer se fizermos *um contrato, pois temos que ter estoque permanente e uma entrega rápida dos produtos*. (...) Neste contrato deverão constar cláusulas que se não forem cumpridas a empresa terá que pagar uma multa." [I, 11]

Constatamos que, aunque se trate de una minoría de formulaciones, en 22% de las mismas encontramos resonancias discursivas de *modo de enunciar negativo*, con enunciados con agente determinado:

(26) "Infelizmente *nosso* acordo comercial *não anda muito bem*. (...) Acredito que *os senhores* têm alguma idéia sobre algum dos inúmeros motivos que estão ocasionando esse problema. Um dos principais é *o constante atraso, por parte dos fabricantes argentinos, em relação aos prazos de entrega*." [I, 30]

(27) "*Nossos amigos da X Amortecedores infelizmente não têm cumprido* à risca os prazos estabelecidos na entrega do produto, dessa forma, *somos* obrigados a suprir a demanda com artigos nacionais, que por sinal, têm se equiparado em preços e qualidade aos argentinos." [I, 14]

Finalmente, cabe constatar que aunque la mayoría de los participantes entendió las informaciones del texto, el análisis de resonancias discursivas sobre comprensión de la argumentación muestran que la mayoría concluye que el acuerdo comercial se encontraba en fase final o incluso terminado, debido a las manifestaciones de "cansancio" del autor de la carta, como podemos observar en los siguientes ejemplos:

(28) "A representação com a XX da Argentina foi *por água abaixo*. Eles dizem que não estão conseguindo vender é porque *a culpa é nossa mesmo.*" [II, 18]

(29) "Ele está *dando uma última chance* (...). Como se estivessem desconfiando da capacidade dos brasileiros (...). Os argentinos não estão contentes." [II, 29]

(30) "As expressões como "mais uma vez" passam uma idéia de *descontentamento* e *cansaço* de *novamente* ter que pedir uma ação." [II, 15]

Sin embargo, disponemos de datos sobre las condiciones de producción de la carta auténtica que indican que el autor tenía sumo interés en continuar el acuerdo, que, de hecho, en el momento de la escritura de esa carta se encontraba al comienzo de su existencia y que dicho acuerdo ha continuado, encontrándose actualmente en plena vigencia.

II.D.2 Resonancias y formaciones discursivas

Las regularidades de resonancias observadas en el análisis precedente no son fortuitas. La noción de formación discursiva (cf. Foucault, 1986; Haroche, Henry, Pêcheux, in Pêcheux, 1990c), según mi entender, posibilita

relacionar resonancias discursivas y funcionamientos de los procesos de producción del discurso, pudiéndose así elaborar hipótesis explicativas al respecto[15]. Se sabe que la concepción inicial dada a la noción recibió críticas pertinentes. En la primera época del Análisis del Discurso se establecían relaciones mecánicas entre formaciones ideológicas y discursivas, determinándose espacios discursivos cerrados y supuestamente homogéneos del punto de vista semántico (tales como formaciones discursivas patronales u obreras) (Pêcheux, 1990a:312). La primacía de la heterogeneidad constitutiva del discurso y del sujeto enfocada en los desarrollos posteriores de los estudios sobre a discursividad lleva a considerar las formaciones discursivas como redes de memoria y filiaciones histórico-discursivas de identificación (Courtine, 1981; Pêcheux, 1990b; Authier, 1995). Por lo tanto, concibo las formaciones discursivas como condensaciones de regularidades enunciativas en procesos constitutivamente heterogéneos y contradictorios de producción de sentidos en diferentes dominios de saber.

La distinción de dos formaciones discursivas establecidas en investigaciones, coordinadas por mí en el Instituto de Estudios del Lenguaje de la Universidad de Campinas, sobre enunciaciones de negación y rechazo en dos variedades geográficas de Español (rioplatense y mejicana) y de Portugués brasileño paulista[16] parece confirmarse nuevamente en este caso de enunciaciones de averiguación, sondeo y preocupación en género epistolar-comercial. Se trata de las formaciones discursivas en las cuales predominan sea enunciaciones de *abrupción*, sea de *transiciones*, que serán caracterizadas a continuación. En la primera la representación del sentido se construye por resonancias de enunciados categóricos, directos, cuyos diversos recursos construyen una representación de proximidad entre los protagonistas y el objeto del discurso. En la segunda predominan resonancias

[15] La definición de formación discursiva elaborada en los primordios de la teoría del discurso estaba relacionada con la noción de aparatos ideológicos del Estado de Althusser. Aunque la concepción de formación discursiva ha evolucionado considerablemente, me parece interesante reproducir algunos elementos de esa definición clásica: "Dada una formación social en un momento determinado de su historia, aquella se caracteriza, a través del modo de producción que la domina, por un estado determinado de la relación entre las clases que la componen (...); a esas relaciones corresponden posiciones políticas e ideológicas, que no son el quehacer de individuos sino que se organizan en formaciones que tienen entre ellas relaciones de antagonismo, alianza o de dominación (...) [las] formaciones discursivas (...) determinan aquello que se puede y se debe decir a partir de una posición dada en una determinada coyuntura. (Haroche, Henry, Pêcheux, 1971, *in* Pêcheux, 1990c).

[16] Resultados de esos estudios constan, por ejemplo, en el artículo publiqué en 1994.

en las cuales la configuración del sentido se presenta gradualmente, mediante enunciados con diferentes tipos de modalización que producen una representación de distancia entre los protagonistas y el objeto del discurso. Para elaborar hipótesis explicativas sobre la relación entre producción/comprensión verbal y procesos socio-históricos recurrimos a la investigación transdisciplinaria, a la que nos referiremos sucintamente a continuación.

En el caso específico del Español rioplatense y del Portugués brasileño paulista, fueron considerados especialmente los trabajos antropológicos de G. O'Donnell (1986) y R. Da Matta (1989) sobre sociabilidad e historia en ambos países sudamericanos. En el estudio contrastivo de los procesos políticos en ambas sociedades realizado por el primer autor, se destaca que los protagonistas de la política en Argentina han sido principalmente corporaciones: fuerzas armadas, asociaciones empresariales rurales, asociaciones empresariales urbanas, sindicatos, etc. y que la reiteración de golpes militares y la repetición de sus fracasos fue efímeramente cíclica. Según O'Donnell, a lo largo de esas alternancias se fue construyendo una sociedad más igualitaria, pero no por ello más democrática. En los períodos manifiestamente autoritarios la extraordinaria coacción del aparato estatal argentino se infiltró en casi todos los aspectos de la cotidianeidad social. En cuanto a Brasil, la perspectiva de los mencionados autores destaca la fisonomía de un país menos igualitario, con una sociedad política marcada por una escasez efectiva de la presencia de las clases populares. Sociedad tan desigual social y regionalmente y, concomitantemente, tan dinámica, compleja, industrializada y moderna. Estas consideraciones, como ya dicho, son para interrogarnos sobre relaciones entre procesos socio-históricos de las formaciones sociales en cuestión y sus respectivas discursividades.

Según vimos en la experiencia presentada en este artículo, las resonancias que tienden a la construcción del sentido *por transiciones* en ese texto epistolar-comercial-argumentativo son: resonancia de modo de enunciar indeterminado, construida por formulaciones con diversos recursos de indeterminación de agente (empleo de infinitivos, estructuras en voz pasiva, uso de participios, uso de verbos impersonales, construcciones con se-verbo, sintagmas con nominalizaciones), resonancia de modo de enunciar afirmativo (construcciones verbales y adverbiales afirmativas y aseverativas), estructuración textual con párrafos en los cuales las descripciones de quejas se encuentran predominantemente al final del texto; y resonancia de modo

de enunciar amenizador (construcciones con modalizaciones apreciativas y adjetivación elogiosa abundante). La formación discursiva con predominio enunciativo *de abrupción* se caracteriza por: resonancias de modo de enunciar determinado (empleo de construcciones con agente explícito, verbos en la voz activa) y resonancias de modo de enunciar negativo (materializado lingüísticamente por diversas construcciones verbales y adverbiales de negación). En nuestro *corpus* predominaron entre los lectores brasileños memorias discursivas compuestas por formaciones discursivas con preponderancia de enunciados en los que el sentido se construye por transiciones. La carta producida por el enunciador hispanohablante contiene rasgos predominantes de la formación discursiva caracterizada como siendo de abrupción. Pero sería caricaturesco decir "*los* argentinos hablan así", "*los* brasileños de este otro modo". Como fue observado anteriormente, hay siempre una red de formaciones discursivas en diferentes relaciones entre sí (de alianza, de oposición, etc.) en todas las lenguas. Puede haber (y hay) predominancias en determinadas condiciones de producción, pero la pluralidad y la heterogeneidad son propiedades inherentes a la realización verbal, como nuestro *corpus* también comprueba.

III. Sensibilización a la discursividad: algunas consecuencias teóricas y prácticas

En esta sección final señalaré algunas consecuencias que se pueden extraer del tipo de contrastividad textual presentada. Primero, haré referencia al tema de la cortesía enunciativa, y luego mencionaré caminos de articulación con el campo aplicado en los estudios del lenguaje, especialmente con la enseñanza de lenguas.

Con respecto al tema teórico de la cortesía, si consideramos tanto trabajos clásicos desarrollados en el ámbito de la Pragmática (por ejemplo, Leech, 1983; Brown y Levinson, 1978 y 1987) como investigaciones posteriores (por ejemplo, Wierzbicka, 1985; Blum-Kulka, 1987; Matsumoto, 1988; Gu, 1990; Mao, 1994; Obeng, 1996; Yu, 1999), vemos que a pesar de las diferencias epistemológicas de los distintos enfoques[17], esos estudios están vinculados por una misma concepción de cortesía: Estrategia prag-

[17] Para un estudio detallado del status epistemológico de la mayoría de esos trabajos, ver Fraser, 1990.

mática para evitar conflictos (cf. Kasper, 1990). Eso sucede incluso en trabajos realizados con el propósito explícito de distanciarse de la teoría universal de la cortesía, enfocando cuestiones de relativismo cultural. Esas críticas a la universalidad de los modelos clásicos enfatizaron frecuentemente que la misma resultaba de los datos en lengua inglesa que fundamentaban esos modelos. Por ello, muchos cuestionamientos surgieron generalmente de investigaciones basadas en análisis comparativos de lenguas y culturas distantes geográfica y culturalmente.

Wierzbicka (1985) fue una pionera en el cuestionamiento de la teoría universal de la cortesía existente en los modelos clásicos de la Pragmática. En ese trabajo la autora analiza formulaciones de pedidos, de consejos, de exclamaciones, de opiniones en Polaco y muestra que modelos exclusivamente basados en ejemplos de la lengua inglesa conducen a visiones etnocéntricas, con serias consecuencias que exceden el ámbito académico por sus efectos sociales en la vida práctica. Blum-Kulka (1987), distinguiendo diferentes tipos de modo indirecto de enunciar en formulaciones de pedidos en Inglés y Hebreo, discute la fuerte relación establecida por Brown y Levinson entre cortesía y modo indirecto de enunciar. Matsumoto (1988), al analizar ejemplos de interlocución en Japonés, cuestiona la motivación universal de la cortesía a partir de la noción de "cara" propuesta por Brown y Levinson para definir la auto-imagen social en las interlocuciones. El autor muestra que en Japonés se espera que cada uno actúe de acuerdo con su posición y rango en el grupo social. Gu (1990), tomando principalmente como referencia el estudio de Leech (1983) basado en las máximas de cortesía, analiza ejemplos del Chino contemporáneo para concluir que aunque en el nivel más abstracto la cortesía puede ser un fenómeno universal, ya que se encuentra en todas las culturas, el comportamiento cortés es específico de cada lengua y de cada sociedad. Mao (1994) analiza interacciones de ofertas antes y después del evento social "cena" en Chino, y presenta también una discusión sobre estudios de interacciones en Japonés para sugerir que en esas culturas el esquema universal de Brown y Levinson debería ser considerado de modo relativo. Obeng (1996) analiza el funcionamiento de proverbios en interlocuciones del pueblo Akan de Ghana. El autor opera con la ya mencionada noción de "cara" para mostrar la importancia de las formulaciones proverbiales en Akan, que funcionan minimizando la potencialidad de ofensa de una expresión. Ello evidenciaría una postura de humildad esperada en los hablantes en el contexto Akan. Yu (1999) realiza un experimento considerando dos factores

sociales: distancia y dominancia (relación de poder en la jerarquía social) para analizar interacciones entre aprendices chinos de Inglés como segunda lengua y hablantes nativos de esta lengua en los Estados Unidos. La autora muestra que con respecto a pedidos, en los presupuestos culturales de los hablantes de Chino, cabe que en muchos casos ser directo significa ser cortés y ser indirecto, no serlo. Estudios como los mencionados aquí muestran la densidad teórico-práctica del tema de la cortesía, especialmente en contextos interculturales.

En nuestro caso, reflexionamos sobre el fenómeno considerando dos lenguas romances tipológicamente muy próximas y culturas, en varios aspectos, próximas también. Lo que intenté mostrar en el análisis presentado es que la concepción de cortesía enunciativa va más allá de ser una estrategia pragmática para evitar conflictos e, incluso, de ser marca definidora de clase o rol social en la interacción. Operando con las nociones de resonancia y formación discursiva, observamos heterogeneidades enunciativas y dominancias tanto en lenguas diferentes como en el seno de una misma lengua, de una misma clase o grupo social. El predominio de determinadas formaciones discursivas se entiende como indicio de identificaciones subjetivo-discursivas (inconcientes e ideológicas) cuya sedimentación participa en las representaciones discursivas de lo que se caracteriza como identidad cultural[18]. Como observa Mey:

> *"(...) la práctica social humana es tanto lo que de hecho ocurre en la sociedad como lo que se expresa en su lengua. {...}.*
>
> *{...} Nuestra naturaleza de palabras {o: la naturaleza de nuestra toma de la palabra} se torna tan natural como la naturaleza misma; recíprocamente, la lengua se naturaliza también; ésa es la razón por la cual la llamamos lengua 'natural' " (1985: 10 y 195.)*[19]

---

[18] Sobre la incidencia de la noción de identificación en la construcción de la identidad lingüístico-cultural, ver el trabajo que publiqué en 1998.

[19] Jacob Mey, utilizando la noción de *"wording"*, que se refiere al proceso de socialización lingüística considerando los procesos históricos, discute en su libro *Whose Language?* la relación lenguaje-sociedad superando la mera correlación entre grupos sociales y el establecimiento de sociolectos o dialectos. Es necesario antes, como afirma el autor, comprender la sociedad y las leyes que la gobiernan. Desearía insistir aquí sobre la actualidad de esta obra, la cual, editada en 1985, trata cuestiones muy relevantes en este milenio que comienza, tanto en el dominio teórico de los estudios del lenguaje como en el práctico de la enseñanza de segundas lenguas. Sobre esto último, sus ejemplos principales se basan en casos de trabajadores inmigrantes en Suecia para discutir, por ejemplo, la importancia social del modo de aprendizaje de la lengua del país anfitrión. Cuestión más que presente hoy en día en muchos contextos. En efecto, en el periódico *Folha de São Paulo* del

Los modos de enunciar que hemos denominado "abruptos" o "por transiciones", que generalmente pueden relacionarse con ausencia o presencia de cortesía, son vistos aquí como marcas de regularidades enunciativas y de memorias discursivas. Esas regularidades condicionan la producción y comprensión verbal del sujeto de discurso que, *en gran parte, no posee control conciente de su decir*. Esas marcas integran la constitución subjetiva[20], ideológica y cultural que lo definen. Por lo tanto, lo que Kasper (1990) denomina "rudeza no motivada" – es decir la resultante de la violación de normas por desconocimiento[21] en el caso de interacciones transculturales – (como, por ejemplo, en la lectura de la carta presentada) puede enfocarse como síntoma del funcionamiento ideológico y subjetivo de las lenguas-culturas materna y meta.

En nuestro análisis intentamos elaborar hipótesis explicativas con respecto a condicionantes socio-históricos de modos predominantes de enunciar (formaciones discursivas) en Portugués brasileño paulista y Español rioplatense. Evidentemente, no se trata de negar la dimensión estratégica, pues en la producción discursiva hay un margen de opciones enunciativas que son concientes. Un elemento de socialización (o de interpelación del individuo en sujeto) es el aprendizaje de reglas de cortesía, lingüística y de otro tipo, y hasta un cierto punto éstas últimas son activadas concientemente. Pero ésa es sólo una cara de la moneda. En nuestra perspectiva, esta *cara* corresponde a lo que se analiza en el nivel intradiscursivo, o sea cuando se aborda la linealidad de la formulación, el hilo del discurso. Es el estudio de la cadena lingüística, de su materialidad lingüística y la construcción del sentido de lo dicho en un momento, en relación con lo anterior, con lo que se anticipa, con lo que sigue y a lo que se apunta (cf. Foucault; 1986, Pêcheux, 1988). Este nivel de análisis es necesario pero

---

23/08/2000 puede leerse en un artículo, reproducido de *The Independent*, sobre un caso asombroso pero no único en nuestros días: "un hospital de Munster confirmó ayer haberse negado a realizar un transplante de corazón en una mujer turca que hace 21 años reside en Alemania. El motivo: ella no habla Alemán.".

[20] Cláudia Lemos y miembros de su equipo de investigadores han realizado numerosos estudios sobre la relación adquisición del lenguaje-constitución subjetiva en una perspectiva psicoanalítica. Ver, por ejemplo, Lemos, 1997.

[21] Kasper relaciona esa rudeza inmotivada, por desconocimiento de normas de sociabilidad (que puede suceder en situaciones interculturales) con la 'rudeza' de los niños en su misma cultura materna, antes de la incorporación de normas de sociabilidad. Sobre fallas pragmáticas interculturales, ver, también, Thomas, 1983.

insuficiente. Considerar la secuencia lingüística como intradiscurso supone, necesariamente, la contrapartida del interdiscurso (ibidem). Este nivel corresponde a la dimensión del decir en la cual la alteridad enunciativa, la polifonía implícita en todo enunciado, desestabiliza la representación necesaria de dominio que el sujeto parece tener de su enunciado[22]. La propuesta de análisis de resonancias discursivas sea en un texto, sea en conjuntos de textos, discursivamente organizados, es un camino para el estudio de la procesualidad enunciativa. Se trata de la obtención de pistas con el fin de estudiar la relación entre la producción lingüístico-discursiva y la construcción/interpretación social de sentidos.

En cuanto a consecuencias prácticas, vinculadas con el campo de la enseñanza-aprendizaje de lenguas, estudios como el presentado aquí corresponden a fases prepedagógicas de investigación. Una de sus finalidades es contribuir al perfeccionamiento de la selección de contenidos y prácticas pedagógicas en clases de Español a brasileños (o de Portugués a hispanohablantes). A partir de este tipo de análisis se propicia la interrogación, en aprendices y profesores, sobre sus modos predominantes de enunciar/leer. Se trata de estimular las prácticas de sensibilización a la discursividad, pues en ellas la reflexión y la intervención (didáctica, social, etc.) se entrelazan (cf. Coste, 1995).

Cabe recordar que en todas las situaciones en que las nociones de *language awareness* (expresión usual en contextos anglosajones) o de *éveil au langage* (denominación significativa en contextos franceses) se han afirmado[23], han sido frecuentes los casos de disputa sociolingüística de minorías con el universo lingüístico dominante. Coste menciona ejemplos de las realidades canadiense y francesa. En Canadá la aplicación de la noción de *language awareness* fue pensada para la enseñanza de Francés como segunda lengua, en un contexto de anglofonía dominante; y en Francia los principales promotores de las formas plurilingües del *éveil au langage* son los especialistas de Español y Alemán en el contexto de la escuela primaria, donde el Inglés es predominante. En nuestro contexto, además de ser necesario que en los proyectos pedagógicos se tome en cuenta la pluralidad

[22] En el trabajo que publiqué en la revista *D.E.L.T.A.* 13.1, estos dos niveles de análisis están tratados en detalle. Ver también Pêcheux, 1990a-2,b y c.

[23] Por ejemplo, en la forma de actividades escolares de concientización a diferentes tipos de alteridad lingüística (diferentes pronunciaciones, acentos, etc.).

de variedades regionales y sociales del Portugués brasileño, hay que pensar también en otras lenguas y sus memorias discursivas. Aunque se trate de diglosias fluctuantes o relativas, hay situaciones y regiones con presencia significativa de Alemán[24], Japonés, Italiano[25], y otras lenguas pertenecientes a comunidades de inmigrantes o sus descendientes, de Español en regiones limítrofes con países hispanoamericanos y, evidentemente, en muchas regiones es importante la presencia de lenguas indígenas. No es raro que la preocupación con la lengua *meta*, la cultura *meta*, el contexto *meta*, a veces ofusque, en el contexto de la enseñanza de lenguas extranjeras, la importancia de la lengua y la discursividad *maternas*. Nos referimos aquí a la materialidad lingüística e histórica de los discursos que constituyeron la subjetividad y posiciones ideológicas preponderantes de los aprendices..

Ahora bien, la sensibilización a la discursividad que defiendo es relevante tanto para contextos heterogéneos (y en ciertos casos visiblemente conflictivos) como para aquellas situaciones en las que el conflicto pareciera no existir. Por ejemplo, cuando el aprendiz dice explícitamente que desarrollar capacidades en determinada lengua meta forma parte de sus deseos más intensos. Pero sabemos que la relación con otras lenguas no es algo que tiene que ver sólo con nosotros *y* los demás (alteridad referida a la lengua-cultura otra) (cf. Todorov, 1988).Esa relación movilizará también lo que de los demás hay *en* nosotros (alteridad constitutiva), mediante los diferentes discursos de nuestra lengua-cultura que nos fueron constituyendo. Por lo tanto, si no concebimos la lengua como un mero instrumento de comunicación, sino como un componente crucial de la constitución socio-subjetiva, el estudio del proceso de enseñanza-aprendizaje de lenguas extranjeras no se puede restringir a considerar la "adquisición" de habilidades, destrezas, técnicas, informaciones concientes sobre lo que es cortés o no en la otra sociedad (¡como si fuera homogénea!), o marcas típicas de determinados géneros. En cuanto a esto último, cabe señalar que, evidentemente, la noción de género es de la mayor trascendencia y muchas veces decisiva. Pues, como observa Grossmann, tomando en consideración la concepción bakhtiniana de género discursivo:

---

[24] Sobre ese tema, H. Berg ha concluido, con mi dirección, la disertación de maestría inédita: "Discursividade de uma Língua 'Estrangeira' que já 'foi materna': o Alemão de Santa Catarina", Campinas, DLA-IEL-UNICAMP, 1999.

[25] Sobre a relación lengua-discurso de descendientes de italianos en regiones del Estado de Espírito Santo, Onice Payer concluyó recientemente una tesis doctoral en el DL-UNICAMP.

"Cuando hablamos, recurrimos a géneros extremamente variados, a veces estereotipados, a veces mucho más abiertos y creativos. (...). Lengua y discurso son ambos construcciones sociales, y genéticamente, la lengua sólo se aprehende y aprende a través de discursos, o más exactamente, a través de géneros discursivos" (1996:8-9)

Lo que intento enfatizar aquí es que procesos enunciativos más profundos, resultantes de memorias discursivas del sujeto, se manifestarán en diversos géneros. Como observa Coste (op. cit.), el *éveil au langage* reconcilia al futuro poeta con el futuro negociador.

De esa forma, discriminar contrastes enunciativo-discursivos como tratados aquí y pensar sus consecuencias para clases de lectura requiere trabajar con una concepción que exceda la noción de decodificación. Esta última predomina cuando se entiende que en los textos habría un sentido fijo y leer sería extraerlo. No es raro encontrar en materiales didácticos ejercicios en los cuales la comprensión lectora se evalúa a partir de las respuestas que el alumno da a preguntas de contenido explícito, para las cuales sólo es necesario volver a copiar trechos del texto que antecede a las preguntas. Si no concebimos el texto solamente como un producto lingüístico, sino como la instancia de un proceso discursivo, lo que interesa observar es el proceso de *producción* de lectura, intentando comprender los caminos por los cuales el lector atribuye sentidos y construye sus representaciones predominantes. La noción de comprensión incluye así la inteligibilidad y la interpretación (cf. Orlandi, 1988; Kleiman, 1995). Según entiendo, propiciar la sensibilización a la heterogeneidad constitutiva del lenguaje representa un camino que puede favorecer la comprensión y enunciación de perspectivas de sentido, la toma de posiciones enunciativo-discursivas en lengua meta. Digo que "puede" favorecer y no afirmo categóricamente que "favorecerá" porque la última palabra la tendrá el propio sujeto de enunciación, con su deseo inconciente de significar o no en otra lengua. Esto está relacionado a estarse listo o no para la experiencia del extrañamiento. Cabe a los proyectos de enseñanza de lenguas prever prácticas que tomen en cuenta estos factores.

En consecuencia, considero fundamental que la sensibilización a la discursividad sea un componente con espacio cada vez más creciente (en número de disciplinas y de horas dedicadas al tema) en la formación de profesores de lenguas. Muchos resultados en la pedagogía de lenguas son consecuencia de las *prácticas discursivas* en contexto pedagógico. Materiales

didácticos y otros recursos son factores que, evidentemente, merecen consideración por formar parte de las condiciones de producción discursiva de esas prácticas, pero su rol es secundario. El rol central es de los protagonistas de ese discurso. La sensibilización a la relación entre materialidad lingüística y procesos discursivos no sólo traerá beneficios para la comprensión y producción en lengua meta, sino también para que las disciplinas de lenguas extranjeras cumplan con su función, no menor, en la formación educativa integral de las personas.

Referências Bibliográficas

Authier-revuz, J. (1995) *Ces Mots qui ne Vont pas de Soi. Boucles Réflexives et Non-coïncidences du Dire*. Paris: Larousse.

Bakhtine, M. (1984) *Esthétique de La Création Verbale*. Traducción: Alfreda Aucouturier. Paris: Gallimard.

Brown, P. y S. Levinson (1978) Universals in language usage: Politeness phenomena. E. Goody (ed.) *Questions and Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press: 56-310.

_____ (1987) *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press.

Blum-kulka, S. (1987) Indirectness and politeness in requests: same or different?. *Journal of Pragmatics* **11**: 131-146.

Coste, D.(1995) Éveil, veille, vigilance. *Notions en Questions 1: L'Éveil au Langage* (Coord. D. Moore). Paris: Grenoble Didier Erudition: 5-23.

Courtine, J. J. (1981) Analyse du discours politique. *Langages* **62**. Paris: Larousse.

Dabène, L. (1994b) Le Projet Européen Galatea: Pour une didactique de l'intercompréhension en langues romanes. *Études Hispaniques* **22**. Aix-en-Provence: 41- 45.

_____ (1996) Pour une contrastivité 'revisitée'. *Études de Linguistique Apliquée* 104 – Comprendre les langues voisines. París: Didier Érudition: 389-400.

Da matta, R. (1989) A propósito de microescenas y macrodramas: notas sobre el problema del espacio y del poder em Brasil. *Nueva Sociedad*: 111-117.

Degache, C. (1996) La reflexión 'méta'de lecteurs francophones confrontés à l'asynchronie narrative d'un fait divers en espagnol. *Études de Linguistique Appliquée* **104**: 479-490.

DEGACHE, C. Y MASPERI, M. (1998) La communication plurilingue en toile de fond de l'entraînement à la compréhension des langues romanes. Grenoble, J. Billiez (org.) *De la didactique des langues à la didactique du plurilinguisme, hommage à Louise Dabène.*). Ed. du LIDILEM: 362-375.

FRASER, B. (1990) Perspectives on politeness. *Journal of Pragmatics* **14**: 219-236.

FOUCAULT, M. (1986) *La Arqueología del Saber*. México: Siglo XXI. (1ª edición francesa: 1969).

FUCHS, C Y LE GOFFIC, P (1983 e 1985) Ambiguité, paraphrase et interprétation (1re partie et 2me. partie). *Modèles linguistiques*. Lille: Presses Universitaires, **V, 2**: 109-136 e **VII, 2**: 27-52.

GROSSMANN, F. (1996) *Enfances de la Lecture. Manières de Faire, Manières de Lire à l'École Maternelle*. Bern: Peter Lang.

GU, Y (1990) Politeness phenomena in modern chinese. *Journal of Pragmatics* **14**: 237-257.

HAROCHE, C, HENRY, P Y PÊCHEUX, M (1971) La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. *Langages*, **24**. Paris: Didier-Larousse: 93-106 y también en Pêcheux, 1990c: 133-153.

HAWKINS, E. (1982) *Awareness of Language: an Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.

KASPER, G. (1990) Linguistic politeness: current reseach issues. *Journal of Pragmatics* **14**: 193-218.

KLEIMAN, A.B. (1995) O que é letramento? Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. A. Kleiman (org.) *Os Significados do Letramento: uma Nova Perspectiva sobre a Prática Social da Escrita*. Campinas: Mercado de Letras.

LEECH, G. (1983) *Principles of Pragmatics*. Londres: Longmans.

LEMOS, C. (1997) Native speakers' intuitions and metalinguistic abilities: what do they have in common from the point of view of language acquisition? *Cadernos de Estudos Lingüísticos* **33**: 5-14.

MAO, L. R. (1994) Beyond politeness theory: 'face' revisited and renewed. *Journal of Pragmatics* **21**: 451-486.

MATSUMOTO, Y. (1988) Reexamination of the universality of face: politeness phenomena in japanese. *Journal of Pragmatics* **12**: 403-426.

MEY, J. (1985) *Whose Language? A Study in Linguistic Pragmatics*. Amsterdam: Benjamins.

OBENG, S.G. (1996) THE proverb AS a mitigating and politeness strategy in Akan Discourse". *Anthropological Linguistics* **38**, 3: 521-549.

O'DONNELL, G. (1986) *Contrapontos, Autoritarismo e Democratização.* São Paulo: Edições Vértices.

ORLANDI, E. (1988) *Discurso e Leitura.* São Paulo y Campinas: Cortez y Ed. da Unicamp.

PÊCHEUX, M. (1988) *Semântica e Discurso.* Campinas: Editora da Unicamp.

_____ (1990a) 1. Análise automática do discurso y 2. A análise de discurso; Três Épocas. *Por uma Análise do discurso. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux.* Gadet e Hak (orgs.). Campinas, Ed. da Unicamp: 61-161 e 311-318.

_____ (1990b) *Discurso: Estrutura ou Acontecimento.* Campinas: Pontes.

_____ (1990c) *L'Inquiétude du Discours.* Paris: Ed. de Cendres.

REVUZ, C. (1998) A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. I. Signorini (org.) *Lingua(gem) e Identidade.* Campinas: Mercado de Letras: 213-230.

SERRANI-INFANTE, S. (1994) Análise de ressonâncias discursivas em microcenas para o estudo da identidade lingüístico-cultural. *Trabalhos em Lingüística Aplicada* 24. Campinas: 79-90.

_____ (1997) Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas. *D.E.L.T.A* **13.1**: pp. 63-81.

_____ (1998) Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. I. Signorini (org.) *Língua(gem) e Identidade.* Campinas: Mercado de Letras: 231-264.

SCHNELL, F. (1997) Discurso e mal-entendidos interculturais em português e alemão no âmbito empresarial. *Trabalhos em Lingüística Aplicada* **29**. Campinas: DLA-IEL: 37-50.

THOMAS, J. (1983) Cross-cultural pragmatic failure. *Applied Linguistics* **4.2**: 91-112.

TODOROV, Z. (1988) *Nous et Les Autres.* Paris: Éditions du Seuil.

WIERZBICKA, A. (1985) Different cultures, different languages, different speech acts: polish and english. *Journal of Pragmatics* **9**:145-178.

YU, M.Ch. (1999) Universalistic and culture-specific perspectives on variation in the acquisition of pragmatic competence in a second language, *Pragmatics* **9**, 2, pp. 281-312.

As Relativas que são Fáceis na Aquisição do Português Brasileiro

(The Acquisition of Relative Clauses in Brazilian Portuguese)

Maria Cecília Perroni
(Universidade Estadual de Campinas)

"O Panchico é aquele negócio que voa e que tem um bicho que pica." (T. 4;7)

Abstract: *The acquisition of Portuguese by two Brazilian children (aged 2;0 –5;0) is discussed in an attempt to describe and explain the first relative clauses produced in naturalistic, observational studies, according to the framework of generative syntax theory. The results show that at around 3;0: a) the child starts to deal with relative clauses as modifiers of N; b) cleft sentences appear before relative clauses, and c) the first relatives confirm the prevalence of the vernacular strategy of relativization in Brazilian Portuguese identified by other studies based on adult data.*
Key-words: *relative clauses, acquisition, first language, Brazilian Portuguese.*

Resumo: *A aquisição das orações relativas por duas crianças brasileiras (entre os 2;0 e os 5;0 de idade) aprendendo o Português Brasileiro como primeira língua é discutida, com o objetivo de descrever e explicar as primeiras relativas produzidas pelos sujeitos de estudos naturalistas, observacionais, à luz da teoria da sintaxe gerativa. Os resultados mostram que ao redor dos 3;0: a) a criança começa a construir as relativas como modificadoras do N; b) as clivadas antecedem a aquisição das relativas, e c) as primeiras relativas ilustram a estratégia vernacular de relativização do Português Brasileiro já identificada por outros estudos com dados de adultos.*
Palavras-chave: *orações relativas, aquisição, primeira língua, Português Brasileiro.*

BEST COPY AVAILABLE

Introdução

O título deste trabalho é propositadamente ambíguo. Uma de suas leituras corresponde à estrutura de uma sentença clivada, com redução de cópula, ou sem cópula, de acordo com o critério de Kato et alii (1996). Se presente, esta tanto pode ou não apresentar concordância, no caso da clivada com cópula invariante (Kato, 1993). Vejamos (1), (2) e (3) respectivamente:

(1) As relativas (é) que são fáceis na aquisição do Português Brasileiro.
(2) (São) as relativas que são fáceis na aquisição do Português Brasileiro.
(3) (É) as relativas que são fáceis na aquisição do Português Brasileiro.

Sentenças semelhantes a estas são de fato atestadas no registro falado espontâneo do Português Brasileiro, doravante PB (conf. exemplos encontrados em Kato et alii (1996)). Trata-se de construções muito freqüentes, apresentando cópula e focalização de um elemento da sentença.

O contexto em que tais sentenças poderiam surgir é o de um diálogo em que se discutem quais tipos de sentenças complexas são fáceis, ou difícieis, na aquisição do PB, quando um dos interlocutores opinaria: "São as relativas que são fáceis!", ou até mesmo numa contra-argumentação a uma suposição de que as relativas poderiam ser difíceis para as crianças pequenas.

As representações propostas para as sentenças acima, com base nos autores citados, são:

(1') [As relativas]$_{foc}$ que são fáceis na aquisição do PB.
(2') EXP. Ø são [as relativas] $_{foc}$ que são fáceis na aquisição do PB.
(3') EXP. Ø é [as relativas] $_{foc}$ que são fáceis na aquisição do PB.[1]

A outra leitura possível do enunciado título deste artigo corresponderia à estrutura de um DP complexo, com uma relativa propriamente dita.[2]

(4) [As relativas que são fáceis na aquisição do PB $_{DP}$] são o tema deste trabalho.

---

[1] A necessidade de se postular a existência de um expletivo nesses casos não será discutida aqui.
[2] Esta possibilidade é prevista nos títulos de palestras, ou textos, onde se apresenta de forma resumida o assunto sobre o qual o autor vai discorrer.

Sem entrar em maiores detalhes sobre as delicadas questões envolvidas nas propostas de representação das relativas (Corrêa, 1998), suponha-se, para o momento, que a representação mais adequada para o DP de (4) possa ser (4'):

(4') [As relativas $[_{CP\ C}$ que $_i$ $[_{TOP\ (\ )}[_{IP\ pro\ i}$ são fáceis na aquisição do PB...]]]]
DP

Esta análise, baseada em Kato (1993), assume que no PB as sentenças básicas contêm uma posição de tópico discursivo (ou "left dislocation"), o que condiz com a proposta já clássica de Pontes (1987) de que o PB é uma língua tanto de tópico, como de sujeito.

Ora, ambas as estruturas aqui propostas para os exemplos de (1) a (4) coexistem na gramática do PB adulto, o que explica a ambigüidade da sentença título deste trabalho, que tem como objetivo contribuir, com dados naturalistas, para um melhor entendimento da questão da aquisição das orações relativas.

A análise dos dados da produção espontânea é feita com base nos pressupostos teóricos da sintaxe gerativa, no modelo hoje conhecido como de Princípios e Parâmetros (cf. Chosmky 1981, 1986, Chomsky e Lasnik 1995) e tem como objetivos principais, além de descrever e explicar tais orações, ilustrar a relação existente entre as relativas e as sentenças clivadas, e comparar os resultados com as análises já feitas por outros autores brasileiros com dados de adultos. Será feita também uma comparação entre estes dados de produção e outros, de compreensão, no intuito de identificar suas semelhanças ou diferenças.

Os dados provêm de pesquisas observacionais, longitudinais, compondo um total de 192 sessões de gravações em áudio-tape da fala das crianças com um adulto interlocutor (aproximadamente 96 horas de gravações), entre os 2;0 e os 5;0 de idade.[3]

A aquisição do Português Brasileiro por essas mesmas duas crianças, um menino e uma menina, já tem sido objeto de estudo há alguns anos por diversos pesquisadores[4] quanto a outros aspectos de sua gramática e

[3] Dados do Projeto em Aquisição da Linguagem, do Departamento de Lingüística, IEL, Unicamp.
[4] Pesquisadores do DL, IEL, Unicamp.

mostram que essas crianças diferem entre si significativamente, com relação ao ritmo de seu desenvolvimento lingüístico, de forma geral. Com efeito, a menina (N) mostrou-se bastante precoce e tagarela desde o início, produzindo um corpus muito rico para a análise lingüística, enquanto o menino (T) demonstrou se aproximar mais do tipo chamado por Albano (1990) de "sonhador", ou seja, a criança que fala menos, quantitativamente, parecendo estar "testando" suas hipóteses lingüísticas cuidadosamente na mente, antes de se aventurar na produção. A escolha desses dois sujeitos diferentes foi bastante consciente e proposital: advém de resultados de pesquisas anteriores, em que se constatou que as diferenças individuais exteriores (ou de comportamento observável) são enganadoras: não significam diferenças qualitativas quanto a sua gramática internalizada (Perroni, 1997). Ou, em outros termos, do ponto de vista da sintaxe, as crianças sujeito são extremamente semelhantes, evidenciando a adequação de hipóteses inatistas da aquisição da linguagem, como aquelas advindas da teoria chomskiana da sintaxe (Chomsky, 1981, 1986).

A análise dos dados foi feita através de uma comparação com outras sentenças complexas produzidas pelas mesmas crianças no mesmo período de tempo e com os critérios de Tarallo (1983), Kato (1993) e Kato et alii (1996) referentes a tipos de relativização.

A importância da função adjetiva assumida por orações relativas já foi apontada por autores como Corrêa (1989), em seu experimento sobre a **compreensão** de tais construções por 60 crianças brasileiras entre os 3;0 e os 6;0 de idade. Segundo Corrêa (1989), mesmo as crianças mais novas em seu estudo (3;0 de idade) lidam com as orações relativas como modificadoras do N, não parecendo haver discrepâncias entre produção e compreensão, em suas palavras. Em 1983, Tarallo constatava a inexistência de estudos sobre a aquisição das orações relativas, situação que só agora começa a se alterar.

Dessa forma, o interesse deste estudo é prioritariamente a aquisição dessas construções pela criança pequena e não o papel que as orações relativas desempenham na teoria lingüística, conforme costumava acontecer, de acordo com Corrêa (1989).

Como já exposto em trabalho anterior (Perroni, 1997), as primeiras sentenças complexas das crianças sujeitos são as estruturas com coordenação (logo após os 2;0 de idade), seguidas das clivadas, concomitantemente

com as primeiras completivas com **que** aos 2;6 de idade. Vejamos alguns exemplos das clivadas:

(1) O papai que jogô fora... nu lichu... aqui. (N. 2;6)
(2) O papai que encheu. (N. 2;6)
(3) É eu que vô embrulhá pra você. (N. 3;6)
(4) T. que sabe. (T. 2;6)
(5) Só roda de jamanta que não tá. (T. 3;0)

Os exemplos acima podem ser interpretados como apresentando redução da cópula "Foi" (eg." Foi o papai que jogou fora...", "Foi o papai que encheu."), ou "É" (eg. "É T. que sabe.", "É só roda de jamanta que não tá."), o que se justifica também pela presença da forma hipotetizada em (3) e outras construções das crianças, da mesma época, como as seguintes:

(6) É este que é piga. ("piga" = espiga) (N. 2;6)
(7) Mas é pintinho que é piu-piu. (T.2;9)

Como se vê, trata-se de clivadas (construções É...que), que ora apresentam cópula invariante, ora omitem a cópula. São construções que salientam sintaticamente um constituinte como foco sentencial (cf. Kato et alii, 1996), neste caso, sempre o sujeito[5], como o ilustram os exemplos acima. No caso de presença da cópula, esta nunca apresenta concordância, confirmando os dados de adultos, do projeto NURC analisados por Kato et alii (1996). Este fato indica que esses elementos são movidos para uma posição A-barra. Dada a função focal do constituinte clivado, uma representação possível para os exemplos das crianças pode ser como segue, propondo-se uma posição de foco à esquerda:

(1') $[_{FocP}$ O papai$_i$ $[_{foc}$ que$[_{IP}$ t $_i$ jogou fora, no lixo, aqui.]]]

A alta incidência de clivadas nos dados pode ser entendida como parte de um fenômeno mais amplo, que é o da ativação das construções com focalização e topicalização. Em seu estudo com dados de um desses sujeitos (N), Grolla (2000) mostra que já aos 2;5 as primeiras construções de

[5] Há também nos dados clivadas de adjuntos.

topicalização/focalização começam a surgir. Adotando a teoria proposta por Rizzi (1997) para a análise das posições chamadas de periferia esquerda da sentença, Grolla descreve cuidadosamente o percurso da criança na aquisição dos diversos fenômenos relativos às estruturas de topicalização.[6]

Das clivadas às primeiras relativas o passo é curto, já que ambas apresentam derivações bastante semelhantes, se considerarmos a presença de fenômenos de topicalização na gramática da criança. Além disso, convém ressaltar que as crianças já dispõem de coordenadas bem antes das subordinadas, e ainda outras sentenças complexas, como algumas completivas. Quanto à coordenação, Kato (1981) relaciona a ela o fenômeno de relativização, através da existência de elipse, bastante comum nas coordenadas, permitindo a criação de categorias vazias.

As relativas começam a se manifestar nos dados de N. perto dos 3;0 de idade e quase aos 4;0 nos dados de T., a criança menos "falante".

Como já apontado por Pontes (1987), o PB falado é uma língua que faz uso de topicalizações bastante freqüentemente, o que certamente se reflete na gramática das crianças brasileiras.

Para a análise das relativas, basear-me-ei nos autores mencionados acima, que mostram que no PB falado, existem, ao lado da relativa padrão, típica da língua escrita, a relativa com pronome resumptivo, como em "O livro que as folhas dele estão rasgadas" (ex. de. Kato et alii, 1996), e a relativa cortadora, como em "O livro que as folhas estão rasgadas" (exemplo dos mesmos autores). A cortadora é a relativa chamada por Tarallo (1983) de "gap-leaving", ocorrendo em posição de sujeito e de objeto direto. A diferença entre as duas está na opção entre a presença, ou a elipse do pronome nos contextos de co-referência.

1. As relativas que são fáceis

A análise dos tipos de relativas encontrados nos dados até os 5;0 de idade de ambas as crianças explorou três tipos de fatores na sua aquisição, a saber: a função do SN da sentença matriz, que é relativizado; o tipo de relativa (se encaixada na S matriz, ou se ramificação à direita) e o traço [+ animacidade] do SN relativizado. Vejamos alguns dos exemplos:

[6] Para maiores detalhes, ver Grolla (2000).

(8) Come a pedrinha qui tá 'qui. (N. 2;11) (OS)[7]

(9) (Era) um gatinho piquinininho, que queria tanto a mamãe dele...(N.2.11) (SS)

(10) Tem um homem que faz barulho. (T. 4;0) (OS)

(11) Só que pula um pedaço que eu não sei contar (T.4;0) (OO)

Como se pode notar nesses exemplos, as posições relativizadas são as mais baixas na árvore: as de sujeito e objeto, as quais não envolvem nenhuma preposição. Em quase 100% dos dados é este o quadro: a posição do elemento relativizado é a mais próxima possível do relativo e até os 5;0 de idade o que surge são relativas que se constroem como ramificações à direita. Dessa forma, as construções das crianças são bastante simples, como se pode ver em suas representações, abaixo. Para sentenças como essas, segundo Corrêa (1998:142), baseada nos estudos de Kato (1993), há duas possibilidades de análise: uma correspondente a uma estratégia de relativização padrão (8'') e a outra a uma estratégia não padrão (8'):

(8') ...a pedrinha [$_{CP}$que $_{i}$ [$_{Top}$ (t)$_{i}$ [$_{IP}$ pro $_{i}$ tá ´qui.]]]

(8'') ...a pedrinha[$_{CP}$ que $_{i}$ [$_{IP}$ (t)$_{i}$ tá´qui.]]

A representação (8') propõe uma estrutura de topicalização, o que é relativizado é a posição de tópico, um deslocamento à esquerda. Esta análise aproxima tais relativas das demais construções das crianças, produzidas na mesma época, como se viu nos exemplos das clivadas, de (1) a (7). A estratégia (8'') relativiza a própria posição do argumento, não prevendo topicalização.

A hipótese de que a análise (8') é plausível para os dados das crianças pode também ser confirmada pela presença do pronome cópia em relativas de adultos e em algumas das primeiras relativas de PPs, como será visto a seguir. De acordo com Kato (1993), ao tratar as construções com deslocamentos à esquerda como predicações paratáticas de raiz (como as coordenadas), a aquisição das relativas (cortadoras, no caso) pode ser vista como uma simples extensão da sentença raiz. Parece ser isto o que ocorre nos

[7] Nessas notações, já empregadas por Corrêa (1989), o primeiro elemento refere-se à função gramatical do SN da S matriz, que é relativizado na relativa e o segundo corresponde à função que ocupa na relativa, (categoria vazia): S= sujeito e O= objeto.

dados infantis, o que se daria, seria, portanto, a relativização da posição deslocada, como se pode ver no percurso de a) a b):

a) A pedrinha $_{i,}$ ela $_{i}$ tá ´qui.
DE

b) A pedrinha [$_{CP}$que [t $_{i}$ [IP pro $_{i}$ tá qui]]]

Dessa forma, a análise que melhor pode refletir as construções das crianças sujeito é a da relativa não padrão, como se vê em (8'), admitindo-se assim a presença de um *pro* dentro de IP, o que será evidenciado com exemplos mais tardios das mesmas crianças. Esta análise é também mais condizente com a estratégia de relativização não padrão dominante no PB falado do adulto, que é o "input" da criança, conforme atestado, por exemplo, por Corrêa (1998).

Passando à análise da posição sintática da relativa em relação à sentença matriz, nos dados de T. 100% delas são ramificações à direita do objeto e nos de N. a grande maioria (92%) delas é do mesmo tipo, ao lado de apenas uns raros casos de encaixamento (8%), ou seja, ramificações à direita do sujeito, configurando um encaixamento central, como ilustrado nos exemplos abaixo:

(12) O pica-pau, que subiu no banquinho, abriu bem a tornera, ele caiu na água.
(N. 3;2) (SS)

(13) Olha, esse homem que tá parecido no jornal qui chama Jararara.
(N. 3;5) (SS)

Tem-se em (13) uma construção interessante: além da clivada com redução de cópula "(É) esse homem que chama Jararara", semelhante às primeiras construções da criança (cf. (1), (2) e (3)), encaixa-se aqui dentro da S matriz uma relativa de sujeito: "que está aparecendo (= "parecido") no jornal".

Estas porcentagens confirmam a maior facilidade da relativização à direita, conforme já apontado por Tarallo (1983) e Souza e Silva (1981), em análises de dados de adultos, podendo também confirmar o Princípio Operacional de Slobin (1985) "Forma Canônica da Oração", que prevê que se uma oração tiver que ser reduzida ou rearranjada, quando não está

atuando como uma sentença matriz, terá sua forma canônica privilegiada pela criança, nas primeiras tentativas. Segundo o autor, a marcação aberta de todos os participantes da oração é uma característica precoce e persistente da linguagem da criança. Isto é ilustrado em seu estudo interlingüístico através da exemplicação de "erros" infantis do tipo da manutenção de um pronome cópia. Tais "erros" são cometidos por crianças adquirindo o polonês, o hebraico e o turco, que são línguas nas quais as orações relativas se afastam das matrizes, como no turco, em que consistem de nominalizações debervais que perdem os verbos finitos e a marcação de casos das matrizes.

Passando ao terceiro fator analisado, referente à natureza semântica dos SNs relativizados, há também uma semelhança entre as primeiras relativas das crianças sujeito. Na análise dos SNs das sentenças matrizes foram considerados os traços /+ Humano/ / /- Humano/ e /+ Animado/ / /-Animado/, representando aqui os casos de /+ Animado/ a classe dos Animados não Humanos (como "jacaré", "cobra", etc).

Do total dos SNs em tal posição, nos dados de N., 64,5% são SNs [-Animado], apenas 13.5% são [+Animado] e 22% são [+Humano], enquanto que nos dados de T. 74% dos SNs relativizados apresentam o traço [-Animado] e 26% o traço [+Humano].

Como se pode notar, a porcentagem de SNs relativizados contendo o traço [-animado] é a que predomina nos dados de ambos os sujeitos, com números bastante próximos, apesar da grande diferença individual existente entre as duas crianças sujeito, já mencionada na introdução deste trabalho.

Num balanço entre esses números, portanto, obtém-se que aproximadamente 70% dessas primeiras relativas são construções em que a não animacidade do antecedente prevalece. Nos dados de ambos os sujeitos apenas uma porcentagem bem menos significativa desses SNs relativizados apresenta o traço [+Humano], restando apenas uma pequena porcentagem de SNs com o traço [+animado]. Tal resultado pode ser entendido como um reflexo das condições de eliciação dos dados aqui analisados: os contextos de interação livre entre adulto e criança, nos quais a manipulação de brinquedos (peças de jogos, pequenos animais de plástico) era predominante. A criança tende assim a focalizar SNs que fazem referência a objetos presentes no contexto imediato, ou a tematizar os próprios participantes da interação (ela mesma, ou o adulto).

Tarallo (1983), ao tratar dos fatores semânticos, também considera as características dos SNs cabeça de acordo com o traço /± Humano/ (além de singular vs. plural e definido vs. indefinido), quanto à presença ou não do pronome resumptivo, concluindo que o traço /+Humano/ favorece a presença do pronome, independentemente da função sintática do SN relativizado.

No caso aqui em estudo, a baixa ocorrência de relativas com resumptivo não confirma essa expectativa. Este fator não parece ter sido significativo neste estudo: ou seja, mesmo considerando os casos de SNs /+Animado/ (± Humano) relativizados, o fenômeno do resumptivo não foi freqüente em nenhuma das posições sintáticas, o que coincide com os resultados do estudo baseado em dados do NURC, feito por Kato et alii (1996). A explicação dada por aqueles autores para tal ausência se baseou no fato de os informantes terem escolaridade alta, além da baixa porcentagem de sintagmas preposicionais relativizados encontrados nos dados (apenas 17,5%, segundo Kato et alii, 1996:315).

Na verdade, as relativas copiadoras com pronome resumptivo, como já mencionado, são bem poucas nos dados, num total de apenas três ocorrências. Este resultado talvez possa ser explicado pelo fato de as funções relativizadas pela criança serem majoritariamente de sujeito (exs. (12), e (13)) e de objetos diretos (exs. (8), (10) e (11)), que são sintagmas não preposicionados em português. Com efeito, o objeto direto é a função que menos favorece o uso de resumptivos, como apontado pelos autores mencionados acima. Os únicos casos que não se enquadram nessas duas funções são ocorrências de complementos verbais preposicionais, ora com a preposição *com*, como em (14), ora com *de*, como em (15):

(14) (Conversei)[8] *com o homem* que tava aqui. (N. 3;2)

(15) Eu também não gosto *de jacaré*, nem *disso* que você falô. (N. 3;6)

As únicas ocorrências de relativas com pronome resumptivo encontradas nos dados são:

[8] Este constituinte se encontra entre parênteses por ter sido produzido em enunciado com uma pequena pausa entre o verbo e seu complemento, em resposta à pergunta da mãe: "Com quem você conversou"?

(16) Você queria a borsinha qui eu tava juntu cum *ela*? (N. 3;11)

(17) Eu vô no seu colo, porque lá tem aquela cobrinha que as muler dança *nela*. (N. 3;1)

(16) e (17) são exemplos semelhantes aos dos adultos, conforme atestado na literatura já mencionada (Tarallo, 1983; Kato, 1993).

Estes dados aqui analisados parecem confirmar a adequação da hierarquia de acessibilidade do SN de Keenam e Comrie (in Tarallo, 1983), da mesma forma que os estudos de Tarallo (1983), de Souza e Silva (1981) e de Kato et alii (1996). Tal proposta prevê que as posições sintáticas mais acessíveis a relativização seriam as seguintes: S (sujeito), OD (objeto direto), OI (objeto indireto), Obl.(oblíquo) e Genitivo, e de fato a grande maioria das relativas bem formadas neste estudo[9] é das posições de sujeito e de objeto direto. Sendo assim, uma vez que a presença do pronome resumptivo se justifica para mitigar esforço de processamento, então é mais esperável nas posições menos acessíveis, portanto, pouco prevista nos casos de sujeito e de objeto direto. Talvez seja esta a explicação mais adequada para a não confirmação da expectativa de Tarallo (1983) de que as primeiras formas de relativização a emergir na gramática da criança conteriam pronomes resumptivos.[10]

Uma análise adicional dos tipos de relativas produzidas pelas crianças sujeito em termos da distinção tradicional entre restritivas e apositivas/ explicativas, mostrou que a esmagadora maioria delas é de restritivas, apenas pouquíssimas podendo ser consideradas como explicativas, como a oração "qui num tá", encaixada na clivada "(foi) u meu pai qui falô", em (18):

(18) U meu pai, *qui num tá*, qui falô qui num tá suja. (N. 3;10)(SS)

Se a distinção entre restritiva e apositiva/explicativa se resumir a uma restrição do sentido do N antecedente, no primeiro caso, e ao acréscimo opcional de um atributo inerente, no segundo caso, como faz a gramática tradicional (cf.: Kury 1967), parece razoável supor que a prevalência das

[9] Saliente-se que não houve casos de relativas "mal formadas".

[10] Uma explicação alternativa para tal ausência dos resumptivos é oferecida por Grolla (2000) que, entretanto, não será discutida aqui.

restritivas se justifica pela própria função da relativa, de **modificar** um N, introduzindo assim propriedades transitórias aos referentes dos SNs, ou seja, informação nova, do ponto de vista semântico/discursivo. O fenômeno de predomínio das restritivas é também atestado em adultos, de acordo com o estudo de Kato et alii (1996), com base em dados do NURC. O fato dessas relativas restritivas contribuírem com informação nova é mais um ponto em comum com as sentenças clivadas, que são casos de focalização (nos dados infantis, sempre informação nova).

Retomando todos esses fatores, vê-se que a facilidade dessas primeiras relativas pode ser explicada por sua semelhança estrutural com as clivadas, que as precedem temporalmente, ambas originando de estruturas com constituintes deslocados à esquerda, já presentes na gramática das crianças.

Em sua proposta de descrição da periferia esquerda da sentença, Rizzi (1997), trabalhando com dados de diversas línguas, especialmente do italiano, integra no sistema de Força e Finitude as posições de Foco e de Tópico. Segundo o autor, uma vez que FocP ou TopP são ativadas, estarão inevitavelmente entre Força e Finitude, que são os dois extremos do sistema C, tal como propõe:

...Force...(Topic) ...(Focus)...FinIP... (Rizzi, 1997:7)

Se se assume tal hipótese como válida, FocP seria então uma posição bastante acessível para a criança, logo acima de IP, que obviamente já está presente na gramática dessas crianças. É exatamente isso o que ocorre nos dados: as clivadas são estruturas que focalizam um constituinte, introduzindo informação nova, com intonação bastante marcada, e surgem um pouco mais cedo que as relativas. As semelhanças estruturais entre Foco e Tópico são grandes; Rizzi (1997) propõe que o mesmo esquema configuracional dá conta de ambos.

Quanto ao Tópico, é um elemento que normalmente expressa informação velha, já disponível em falas anteriores (tanto do falante, como do ouvinte). Ao contrário de Foco, que tem uma posição estrutural única, uma oração pode conter mais de um Tópico, já que argumentos e adjuntos podem igualmente ser topicalizados. A explicação para a precedência de Foco nos dados infantis pode então ter origem tanto neste fato sintático (uma só posição estrutural), como também no fato (pragmático/discursivo) de Tópico re-introduzir informação velha.

Um argumento a mais a favor da facilidade das primeiras relativas é o fato, a princípio intrigante, de que toda sentença complexa que contém mais de duas orações, nos dados de ambos os sujeitos, obrigatoriamente traz uma relativa (excluindo-se aqui o caso das coordenações). Alguns exemplos de T. podem ilustrar isso, além de abundantes exemplos de N., como (12), (13) (17) e (18):

(19) Eu passo tinta, que tem aquela tinta *que passa por cima da outra*. (T. 4;7)

(20) A B., mãe, ela ficou sem, ela num quiria ir lá na piscina, é porque ela não sabia que era o lugar de descê, era um cantinho *que tinha uma pedra* pra descê. (T. 4;10)

Em outros termos, a capacidade de gradualmente estender o limite de apenas duas orações, nas sentenças complexas da criança, é significativamente "facilitada" através de coordenações, das clivadas, e das relativas de sujeito e de objeto.

A análise das relativas da forma proposta por Kato (1993), aqui adotada, é bastante simples, porque defende que há relativização do tópico da sentença, aliado ao fato de que, sendo assim, o pronome relativo é sempre o mesmo para todas as funções relativizadas. Não há, portanto, indicações de que as relativas seriam, à princípio, difíceis na aquisição do PB.

2. As relativas que são "difíceis"

A literatura sobre a aquisição do PB dispõe ainda de poucos estudos sobre a produção de orações relativas por crianças pequenas. Por outro lado, existem já há alguns anos estudos psicolingüísticos de compreensão de relativas. Estes mostram que as crianças brasileiras podem ter alguma dificuldade com algumas delas, da mesma forma que é sabido que na aquisição da escrita o domínio de certas relativas da norma culta é particularmente tardio. São essas relativas "difíceis" que esta seção é dedicada, com o objetivo de comparar alguns daqueles resultados com os de produção espontânea, como os deste estudo.

Começando com os estudos de compreensão de orações relativas já realizados com dados de crianças adquirindo o Português Brasileiro como língua materna, nota-se que todos mencionam que as crianças pequenas

têm algumas dificuldades de processamento de sentenças complexas que contêm relativas.

Em 1979, Iha concluiu um experimento com 33 crianças brasileiras entre os 3;0 e os 6;0 de idade, em ambiente escolar (escola particular), testando sua compreensão de orações relativas. O procedimento adotado foi o de levar a criança a realizar em ações, com brinquedos de plástico representando animais, a informação veiculada por orações relativas produzidas pelo pesquisador, além de uma tarefa de repetição das mesmas orações.

Na avaliação de seus resultados, a autora afirma que houve uma tendência geral das crianças de repetir as sentenças como coordenadas, o que para ela poderia indicar o não processamento do pronome relativo pela criança. Entretanto, sua afirmação de que aquelas crianças não dominavam as relações de subordinação (cf.: Iha 1979:80) é em seguida revista pela autora, que constata que aquelas crianças de fato conheciam a função anafórica do relativo.

Na interpretação de seus resultados, a própria autora do experimento acima prevê que eles poderiam ser devidos às limitações do método experimental, já que "a repetição de orações... não permite que se atribua a esses enunciados uma função nem ao menos referencial" (cf.: Iha 1979:63).

Como visto na seção anterior, dados de crianças brasileiras ao redor dos 3;0 confirmam a presença das relativas na produção espontânea. As dificuldades encontradas pelos sujeitos de Iha (1979) reaparecem nos demais experimentos já realizados e não se devem somente à artificialidade da situação de experimentação, o que em si já tem sido admitido (como em Corrêa 1989 e 1996).[11]

Analisando os resultados de Iha (1979), note-se que os exemplos daquele experimento envolviam na construção complexa três SNs diferentes, todos com os traços [+animado], [- humano] (*urso, cavalo, elefante, girafa*), os quais poderiam, a princípio, perfeitamente preencher tanto a posição sujeito, como a de objeto dos verbos (transitivos, de dois lugares), tanto da sentença matriz, como da relativa (*empurrar, seguir e pular*).

[11] Em seu texto de 1996 a mesma autora discute os méritos e limitações dos testes experimentais tendo em vista modelos de aquisição da gramática, comparativamente a modelos psicolingüísticos de processamento.

Retome-se um exemplo de sentença SS da autora: "O urso que empurrou o cavalo seguiu o elefante". Neste caso, *urso* é sujeito tanto da sentença matriz, como da relativa (na *cv*), mas *cavalo*, o SN objeto da relativa, poderia perfeitamente, do ponto de vista sintático e semântico, preencher a posição de sujeito do verbo da matriz: *seguir*. Ou seja, nada impediria que a criança reagisse ao estímulo fazendo o objeto *cavalo* seguir o objeto *elefante*, resultado que teria que ser interpretado como inadequado, do ponto de vista da relativa oferecida, aumentando assim o total das sentenças não compreendidas.

Tais dificuldades são enfrentadas no experimento de Corrêa (1989), que parte de uma crítica aos experimentos tradicionais de compreensão que, em suas palavras, "pouco contribuem para um entendimento do processo pelo qual a habilidade de compreender estas sentenças é adquirida" (Corrêa, 1989:135).

Ao criticar os experimentos clássicos, propõe uma tarefa alternativa; criar uma contextualização para o uso das relativas, o que foi feito com brinquedos representando animaizinhos que "praticavam" ações diferentes. As crianças deveriam executar as ações com os brinquedos, depois de ouvir as sentenças com relativas. A autora testou 80 crianças dos 3;0 aos 6;0 de idade, com sentenças do tipo: SS, SO, OS e OO.

Entre suas conclusões, observa que o desempenho das crianças se estabiliza a partir dos 5;0, quando a porcentagem de respostas corretas aumenta, principalmente nas sentenças contendo um SN não animado. Neste aspecto, tais dados coincidem com os deste estudo baseado em dados de produção e com os de Da Matta (1999), comentado a seguir.

Segundo Corrêa, as sentenças do tipo SO são as mais difíceis, essas maiores dificuldades são consideradas como tendo origem na sobrecarga que tais sentenças impõem à memória. O mesmo pode ter ocorrido no estudo de Iha (1979), o que explicaria seus resultados negativos.

Mesmo sendo difícil comparar dados obtidos através de metologias radicalmente diferentes, com objetivos diferentes, vale a pena retomar a natureza das relativas daqueles experimentos.

Os autores citados trabalham com sentenças contendo três SNs diferentes, como: "O cavalo que pulou a cerca derruba a galinha". Do total

dos SNs de todas as sentenças testadas, quatro apresentam os traços semânticos [+ animado], [- Humano], a saber: *cavalo, galinha, carneiro* e *porco* e dois o traço [- animado] (*cerca* e *capim*). Quanto aos verbos, transitivos de dois lugares, todos s-selecionam sujeitos [+animado], [± Humano] a saber: *pular, derrubar, empurrar, comer.* Isto significa que qualquer um dos quatro SNs [+animado] das sentenças do experimento potencialmente poderia preencher a posição de sujeito de qualquer um dos verbos, o mesmo não ocorrendo com os de traço [-animado].

Quanto aos argumentos internos, três dos verbos são compatíveis com qualquer um dos SNs, à exceção de *comer*, que (nos experimentos) só admite o SN *capim* como seu objeto.[12] Em outras palavras, a própria estrutura argumental daqueles verbos prevê a probabilidade gramatical das sentenças tanto matriz, como relativa, tanto do experimento dado, como das outras combinações com os demais SNs, como o fizeram algumas das crianças em sua interpretação inesperada do estímulo dado.

Sendo assim, as dificuldades envolvidas na compreensão daquelas sentenças aumentam, em contraste com a facilidade de produção das primeiras sentenças com relativas que, em geral, contêm apenas dois SNs diferentes. Uma análise dos verbos dos dados de produção mostra que alternam-se ali os casos de cópula, ou do existencial *Ter* , com verbos de ação, ora na sentença matriz, ora na relativa, de modo que a produção final não deixa margem a outras interpretações possíveis, conforme pôde ser visto nos exemplos aqui expostos.

Em outro experimento recente, Da Matta (1999) retoma a questão da compreensão das relativas, testando o desempenho de 15 crianças entre os 8;0 e os 15;0 de idade, da 1ª à 4ª séries do primeiro grau de uma escola estadual, crianças aquelas consideradas como "alunos problema". Tais resultados foram comparados com um outro grupo de crianças da mesma escola ("normais"), o chamado "grupo de controle".

Da Matta (1999) testa dois blocos de sentenças: sentenças dos "bichinhos", inspiradas no trabalho original de Corrêa (1989) e sentenças (seu

[12] A esse respeito, é interessante salientar aqui o ex. (8), de N., em que a criança chega até a produzir espontaneamente um enunciado que, a princípio, poderia ser considerado não aceitável, exatamente por violar a s-seleção do verbo *comer.* Entretanto, se se considera o contexto lúdico em que tal enunciado foi produzido, a liberdade de combinações possíveis (gramaticais) e aceitas pelo adulto é ainda maior.

chamado "segundo bloco") com SNs com traço [+humano], como: "O menino que chamou a menina abriu a porta". O teste de compreensão foi feito através de perguntas, após a leitura das sentenças com relativas. Para a sentença "O cavalo que pulou a cerca derruba a galinha", pergunta-se: "quem pulou a cerca?". A resposta, segundo a autora, permitiria verificar o preenchimento do SN relativizado, além da pergunta "Quem derruba a galinha?", que permitiria verificar a compreensão da estrutura da sentença matriz. Os grupos de fatores testados foram: o preenchimento da categoria vazia na oração relativa, a animacidade do antecedente, e a restritividade.

Em suas conclusões dos resultados obtidos, afirma a autora que o índice de acerto foi maior no preenchimento da categoria vazia na posição de objeto, ao contrário de sua expectativa de que as relativas com categoria vazia na função de sujeito teriam um melhor desempenho.

Com relação à animacidade do antecedente, confirma os resultados de Corrêa (1989), já que o índice de acertos com o fator [+animado] foi menor do que o do acerto das relativas com SN [-animado]. De fato, Corrêa (1989) já havia previsto que este fator é significativo: as sentenças com dois SNs [+animado] e um SN [-animado] são de compreensão mais fácil do que as sentenças com três SNs, todos [+animado].

Quanto ao fator restritividade, afirma Da Matta (1999) que pareceu não interferir na compreensão das sentenças nos dois grupos de sujeitos, o que poderia contrariar, segundo a autora, a hipótese de que as relativas encaixadas centrais seriam mais difíceis à compreensão dos sujeitos do que as ramificações à direita. De fato, isso não é confirmado nos dados de produção como os deste estudo, em que as ramificações à direita (sem encaixamento na S matriz) predominam de forma quase absoluta.

Em sua interpretação de alguns de seus resultados, Da Matta (1999:119) considera que algumas diferenças de desempenho dos entrevistados "extrapolam a questão sintática". A autora comenta que os resultados diferiam quando se tratava de sentenças do primeiro grupo (aquelas dos "bichinhos"), em comparação com as sentenças do segundo grupo (aquelas com SNs [+Humano]). A interpretação da autora é que as primeiras seriam "bizarras" , apesar de ambas conterem a mesma organização estrutural, as do segundo tipo estariam "mais próximas a situações vivenciadas pelos entrevistados" Da Matta (1999:120).

Independentemente dessa possibilidade, que teria origem na metodologia adotada, convém observar que nas sentenças do grupo 1 da autora, o mesmo fenômeno relativo à estrutura argumental dos verbos se repete. Em todos os casos havia mais de um SN potencialmente adequado para o preenchimento, tanto do argumento interno, como do externo.

Apesar de se basear em dados como estes, de compreensão, a autora afirma que construções com relativas "não aparecem, ou aparecem esporadicamente, em dados de produção, dada a possibilidade das mesmas serem substituídas por estruturas mais simples." (Da Matta, 1999:147). Entretanto, tal conclusão contraria as descobertas de estudos baseados em dados naturalistas, observacionais, como os aqui explorados, em que as relativas têm um papel importante na expansão dos enunciados infantis desde os 3;0 de idade.

Relativas "difíceis" são obviamente aquelas de sintagmas preposicionais consideradas como "padrão" na bibliografia sobre o tema (cf. estratégia 8'', mencionada na seção 1). Sabe-se que na língua falada, registro informal, elas praticamente inexistem nos dias atuais. Sua dificuldade é clara quando se considera a aquisição da escrita.

Isto foi demonstrado por Corrêa (1998)[13], que em seu longo estudo variacionista elaborou também uma avaliação de 50 narrativas orais e 45 escritas coletadas entre escolares do primeiro grau (da 1ª à 8ª série, escola pública) e informantes adultos não escolarizados. Um de seus métodos para coleta dos dados foi apresentar uma peça de teatro encenada apenas com gestos, para que os informantes reproduzissem em textos (falados, bastante informais, ou escritos) o que haviam visto.

A principal hipótese da autora, confirmada no final da pesquisa, é de que a educação formal desempenha um papel importante na variação das estratégias de relativização do PB.

Além daqueles dados, a autora comparou-os com dados de alunos do segundo grau (adolescentes e jovens), através de 90 exercícios de preenchimento de lacunas e produção livre com paráfrases. Analisou ainda dados de 15 inquéritos do NURC com adultos escolarizados.

Seu objeto de estudo são as relativas preposicionais, aqui não tratadas, por sua quase total ausência nos dados da língua falada das crianças peque-

[13] Embora haja coincidência de sobrenomes, note-se que são duas autoras diferentes.

nas. A autora compara as estratégias de relativização, tanto vernacular como padrão, segundo o critério de Tarallo (1983).

Entre seus resultados, ressalte-se que tanto os dados dos alunos do primeiro grau como os dos informantes adultos não escolarizados mostram que os mesmos usam apenas a relativa sem a preposição (estratégia vernacular), enquanto que todos fazem bastante uso das relativas de sujeito e de objeto, já presentes desde a infância, como comprovam também os dados deste estudo.

Corrêa (1998) conclui seu estudo confirmando a hipótese de que é somente no segundo grau que os jovens brasileiros vão aprender a relativa padrão, com pronome relativo e preposição.

Segundo a autora, mesmo nas relativas não preposicionais, como as de sujeito e de objeto, no vernáculo, em todas as relativas, o que se relativiza é a função de tópico, como o aqui proposto (seção 1).

3. Conclusões

De acordo com o exposto nas seções precedentes, os dados de produção espontânea falam a favor da facilidade da estratégia de relativização vernacular no PB falado, proposta por Kato (1993) e Kato et allii (1996), estratégia esta encontrada nos dados espontâneos de crianças ao redor dos 3;0 de idade. Assim, as primeiras relativas apresentam derivação semelhante à das sentenças clivadas e são bastante produtivas nos dados de crianças pequenas, mesmo aquelas crianças diferentes entre si, quanto ao ritmo de seu desenvolvimento lingüístico (cf. seção 1) De fato, a expansão dos enunciados infantis deve muito aos processos de coordenação, de clivagens e de relativizações, como se procurou demonstrar aqui.

Por outro lado, persistem até quase a idade adulta dificuldades com relação ao domínio da chamada relativa padrão, como o estudo de Corrêa (1998) pode comprovar, ao lado das dificuldades de compreensão de algumas relativas, como os demais estudos vistos na seção 2 podem mostrar.

Como sempre, os fatos de aquisição, comparando-se produção com compreensão, não são nunca tão simples como o pesquisador gostaria que fossem, mas, para seu desgosto, muitas vezes resistentes às suas expectati-

vas. Alguns chegam mesmo a ser céticos sobre a possibilidade de dados de produção poderem ser comparados àqueles de compreensão. Entretanto, a teoria da gramática não se propõe como um modelo explicativo de apenas um desses lados do complexo fenômeno da linguagem, podendo contribuir para um entendimento dos fatores envolvidos nos dados lingüísticos oriundos de ambas as circunstâncias.

Como se pretendeu mostrar neste estudo, há relativas que são "fáceis" e há as que são "difíceis" na aquisição do PB, estas até mesmo para adultos.[14] Identificar – e separar – essas duas possibilidades nos dados de crianças, ou adolescentes, são tarefas que dependem não só da metodologia adotada na pesquisa, do tipo da pesquisa (se sobre gramática, se sobre processamento)[15], como também de uma minuciosa análise da estrutura dos diversos tipos de relativas, e de suas inter-relações com outros fenômenos coexistentes (e contemporâneos durante a aquisição) na gramática dos sujeitos de cada pesquisa.

No caso das sentenças complexas com relativas, o uso de uma ou outra estratégia (vernacular, ou padrão), a estrutura argumental dos verbos (tanto da sentença matriz, como da relativa), aliada à quantidade e natureza semântica dos SNs presentes, são fatores importantes, quer para a sua facilidade, quer para sua dificuldade.

Referências Bibliográficas

Albano, E.C. (1990) *Da Fala à Linguagem, Tocando de Ouvido*. S. Paulo: Ed. Martins Fontes.

Chomsky, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Foris

_____ (1986) *Knowledge of Language Its Nature, Origin and Use*. N.Y.: Praeger.

Chomsky, N. e H. Lasnik (1995) The theory of principles and parameters. In: Chomsky, N. (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge: The MIT Press.

Corrêa, L. M. S. (1989) Porque as relativas são de difícil compreensão para a criança? *D.E.L.T.A.*, 5.2:133-148.

[14] Retome-se, para isso, o estudo de Corrêa (1998) que analisa dados até de adultos escolarizados.

[15] Como bem aponta Corrêa (1996), já comentado anteriormente.

_____ (1996) Dificuldades e potencialidades do uso do método experimental no estudo da aquisição da linguagem In: M.F. de CASTRO (org.) *O Método e o Dado no Estudo da Linguagem*. Campinas: Ed. da Unicamp.

CORRÊA, W. R. (1998) *Oração Relativa: O que se Fala e o que se Aprende no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. DL., IEL, Unicamp, Campinas.

DA MATTA, S.S. (1999) *Um Estudo sobre a Compreensão de Orações Relativas com Crianças em Idade Escolar*. Dissertação de Mestrado, Univ. Federal do Paraná, Curitiba.

GROLLA, E. B. (2000) *A Aquisição da Periferia Esquerda da Sentença em Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. DL. IEL, Unicamp, Campinas.

IHA, S. (1979) *Compreensão de Orações Relativas por Crianças de três a seis anos*. Dissertação de Mestrado. DL., IEL, Unicamp, Campinas.

KATO, M. A . (1981) Orações relativas: variação universal e variação individual no Português. *Estudos Lingüísticos* V: 1-16. PUC- São Paulo.

KATO, M. A. (1993) Recontando a estória das relativas. In: KATO, M.A. e I. ROBERTS (eds.) *Português Brasileiro: Uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp.

KATO, M. A., M.L. BRAGA, V.R. CORRÊA, M.A. LOPES ROSSI, N.S. SIKANSI (1996) As construções -Q no português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. In: KOCH, I. G.V. (org.) *Gramática do Português Falado Vol. VI. Desenvolvimentos*. Campinas: Ed.da Unicamp.

KURY, A. da G. (1967) *Lições de Análise Sintática*. S.P.- R.J.: Ed. Fundo de Cultura.

PERRONI, M.C. (1996) Primeiras sentenças complexas na linguagem da criança. *Estudos Lingüísticos*. Vol. **XXVI:** 709-715. Unicamp, Campinas

_____ (1997) Relatório ao CNPq. de bolsa de produtividade em pesquisa.

PONTES, E. (1987) *O Tópico no Português do Brasil*. Ed. Pontes, Campinas.

RIZZI, L. (1997) The fine structure of the left periphery. In: L. HAEGEMAN (ed.) *Elements of Grammar*. Kluwer Academic Press.

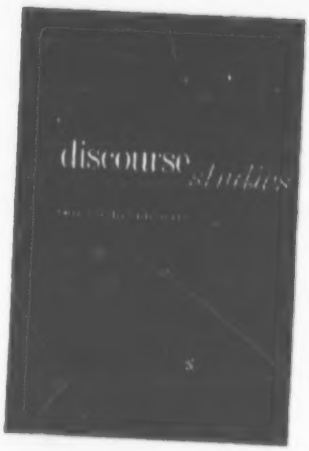
SLOBIN, D. I. (1985) *The Cross-Linguistic Study of Language Acquisition*. LEA. Hillsdale, N.J.

SOUZA E SILVA, M.C.P. (1981) *Orações Relativas: Dificuldades na Produção Escrita*. Tese de Doutorado, PUC /SP.

TARALLO, F.L. (1983) *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado, Universidade da Pensilvania.

Free online sample now available on our website!

Discourse Studies



An Interdisciplinary Journal for the Study of Text and Talk

Editor **Teun A van Dijk** *University of Amsterdam, The Netherlands*

Discourse Studies is a multidisciplinary journal for the study of text and talk. Supported by an internationally renowned Editorial Board, it publishes outstanding work on the structures and strategies of written and spoken discourse.

While contributing to new developments at the cutting edge of theory and method, its articles are also accessible to students and other newcomers to each of its areas of specialization.

Stimulating international debate...

Discourse Studies stimulates debate in the field by publishing discussion articles and squibs. Reviews of new books are also a regular feature.

Intended as a broadly conceived forum for the best international work on discourse in any field and specialization, *Discourse Studies* focuses particularly on cross-disciplinary studies of text and talk in linguistics, anthropology, ethnomethodology, cognitive and social psychology, communication studies and law.

Articles that specifically deal with critical socio-political issues continue to be published in Sage's companion journal *Discourse & Society*.

Quarterly: February, May, August, November
(ISSN: 1461-4456) Introductory Rate for Individuals £31/US$48
(Usual Rate £39/US$61) Institutional Rate £218/US$342

SAGE Publications, 6 Bonhill Street, London EC2A 4PU, UK
Subscription Hotline +44 (0)20 7330 1266 / Email: subscription@sagepub.co.uk

Sage Publications online: **www.sagepub.co.uk**

BEST COPY AVAILABLE

O Advérbio *Então* já se Gramaticalizou como Conjunção?*

(Has the Adverbial *Então* already become Grammaticalized as a Conjuction?)

Erotilde Goreti Pezatti
(Universidade Estadual Paulista-SJRP)

Abstract: *This study consists of an examination of the connector* então *in Brazilian formal spoken Portuguese. The objective is to arrive at a detailed description of the syntatical and semantic behavior of this joining word and to ascertain whether it has already become grammaticalized as a conjunction. The research base is a sample of the minimum* corpus *of the Spoken Portuguese Grammar Project (PGPF). The text is organised in four parts. In the first, the objectives are set out in relation to the hypotheses underpinning the work; on the second, the methodological procedures and investigative techniques are presented; the third part consists of a description of the use of this conector in spoken Portuguese, and the concluding remaks summarise the principal consequences for a more precise equating of the conclusive relationship obtained by means of the connector* então.
Key-words: *conclusive conjunction, gramaticalization, então, logo.*

Resumo: *Este estudo limita-se ao exame do conector* então *no português falado culto do Brasil. O objetivo é fornecer uma descrição detalhada do comportamento sintático-semântico desse juntor e verificar se já se gramaticalizou como conjunção. O universo de pesquisa é uma amostragem do* corpus *mínimo do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF). O texto se organiza em quatro partes. Na primeira colocam-se os objetivos em face das hipóteses de trabalho; na segunda apresentam-se os procedimentos metodológicos e técnicas de investigação; a terceira parte constitui uma descrição do uso desse conector no português falado e, nas considerações finais, resumem-se as principais conseqüências para um equacionamento mais preciso da relação de conclusão obtida por meio do conector* então.
Palavras-chave: *conjunção conclusiva, gramaticalização, então, logo.*

---

* Este texto é uma adaptação do trabalho de pesquisa desenvolvido para o Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), já concluído, intitulado *Construções conclusivas no português falado*, a ser publicado no v. 8 da *Gramática do Português Falado*, organizado por ABAURRE. Agradeço as críticas e sugestões dos pareceristas anônimos, que me permitiram rever alguns pontos obscuros; os que ainda permanecerem são de minha inteira responsabilidade.

Introdução

Uma categoria lingüística que exemplifica bem o princípio da não-biunivocidade entre forma e função é o das conjunções. Em razão disso, é pouco clara a delimitação do conceito nas gramáticas do português, que freqüentemente esbarram na falta de critérios claros e explícitos de delimitação e na indicação de subcategorias bem definidas. A falta de correspondência entre as relações de dependência semântica e dependência sintática tem motivado um tratamento escalar e não discreto para a classe (Halliday, 1985; Lakoff, 1984), e sua interação com determinações discursivas (Matthiessen & Thompson,1988) aponta para o caráter multifuncional da conjunção em função de seu uso nos domínios referencial, epistêmico e ilocucional (Sweetser, 1991). Além desse carácter escalar e multifuncional, é possível questionar a própria noção de conjunção, quando se trata, especificamente, do nexo conclusivo: a relação se estabelece mediante o uso de advérbios ou de verdadeiras conjunções?

Um problema a mais nesse âmbito específico da relação conclusiva é a escassez de trabalhos especializados. Geralmente os estudos sobre conjunções ou operadores argumentativos se restringem a *e*, *ou* e *mas* e aos operadores de causa/explicação. Informações mais específicas sobre as conclusivas, obtêm-se, ainda que rarefeitas, nas gramáticas tradicionais, cujos critérios, sabe-se bem, nem sempre são definitivos, tornando-se, por isso mesmo, pouco operacionais.

Pareceu-nos, assim, que, na busca de clareza e precisão de critérios que possibilitem esclarecer se o nexo conclusivo estabelecido por *então* é de fato efetuado por uma verdadeira conjunção, o melhor percurso é verificar o comportamento sintático-semântico desse operador, mediante alguns critérios que definem o que chamamos de conjunção. O objetivo final é fornecer indicações funcionais das expressões com *então* no português falado que manifestam o nexo conclusivo.

Este texto se organiza em quatro partes. Na primeira, colocam-se os objetivos em face das hipóteses de trabalho; na segunda apresentam-se os procedimentos metodológicos e técnicas de investigação; a terceira parte constitui uma descrição dos resultados do levantamento e, nas considerações finais, resumem-se as principais conseqüências que permitem um equacionamento mais preciso da relação de conclusão obtida por meio do conector *então*.

1. Hipóteses e proposta de trabalho

De acordo com Ilari (1996b), é sabida a dificuldade de distinguir de maneira estanque as noções que seriam recobertas pelas várias classes de conjunções subordinativas, noções que freqüentemente se imbricam reciprocamente. O conceito de causa, por exemplo, envolve anterioridade no tempo e condição; assim não estranha que o locutor possa, ao explicitar uma relação cronológica entre dois fatos, implicitar que eles se relacionam causalmente. Também não estranha que a causa possa formular-se como uma condição.

As conjunções exibem ainda um outro tipo de sincretismo, mais sutil, que resulta da confusão entre o *dictum* e o *modus*; em outras palavras, resulta de confundir uma relação objetiva entre fatos que "existem no mundo", com uma relação entre momentos de uma argumentação. Muitas vezes os fatos e a argumentação têm orientações opostas. Assim um conectivo pode desenvolver um valor tipicamente argumentativo em paralelo a um valor denotativo definido sobre uma realidade externa à linguagem. Um exemplo disso é o operador *então*, que geralmente anuncia não só uma conseqüência factual, mas também uma conclusão do falante.

Assim uma mesma conjunção pode ser usada para formular um conteúdo (nível do *dictum*) ou para pontuar um processamento textual (nível do *modus*). Não se pode concluir, no entanto, que haveria correspondência biunívoca entre coordenação e subordinação de um lado e *dictum* e *modus* de outro, mas devemos analisar nesses dois níveis qualquer ocorrência de conjunção. Pode-se dizer que esses dois níveis se correlacionam ao que Halliday & Hasan (1976) entendem por função ideacional e função interpessoal da linguagem. No primeiro, as predicações coordenadas constituem eventos e a coesão que flui naturalmente da relação conjuntiva deve ser interpretada como significados, entendidos como a representação da realidade externa, que o falante experiencia; no segundo, constituem eventos lingüísticos, já que se referem à organização que o falante imprime a seu discurso, caso em que a coesão deve ser interpretada como uma relação entre significados, entendidos como a representação que o falante elabora da situação de interação. Neves (1997) acrescenta ainda que a noção de causalidade só pode ser investigada com relação à organização do discurso, aí incluídas todas as questões ligadas à distribuição de informação e à orientação argumentativa.

Neste estudo, consideraremos, como hipótese a ser investigada, a possibilidade que a construção conclusiva com *então* sustenta de, além de exprimir o nexo semântico de causa-conseqüência (*dictum*), estabelecer uma relação de implicação entre a proposição antecedente e a conseqüente, ou seja, exprimir uma relação de inferência entre proposições, em que a primeira é uma das premissas e a segunda, a conclusão (*modus*).

Outro aspecto que se deseja investigar é se o português conta realmente com uma conjunção *então* legítima. A esse propósito, Carone (1988:58-9) afirma que as conjunções são geralmente expressões que deslizaram de um estatuto de advérbio para o de conjunção. Seu valor de origem perdura na mobilidade de que são dotadas, mais caracterizadora do advérbio. Os operadores que atuam como elementos de coesão entre partes de um texto, como *além disso, apesar disso, em vez disso, pelo contrário, ao contrário, ao mesmo tempo, desse modo, assim, então, aliás,* situam-se na faixa de transição de advérbio para conjunção. Como termos híbridos, participam da natureza do advérbio e da natureza da conjunção: exprimem circunstâncias várias, mas comportam-se como elementos de coesão, a caminho de cristalizarem-se, ou, preferencialmente, gramaticalizarem-se como conjunções coordenativas. É fundamental percebermos que esse valor coesivo advém de seu caráter anafórico, explícito ou implícito.

Carone defende a idéia de que a conjunção coordenativa integra a segunda oração coordenada, pois o processo de coordenação de orações ocorre de acordo com as seguintes etapas:

a) um termo de valor adverbial, pertencente à estrutura da segunda oração coordenada, reitera a primeira oração como um todo;

b) esse termo é, portanto, um representante da primeira oração dentro da segunda;

c) esse circunstante entra em processo de cristalização, no decorrer do qual se desvanece paulatinamente a noção de que ele é uma anáfora da oração inicial;

d) ao mesmo tempo ganha força sua função "relacionadora": é um laço que a segunda oração estende para agarrar-se à oração inicial;

e) completando-se o processo, está criada mais uma conjunção coordenativa, morfema que faz parte da segunda oração coordenada.

Esse programa está de acordo com um dos princípios do processo de gramaticalização: o de unidirecionalidade[1]. Segundo Hopper & Traugott (1993), no nível morfológico, as fases por que passa um item lexical antes de se transformar numa unidade funcional podem, em certos casos, ser rigidamente ordenadas de modo a bloquearem automaticamente o percurso inverso conforme a escala: ITEM LEXICAL > PALAVRA GRAMATICAL > CLÍTICO > AFIXO FLEXIONAL. No caso de conjunções, especificamente das conclusivas, o que poderia ocorrer é um subtipo de gramaticalização que Hopper & Traugott (*op. cit.*) denominam recategorização sintática, processo mediante o qual um item lexical muda as propriedades gramaticais que o incluem numa determinada classe para integrar-se em outra, conforme a seqüência: CATEGORIA MAIOR (Nome, Verbo, Pronome) > CATEGORIA MEDIANA (Adjetivo, Advérbio) > CATEGORIA MENOR (Preposição, Conjunção). O processo diacrônico de recategorização sintática é o que melhor explica a transformação, a que alude Carone (1988) mediante a qual locuções adverbiais passam a exercer função de conjunção.

Assim entre os operadores discursivos que, na opinião da autora, já se cristalizaram como conjunção, mencionam-se *no entanto*, *por conseguinte*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *porém* e *portanto*. Como suspeitamos de que poucos operadores de conclusão podem de fato ser classificados como verdadeiras conjunções, traçamos como um outro objetivo deste trabalho verificar se o conector *então* manifestado no *corpus* finalizou o processo de gramaticalização, mencionado por Carone (1988).

Em suma, o propósito deste trabalho é verificar, por um lado, os níveis de atuação da relação semântica de conclusão indicada por *então*, como subproduto da relação de causa-conseqüência, e, por outro, o grau de gramaticalização desse operador na modalidade culta falada do português.

2. Procedimentos metodológicos e universo de investigação

O universo de pesquisa é uma amostragem representativa do *corpus* mínimo do Projeto de Gramática do Português Falado, composto por três tipos de inquérito: Elocuções Formais (EF), Diálogo entre Informante e

[1] Mencionar o princípio de unidirecionalidade não implica, aqui, assumir que, diacronicamente, sua aplicação possa ser verificada sem restrições.

Documentador (DID) e Diálogo entre dois Informantes (D2), que constitui o chamado *corpus* compartilhado do PGPF que vem sendo exaustivamente descrito. Este consiste, por sua vez, numa amostragem operada sobre o material colhido pelo Projeto NURC/Brasil a partir de entrevistas com informantes adultos cultos de cinco capitais brasileiras. São eles: de Porto Alegre: EF-278, DID-045, D2-291; de Rio de Janeiro: EF-379, DID-328, D2-355; de São Paulo: EF-405, DID-234, D2-3603; de Recife: EF-337, DID-131, D2-005; de Salvador: EF-049, DID-231, D2-098.

A vocação empírico-descritiva deste trabalho, torna imperiosa a necessidade de tratamento estatístico. Para facilitar o trabalho, o recurso mais indicado é o uso de um tratamento eletrônico de processamento. Empregam-se, portanto, alguns programas do Pacote VARBRUL (Sankoff, 1975), mais especificamente, o *Makecell*, para o levantamento de freqüências simples e o *Q-edit* para o registro em arquivo de dados. Esse programa estatístico remete diretamente à análise variacionista, que analisa grupos de fatores em função de uma variável dependente. Desnecessário dizer que o tratamento estatístico funciona, aqui, apenas como uma ferramenta muito limitada em função dos recursos do programa, e tem a função específica de dar sustentação empírica às afirmações que se fizerem sobre o comportamento sintático-semântico do juntor *então*.

A análise dos dados se servirá de alguns fatores, vistos mais como correlativos que como condicionadores.

O fato de *logo* ser considerada a conjunção conclusiva por excelência, levou-nos a estabelecer, como um dos fatores, a possibilidade de o conector *então* se alternar, na mesma posição, com esse juntor prototípico, mantendo-se a identidade semântico-discursiva da relação entre as orações. A prototipicidade de *logo* se explica em função de cinco parâmetros fundamentais que, juntos, demonstram estar completo o processo de gramaticalização de *logo*, havendo, portanto, no português, um caso de polissemia na expressão adverbial e na conjuncional:

i) Não apresenta mobilidade no interior da sentença que inicia:

(1) a. *O narciso é uma flor, logo pertence ao reino vegetal.*

b. **O narciso é uma flor, pertence, logo, ao reino vegetal.*

ii) Não pode ser precedido de outra conjunção, como a aditiva:

(1) c. **O narciso é uma flor, e logo pertence ao reino vegetal.*

iii) Pode coordenar termos, como as demais conjunções coordenativas (*e*, *ou* e *mas*):

(1) d. *Você está sentindo a sua emoção, daí ser mais fidedigno, logo mais verdadeiro.*

iv) Não aceita focalizadores, como advérbios de inclusão/exclusão, *hedges* e clivagem:

(1) e. **O narciso é uma flor é logo que pertence ao reino vegetal.*

Tendo em vista os traços que compõem a prototipicidade de *logo*, acima mencionada, estabeleceu-se, como hipótese de trabalho, que a gramaticalização do juntor, objeto deste estudo, deveria acompanhar o comportamento sintático do modelo, em função dos seguintes fatores: 1) a possibilidade de o conector ser antecedido por *e*, considerando a hipótese de que a presença de um juntor elimina automaticamente a necessidade de um segundo, a menos que exerçam diferentes funções; 2) o nível estrutural da coordenação, se oração ou termo, considerando que a junção com *e, ou* e *mas*, coordenativos prototípicos, realiza-se em vários níveis estruturais; 3) com base no fato de que elementos já gramaticalizados como conjunções ocupam uma posição fixa, a inicial na apódose, analisa-se a mobilidade dos juntores com o objetivo de verificar se ainda preservam o caráter adverbial, uma vez que a maioria das conjunções, como termos híbridos, participam tanto da natureza do advérbio quanto da de conjunção; 4) tendo em vista essa natureza híbrida das conjunções e o fato de os advérbios permitirem focalização por meio de clivagem ou de partículas especiais, propusemo-nos verificar como se comportam os juntores conclusivos em relação a esse aspecto. Foram assim considerados mais dois grupos de fatores: a possibilidade do uso de clivagem e a de restrição e precisão por meio de advérbios de inclusão/exclusão (Ilari *et al*, 1996a).

Considerando-se agora a questão coordenação *versus* subordinação, sabe-se que a subordinação constitui um único ato de fala e, por isso, a ordem dos elementos é semanticamente irrelevante, o mesmo, no entanto, não acontece com a coordenação, circunscrita aos juntores mais prototípicos, como *e*, *ou* e *mas*. A impossibilidade de inversão colocaria os conclusivos na

classe prototípica, razão por que se analisa também a possibilidade de inversão da ordem dos elementos ligados pelo juntor em pauta.

Incluiu-se ainda como fator de análise a possibilidade de a conjunção iniciar respostas a perguntas específicas, conforme sugerido por Ilari (1996b:26), ao afirmar que as conjunções 'perguntáveis' podem compartilhar alguma propriedade semântica comum. Seguindo ainda o roteiro sugerido por esse autor, foram considerados mais três grupos de fatores relacionados a propriedades semânticas dos conectores. Um deles refere-se à argumentatividade, ou seja, à capacidade da conjunção de contrastar duas orientações argumentativas e ao mesmo tempo relacionar um argumento e sua conclusão. Um outro fator diz respeito ao *modus*, ou seja, à possibilidade de o juntor transpor para o texto o seu sentido literal. Como último fator, verificou-se a possibilidade de essas formas conjuntivas estabelecerem pressuposição, ou seja, se a presença da conjunção é determinante para desencadear o aparecimento de pressupostos numa das sentenças que une sintaticamente.

3. O uso do juntor então no português falado

A forma *então* tem sido objeto de atenção de vários estudiosos entre eles Martelotta (1996) e Risso (1996). Risso, por exemplo, enquadra-a no conjunto dos marcadores conversacionais que funcionam como unidades seqüenciadoras para criar uma relação coesiva entre partes do texto, estabelecendo aberturas, encaminhamentos, retomadas e fechos de tópico. O articulador *então* se alinha com as conjunções e advérbios dêiticos locativos ou temporais. Move-se da frase para o texto com considerável flexibilidade e pode escopar ou articular porções discursivas de diferentes proporções. Resumindo muito o trabalho de Risso, observamos que *então* pode atuar nos níveis frasal e textual, exercendo, naquele, a função de um advérbio dêitico de tempo e assumindo, neste, a de um operador argumentativo, na expressão de uma dependência lógico-semântica de decorrência, conclusão ou resultado, assentada na relação de implicatividade entre fatos ou argumentos, dentro da proposição.

O interesse específico deste trabalho está voltado apenas para a função de articulador da relação lógico-semântica de conclusão entre orações. Nesse âmbito mais restrito, como já observado anteriormente, são poucos os

gramáticos que consideram *então* conjunção conclusiva (cf. Kury, 1985; Savioli, 1985 e Macambira, 1970); no entanto, é para essa direção que os dados indicam o percurso dessa forma, em curso de gramaticalizar-se de fato como conjunção coordenativa.

Há várias evidências que apontam para a caracterização conjuncional de *então*. Uma delas é o fato de poder ser substituída por *logo* em 93,3% das ocorrências, o que não é possível nos casos em que ainda veicula o valor temporal, como se observa em (2) abaixo.

(2) L2 *houve uma série de irre/ éh::de irregularidades...nas lis/ na apresentaçao da lista de classificaçao irregularidade foi engano...no no no fazer...na confecçao da lista...de de aprovados hou/ houv/ começaram a haver alguns enganos...***então** *o pessoal que mand/ entrava com mandado de segurança...dizendo que foi contado pontos errados...enGAnos simples comuns eh aritmética (às vezes) de somar o número de pontos...então eles entraram com mandado de segurança...anulando aquela lista de classificação...e então havia publicação de outras...e assim foi indo e::e a:::...de acordo com o edital a validade é dois anos DA publicação...dos resultados...da lista de aprovados...então com a::com esta...com este recurso de mandado de segurança...não foi propriamente o recurso foram coisas que realmente aconteceram*...(D2-SP-360:593).

Nesse exemplo pode-se notar que *então* indica uma sucessividade entre o momento de detecção de erros e a entrada do pessoal com mandato de segurança. Claro que há uma relação de implicatividade entre os conteúdos das duas sentenças, mas *então* ainda preserva a noção temporal original. No entanto, esse sentido está desaparecendo e paulatinamente também desaparece a noção de que *então* é uma anáfora da oração inicial.

Sabe-se que a unidirecionalidade que governa o processo de gramaticalização opera não somente sobre a alteração de estatuto de categoria gramatical, mas também sobre o de categorias semânticas, como se observa na escala PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE (cf.Heine, Claudi & Hünnemeyer, 1991). É o que se verifica com *logo*. À conjunção prototípica, diacronicamente originada do substantivo latino *locus*, aplicou-se parte significativa da escala: um item lexical de referência espacial, ao mudar de categoria, levou consigo a alteração de valor semântico que ainda hoje o advérbio *logo* mantém; este se recategorizou, passando a conjunção com o valor de conclusão, que traz implícita, necessariamente a memória temporal do advérbio. Tudo indica que o mesmo processo pode estar se aplicando ao *então*.

100

Não obstante, a preservação da noção original de tempo ainda se verifica em um pequeno número de ocorrências, equivalendo a 20% dos usos. Pode-se observar a conservação das propriedades adverbiais de *então* nos seguintes aspectos: 1) pode ser potencialmente antecedido por *e* em 80% das ocorrências, como a de (3), ainda que o levantamento não tivesse acusado nenhum caso; 2) os casos que não admitem essa anteposição manifestam valor de inferência, como (4), tendo perdido já o seu caráter adverbial.

(3) L2 *é...((risos)) exatamente se a gente for parar para fazer as coisas calmamente não dá...pura e simplesmente não dá...*[e] **então** *a gente corre depressa vai para o carro troca de roupa correndo faz isso faz (não sei que tá tá)* (D2-SP-360:)

(4) *hoje em dia se você depois passou uma época que você ia ao cinema tinha que ficar de pé numa fila eNORme...não é?* **então** *não era divertimento aquilo...era::eu acho que era nem divertimento ((ruídos)) passava porque a pessoa ficava cansada de ficar em fila adquirir ingresso ficava na fila de ingresso* (DID-SP-234:582)

Esse operador coordena apenas orações, nunca termos, o que reforça seu caráter de circunstancial. Por outro lado, apresenta algumas intersecções com as conjunções, como a resistência à clivagem, já que 80% das ocorrências não admitem tornar-se foco da sentença.

Acrescente-se ainda que *então* não aceita restritores; no valor de conjunção, *então* não pode ser escopada por advérbios focalizadores, como *só*, *inclusive*, *até*, *mesmo*, *precisamente* e *exatamente*. Esse comportamento aproxima mais essa forma do estatuto de conjunção.

O exame dos dados permite observar ainda que esse operador pode relacionar dois estados de coisas (conteúdos), como (5) e um estado de coisas e uma inferência, como (6).

(5) *tudo que tinha...peguei todos os requisitos...fiz ((risos))...estudei bem fiz um estudo certinho para ver qual era a melhor e foi determinado...foi visto que aquela era melhor...* **então** *foi posto quer dizer não foi uma escolha...{sem base}* (D2-SP-360:398)

(6) *se eu começo a a a a pensar em estatística se verá que o lugar mais perigoso do mundo é a cama...porque noventa por cento das pessoas morrem na cama...* **então** *é o lugar mais perigoso...não vá pra cama que você não morre...bem* (D2-RE-05:105)

Vale observar, no entanto, que em (5) *então* admite ser escopada pelo focalizador *só*. Esse dado revela a imbricação de uma relação cronológica na relação de implicatividade estabelecida entre os fatos. Essa imbricação, que

traz à memória o valor adverbial temporal mesclado ao de conjunção, sugere que o grau de gramaticalização da forma é menor aqui e mais forte quando *então* relaciona momentos de uma argumentação, como em (6). Com efeito, quando essa relação argumentativa é acionada pelo conector, fica excluída qualquer possibilidade de este ser precedido por um focalizador, bem como pela aditiva *e*. Já essa exclusão nem sempre ocorre quanto o juntor anuncia uma conseqüência factual, como em (5), em que podem entrar tanto o focalizador quanto o *e*, ou como em (7), em que apenas o *e* parece ser possível, por não estar co-presente a idéia temporal. No *continuum* de gramaticalização, a ocorrência (7) parece estar a meio caminho entre (5) e (6).

(7) *sabemos que a inflação... reduz o poder... aquisitivo do nosso povo...* **então** *anualmente o governo... estabelece... os chamados... reajustes... salariais* (DID-RE-131:103)

A orientação argumentativa que se projeta no emprego de *então* é relevante para relacionar um argumento e seu fim. Há argumentatividade sempre que esse operador indica uma conclusão por inferência. Isso ocorre em 46,6% dos casos, conforme se pode verificar em (6), em que o argumento de 'noventa por cento das pessoas morrerem na cama' implica a conclusão 'a cama é um lugar perigoso', ou seja, a conclusão é uma inferência que o falante faz com base no que foi afirmado na proposição precedente.

Interessante notar que algumas ocorrências com *então*, que indicam conclusão por inferência, implicam uma circularidade de raciocínio argumentativo nos seguintes termos: o locutor inicia a argumentação com a sentença que indica conclusão do raciocínio, que, em (6) acima, é [o lugar mais perigoso do mundo é a cama]; em seguida apresenta a causa dessa conclusão [porque noventa por cento das pessoas morrem na cama] e retoma a conclusão introduzida por *então*, levemente modificada na forma [então é o lugar mais perigoso]. Todo esse raciocínio é verbalizado para "provar" que não se deve tirar conclusões de base estatística. Esse mesmo movimento argumentativo pode ser observado também em (8).

(8) L2 *foi bem pensada bem escolhida e realmente a menina gosta muito...e eu pensei que ela fosse ter problema porque ela não fala muito...ela fala muito pouco ela fala um...vocabulário dela é composto por umas quarenta palavras mais ou menos...e ela não faz frase...* então *eu pensei que ela fosse ter dificuldades na escola...por causa disso não não não tem gosta muito...*(D2-SP-360:407)

Como já observado, não se pode alterar a ordem das oração, quando a segunda indica conclusão, caso em que se mantém a ordenação real causa/conseqüência para preservar a direção argumentativa; por essa razão também se repete a oração conclusiva, mesmo que já tenha sido enunciada antes. Assim em (8a), que é uma simplificação de (8), a circularidade argumentativa parece ser necessária para que a representação lingüística mantenha uma relação de iconicidade com os fatos descritos.

(8)a *ela não fala muito...ela fala muito pouco ela fala um...vocabulário dela é composto por umas quarenta palavras mais ou menos...e ela não faz frase...***então** *eu pensei que ela fosse ter dificuldades na escola*

(8)b ***então** *eu pensei que ela fosse ter dificuldades na escola, ela fala muito pouco ela fala um...vocabulário dela é composto por umas quarenta palavras mais ou menos...e ela não faz frase*

Mesmo se invertermos a ordem das orações com relação ao conectivo, a estranheza permanece; confira (8)c.

(8)c ***eu pensei que ela fosse ter dificuldades na escola,* então *ela fala muito pouco ela fala um...vocabulário dela é composto por umas quarenta palavras mais ou menos...e ela não faz frase*

Com o juntivo *então* a proposição resultante pode estabelecer algum conteúdo pressuposto, além de um valor de implicação entre as orações, conforme se verifica em (9).

(9) *... aquela sinalização feita na Salvador-Feira é exatamente um/uma sinalização feita para estradas de GRANde movimento...* **então** *ela foi pintada com uma tinta especial... com película grossa...* (D2-SSA-98:221).

O que fica pressuposto é que "estradas de muito movimento têm uma sinalização especial". Ora, a Salvador-Feira é uma estrada de grande movimento, portanto foi pintada (sinalizada) com tinta especial.

Considerações finais

Como expusemos na introdução, a principal proposta deste trabalho foi detectar com mais precisão os critérios que possibilitem esclarecer se o

nexo conclusivo expresso por *então* é de fato efetuado por uma emergente conjunção *então*. A base dessa proposta foi uma descrição do comportamento sintático-semântico desse operador, mediante alguns critérios que definem o que chamamos de conjunção conclusiva prototípica.

Consideramos *logo* como o conector prototípico no estabelecimento de relações conclusivas, não apenas em função de estar menos sujeito a outros usos que não a expressão exclusiva de valor conclusivo, mas também em virtude de apresentar alguns traços comportamentais que funcionam como operadores por excelência de uma conclusão. Esses traços distintivos são os seguintes: 1) posição fixa na sentença, no início da apódose, como as verdadeiras conjunções coordenativas *e*, *mas* e *ou;* 2) possibilidade de coordenar termos; 3) possibilidade de não representar uma relação anafórica com a oração inicial, em função de não mais conservar valor de circunstancial; 4) possibilidade de não permitir focalização, seja por meio de clivagem seja por meio de advérbios focalizadores como *só*, *mesmo*, *principalmente* etc.

Como um resultado da análise do comportamento do conector *então*, em comparação ao modelo prototípico, representado por *logo*, é possível atribuir os seguintes traços gerais para o conector em estudo, conforme tabela 01:

Tabela 01: Matriz de traços de *então* e *logo*.

Conector	posição fixa	coordena termos	perde o sentido anafórico	Admite focalização
Logo	+	+	+	–
Então	–	–	–	–

O quadro demonstra com clareza que a forma investigada ainda não logrou completar seu processo de gramaticalização.

Se tentarmos traçar uma escala entre as duas etapas do processo, de advérbio a conjunção, é possível alocarmos *logo* num pólo, como a mais típica das conjunções conclusivas, ficando *então* na faixa média do processo de transição, de acordo com o seguinte *continuum*:

Advérbio----------Conjunção
por isso > *então* > *portanto* > *logo*

Sobre *logo*, pode-se afirmar que, na função de operador discursivo, já deixou o estatuto de advérbio e se gramaticalizou como conjunção, o que significa exercer apenas a função de relacionar mediante um valor conclusivo duas proposições constituintes de um argumento. Sua convivência pacífica com a forma original de advérbio indica tratar-se de um caso claro de polissemia[2]. Já *então*, embora não disponha ainda da capacidade de coordenar termos, caminha para gramaticalizar-se como conjunção; ressalte-se, no entanto, que, mesmo como operador discursivo, mantém ainda o valor temporal e anafórico de circunstancial.

A forma *então* pode perfeitamente estabelecer relação conclusiva, com a mesma distribuição sintática de *logo* nas estruturas sentenciais. Entretanto, os resultados analisados apontam para o fato de que somente esse valor conclusivo não autoriza afirmar que esteja concluído o processo de gramaticalização desse operador como conjunção.

Como elemento coesivo, o conector analisado atua tanto na junção de estados de coisa quanto na de estados de coisa e atos de fala, comportamento próprio de juntores fartamente documentado na literatura por Sweetser (1991), depois comprovado no português falado por Camacho (1998) e Pezatti (1998) no estudo da conjunção e disjunção respectivamente.

Referências Bibliográficas

Abaurre, M. B. (org.). *Gramática do Português Falado.* vol. 8. São Paulo: FAPESP/ Campinas: Editora da Unicamp. (no prelo).

Ali, M. S. (1965). *Gramática Elementar da Língua Portuguesa.* São Paulo: Melhoramentos.

Barbosa, J.S. (1881). *Gramática Philosophica da Língua Portuguesa.* Lisboa: Academia Real da Ciências.

Bechara, E. (1999). *Moderna Gramática Portuguesa* (ed. revista e ampliada). Rio de Janeiro: Lucerna.

Camacho, R. G. (1999) As estruturas coordenadas aditivas. In: Neves, M. H. M. (org.). *Gramática do Português Falado.* vol. 7. São Paulo: FAPESP/ Campinas: Editora da Unicamp.

[2] É necessário lembrar que para Sweetser (1991) é implausível aplicar a algumas conjunções uma análise léxico-polissêmica, sendo metodologicamente preferível tratá-las como exemplos do que Horn (1985, *apud* Sweetser) denomina ambigüidade pragmática. O uso polissêmico de *então* parece ser um caso claro de ambigüidade pragmática.

CARONE, F. de B. (1988). *Subordinação e Coordenação: Confrontos e Contrastes.* São Paulo: Ática.

_____ (1991). *Morfossintaxe.* São Paulo: Ática.

HALLIDAY, M. (1985). *An Introduction to Functional Grammar.* Baltimore: Edward Arnold.

_____ & H. HASAN. (1976). *Cohesion in English.* London: Longmam.

HEINE, B., B. HÜNNEMEYER e U. CLAUDI. (1991). *Grammaticalization: a Conceptual Framework.* Chicago: The University of Chicago Press.

HOPPER, P., E. TRAUGOTT. (1993). *Grammaticalization.* Cambridge: University Press.

KURY, A. da G. (1985). *Novas Lições de Análise Sintática.* São Paulo: Ática.

ILARI, R. (*et al.*). (1993). Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. (org.). *Gramática do Português Falado.* vol. I. São Paulo: FAPESP/ Campinas: Editora da Unicamp.

_____ (1996). Um roteiro "funcional" para o estudo das conjunções. mimeo.

LAKOFF, R. (1984). The pragmatic of subordination. In: *Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society* (Berkeley), nº10: 481-92.

MACAMBIRA, J. R. (1970). *A Estrutura Morfo-Sintática do Português.* Fortaleza: Imprensa Universitária da U. F do Ceará.

MARTELOTTA, M. E. (1996) Gramaticalização de *então.* In: MARTELOTTA, M. E. *et al. Gramaticalização no Português do Brasil* – uma Abordagem Funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

MATHIESSEN, C., S. THOMPSON. (1988). The structure of discourse and "subordination". In: HAIMAN, J., S. THOMPSON (eds.) *Clause Combining in Grammar and Discourse.* Amsterdam: John Benjamins.

NEVES, M. H. de M. (1987). *A Vertente Grega da Gramática Tradicional.* São Paulo: Hucitec/Editora da Universidade de Brasília.

_____ (1997) As construções condicionais. (mimeo).

PEZATTI, E. G. (1999). As estruturas coordenadas aditivas. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do Português Falado.* vol. 7. São Paulo: FAPESP/ Campinas: Editora da Unicamp.

RISSO, M. S. (1996). O articulador discursivo "então". In: CASTILHO, A. T. e M. BASÍLIO. (orgs.). *Gramática do Português Falado.* vol. 1. São Paulo: FAPESP/ Campinas: Editora da Unicamp.

SANKOFF, D. (1975). *Varbrule 2.* Mimeographed. Université de Montreál.

SAVIOLI, F. P. (1985). *Gramática em 44 Lições.* São Paulo: Ática.

SWEETSER, E. (1991) *From Etimology to Pragmatics.* Cambridge: University Press.

WORD OF MOUTH

Communication is power. An idea, passed from person to person, and village to village, can transform the world.

Start with the right idea.

Linguistics and Language Behavior Abstracts
offering

- abstracts of scholarly articles and books
- bibliographic entries for subject specific dissertations and book and other media reviews.

LLBA's timely and comprehensive coverage speaks volumes on current ideas in linguistics and language research.

Available in print, online, on CD-ROM (from SilverPlatter and NISC) and on magnetic tape.

Visit our Web site: www.socabs.org for product information, links to relevant sites, and subscription-based access to the LLBA Speech, Language and Hearing Pathology subset.

LLBA
Linguistics and Language Behavior Abstracts
P.O. Box 22206, San Diego, CA 92192-0206
619/695-8803 • Fax: 619/695-0416 • email: socio@cerfnet.com

AS DUAS GRANDES VERTENTES DA HISTÓRIA SOCIOLINGÜÍSTICA DO BRASIL (1500-2000)

(The two Great Trends of Brazilian Sociolinguistic History (1500-2000)

Dante LUCCHESI
(Universidade Federal da Bahia)

ABSTRACT: *This article presents a characterization of Brazilian sociolinguistic reality as polarized between the cultured norm and the popular, or vernacular one. The first is defined in terms of speech patterns of the middle and upper classes, the later is a composite of lower class speech patterns. The portuguese language history of Brazil is, thus, viewed from the point of these two extremes, taking into consideration the changes that occurred in both norms beginning in the last century and which reflect the deep and far-reaching transformations in the socio-economic environment during this period. This characterization is an attempt to reach a better understanding of irregular linguistic transmission that had significant impact on the history of popular Brazilian Portuguese.*
KEY-WORDS: *Brazilian Portuguese; sociohistoric characterization; language contact; linguistic norms; language change; irregular linguistic transmission.*

RESUMO: *Este artigo apresenta uma caracterização da realidade sociolingüística brasileira como bipolarizada, entre uma norma culta, definida a partir dos padrões de fala das classes médias e alta e uma norma popular ou vernácula, reunindo os falares das classes baixas. A história da língua portuguesa no Brasil é vista através dessas duas vertentes, tendo-se particularmente em conta os conjuntos de mudança que se observam tanto na norma culta quanto na norma popular, a partir do final do século passado e que refletem as profundas e extensas alterações que se operaram no panorama sócio-econômico do país nesse período. Busca-se, assim, uma melhor compreensão do processo de transmissão lingüística irregular que marcou significativamente a história do português popular do Brasil.*
PALAVRAS-CHAVE: *português do Brasil; caracterização sócio-histórica; mudança lingüística; transmissão lingüística irregular.*

BEST COPY AVAILABLE

Introdução

A caracterização sócio-histórica da realidade lingüística brasileira vem atraindo a atenção de estudiosos há mais de cem anos, e, no centro da questão (ou, pelo menos, em seu ponto mais polêmico), está a relevância, ou não, do papel desempenhado pelo contato do português com línguas africanas e indígenas na história lingüística do Brasil. Já no final do século passado, Adolfo Coelho busca equacionar a questão através das semelhanças entre o português do Brasil (doravante, PB) e os crioulos de base portuguesa. O filólogo português destacava, na altura, como uma das "diversas particularidades características dos dialetos crioulos" que "se repetem no Brasil (...) a supressão das formas do plural (...) que, quando se seguem artigo e substantivo, adjetivo e substantivo etc., que deveriam concordar, só um toma o sinal de plural" (Coelho, 1880: 43 *apud* Tarallo, 1993a: 36).

No bojo do movimento de afirmação de uma língua brasileira, no início deste século, Renato de Mendonça (1933) e Jacques Raimundo (1933) chegam a atribuir à influência das línguas africanas a motivação de praticamente todas as características que distinguem o PB do português europeu (doravante PE). Na reação que se segue, Serafim da Silva Neto (1963), Gladstone Chaves de Melo (1946) e Sílvio Elia (1979), embora admitam a formação de crioulos e semi-crioulos decorrentes do aprendizado imperfeito do português por falantes africanos, negam uma maior influência destes na constituição do PB. Tal posição se justifica pela imagem de unidade e conservadorismo do PB por que militavam esses autores, decorrente de uma visão de superioridade cultural do colonizador branco em relação aos aloglotas.

Mattoso Câmara Jr. (1972 e 1976) também negará um papel relevante aos crioulos falados por escravos africanos no Brasil, em função do modelo teórico ao qual se filiava, o Estruturalismo, que encerrava na lógica interna do sistema lingüístico os fatores determinantes do desenvolvimento histórico da língua. Desse modo, segundo Câmara Jr., a influência das línguas africanas na constituição do PB se resumiria à aceleração de tendências prefiguradas no sistema lingüístico do português.

No decorrer da década de 80, os lingüistas norte-americanos Gregory Guy (1981 e 1989) e John Holm (1987) situam a questão da crioulização nas variedades populares da língua no Brasil. Para Guy, o português popular do Brasil (doravante, também PPB) seria resultante de um processo

prévio de crioulização, iniciado de forma mais significativa a partir do século XVII, ao qual se seguiria um processo posterior de descrioulização, em função do prolongado contato do PPB com o português culto. Guy fundamentou a sua hipótese em dados da formação sócio-econômica do Brasil e buscou confirmá-la através da análise de duas variáveis morfossintáticas: a concordância de número no interior do Sintagma Nominal e a concordância sujeito-verbo. O quadro atual dessas variáveis se constituiria, segundo Guy, da seguinte maneira: após a perda das regras de concordância, decorrente do processo prévio de crioulização, estaria em curso um processo de (re)aquisição dessas regras a partir dos contextos em que elas fossem mais salientes, caracterizando assim um processo de descrioulização, pois o processo de mudança se daria em direção à língua alvo: o português culto.

Contrário a essa posição, Fernando Tarallo (1993a) argumentou que o português do Brasil, ao invés de se estar aproximando do português europeu, estaria se afastando dele. Tarallo baseou-se em suas análises das construções relativas e da retenção pronominal nas sentenças encaixadas e matrizes, destacando o fato de que, enquanto no português europeu, a retenção do pronome é muito baixa na posição de sujeito e muito alta na posição de objeto, a tendência no português do Brasil seria exatamente a inversa: um incremento do uso do pronome na posição de sujeito e um significativo decréscimo da retenção do pronome na posição de objeto. Desse modo, para Tarallo, a realidade lingüística brasileira caracteriza-se, não por uma aproximação, mas por um afastamento em relação ao que seria a língua alvo em um processo de descrioulização do português do Brasil: o português europeu.

Numa posição próxima à de Tarallo, Anthony Naro e Marta Scherre (1993) defendem – resgatando a posição de Câmara Jr. e Silva Neto – que as mudanças que se observam no português brasileiro já estariam prefiguradas ao longo dos séculos no sistema lingüístico do português e argumentam, contrariamente à influência de processos prévios de crioulização, com a ausência de registros históricos da estabilização de algum crioulo em solo brasileiro. No plano lingüístico, Naro & Scherre (1993) procuram demonstrar que as mudanças que afetaram a concordância nominal e verbal no Brasil teriam as suas origens, não na simplificação operada pelo contato entre línguas, mas em mudanças fonéticas que se teriam iniciado em Portugal, sob a ação das forças de uma deriva românica.

Considero que a dicotomia destacada por Guy entre as variedades populares e variedades cultas do português no Brasil é fundamental para o esclarecimento da questão. Em realidade, essa dicotomia perpassa, de forma mais ou menos explícita, as várias posições que se alternaram ao longo do debate[1]. Neste artigo, buscarei desenvolver esse ponto de vista, retomando a visão, que já expressei em outras oportunidades, de que o processo sócio-histórico de constituição da realidade lingüística brasileira é bipolarizado (Lucchesi 1994, 1996, 1998a e 1999, e Baxter & Lucchesi 1997). Assim sendo, no pólo das camadas médias e altas da sociedade brasileira, de um lado, pode-se perceber, nos primeiros séculos da história do Brasil, um comportamento lingüístico conservador de uma numericamente bastante reduzida elite colonial, voltada para os padrões lingüísticos e culturais da Metrópole. No pólo das camadas populares, de outro lado, ocorrem, desde os princípios da colonização, drásticas transformações lingüísticas, decorrentes do extenso, massivo e profundo contato do português com as línguas indígenas e africanas. Esse contexto sociolingüístico propiciaria as condições para a ocorrência de processos de transmissão lingüística irregular, a partir da fixação forçada de milhões de africanos trazidos para o Brasil como escravos[2].

---

[1] A forte influência do contato lingüístico circunscrita às variedades populares do português do Brasil é quase um truísmo e é admitida por todos os grandes estudiosos que se dedicaram ao tema, tanto os que defenderam, quanto os que negaram "as origens crioulas da língua no Brasil". É o que se pode ver na referência de Jacques Raimundo (1933: 75) "à língua dos escravos no Brasil, uma linguagem própria, mesclada do idioma natal e do português, a que se juntou a contribuição vocabular do indígena, e que determinou as alterações ainda hoje notadas no foneticismo, no ritmo e na sintaxe de nossa fala popular"; ou no próprio Gladstone Chaves de Melo (1946), que admite a influência das línguas africanas "na morfologia, na simplificação e redução das flexões de plural e das formas verbais na fala popular", chegando a afirmar que "a nossa língua popular, falando-se de um modo geral, é substancialmente o português arcaico, deformado, ou se quiserem, transformado em certo aspecto da morfologia e em alguns da fonética pela atuação dos índios e dos negros" (ibid.: 90-91); ou mesmo em Serafim da Silva Neto (1963), que afirma: "não somos daqueles que vêem influências lingüísticas a todo preço e a todo risco, mas em ambientes lingüísticos e sociais como no Brasil dos séculos XVI, XVII e XVIII é preciso não perder de vista esta possibilidade, ao menos para exame, como hipótese de trabalho". Essa também é a posição de Câmara Jr. (1976: 30-31), que, apesar de afirmar que "as discrepâncias de língua padrão entre Brasil e Portugal não devam ser explicadas por um suposto substrato tupi ou por uma suposta profunda influência africana", admite que, em relação ao português popular, "podem ter atuado substratos indígenas [...] e os falares africanos, na estrutura fonológica e gramatical".

[2] A grande mortandade da população indígena, devido às doenças e à violência dos colonizadores europeus, associada à resistência cultural do índio ao trabalho forçado e à oposição da igreja à escravidão indígena, leva-nos a crer que o papel desempenhado pelo elemento nativo tenha sido muito menos significativo do que o desempenhado pelos segmentos afro-brasileiros.

O português aprendido de oitiva, em situações sociais extremamente precárias, e que era a língua de intercurso entre escravos e capatazes e senhores, e entre escravos de etnias diversas, constituiu o principal modelo para a nativização do português entre os descendentes desses escravos, sejam os provenientes de cruzamento de escravos de diferentes etnias, sejam os oriundos do cruzamento do colonizador branco com as mulheres escravas. Desse modo, nos três primeiros séculos da história do Brasil, existem situações potencialmente muito favoráveis à ocorrência de processos de mudanças crioulizantes, através da nativização do português, nos segmentos de mestiços e escravos crioulos, a partir de um modelo defectivo de português adquirido precariamente como língua segunda pelos escravos trazidos de África[3].

A partir do final do século passado e no decorrer deste século, pode-se pensar em uma distensão desse quadro de pólos tão distintos e afastados em função do violento e extenso processo de industrialização e urbanização, que provocou profundas modificações no panorama sócio-econômico e demográfico do país. De um lado, o padrão europeu deixa de exercer tão proeminente influência sobre a normatização da língua, observando-se um afrouxamento do padrão lingüístico entre as camadas médias e altas – em boa parte, devido aos processos de interação com as camadas baixas, com uma significativa participação de segmentos adventícios. De outro lado, verifica-se um nivelamento lingüístico dos falares rurais e populares brasileiros, levando ao desaparecimento das marcas mais radicais geradas pelo contato entre línguas, que marcou a sua formação histórica. Dessas características crioulizantes só se encontram vestígios em algumas poucas comunidades rurais afro-brasileiras isoladas (como, por exemplo, na localidade de Helvécia, no sul do Estado da Bahia, da qual falaremos adiante). Portanto, defendo que a compreensão do desenvolvimento de cada uma dessas duas vertentes da história sociolingüística do Brasil e das vias de interação entre ambas é crucial, não apenas para o esclarecimento do papel desempenhado pelo contato entre línguas na história lingüística do país, como também para uma mais adequada caracterização da realidade lingüística brasileira atual.

[3] Para uma caracterização mais detalhada desses processos de transmissão lingüística irregular, que marcaram a formação das variedades populares do português brasileiro, veja-se Baxter & Lucchesi (1997).

1. As duas vertentes da formação da língua no Brasil

O cenário que caracteriza o período da colonização do Brasil, desde meados do século XVI até o início do século XIX, pode ser descrito sumariamente da seguinte maneira:

> O Brasil foi, no decurso de mais de três séculos, um vasto país rural. Suas cidades e vilas, quase todas costeiras, de pequena densidade demográfica e desprovidas de centros culturais importantes, nenhuma influência exerciam nas longínquas e espacejadas povoações no interior. (Cunha, 1985: 17)

Nesse universo, temos, de um lado, os pequenos centros urbanos, onde se situavam os órgãos da administração colonial, sob forte influência cultural e lingüística da Metrópole. A elite colonial era naturalmente bastante zelosa dos valores europeus, buscando assimilar e preservar ao máximo (o que é previsível nessas situações) os modelos de cultura e de língua vindos d'além-mar. Desse quadro temos o significativo testemunho do cronista Pero de Magalhães Gândavo, que em 1618 define o Brasil como "academia onde se aprendia o bom falar" (*apud* Silva Neto, 1963: 76). Esse caráter conservador e a influência dos padrões europeus sobre o antecedente histórico da variedade culta do português brasileiro perdurará até depois de proclamada a Independência, em 1822, pois, mesmo durante o século XIX, eram em sua maioria oriundos de Portugal, os professores de língua portuguesa nos colégios (Cunha, 1970).

A outra vertente da formação da língua no Brasil fincou suas raízes no interior do país, para onde se dirigiu a maior parte da população no período colonial. Fora dos reduzidos centros da elite, nas mais diversas regiões do país, o português era levado, não pela fala de uma aristocracia de altos funcionários ou de ricos comerciantes, mas pela fala rude e plebéia dos colonos pobres. Além disso, a língua portuguesa tinha que lutar para se impor, em primeiro lugar, contra às variedades da língua franca de base tupi falada na costa brasileira, chamada *língua geral*. Por outro lado, a língua portuguesa era adquirida nas situações as mais precárias pelos escravos, que muitas vezes preferiam se comunicar entre si, usando uma língua franca africana. Sob essas ásperas condições, a língua portuguesa se foi disseminando entre a população pobre, de origem predominantemente indígena e africana, nos três primeiros séculos da história do Brasil.

A bipolaridade que marca a história sociolingüística do Brasil foi destacada já na década de 1950 pelo grande lingüista e filólogo Serafim da Silva Neto:

> Dos princípios da colonização até 1808, e daí por diante com intensidade cada vez maior, se notava a dualidade lingüística entre a nata social, viveiro de brancos e mestiços que ascenderam, e a plebe, descendente dos índios, negros e mestiços da colônia. (1963: 88-9)

Para além do seu vasto conhecimento sobre a história da língua portuguesa, Silva Neto baseou a sua visão em preciosos depoimentos históricos, que através da sua pesquisa vieram à luz. Tal é o caso dessa descrição da situação lingüística do Maranhão, feita em 1819, por um frei Francisco dos Prazeres:

> Presentemente a língua corrente no país é a portuguesa; os instruídos a falam muito bem; porém entre os rústicos ainda corre um certo dialeto, que, enquanto a mim, é o resultado da mistura das línguas das diversas nações que tem habitado no Maranhão (*apud* Silva Neto, 1963: 90)[4]

Assim, enquanto, nos restritos círculos da elite dos pequenos centros urbanos, a "gente boa" da colônia cultivava a língua e as maneiras importadas da Metrópole, nas vastas regiões do país, a língua portuguesa passava por drásticas alterações, sobretudo em função da aquisição precária que dela faziam negros, índios e mestiços. Testemunho eloqüente desse radical processo de mudança lingüística operado na língua popular nos é dado, já no século XVII, pelo texto perspicaz do Padre Antônio Viera (*apud* Silva Neto, 1988: 600):

> (...) falam [as nações asiáticas] a língua portuguesa, mas cada uma a seu modo, como no Brasil os de Angola, e os da terra (...) A língua portuguesa tem avesso e direito: o direito é como nós a falamos, e o avesso como a falam os naturais (...) Eram línguas partidas, não só porque eram muitas línguas, senão porque eram línguas e meias línguas: meias línguas, porque eram meio portuguesas e meio de todas as outras nações que as pronunciavam e as mastigavam a seu modo.

[4] Vale lembrar que o Maranhão abrigou uma grande população de índios tupinambás que para lá afluíram nos finais do século XVI e início do XVII, expulsos pelos colonizadores brancos de outras regiões do litoral brasileiro, sobretudo Rio de Janeiro e Bahia. Essa província também recebeu largos contingentes de escravos africanos importados para o trabalho nas lavouras de algodão, entre os séculos XVII e XIX.

Para o século XIX, temos o testemunho dos viajantes estrangeiros. Em 1820, Saint-Hilaire, "tão cuidadoso em tudo que se refere ao Brasil, notara que os negros conservavam qualquer coisa de infantil em seus modos, linguagem e idéias... o que é uma das características dos falares crioulos". Em 1868, "o viajante inglês Burton, meticuloso e honesto observador, diz que os escravos negros de Morro Velho falavam luso-hamítico" (Silva Neto, 1963: 109).

Com efeito, esses testemunhos históricos fazem referência a mudanças de tipo crioulizante que afetaram a língua portuguesa no Brasil, desde o início da colonização até meados do século passado. Se não é possível determinar com absoluta segurança a intensidade desses processos crioulizantes e a sua repercussão para a língua do país como um todo, o certo é que o português sofreu profundas alterações ao ser adquirido inicialmente pelos índios aculturados e posteriormente por contigentes cada vez mais expressivos de escravos trazidos da África, desencadeando um processo de transmissão lingüística irregular que marcou decisivamente a formação das atuais variedades populares da língua portuguesa no Brasil.

Nas primeiras décadas da colonização, a população do Brasil era, em sua maioria, indígena ou mestiça de pai português e mãe índia. Essa população dedicava-se, inicialmente, à extração do pau-brasil e, posteriormente, ao cultivo da cana-de-açúcar. A língua que usavam era a *geral*, oriunda de uma língua franca de base tupinambá, utilizada como língua de intercurso das tribos indígenas que, na época, habitavam a costa brasileira. Entretanto, essa situação começa a se modificar, já no final dos quinhentos, com a emergência dos prósperos engenhos de cana do Nordeste, que logo se tornariam o setor mais dinâmico do empreendimento colonial. A partir do século XVII, verifica-se uma predominância crescente da mão-de-obra escrava de origem africana sobre o contingente indígena escravizado – o primeiro objeto da sanha escravista do colonizador europeu[5]. A introdução de milhões de escravos africanos[6], ao longo de mais de três

[5] Cf. Ribeiro (1997: 98): "A escravidão indígena predominou ao longo de todo o primeiro século. Só no século XVII a escravidão negra viria a sobrepujá-la".

[6] As estimativas do número do contingente de africanos introduzidos no Brasil pelo tráfico de escravos variam enormemente consoante as fontes consultadas e vai desde a pouco mais de três milhões (Simonsen, 1937) até cerca de 13,5 milhões (Calógeras, 1927). Ribeiro (1997), cotejando várias fontes, faz uma estimativa de algo em torno de seis a sete milhões. De qualquer forma, o

séculos, foi, assim, decisiva para a consolidação do português como a língua hegemônica no Brasil[7]. Esses largos contigentes de mão-de-obra forçada acabaram por garantir a formação econômica da sociedade brasileira, sucessivamente: na lavoura agro-exportadora do açúcar, do algodão e do tabaco, nos séculos XVI e XVII, principalmente no nordeste do Brasil, nos estados da Bahia e Pernambuco; no grande ciclo da mineração de ouro, no século XVIII, nas Minas Gerais; e, finalmente, na cultura agro-exportadora do café, no século XIX, nas regiões dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Com a fixação e a aculturação dessa população africana em regiões cada vez mais abrangentes do território brasileiro, a língua portuguesa, na variedade falada por esses contingentes de trabalhadores braçais analfabetos, se vai impondo sobre a chamada *língua geral*. Deve-se destacar, também, que muitos escravos africanos e, principalmente, os seus descendentes *crioulos* foram deslocados do nordeste para o sudeste, pois, com declínio da cultura do açúcar, os senhores de engenho foram forçados a vender os seus escravos para os exploradores das minas; e estes, por sua vez, com o esgotamento das jazidas de ouro e diamantes, venderam sua escravaria para as emergentes plantações de café do Vale do Rio Paraíba e do interior paulista. Por outro lado, considere-se também as legiões de mestiços e brancos pobres que, como criadores de gado, pequenos artesãos e pequenos lavradores, produziam serviços e produtos indispensáveis à manutenção desses grandes empreendimentos coloniais. Esse massivo deslocamento de populações pode explicar em boa medida a homogeneidade diatópica das variedades populares do português do Brasil.

Pode-se, assim, perceber, neste imenso processo de ocupação geográfica que determinou a unidade lingüística do Brasil, o papel crucial que desempenhou o aprendizado precário do português pelos escravos africanos – que, em sua maioria, viviam em situação de violenta opressão e

---

peso demográfico dos africanos e seus descendentes foi bastante significativo nos primeiros quatro séculos da história do Brasil; sendo que, na virada da primeira metade do seculo XIX, se estima que os segmentos africanos e de seus descendentes (em larga proporção mestiços) representavam cerca de 65% do total da população do país (cf. Chiavenato, 1980: 237).

[7] Cf. Ribeiro (1997: 116): "Concentrando-se em grandes massas nas áreas de atividade mercantil mais intensa, onde o índio escasseava cada vez mais, o negro exerceria um papel decisivo na formação da sociedade local. Seria, por excelência, o agente da europeização que difundiria a língua do colonizador".

incivilidade – e a conversão desse modelo defectivo de português, adquirido como língua segunda (um português mais ou menos intensamente pidginizado, conforme o caso), em língua materna dos seus descendentes endógamos ou mestiços[8]. E, se tivermos em conta que, até a metade do século XX, a grande maioria da população brasileira era analfabeta, que os meios de comunicação de massa praticamente não existiam e que o acesso a vastas regiões do país era muito precário e que, portanto, a influência dos padrões lingüísticos urbanos e institucionais era mínima, pode-se facilmente pressupor que muitas variedades mais ou menos crioulizadas do português eram faladas no interior do território nacional até as primeiras décadas deste século[9].

Por outro lado, já em meados do século XIX, após a independência, conformam-se as primeiras manifestações de nacionalismo cultural e lingüístico. O movimento político, institucional e cultural de constituição de uma nova nação independente se foi refletindo, lentamente e não sem resistência, no plano lingüístico, libertando o padrão lingüístico nacional de seus cânones conservadores e europeizantes[10]. Esse processo se intensifica sobremaneira nas primeiras décadas deste século com a industrialização e o crescimento vertiginoso dos centros urbanos[11]. A atmosfera cosmo

---

[8] Situação um pouco distinta seria à dos escravos domésticos e urbanos, que teriam um melhor acesso a modelos mais completos de português. Contudo, a ausência de escolaridade (que, no caso das mulheres, se estendia também às brancas e mestiças livres) e a falta de meios institucionais de difusão do padrão lingüístico dominante, poderia fazer com que, nesse íntimo contato dos escravos nativos e mestiços com os brancos na "casa grande" (particularmente no caso das amas escravas, que amamentavam e criavam as crianças brancas filhas dos senhores coloniais) e nos centros urbanos, certos padrões lingüísticos desviantes da fala negra e mestiça tenham penetrado na fala das classes mais altas da população branca.

[9] Há que se registrar também a supervivência de línguas francas africanas, como o iorubá, o chamado "dialeto nagô", que, segundo Nina Rodrigues (1935), era corrente entre a população pobre de Salvador até o início deste século. Registre-se também vestígios dessas línguas francas africanas, nas línguas secretas de base lexical quimbundo recentemente descobertas nas localidades de Tabatinga (MG) e do Cafundó (SP), das quais falaremos adiante.

[10] Veja-se sobre isso, entre outros, Cunha (1970: 11-27).

[11] Nesse aspecto, o crescimento da cidade de São Paulo constitui o exemplo mais eloqüente de todos. A sua população cresceu quase dez vezes em apenas 30 anos, passando de 65.000 habitantes em 1890 a 579.000, em 1920; e, em mais de duas vezes, nos 20 anos seguintes, atingindo a cifra de 1.308.000 habitantes, em 1940; taxa de crescimento que se manteve nos 20 anos subseqüentes, já que, em 1960, a população da cidade já correspondia a 3.825.000 habitantes. E, fato impressionante, a população da cidade de São Paulo hoje é 200 vezes maior do que era há cem anos (cf. Burns, *apud* Guy 1981: 50).

polita que então se cria tem como conseqüência natural a democratização dos padrões culturais e lingüísticos, da qual o Movimento Modernista de 1922 foi a mais significativa expressão. A vulgarização do sistema de ensino público e o fenômeno dos meios de comunicação de massa, ocorridos nas últimas décadas, acabaram por consolidar a tendência ao afrouxamento normativo no português culto, configurando-se, assim, neste século, a direção da mudança na norma culta, que tende a se afastar do padrão prescrito pelas gramáticas normativas; estas, sim, em alguns aspectos, em flagrante conflito com a realidade lingüística, preservando uma anacrônica fidelidade aos cânones de Coimbra.

Por outro lado, ocorrem, também neste século, significativas mudanças no panorama cultural e lingüístico das camadas mais baixas da população brasileira. De um lado, observa-se o massivo deslocamento da população do campo para a cidade, invertendo-se totalmente o predomínio de uma sociedade basicamente rural, que se verificava até o início desse século. Já há algumas décadas, o Brasil é um país eminentemente urbano, cujas grandes metrópoles exercem uma profunda e extensa influência sobre as demais regiões[12]. Essa influência cultural e lingüística passa pela enorme expansão da malha rodoviária, pelo vertiginoso desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e pela massificação do ensino básico, em que pese toda a precariedade do sistema de educação pública. Assim, configura-se a tendência da mudança do português popular em direção aos modelos da norma culta, que atingem e influenciam as camadas mais baixas da população através da televisão, do rádio ou pelo contato direto, proporcionado pelas modernas condições de transporte, ou mesmo através do precário sistema de ensino. Nesse contexto, estão em vias de desaparecimento as marcas mais drásticas das alterações produzidas pelo extenso contato entre línguas ocorrido nos séculos anteriores, mantendo-se os vestígios das características mais expressivas do processo de transmissão lingüística irregular apenas naqueles dialetos rurais mais afastados, em que o contato foi mais radical e a restruturação lingüística, mais profunda.

---

[12] Para se ter uma idéia das proporções desse processo de urbanização da sociedade brasileira, basta que se diga que, em 1940, quase setenta por cento dos 41.236.315 habitantes do Brasil viviam no campo; já em 1970, cerca de 56% da população vivia nas cidades, contra 44% da população rural; e, em 1996, a população urbana corresponde a quase 80% dos 157 milhoes de habitantes do Brasil (FONTES: *Estatísticas Históricas do Brasil*. Volume 3. Rio de Janeiro: IBGE, 1987; *Anuário Estatístico do Brasil*. Volume 56. Rio de Janeiro: IBGE, 1996; *Contagem da População 1996*. Volume 1. Rio de Janeiro: IBGE, 1997).

Caso particularmente interessante é o das comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, que provém de antigos quilombos ou de agrupamentos de ex-escravos, que receberam doações de terra, no final do século passado. Nessas comunidades, ainda se observa, na fala dos seus membros mais velhos, alguns traços lingüísticos que apontam claramente para mudanças drásticas resultantes de um processo pretérito de transmissão lingüística irregular. Porém, esses traços praticamente desapareceram na fala dos mais jovens, que, diferentemente dos seus avós, ouvem rádio e assistem à televisão, e tiveram acesso a pelo menos um ano de instrução pública. Tivemos, inclusive, a oportunidade de, em nossas pesquisas de campo, colher referências à fala "esquisita" e "embolada" dos antigos. Pode-se tratar aí de uma variedade mais intensamente crioulizada do português ou mesmo de remanescentes de línguas gerais africanas, que foram sendo progressivamente aportuguesadas, como no caso das línguas secretas das comunidades do Cafundó, em São Paulo, ou de Tabatinga, em Minas Gerais, recentemente descobertas – cf. Fry, Vogt & Gnerre (1981) e Vogt & Fry (1982, 1983 e 1985), e Queiroz (1984).

Com efeito, o processo de mudanças descrioulizantes pode ter ocorrido de forma muito acelerada no decorrer deste século entre essas comunidades rurais, em função do violento processo de penetração no campo das grandes empresas capitalistas. Pensemos, inicialmente, no alto grau de isolamento lingüístico e cultural em que viviam, por exemplo, as comunidades quilombolas, clandestinas e ilegais até a abolição da escravatura – uma situação social altamente favorável à crioulização do português, ou mesmo à manutenção, em uso corrente, de línguas francas de base africana. Essa situação certamente pouco se alterou até as primeiras décadas deste século. A partir daí, inicia-se o violento processo de ocupação de vastas zonas rurais através dos empreendimentos capitalistas de mineração, extração madeireira e de produção de celulose, entre outros. Esses empreendimentos expulsavam de suas terras essas comunidades, e/ou acabavam por integrar os seus indivíduos no processo extrativo e/ou produtivo, através da exploração de sua força de trabalho, alterando drasticamente o seu modo de vida e desarticulando a sua cultura. A fala dessas comunidades *a fortiori* sofreria as maiores conseqüências desse processo, perdendo todas as suas particularidades crioulizantes ou mesmo desaparecendo na medida em que a coletividade que a usava se desintegrava. Desse modo, a intensa e violenta penetração do capitalismo no campo brasileiro teve como uma de suas conseqüências a de praticamente eliminar qualquer

evidência empírica acerca do nível de crioulização que a língua portuguesa sofreu no Brasil.

Portanto, no decorrer deste século, enquanto, no português popular, verifica-se uma tendência de mudança "para cima", não em direção aos padrões normativos, mas em direção ao padrão urbano culto (ou semiculto); no português culto, assiste-se a uma tendência de mudança de afastamento do padrão normativo de matiz europeu, uma mudança que se pode definir como "para baixo". Se é clara a influência "de cima para baixo" sobre as camadas populares, pode-se postular também uma influência "de baixo para cima" sobre as camadas médias e altas. Para além da intensificação do contato dessas camadas com dialetos populares rurais em função do êxodo da cidade para o campo, que se intensifica sobremaneira a partir da década de 40, há um fato da história sócio-econômica e demográfica do país que parece ser, nesse aspecto, decisivo.

Entre o final do século passado e as primeiras décadas deste século, chegaram ao Brasil mais de três milhões de imigrantes europeus e asiáticos. Esses indivíduos, em sua maioria, ingressaram na base da pirâmide social brasileira, dirigindo-se para o trabalho braçal no campo. Nessas circunstâncias, o modelo mais acessível de que dispunham para a aquisição do português era o proveniente dos capatazes e dos trabalhadores braçais locais, que, em sua maioria, eram ex-escravos africanos e seus descendentes nativos e/ou mestiços; ou seja, o português que esses imigrantes (principalmente os italianos e japoneses) aprenderam, ao chegar ao Brasil, era o português popular, com as profundas mudanças decorrentes do processo de transmissão lingüística irregular por que este havia passado. Contudo, em função de seu *back-ground* cultural, esses imigrantes ascenderam rapidamente na estrutura social, levando para o seio da norma culta algumas das estruturas de matiz popular que haviam adquirido em seu contato inicial com o português[13]. Pode-se perceber, assim, o caminho através do

[13] Pode-se pensar aí numa sorte de seleção operada pela reação dos falantes nativos cultos, que seriam mais refratários às estruturas populares mais estigmatizadas e mais tolerantes com as estruturas que colidissem menos com as estruturas mais normais do seu falar. Porém, como os julgamentos lingüísticos não operam no plano abstrato da estrutura lingüística, mas nas relações sociais e ideológicas que efetivamente se travam entre os falantes (Lucchesi, 1998b: 56-7), pode-se pensar que os falantes nativos das classes médias e alta seriam muito menos refratários aos desvios lingüísticos de um emergente empresário de origem européia do que diante dos padrões de fala dos trabalhadores braçais negros e mulatos.

qual certas estruturas da fala popular penetraram nas camadas médias e altas, implementando as mudanças "para baixo" que se observam no português culto.

Assim sendo, na profunda e complexa interação dos diversos segmentos sociais desse cenário sociolingüístico bipolarizado, podemos perceber, por um lado, como fatos lingüísticos que surgiram da aquisição/nativização defectiva do português pelos falantes africanos e seus descendentes puderam penetrar nas camadas médias e altas, generalizando-se no português brasileiro como um todo. Este pode ser o caso da variação na concordância de número (tanto verbal, quanto nominal), que se teria originado no processo de transmissão lingüística irregular ocorrido na base da pirâmide das sociedades colonial e do Império, e se teria difundido tornando-se hoje um fenômeno que se verifica em todos os extratos da sociedade brasileira; registrando-se, é bem verdade, a diferença de freqüência na variação que ainda separa os segmentos de maior poder aquisitivo e melhor nível de escolaridade, da população pobre analfabeta ou de pouca instrução (cf. Scherre, 1994: 38).

Portanto, se, no decurso desse século, atenua-se o quadro bem polarizado que predominou nos séculos anteriores, diminuindo os abismos que separavam a fala da elite da fala da população pobre, as marcas dessa polaridade ainda se mantêm; até mesmo porque se conservam as profundas desigualdades sociais, fruto de um absurdo e intolerável processo de concentração de renda que mancha e degrada a sociedade brasileira. Nas seções seguintes, buscarei caracterizar as tendências de mudança até certo ponto convergentes que, nos últimos cem anos, se observam nas normas culta e popular.

2. As mudanças no português culto

O conjunto de estudos desenvolvidos diretamente por Fernando Tarallo, ou sob sua inspiração e orientação, constituem um dos mais significativos conjuntos de trabalhos sobre os processos de mudança ocorridos, desde o século XVIII até os dias de hoje, na norma lingüística dos segmentos escolarizados – ou seja, nos padrões de fala das classes médias e altas[14].

[14] Para uma visão de conjunto desses trabalhos, veja-se, especialmente, Roberts & Kato 1993.

Analisando mudanças no tempo real e baseando-se obviamente em documentos escritos (em muitos casos, peças teatrais), esses estudos não podem ser tomados como base empírica para se verificar as tendências de mudança do português popular, para o qual se propõe um caráter descrioulizante. Ao contrário, ao retratarem as mudanças em curso nas camadas cultas, podem atestar as influências de baixo para cima a que me referi na seção anterior, como se observa a partir da comparação do Quadro 1 com os Quadros 2 e 3:

Quadro 1: Retenção pronominal de acordo com a função sintática no português, no período de 1725 a 1981

FUNÇÃO	1725	1775	1825	1880	1981
Sujeito	23,3%	26,6%	16,4%	32,7%	79,4%
Objeto direto	89,2%	96,2%	83,7%	60,2%	18,2%
SP's	96,5%	98,9%	91,3%	72,9%	44,8%

(Extraído de Tarallo, 1993b: 84)

Quadro 2: Ocorrência de sujeitos nulos no português, no período de 1845 a 1992

PERÍODO	SUJEITOS NULOS (%)
1845	80
1882	77
1918	75
1937	54
1955	50
1975	33
1992	26

(Extraído de Duarte, 1993: 112)

Quadro 3: Ocorrência de objetos nulos da primeira metade do século XVIII a segunda metade do século XX

SÉCULO	OBJETOS NULOS (%)
1ª metade do século XVIII	14,2
1ª metade do século XIX	41,6
2ª metade do século XIX	23,2
1ª metade do século XX	69,5
2ª metade do século XX	81,1

(Extraído de Cyrino, 1993: 165)

Os quadros 2 e 3, sobretudo este último, precisam o período em que o ritmo das mudanças se acelera, e evidenciam que as mudanças, de fato, se implementam a partir das primeiras décadas do século XX, coincidindo exatamente com momento mais intenso das transformações sócio-históricas, acima descritas, e não na virada do século, como sugerido por Tarallo (1993b). Essa alteração na cronologia, para além da sua importância historiográfica, reforça a idéia do condicionamento social das mudanças que se observam nos padrões de fala das camadas médias e alta e a possibilidade de influências de baixo para cima, seja através do aumento do contato com os segmentos populares, seja pela ascensão social dos imigrantes europeus e asiáticos.

3. As mudanças no português popular

As mudanças que alteraram as feições dos dialetos rurais brasileiros ao longo deste século foram notadas já nos trabalhos pioneiros dos primeiros dialetólogos. Em sua clássica descrição do dialeto caipira, Amadeu Amaral (1920: 12-3) observou que, "hoje, ele [o dialeto caipira] acha-se acantoado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fora daí, na boca de pessoas idosas, indelevelmente influenciadas pela antiga educação". Assim, o dialeto caipira, que constituiria a expressão mais evidente do profundo processo de mudança

que afetou a língua portuguesa no contato massivo com índios e negros[15], estaria já no início do século perdendo as suas características mais marcantes, em função da escolarização e da influência dos meios urbanos: "a instrução e a educação, hoje muito mais difundidas e exigentes, vão combatendo com êxito o velho caipirismo, e já não há nada tão comum como se verem rapazes e crianças *cuja linguagem divirja profundamente da dois pais* analfabetos" [16] (Amaral, 1920: 12-3).

Essa tendência de mudança das variedades populares e rurais do português do Brasil sob a influência dos modelos cultos e urbanos, nas quais se atenuam as marcas mais evidentes deixadas pelo massivo contato do português com falantes africanos, foi posteriormente destacada também por Gladstone Chaves de Melo, em sua monografia sobre o português do Brasil. Desse modo, falando sobre "a mais profunda influência africana no português do Brasil", Chaves de Melo (1946: 64) afirma que: "ela tende a se fazer cada vez menos sentir, em conseqüência da alfabetização, da instrução, do ensino supletivo, da divulgação de conhecimentos, e principalmente da ascensão social, econômica e cultural das classes inferiores".

Essa tendência de mudança em direção aos modelos urbanos e cultos é identificada por muitas monografias dialetais ao longo de todo o século XX, mesmo nas regiões mais refratárias ao processo de urbanização. É assim que, estudando o português caboclo do Amazonas – em pesquisa centrada nos Municípios de Itacoatiara e Silves, situados na região do médio-Amazonas, a 175 km de Manaus –, Corrêa (1980: 139) afirma que "embora o falar caboclo apresente características próprias (...), nos últimos anos, esse falar tem sofrido influências que se irradiam da cidade (Manaus) e se manifestam através dos jornais, do rádio e do ensino escolar (em Itacoatiara e Silves) e da televisão (somente em Itacoatiara)".

Se predominam essas impressões, não há entretanto análises empíricas de mudanças no tempo real que confirmem essa tendência geral de mudança. É notório que raríssimos são os registros históricos da fala popular. Os escassos testemunhos supérstites podem apenas sinalizar certos proces

[15] Note-se que, para Silva Neto (1963: 72) é "o dialeto caipira sem dúvida um dos remanescentes do primitivo crioulo". Assim também o definira Chaves de Melo (1946: 62): "sou levado a supor que se constituiu no planalto central paulistano um dialeto crioulo de tipo tupi-quimbundo, o qual intensamente lusitanizado posteriormente, deu o dialeto caipira".

[16] Grifo meu.

sos de mudança, situando-os numa cronologia bastante incerta. Não se podem, portanto, realizar para a norma popular estudos de mudança em tempo real, como os feitos por Tarallo e sua equipe no âmbito da norma culta. Há, contudo, estudos que, a partir de dados sincrônicos, fornecem evidências empíricas acerca da direção da mudança no português popular, no que se denominou estudo da mudança no *tempo aparente*.

Esse é o caso do estudo de Terezinha Nina (1980) sobre a concordância nominal e verbal, numa amostra de falantes rurais analfabetos de 10 municípios do Estado do Pará, na Região Norte do país. Em sua análise, a autora chegou aos seguintes resultados, relativamente à distribuição das variantes pelas faixas etárias dos informantes, que são apresentados nos Quadros 4 e 5:

Quadro 4: Aplicação da regra de concordância nominal entre falantes rurais analfabetos do Estado do Pará, segundo a variável faixa etária

CONCORDÂNCIA NOMINAL	FAIXA ETÁRIA	APLICAÇÕES PELO TOTAL DE OCORR.	PERCENT.
CONCORDÂNCIA	53 a 65 anos	368/1.715	21,46%
DE	36 a 45 anos	375/1.341	27,96%
NÚMERO	20 a 29 anos	662/1.532	43,15%
CONCORDÂNCIA	53 a 65 anos	531/752	70, 61%
DE	36 a 45 anos	626/835	74,57%
GÊNERO	20 a 29 anos	1.178/1315	89,17%

(Extraído de Nina, 1980: 118)

Quadro 5: Aplicação da regra de concordância verbal entre falantes rurais analfabetos do Estado do Pará, segundo a variável faixa etária

FAIXA ETÁRIA	APLICAÇÕES PELO TOTAL DE OCORR.	PERCENT.
53 a 65 anos	437/1.293	33,79%
36 a 45 anos	981/2.317	42,33%
20 a 29 anos	1.715/2.805	61,14%

(Extraído de Nina, 1980: 138)

O padrão ascendente, com os falantes jovens exibindo os maiores níveis de aplicação da regra, tanto no âmbito da concordância nominal, quanto no da concordância verbal, apontam para uma mudança no sentido da implementação do uso da concordância no português popular rural do Estado do Pará, no norte do Brasil, que pode ser enquadrada nessa tendência de aproximação aos padrões da fala urbana culta.

Um quadro similar é apresentado por Vieira (1995) em seu estudo sobre a concordância verbal na fala de comunidades de pescadores no norte do Estado do Rio de Janeiro, na região sudeste do país. Como se pode ver no Quadro 6 abaixo, os falantes mais jovens são os que apresentam o menor índice de cancelamento da regra de concordância, o que indica mais uma vez uma mudança aquisicional:

Quadro 6: A não-aplicação da regra de concordância verbal na fala dos pescadores do norte do Estado do Rio de Janeiro, segundo a variável faixa etária

FAIXA ETÁRIA	Nº DE OCORR. / TOTAL	FREQÜÊNCIA	PESO RELATIVO
18 a 35 anos	315/565	56%	.37
36 a 55 anos	463/781-	59%	.48
56 anos em diante	628/906	69%	.60

(Extraído de Vieira, 1995: 104)

Esse quadro de incorporação das regras de concordâncias nos padrões de fala dos segmentos populares pode ser interpretado como a atualização do processo de influência do modelo culto sobre a fala popular que se teria iniciado no início do século e se expandido e intensificado nas últimas décadas. Nesse sentido, confirma-se, para os segmentos populares, a tendência de mudança "para cima", que pode ser definida como descrioulizante (no sentido mais amplo do termo), já que essas mudanças de natureza aquisicional tomam como modelo o português culto.

Essa influência dos modelos do português culto sobre o português popular também pode ser inferida a partir de um outro estudo, realizado por Naro (1981), sobre a concordância verbal em falantes analfabetos; só que, neste caso, urbanos, mais especificamente, da cidade do Rio de Janei-

ro. Apesar de não chegar a um resultado conclusivo sobre a direção da mudança, o estudo consegue revelar a influência dos meios de comunicação de massa sobre os padrões de fala populares, através da perspicaz observação da variável *orientação cultural*, como se pode ver no Quadro 7:

Quadro 7: Aplicação da regra de concordância verbal entre falantes urbanos analfabetos da cidade do Rio de Janeiro, segundo a variável orientação cultural

ORIENTAÇÃO CULTURAL	APLICAÇÕES PELO TOTAL DE OCORR.	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
VICÁRIA	1.148/1.795	64%	.69
EXPERIENCIAL	1.854/4.515	41%	.31

(Extraído de Naro, 1981: 85)

Os informantes que acompanham as telenovelas, definidos como "de orientação vicária", e que, como bem observa o autor, demonstram interesse pelos modelos e pelo universo cultural das camadas médias e altas, exibem os maiores índices de aplicação da regra de concordância, enquanto os que são mais refratários a essa influência, definidos como de "orientação experiencial", exibem os menores índices. Tem-se, assim, um claro indício da influência "de cima para baixo" que induz processos de mudanças "para cima" no português popular.

4. Estruturas descrioulizantes nas variedades populares do português brasileiro

Se as evidências de mudança em direção aos modelos da norma culta indicam a natureza descrioulizante do português popular do Brasil, é preciso avançar nessa direção e buscar, em pelo menos alguns dialetos dessa variedade lingüística, estruturas que apontem para um estágio anterior de drásticas simplificações e profundas alterações, que caracterizam processos de mudanças crioulizantes. Certas comunidades rurais afro-brasileiras que, ainda hoje, permanecem em uma situação de relativo isolamento, e que, em muitos casos, são constituídas por descendentes dos membros de antigos quilombos ou por descendentes dos escravos de plantações ou minas

que permaneceram nessas localidades, parecem constituir o campo de pesquisa ideal para a obtenção dessas estruturas. A comunidade de fala de Helvécia, situada no extremo sul do Estado da Bahia, enquadra-se nesse perfil. Constituída, em sua ampla maioria, por descendentes de escravos dos grupos lingüísticos kwa e banto, trazidos para as plantações de café da antiga Colônia Leopoldina, instalada na região, a partir de 1818, a comunidade se manteve em relativo isolamento até o início da década de 70, devido à precariedade das suas vias de acesso.

Analisando uma amostra de fala, recolhida em 1994, na comunidade de Helvécia, observamos a variação da concordância verbal com a primeira pessoa do singular, atestada no exemplo (1), e a variação da concordância de gênero no interior do SN, como exemplificado em (2):

(1) a. *eu* não *cunhece* ninguém.
b. *eu passou* cum minha fia no faiado.
('eu passei com a minha filha no descampado')
(extraído de Lucchesi & Baxter, 1995)

(2) a. *Esses bebida assim manso* eu até que bebo, mas cachaça não.
b. Isso tudo era ainda no tempo d*o firma do Cunha*.
(extraído de Baxter, Lucchesi & Guimarães, 1997)

A variação na concordância verbal, na maioria dos dialetos populares atinge todas as pessoas, à exceção da primeira pessoa do singular, reduzindo-se nesse caso, o paradigma verbal a duas formas, que se opõe às quatro formas da norma culta, e às seis formas previstas pelo padrão normativo, como se pode ver, de uma maneira bem esquemática e geral, no Quadro 8:

Quadro 8: O paradigma da flexão número pessoal do verbo de acordo com as variedades socioculturais do português brasileiro

NORMA PADRÃO	NORMA CULTA	NORMA POPULAR	HELVÉCIA
Eu trabalho	eu trabalho	eu trabalho	eu trabalha/ trabalho
tu trabalhas	você trabalha	tu/você trabalha	tu/você trabalha
Ele trabalha	ele trabalha	ele trabalha	ele trabalha
nós trabalhamos	nós trabalhamos/ a gente trabalha	nós/a gente trabalha/ trabalhamo	nós/a gente trabalha/ trabalhamo
vós trabalhais	vocês trabalham	Vocês trabalha/ trabalham	vocês trabalha/ trabalham
Eles trabalham	eles trabalham	Eles trabalha/ trabalham	eles trabalha/ trabalham

O quadro de variação observado em Helvécia, relacionado com o dos demais dialetos populares, aponta, portanto, para um sistema anterior em que a deterioração do sistema flexional atinge o paradigma como um todo. Após essa drástica redução, se teria iniciado um processo de implementação da regra de concordância, a partir da primeira pessoa do singular. Situação semelhante foi observada por Emmerich (1984) no português pidginizado dos indígenas do Alto Xingu. Um outro paralelo interessante pode ser feito com os crioulos de base portuguesa, como os de Cabo Verde e São Tomé, igualmente desprovidos de qualquer flexão de número e pessoa no verbo. Tanto num caso como no outro, fortalece-se a hipótese do processo crioulizante anterior.

Raciocínio análogo cabe para o quadro de variação na concordância de gênero, que também não é comum entre os demais dialetos populares, e que aponta para uma gramática anterior, em que o sistema de concordância nominal foi profundamente afetado (cf. Lucchesi, 2000). Também nesse caso, encontra-se uma situação similar no chamado dialeto caipira – cf. Amaral (1920: 70) e Rodrigues (1974: 55) –, bem como no português de contato do Alto Xingu – cf. Lucchesi & Macedo (1997); e, da mesma forma, cabe o paralelo com os crioulos portugueses, que também não possuem regras de concordância nominal, em suas variedades basi e mesoletais[17].

[17] No crioulo de Cabo Verde, algumas marcas de gênero aparecem de forma marginal, em variedades acroletais, evidentemente, devido ao processo de descrioulização (cf. Baxter, Lucchesi & Guimarães 1997: 6-7).

Tanto no caso da concordância verbal, quanto no caso da concordância nominal, os estudos da mudança em tempo aparente apontam para o processo de implementação do uso das regras de concordância na comunidade de fala de Helvécia-Ba. Como se pode observar nos resultados da variante faixa etária exibidos nos Quadros 9 e 10, os falantes mais jovens são aqueles que exibem o maior nível de uso das regras de concordância, o que reflete, no *tempo aparente*, um incremento da aplicação das regras, em termos diacrônicos.

Quadro 9: A variação na concordância sujeito-verbo com a primeira pessoa do singular, no dialeto de Helvécia-Ba, segundo a variável faixa etária

FAIXA ETÁRIA	Nº DE OCORRÊNCIAS DE APLIC. DA REGRA	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
Mais de 60 anos	752/1154	65%	.21
40 a 60 anos	787/920	86%	.51
20 a 40 anos	1017/1060	96%	.80

(Extraído de Lucchesi & Baxter, 1995)

Quadro 10: A variação na concordância de gênero no interior do sintagma nominal, no dialeto de Helvécia-Ba, segundo a variável faixa etária

FAIXA ETÁRIA	Nº DE OCORRÊNCIAS DE APLIC. DA REGRA	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
mais de 60 anos	891/1001	89%	.23
40 a 60 anos	1070/1110	96%	.56
20 a 40 anos	984/1001	98%	.72

(Extraído de Baxter, Lucchesi & Guimarães, 1997)

Contudo, os fatos lingüísticos arrolados, até então, em favor da hipótese de mudanças de natureza crioulizante na formação do português popular do Brasil estão circunscritos aos processos de simplificação do sistema morfológico da flexão nominal e verbal. Argumentam os que advogam que o português popular evoluiu pelo processo normal da deriva lingüística interna que a simplificação morfológica está presente na deriva histórica do português desde as

suas origens mais remotas no indo-europeu, com destaque para a perda da flexão casual dos nomes, na passagem do latim ao romance. Os defensores do caráter crioulizante (ou semi-crioulo) dessas mudanças não teriam apresentado ainda um exemplo de restruturação original da gramática, que caracterizam os processos mais típicos de crioulização como, por exemplo, a serialização verbal e o desenvolvimento de sistemas de partículas independentes para a marcação das categorias verbais de tempo, modo e aspecto.

Não acredito que tenha havido na história do português a estabilização de um crioulo típico que pudesse dar ensejo, de forma relevante, a restruturações desse tipo. Penso, sim, que processos de crioulização leve, como o que ocorreu na Ilha de Reunião, na costa leste da África, devem ter marcado a história do português popular do Brasil, de modo que tais processos de restruturação independente teriam ocorrido de forma marginal e normalmente não lograram uma estabilização na gramática da língua (cf. Lucchesi, 2000). Entretanto, numa análise ainda em curso e tendo observado apenas uma amostra restrita, pude detectar, na comunidade de Helvécia-Ba, um caso de restruturação original da gramática. Isso é bastante significativo, pois os dados sócio-históricos disponíveis permitem relacionar com segurança esse fato ao processo de transmissão lingüística irregular que caracteriza a formação desse dialeto – cf. Baxter & Lucchesi (1999).

Trata-se da complementação dos verbos transitivos diretos e indiretos (referidos também como verbos que selecionam dois argumentos internos). No português, tem-se como estrutura normal a exemplificada em (3), em que ao verbo *dar* se seguem, pela ordem, o objeto direto (OD) *o livro* e o objeto indireto (OI) *a Maria*, que é regido pela preposição *a* ou pela preposição *para*:

(3) O João deu o livro *à/para a* Maria.

Um modelo gramatical diferente é o encontrado, por exemplo, no inglês, que, ao lado da construção análoga à do português, em que o objeto indireto, regido pela preposição *to*, segue o objeto direto – como exemplificado em (4) –, admite a estrutura, exemplificada em (5), em que o objeto indireto, sem a preposição, antecede o objeto direto, situando-se imediatamente à direita do verbo:

(4) John gave the book *to Mary*.

(5) John gave *Mary* the book.

Essa dupla possibilidade de realização dos verbos transitivos diretos e indiretos, que não é atestada em nenhum estágio pretérito da evolução do português, é o padrão predominante na fala dos indivíduos idosos da comunidade afro-brasileira de Helvécia. Nos casos em que a ordem é V+OD+OI, a presença da preposição é categórica, como exemplificado em (6). Nos casos em que a ordem é V+OI+OD – como exemplificado em (7)[18] –, a ausência da preposição é de 66%, sendo que o *input* da regra de inserção da preposição nesse contexto é de apenas .21, de acordo com o programa de análise de regras variáveis VARBRUL (com nível de significância de .028).

(6) Cumé que ocês num trouxe ninhuma mulé *pra mim*?
V OD OI

(7) a. Gente de tempo é assim, se eu dou *o sinhor* marcriaçõ...
V OI OD
('gente antiga é assim, se eu faço malcriação para o senhor')

b. Com remédio, comprava purgante, dava *esses* os purgante.
V OI OD
('com remédio, comprava o purgante e dava a esses [meninos] os purgantes)

c. Dá *a essa muié* a bença, meu fio!
V OI OD
('pede a essa senhora a benção, meu filho')

Um paralelo notável pode ser feito com os crioulos portugueses em África. Tanto no crioulo da Guiné-Bissau (Kihm, 1994: 54), quanto no angolar, falado em São Tomé e Príncipe (Maurer, 1995: 113), predominam as construções em que o OI precede o OD sem estar regido por qualquer preposição, como exemplificado em (8) e (9), respectivamente:

(8) Mininu manda *si mame* uma carta
menino mandar sua mãe uma carta
'o menino mandou uma carta para sua mãe'

(9) Ê ra Têtêuga ua kiba palaxu.
Ele dar Tartaruga uma parte palácio
'ele deu à Tartaruga uma parte do seu palácio'

[18] Como se pode observar, as ocorrências a. e b. exemplificam a ausência da preposição, enquanto que a ocorrência c. mostra a presença da preposição.

O mesmo padrão predomina também no papiamento (Kouwemberg & Muysken, 1995: 209), como exemplificado em (10):

(10) Maria a duna *Wanchu* un buki
Maria pass dar João um livro
'Maria deu o livro ao João'

Já no sranan, a ordem básica é igualmente V + OI + OD sem preposição, como exemplificado em (11), sendo que "esses dois objetos [...] podem trocar de posição, com a condição de que o objeto indireto seja introduzido pela preposição *na* 'para'" (Adamson & Smith, 1995: 226-227), como exemplificado em (12):

(11) I e skrif *i sisa* wan brifi.
OI OD
'você está escrevendo sua irmã uma carta'

(12) I e skrif wan brifi *na i sisa*
OD OI
'você está escrevendo uma carta para sua irmã'

Temos, portanto, a atestação de um processo de restruturação gramatical, com um significativo paralelo com crioulos de base lexical portuguesa (total, ou parcial), em um dialeto popular brasileiro que seguramente passou por um processo de transmissão lingüística irregular durante o século passado; processo este que em muito se assemelha ao das situações de contato lingüístico que marcaram os quatro primeiros séculos da história do Brasil, principalmente nas vastas regiões do interior do país.

Conclusão

Do que foi dito até então pode-se concluir, em primeiro lugar, que, diferentemente do que afirma Tarallo (1993a), estudos de processos de mudanças que indicam um afastamento do português culto do padrão normativo de matiz europeu não constituem evidência contra a hipótese da ocorrência de mudanças de caráter crioulizante na formação do portu-

guês popular, desde que esses processos sejam integrados na visão aqui proposta da realidade lingüística brasileira como bipolarizada, na qual a norma culta e a norma popular apresentam tendências específicas de mudança. Desse modo, os processos de mudança que indicam esse afastamento do português brasileiro culto do padrão normativo podem, sim, refletir influências "de baixo para cima", resultantes da crescente interação dessa variedade lingüística com os dialetos populares que se observa desde o início desse século.

No que tange ao português popular, considero que os processos de transmissão lingüística irregular que marcaram a aquisição massiva do português pelas populações indígenas e de origem africana devem ser levados em linha de conta para a compreensão de sua configuração atual. Contudo, se, como argumenta Guy (1981 e 1989), há dados sócio-históricos que corroboram a hipótese da crioulização prévia do português popular, há certos aspectos da história sociocultural do Brasil que fazem crer que não ocorreu a estabilização de uma língua crioula no país, como aconteceu, por exemplo, no Haiti, ou em São Tomé, na África. Dentre esses aspectos sócio-históricos, poderia destacar: a grande mortandade de aloglotas; o uso de línguas africanas como línguas francas entre as populações de escravos (cf. Castro, 1990); o fenômeno da mestiçagem; e os mecanismos de cooptação social dos mulatos e dos escravos ladinos, que fomentavam um melhor desempenho desses indivíduos no manejo do português (cf. Lucchesi, 2000). Portanto, acho mais razoável supor a existência de processos de pidginização/crioulização de tipo leve, dentro da visão mais ampla expressa através do conceito de *transmissão lingüística irregular*; sendo mais apropriado falar, no âmbito da história do português popular brasileiro, em termos de sistemas com características crioulizantes, ou de semi-crioulos[19] (cf. Holm, 1991), e não propriamente em pidgins e crioulos típicos.

O quadro da pidginização/crioulização leve não se caracteriza por uma restruturação profunda e independente da gramática, como ocorre nos processos mais característicos da crioulização, deve-se pensar antes em termos de uma redução drástica dos paradigmas gramaticais e uma conse-

[19] Foi Serafim da Silva Neto (1963 [1951]) o primeiro a utilizar o termo *semi-crioulo* para designar as variedades lingüísticas geradas pela aquisição precária do português entre os segmentos afro-brasileiros, no período da colonização do Brasil.

qüente maximização dos recursos disponíveis. Desse modo, seriam características desses processos as expostas no Quadro 11:

Quadro 11:

(i) redução dos processos sintáticos de concordância verbal e nominal, decorrente da drástica redução dos mecanismos de flexão verbal e nominal, que podem levar à eliminação gramatical de certos tempos verbais;

(ii) redução da flexão de caso dos pronomes;

(iii) redução/eliminação do movimento em construções interrogativas;

(iv) substituição dos processos de relativização com movimento por processos com um nexo tipo complementizador acompanhado por uma cópia pronominal (com a possibilidade de apagamento desta);

(v) redução, ou eliminação, de mecanismos sintáticos de subordinação e da voz passiva;

(vi) reforço do processo de negação, com construções de dupla negação;

(vii) redução do uso do artigo definido, com o incremento de estruturas dêiticas (com o uso de demonstrativos e advérbios locativos) para marcar definitude;

(viii) redução do elenco e do uso de preposições;

(xix) o uso variável do verbo copulativo.

Em todos os casos, a eliminação seria menos provável, ocorrendo mais comumente um quadro de profunda variação no uso desses morfemas e mecanismos gramaticais. Por outro lado, nível da variação no uso desses elementos oscila bastante se nos movemos pelo imenso tabuleiro diatópico dos falares populares brasileiros. E mesmo nas comunidades isoladas do interior do país, em que as características do processo anterior de transmissão lingüística irregular são mais evidentes (como no caso de Helvécia-Ba, aqui apresentado), os processos de mudança em curso apontam para o desaparecimento dessas marcas em função da influência do modelo urbano culto.

Poder-se-ia, então, ir adiante nesse raciocínio, postulando-se que as possíveis resultantes do contato entre línguas no conjunto das variedades

populares estariam sendo neutralizadas desde o início do século. Nesse caso, por que defender a relevância dos processos de transmissão lingüística irregular para compreensão da realidade lingüística brasileira?

Basicamente porque a compreensão da formação sócio-histórica da língua no Brasil como um processo constituído por duas grandes vertentes (uma culta e outra popular) pressupõe, a partir do século passado, uma interação e uma mútua influência entre essas duas vertentes, que, em muitos casos, possuem sentidos tangencialmente convergentes; direcionando-se, assim, para uma espécie de *ponto impróprio*[20].

Assim sendo, se, como descrito acima, a influência da norma culta teria produzido o apagamento das marcas mais características do processo de transmissão lingüística irregular nas variedades populares, também se abriram vias através das quais os processos de mudança decorrentes do contato entre línguas também se refletiram nos padrões de fala das camadas médias e altas. A variação na concordância entre o sujeito e verbo, com uma conseqüência da redução do paradigma da flexão verbal, que se observa hoje na norma culta, poderia ser vista como um desses reflexos. E se tomarmos em linha de conta que estudos mais recentes da diacronia da língua no Brasil, dentro de uma perspectiva da teoria da gramática – cf.,

[20] *O conceito de ponto impróprio* ou *ponto no infinito da reta* é tomado de empréstimo ao instrumental teórico da Geometria e designa o ponto projetado no infinito para representar o contato entre duas retas paralelas, situadas no espaço euclidiano. Ou seja, é a formalização que a Geometria apresenta para a idéia intuitiva de que duas retas paralelas se encontram em um ponto no infinito. A escolha da imagem do ponto impróprio se justifica, na medida em que a postulação de que as normas culta e popular apresentam, neste século, tendências de mudança, em certo sentido convergentes, após terem se mantido em direções paralelas, ou mesmo divergentes, nos séculos anteriores, não significa que se esteja encaminhando para uma fusão dos dois pólos constituintes da realidade lingüística brasileira. Uma possível tendência à aproximação, decorrente das mudanças para cima observadas na norma popular e das mudanças para baixo na norma culta, se implementa numa rede extremamente complexa de relações sociais e ideológicas, que engendram uma série de mecanismos de refração a essas ondas de mudança. Como um exemplo disso, poderíamos citar o sentimento de distinção de classe das camadas médias e altas, que refreiam , ou impõem limites às tendências de simplificação dos mecanismos de concordância que se observam nos seus padrões de fala. Desse modo, a manutenção de um paradigma flexional mais rico ou uma maior freqüência na aplicação da regra de concordância – sobretudo nos registros mais formais – funcionaria como um indicador da divisão sócio-cultural entre as camadas altas e médias, de um lado, e as camadas baixas, de outro. Portanto, a identificação de certas tendências de mudança convergentes não significa necessariamente que esteja em perspectiva uma aproximação das duas normas. O aumento da concentração de renda juntamente com o empobrecimento e a marginalização das classes populares constituem um efetivo obstáculo à implementação dessa aproximação.

 BEST COPY AVAILABLE

por exemplo, Galves (1993) –, postulam que a redução do paradigma da flexão verbal e a simplificação do mecanismo da concordância verbo-nominal teriam desempenhado um papel decisivo no desencadeamento do conjunto de mudanças que ao longo dos últimos cem anos produziram a distinção entre as gramáticas do português do Brasil e do português europeu, poderíamos, enfim, reunir dentro de uma perspectiva de complementaridade os fatos e interpretações da história sociolingüística do português brasileiro e as análises diacrônicas da estrutura interna da língua portuguesa no Brasil; e, assim, atingir o ponto onde seria inserida a *clef de voûte* do tão extenso, complexo e diversificado panorama lingüístico do Brasil.

Referências Bibliográficas

Adamson, L. & Smith, N. (1995) Sranan. In: Arends, J., Muysken, P. & Smith, N. (eds.) *Pidgins and Creoles: an Introduction*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamis: 219-32.

Amaral, A. (1920). *O Dialeto Caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955.

Baxter, A. & Lucchesi, D. (1999) Un paso más hacia la definición del pasado criollo del dialecto afro-brasileño de Helvécia (Bahia). In: Zimmermann, K. (org.) *Lenguas Criollas de Base Lexical Española y Portuguesa*. Frankfurt am Main: Vervuert: 119-141.

_____ (1997) A relevância dos processos de pidginização e crioliização na formação da língua portuguesa no Brasil. In: *Estudos Lingüísticos e Literários* 19: 65-84.

Baxter, A., Lucchesi, D. & Guimarães, M. (1997) Gender agreement as a decreolizing feature of the Afro-Brazilian rural dialect of Helvécia. In: *Journal of Pidgin and Creole Language*, 12(1):1-57.

Calógeras, J. P. (1927) *A Política Exterior do Império*. São Paulo. 2 vols.

Câmara JR., J. M. (1972) Línguas européias de ultramar: o português do Brasil. In: Câmara Jr., J. M. *Dispersos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas: 71-87.

_____ (1976) *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.

Castro, Y. P. de (1990) Os falares africanos na interação social dos primeiros séculos. In: Mello, L. A. (org.) *Sociedade, Cultura & Língua*. João Pessoa: Shorin.

CHIAVENATO, J. (1980) *O Negro no Brasil: da Senzala à Guerra do Paraguay*. São Paulo: Brasiliense.

CORRÊA, H. (1980) *O Falar Caboclo Amazonense*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, Dissertação de Mestrado, ms.

CUNHA, C. (1970) *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

_____ (1985) *A Questão da Norma Culta Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

CYRINO, S. (1993) Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.). *Português Brasileiro – uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp: 163-184.

DUARTE, M. E. L. (1993) Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.) *Português Brasileiro – uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp: 107-128.

ELIA, S. (1979) *A Unidade Lingüística do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão.

EMMERICH, C. (1984) *A Língua de Contato no Alto Xingu*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. ms.

FRY, P., VOGT, C. & GNERRE, M. (1981). Mafambura e Caxapura: na encruzilhada da identidade. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, 24(3). Rio de Janeiro: Campus: 373-89.

GALVES, C. C. (1993) O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.) *Português Brasileiro – uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp: 387-408.

GUY, G. (1981) *Linguistic Variation in Brasilian Portuguese: Aspects of Phonology, Sintax and Language History*. University of Pennsylvania, PhD Dissertation. Ann Arbor: University Microfilms International.

_____ (1989) On the nature and origins of popular brasilan portuguese. In: *Estudos sobre el Español de América y Linguística Afroamericana*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervom: 227-245.

HOLM, J. (1987) Creole influence on popular brazilian portuguese. In: GILBERT, G. (ed.) *Pidgin and Creole Languages*. Honolulu: University of Hawaii Press: 406-429.

_____ (1991) A theoretical model for semi-creolization. Paper presented at the 9th Conference of the Society for Caribbean Linguistics. University of the West Indies, Cave Hill, Barbados. KIHM, A. (1994)

Kryol Syntax – The Portuguese-based Creole Language of Guinea-Bissau. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

KIHM, A. (1994) *Kryol Syntax – The Portuguese-based Creole Language of Guinea-Bissau*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

KOUWEMBERG, S. & MUYSKEN, P. (1995) Papiamento. In: ARENDS, J., MUYSKEN, P. & SMITH, N. (eds.) *Pidgins and Creoles: an Introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins: 205-218.

LUCCHESI, D. (2000) *A Variação na Concordância de Gênero em uma Comunidade de Fala Afro-brasileira: Novos Elementos sobre a Formação do Português Popular do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado. ms.

_____ (1994) Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolingüística do português do Brasil. In: *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 12: 17-28.

_____ (1996) Variação, mudança e norma: a questão brasileira. In: CARDOSO, S. A. M. (org.) *Diversidade Lingüística e Ensino*. Salvador: EDUFBa: 69-80.

_____ (1998a) A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizado: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: S. GROÂE & K. ZIMMERMANN (eds.) *"Substandard" e Mudança no Português do Brasil*. Frankfurt am main: TFM: 73-100.

_____ (1998b) *Sistema, Mudança e Linguagem*. Lisboa: Colibri.

_____ (1999) A variação na concordância de gênero em dialetos despidginizantes e descrioulizantes do português do Brasil. In: K. ZIMMERMANN (ed.) *Lenguas Criollas de Base Lexical Española y Portuguesa*. Madrid: Ibero-Americana.

LUCCHESI, D. & BAXTER, A. (1995) A variação na concordância verbal com a 1ª pessoa do singular como parte do processo de descrioulização do dialeto de Helvécia-Ba. Comunicação apresentada à *47ª Reunião Anual da SBPC*, São Luís-Ma. ms.

LUCCHESI, D. & MACEDO, A. (1997) A variação na concordância de gênero no português de contato do Alto Xingu. *Papiá – Revista de Crioulos de Base Ibérica*, 9: 20-36.

MAURER, P. (1995) *L'angolar – Un Créole Afro-portugais Parlé à São Tomé*. Hamburg: Helmut Busque Verlag.

MELO, G. C. de (1946) *A Língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Agir.

MENDONÇA, R. (1933) *A Influência Africana no Português do Brasil*. Rio de Janeiro: Sauer.

NARO, A. (1981) The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, 57(1): 63-98.

NARO, A. & SCHERRE, M. (1993) Sobre as origens do português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.*, 9, n.º Especial: 437-454.

NINA, T. (1980) *Concordância Nominal/Verbal do Analfabeto na Micro-Região Bragantina*. Porto Alegre: PUC-RS. Dissertação de Mestrado. ms.

QUEIROZ, S. (1984) *A Língua do Negro da Costa – um Remanescente Africano em Bom Despacho (MG)*. Belo Horizonte: FALE-UFMG. Dissertação de Mestrado, ms.

RAIMUNDO, J. (1933) *O Elemento Afro-negro na Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença.

RIBEIRO, D. (1997) *O Povo Brasileiro: Evolução e Sentido do Brasil*. 2ª ed. 10ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras.

ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.) *Português Brasileiro – uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp.

RODRIGUES, A. N. (1974) *O Dialeto Caipira na Região de Piracicaba*. São Paulo: Ática.

RODRIGUES, N. (1935) *Os Africanos no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Editora Nacional.

SCHERRE, M. (1994) Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 12: 37-49.

SILVA NETO, S. da (1963) *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, 2ª ed. Rio de Janeiro: INL.

_____ (1988) *História da Língua Portuguesa no Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Presença.

SIMONSEN, R. (1937) *História Econômica do Brasil (1500-1820)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 2 vols.

TARALLO, F. (1993a) Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.) *Português Brasileiro – uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp: 35-68.

_____ (1993b) Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d`aquém e d`além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.). *Português Brasileiro – uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp: 69-106.

VIEIRA, S. (1995) *Concordância Verbal: Variação em Dialetos Populares do Norte Fluminense*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. ms.

VOGT, C. & FRY, P. (1982) A descoberta do Cafundó: alianças e conflitos no cenário da cultura negra no Brasil. *Religião e Sociedade*, 8: 45-52.

VOGT, C. & FRY, P. (1983) Ditos e feitos da *falange* africana do Cafundó e da *calunga* de Patrocínio (ou de como fazer falando). *Revista de Antropologia*, 26: 65-92.

VOGT, C. & FRY, P. (1985) Rios de cristal: contos e desencontros de línguas africanas no Brasil. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 8: 109-128.

Interview with M. A. K. Halliday, Cardiff, July 1998

Interviewers: Geoff Thompson (GT), from the University of Liverpool and Heloisa Collins (HC), from the Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

Resumo: *Esta entrevista com MAK Halliday foi conduzida durante o 25º Instituto e Congresso Internacionais em Linguística Sistêmico-Funcional, realizado em Cardiff, Grã-Bretanha. A entrevista apresenta discussões muito interessantes e frequentemente inéditas sobre o desenvolvimento da teoria Sistêmico-Funcional, a relação entre a Sistêmico-Funcional e outras escolas linguísticas, a visão de MAK Halliday sobre a Linguística Crítica, as relações entre linguística e cognição e a questão da relação entre Registro e Gênero. Adicionalmente, MAK Halliday toca em algumas questões teórico-práticas de análise tais como a questão da extensão do Tema e a relação entre Transitividade e Ergatividade. A entrevista termina com uma discussão sobre as dificuldades a serem superadas na análise mediada por computador, à luz da complexidade da teoria.*

Abstract: *This interview with MAK Halliday was conducted in Cardiff, UK, during the 25th International Systemic Functional Institute & Congress. The interview offers interesting discussion on traditional and new issues in Systemic Functional Linguistics, including the development of the theory, the relationship between systemic functional linguistics and other linguistic trends, MAK Halliday 's views on critical linguistics, the relationship between linguistics and cognition and the relationship between Register and Genre. In addition to those issues, MAK Halliday deals with some theoretical and practical analytical issues, such as Theme, Transitivity and Ergativity. The interview closes with a discussion about difficulties to be overcome by computer-mediated analysis, in the light of the complexity of the theory.*

Introduction

This interview was conducted in Cardiff, UK, during the 25th International Systemic Functional Institute & Congress, when ISFC celebrated its Silver Jubilee. It was made possible thanks to MAK Halliday´s friendly welcome to the proposal from the very beginning.[1]

The Institute took the form of a masterclass based on MAK Halliday´s most important recent work at the time, *An Introduction to Functional Grammar* (2nd ed). Taught by Halliday himself, with the assistance of Christian Matthiessen, the course offered us all a unique opportunity to revisit the main points of the theory in the light of Halliday´s current thinking and to discuss issues of interest with renown systemicists: Margaret Berry, David Butt, Martin Davies, Peter Fries and Geoff Thompson.

The Congress brought together hundreds of systemicists, both new and experienced in the field, from all over the world. Speakers of Portuguese were represented by a party of fifteen researchers. Of these, half presented papers as members of DIRECT, a bi-national research project in business communication that started its activities in 1990, bringing together two teams of applied linguists. One team originated from the Applied English Language Studies Unit – AELSU, at the University of Liverpool, and included Flo Davies, Mike Hoey, Geoff Thompson, Mike Scott and Susan Thompson, among others. The other team originated from LAEL – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem, at PUC-SP, and included Maria Antonieta Celani, Leila Barbara, Heloisa Collins, Rosinda Ramos, Tony Berber Sardinha and Alice Freire, among many others. Together, both teams developed theoretical and applied research and published several joint papers where SFL played a major role.

At PUC-SP, where SFL had not been established as an area of systematic studies before the DIRECT project, Halliday´s thoughts and insights into language opened a new inspiring road for research. A lot of work was produced during the Direct years (over 20 thesis and dissertations, 44 working papers and countless papers published and presented in national and international conferences) and a whole new generation of applied

[1] I would like to take the liberty to publicly thank Geoff Thompson for his invaluable work, especially during the editing stage. H.C.

linguists at LAEL was formed in the Systemic-Functional tradition. The trip to Cardiff to attend a course with MAK Halliday was, therefore, a very special treat for the Brazilian group and the object of very careful planning, which included planning this interview.

We hope you enjoy reading the interview as much as we enjoyed talking to MAK Halliday and later preparing the text for DELTA.

The Interview

The development of the theory

HC – Can I ask you first about how you see your own work as fitting into the development of linguistics as a whole, and especially language as social practice?

MAKH – I see it as part of the development of the field. I would always emphasize how much I share with other linguists: I've never either felt particularly distinct or wanted to be distinct. I never saw myself as a theorist; I only became interested in theory, in the first place, because, in the theoretical approaches that I had access to, I didn't find certain areas developed enough to enable me to explore the questions that I was interested in. For example, in Firth's work – obviously, the main influence on me was my teacher, J. R. Firth – there was a sort of hole in the middle. He did a lot of work at the phonology-phonetics end, and he did a lot of work at the context of situation end, but he didn't work with grammar. So I felt I had to develop that. But, essentially, I took his basic notions of systems and structures. And in the broader sense, I've always felt that what I was doing was very much part of the tradition – well, I should say, perhaps, part of the European tradition, because we didn't take very much from American structuralism. I did, though, draw on the Sapir-Whorf tradition in the United States – but not so much the post-Bloomfield school, which seemed more remote. And also when I came to know of Pike's work, I found that it was much more compatible with what I was doing. And then, bringing in another aspect, I was also very much influenced by my study in China, where I had been taught both traditional Chinese phonological theory, and also modern theory but as applied to Chinese linguistics. For example, I did my historical linguistics in relation

to Sino-Tibetan, not in relation to Indo-European; and my dialectology in Chinese dialects and so on.

Now as regards the social practice, again I would feel that what I've explored has been a development of these interests. Again, it goes back to Firth, whose view was – and I think he said it in so many words – that the important direction for the future lay in the sociology of language. In the sixties, the name and the concept of socio-linguistics came into being. It was defined by somebody in the United States – I've forgotten now if this was Labov's formulation or Fishman's, or whose – as inter-relations between linguistic structure and social structure. I suppose my own thinking was a bit different from the main-stream socio-linguistics as that evolved and developed; indeed I was quite critical of it in some respects. My influence came more from Bernstein. I generally accepted his view of cultural transmissions and the framework he was using at the time: family role systems and their effect on language. He struck me as the one leading sociologist who really built language into his theory. So there was a lot of influence there, and that provided the context for my thinking on these issues.

HC – I remember that in one of the lectures during the institute you told us about why it was that Bernstein for a while suffered all sorts of criticism: the way he put across his ideas at the time was not completely well-received.

MAKH – He was totally brutalized: it drove him right out of the field. I think it was mainly in the United States that his work was misunderstood,[2] although that meant the picture got transmitted back

[2] As Halliday points out, Basil Bernstein has had an important influence on the way in which systemic-functional linguists view the relationships between language and society. The aspect of his theory which led to the attacks on him that Halliday mentions was the idea of restricted and elaborated codes. A restricted code is the kind of language that we typically use in informal conversation with friends and family. For example, one of the features of our language in such contexts is that we do not need to make things explicit, because we can rely on the other person understanding when we talk about 'that thing over there' etc. An elaborated code is the kind of language that is used in more formal contexts (such as writing), when we need to make things more explicit – and we typically talk and write about more complex topics than in informal conversation. Bernstein argued that middle-class children had an advantage at school because they were more likely to be exposed at home not only to restricted codes but also to elaborated codes; whereas working class children were more likely to be exposed only to restricted codes at home, and therefore faced greater difficulties in coping with the language of education. Bernstein

across the Atlantic and his work was misunderstood over here as well, and in many other places – although not quite universally. At that time, Ruqaiya Hasan had got interested in Bernstein's work and Bernstein invited her to join in his project along with another linguist, Geoffrey Turner, who is here at this congress; and Bernie Mohan (now in Vancouver) worked with him for a while as well. Bernstein was at the Institute of Education in London while I was at University College, so it was very easy to meet and to interact.

GT – You've talked about some of the main people that influenced you. What about the way your theory developed? What kind of stages would you see in your thinking?

MAKH – From the late fifties onwards, and particularly when I started working with teachers, I felt that I needed to get a much more secure grounding both in an overall theory, an overall model of language, and also specifically in grammar and semantics. We didn't have any semantics at that time – it was very weak. So I moved consciously in that direction, and I was saying, I'm not ready to take further the notion of language in relation to social processes until I feel more confident of what I can say about language itself. So in that period, particularly in the sixties, I spent a lot of time, first of all, exploring Chomsky's work. And I found it didn't really answer my questions, it didn't help me to explore the right kind of issues. So I moved back to what I had been doing before, originally on Chinese. I shifted over into English; and in the sixties I worked with teachers at all levels, so I became involved with the context of developing a grammar for educational purposes. Now I still saw that as a part of what I sometimes call the social accountability of the linguist – although it wasn't directly political, it was, as I saw it, trying to make a contribution to society. And also, of course, we learn a lot about language from being involved in practical applications like this. I had this group in London, which I think must have been about the only time that somebody had got a research and development project where there were primary and secondary and tertiary

---

emphasized that both codes were equally good at serving their intended function, and saw his work as providing a basis for more enlightened and effective approaches to education (cf. what Halliday says later about 'giving value to varieties of language that were traditionally neglected'). However, his views were mistakenly or maliciously interpreted by many critics as being a snobbish claim that working class children were less intelligent and inherently unable to master the elaborated codes required for advancement in the society.

teachers all in the same room, all doing the same job and working together. We spent about two years learning to talk to each other, finding out what each other was on about. That was immensely valuable.

By that time, of course, what I was doing in the core areas of language had very little value among linguists: it wasn't recognized. So I thought, OK, now in any case is it time to turn back to the social? And I tried to develop this notion of social semiotics. I did a lot of work in the seventies where I was moving away from the grammar and other core areas and saying, right, now let's look again at what is outside language and see if I can make contact there, but in a different perspective. And then in the eighties I centred my writing again on the grammar. I thought, right, let's see how far we can make explicit a system-based grammar, but now with the semantics in it. By that time there were a number of people who were working in systemic computational linguistics. Up to about 1980, I had got involved a few times trying to test bits of the grammar computationally, but we didn't learn anything from it. We hadn't got to that stage yet; but from about 1980, with fifth generation computers, the computer became a real research tool. There was Bill Mann's project in California that I wrote the grammar for first, and then Christian [Matthiessen] was taken on. He was doing his Ph.D. in UCLA at the time and they took him on part-time. He extended the grammar, developed it, learnt the basic skills required for text generation, working with a computer; and that fed back immensely, both through him as a person and as a great grammarian, but also through the experience of learning how to write grammars so that they could be processed in the machine. So all the time we've moved out into new directions, new kinds of application, but there's always been a significant feeding back into the theory.

GT – One thing that constantly emerged last week [in the Systemic Linguistics Summer School run by Halliday] were references back to your early work, showing a continuity which seems to me to have been quite marked. There seems to be a constant thread in your thinking: one can go back to the early papers and find things in which the details may have changed, but the basic ideas remain. Would you say that you have essentially been working out ideas that were there in embryonic form from the start?

MAKH – In a certain sense, yes. That's not to say, obviously, that there haven't been shifts. I'll give you one example. One important input was the political one, when I was working with a group of Marxist linguists

who were trying to develop a Marxist theory of language. I learnt a lot from them, because we were very concerned to work out a theory that would give value to varieties of language that were traditionally neglected. I mean dialects as opposed to standards, spoken language as opposed to written, and learners' languages – children and non-native speakers, emerging languages from ex-colonies, unwritten vernaculars, all these kind of things. We didn't see ourselves as doing something terribly revolutionary; we saw this essentially as being present in European thinking, but needing to be brought together. Now, one example of where I've changed is that I had at that time what you might call a classical Marxist view, which was very much technology driven and therefore seeing language as a kind of second-order phenomenon, where essentially it was reflecting rather than construing.[3] But there has been a shift, generally, towards what has been characterized as neo-Marxist (I never liked these 'neo' labels, but it's certainly not 'post-Marxist'). I now want a better account of the balance between the material and the semiotic in human history. And so, instead of seeing language as essentially technology-driven, I would want to see it as a product of the dialectic between material processes and semiotic processes, so the semiotic become constructive – constitutive, if you like. That, I would say, is a fairly important shift.[4]

SFL and other schools of linguistics

GT – Very broadly, would it seem to you to be fair to characterize the two main streams of linguistics as isolating and integrating, with yours very firmly in the integrating camp?

---

[3] The fact that language does not simply 'reflect' social structures but 'construes' them is a fundamental tenet of systemic functional linguistics. The 'reflecting' view assumes that social structures exist and language use merely mirrors them: to take a simple example, we have different ways of talking to social inferiors and superiors because society is organised in such a way that there is often a difference in rank between people who talk to each other. The 'construal' view, on the other hand, assumes that language use not only mirrors social structure but also constructs and maintains it: thus every time someone uses language 'appropriate' for a social superior, they are both showing their awareness of their status and simultaneously reinforcing the hierarchical social system. If people begin using less formal language when talking to social superiors (as has happened, for example, with the near disappearance of 'Sir' as a term of respectful address to men in Britain), they are in effect changing the social structure.

[4] Cf. Pauline Rosenau (1992) *Postmodernism and the Social Sciences* Princeton, NJ: Princeton University Press.

MAKH – Yes; if what you had in mind with 'isolating' was the mainstream tradition from Bloomfield via Chomsky in North America, with its insistence on autonomous syntax, with the way that they took language as a thing in itself, rather than as some element in a wider social system and process, then I think that's fair enough.

GT – In the isolating tradition, socio-linguistics and pragmatics, for example, become things you can push aside if you're not interested in them, whereas, within the systemic-functional approach, you can't.

MAKH – That's absolutely it. In a sense, the only reason why that tradition created socio-linguistics and pragmatics was because these weren't in the theory of language in the first place, where they should have been. And I always said that we didn't need a concept of socio-linguistics, because our concept of linguistics always was 'socio'. And similarly with pragmatics: to me this has always been simply the instantial end of the semantics. We don't need a separate discipline. Another dimension of the isolation, of course, is the isolation between system and text. If you're focusing on the system, the text is just data, which has no place in the theory. Then when somebody does want to come and study the text, they do it under a totally different disciplinary banner and both sides lose.

GT – You mentioned earlier that you were outside 'mainstream' linguistics. Clearly there was a time during the 1960's when American structuralist linguistics was aggressively dominant. Did you ever feel like giving up linguistics?

MAKH – Yes, there was indeed! About the mid-60's, when I wrote papers like 'Some notes on "deep" grammar' and 'Syntax and the consumer', I really did try to make contact with the mainstream. And the reaction was just: "Keep out!" I think if I'd been in the United States, I would have got out. I think it was only the luxury of not being in America that made it possible to survive, because so many good people in America were driven out: they just left the field. The work which should have been done, for example, on native American languages was dropped for a whole decade or more. It was discouraging; but, as I say, the Atlantic was between us, so it wasn't quite that bad. And I've always enjoyed the teaching – we always had students who were interested.

But, on the other hand, I wasn't so bothered, in the sense that it never occurred to me that I had to persuade other people. I was never a missionary;

I just wanted to get on with my own work. That was what became more difficult. Just to give you an example, I said just now that in the 60's data were out: the worst thing you could be called was data oriented. It was the really bad word of that decade. If you were data-oriented you were no linguist at all.[5] But you see, on the other hand, there was [Randolph] Quirk in the next department building up the Survey of English Usage, and he wasn't going to stand for any of that nonsense. I enjoyed working with him and Geoffrey Leech, David Crystal and so on. You weren't completely isolated, but you were shut out from the mainstream of linguistics. My feeling was that it didn't do me much harm but it did a lot of harm to the subject.

HC – But presumably you are happier that you are mainstream now!

MAKH – Well, yes. Although somebody once said to me later on: "Doesn't it worry you, always being out of fashion?" And I said: "There's only one thing that would worry me more, that's being in fashion." In a sense, though, this is a serious point. We all know political parties that do very well as long as they're in opposition!

Critical linguistics

HC – Earlier you talked about the political aspects of your theory. It seems to me that, among modern linguists within the functional tradition, the one who shows that he is really on your side from the political point of view, not to mention the other aspects, is Gunther Kress. His work has evolved towards a very critical, political, interpretation of the linguistic analysis. How do you see this sort of step towards this more political preoccupation?

MAKH – I see it very positively: I have a lot of interest in and respect for this work. There is a range of work that varies in the extent to which it actually engages with language; and I think that the sort of work that Gunther does, and other critical discourse analysts – Norman Fairclough

[5] For example, Chomsky, in a paper published in 1964, dismisses the study of language in use as 'mere data arranging', and makes the claim that a corpus 'is almost useless as it stands, for linguistic analysis of any but the most superficial kind'.

and colleagues on the European continent and elsewhere – is outstanding in the way it does engage with language. There is a tradition which doesn't really engage with language, which is more like a kind of literary criticism where you make your commentary on the text but there's no way in which someone else coming along will get the same result. Now, I think critical discourse analysis stands out in the fact that they do consider language issues seriously. I have argued – and my wife [Ruqaiya Hasan] has done so more strongly because she feels very strongly about this – that they don't do it enough. They still need to locate what they say about language more clearly within a general framework, so that you really see to what extent a text is using the resources of the system, of the potential, in what sort of context of alternatives and so forth. So I think they could go further – and I'm not saying they all have to be systemicists – but in some way making really clear how they are seeing the system. This is the context of that remark I made once: "If you are really interested in the language of power, you must take seriously the power of language." Those are, if you like, the critical observations I would make. But on the other hand I see them very positively. And there are other questions which are not specifically linguistic, which are not necessarily relevant here, but I think it is interesting to ask: What is the underlying social theory? What is the underlying socio-political base of the work? But that's a different question, and it's one that one asks not from the point of view of linguistics, but just from a more general political background.

HC – I should add that the reason for my question was that in Brazil, together with the core of theoretical studies in SFL, there is a big development of research in the area of critical linguistics, and our effort has been to systematically ground research always on language and then go forward with the critical side after that; and so people will welcome your words of support in that respect.

Future perspectives: linguistics and cognition

GT – Let me take you to the next question. How do you see Systemic Functional Linguistics as likely to develop in the next couple of decades? How would you like it to develop? What sort of issues do you think it should be addressing?

MAKH – I hope it will continue to provide a resource for people who are asking all kinds of different questions about language. That seems to me important. What I hope will happen is that, just as the collaboration with educators took place over the last quarter century, a similar development will take place in relation to clinical work, to medical practice, to studies of language pathology, language disorders and so forth. That's much further behind, but it's beginning. I think collaboration between linguists and medical researchers would be very valuable. Another area related to that, which I think now is a tremendous source of inspiration and insight, is neuroscience. I mean the work which is being done on the evolution and development of the brain, since the leading edge is no longer simply the neurology, that is the pathology of the brain, but neuroscience, the actual evolution and operation of the brain. I think that a lot of ideas have been coming in which resonate very well with both our overall model of language and also the model of language development. That now seems to me to make very good sense, but we need to learn a lot more about it. We need people going into modern studies of the brain to see how we can interpret our linguistic findings.

GT – Do you think that at the end through a combination of systemic linguistics with neuroscience you might show that, actually, Chomsky is wrong in his view of how language is learned?

MAKH – Well, I think it depends on which version you take. I think he was wrong, in the first place, in his assessment of the data. He set up a pseudo-problem, by saying: "How can a child learn language with such impoverished data?" But when you actually record what goes on around the child, it's far from impoverished. So that was just not a real question. There's another input from learning theory now: "What makes a language learnable?" I think we can now talk about various features, including quantitative features in our corpus, all kinds of patterns which we didn't see before, which relate to this question of how the child learns, because the child is able to recognize such patterns and build on them. I think we get a sense of at least what some of these patterns are. We are certainly programmed to learn: as Jay [Lemke] once remarked, if children are predisposed to learn, adults are predisposed to teach. But you don't have to postulate built-in structural rules: I don't think there is any need for it and I don't think there is any evidence for it – I think Chomsky was wrong there too. And I hope that we'll continue to interact with educators

– partly because many of them still have very primitive notions about language, at least in the countries that I know!

GT – Would you say, very broadly, that cognition is perhaps the major new area for SFL, and that in a sense you're finally going below the skin?[6]

MAKH – The question of cognition, I think, is a different one, because nobody has ever denied cognitive processes take place, processes of consciousness which are essentially part of the production and understanding of language. There's no doubt about that. I think the question which interests me is, how do you model these? The reason I don't talk about cognitive modelling is because there seem to me to be two problems with it. What Christian [Matthiessen] has done is to show, very interestingly, how the model of mind and cognition which tends to be foregrounded in much research now is one that is simply based on folk linguistic concepts, mainly deriving from mental processes in the grammar.[7] And I would add the further point that, if you try to use cognition as a way of explaining language, you tend to be going round in a viciously small circle, because the only evidence you've got for it is linguistic evidence in the first place. So I would say rather that we should take some model of language and use that to explain cognition. That's what the new book by Christian and me[8] is all about: we are talking about "cognition", but we call it meaning. These are not contradictory, they're complementary. We want to say that somebody should explore the power of grammatics, as we call it, to push "upwards" and interpret cognitive processes as semantic, or (more broadly) semiotic.

GT – Within Chomskian grammar from very early on there was a lot of commentary on his ambiguous use of 'grammar' – whether it was purely

---

[6] Halliday has frequently said that he only goes 'as far as the skin' in exploring language. That is, he sees no useful function in speculating separately about cognitive processes that might be involved, since – as he goes on to say – the only evidence we have for them is linguistic in the first place (see his later comments about the concept of the mind being 'misleading rather than helpful').

[7] See C. M. I. M. Matthiessen (1998) 'Construing processes of consciousness: from the commonsense model to the uncommonsense model of cognitive science', in J. R. Martin and R. Veel (eds.) *Reading Science: Critical and functional perspectives on discourses of science* London and New York: Routledge, pp. 327-356.

[8] M. A. K. Halliday and C. M. I. M. Matthiessen (1999) *Construing Experience through Meaning: A language-based approach to cognition* London and New York: Cassell.

a way of describing structures for the linguist, or whether it reflected how language was processed. Is it right, perhaps, to say that we're coming to the point where, with a very well developed model and with more information about the brain, it's possible to start blurring that line?

MAKH – I think it is. I think it's a question of what you put there in the middle or on the other side of the line. Let me put it this way: I would feel that we could go straight from language to the brain, that we don't need to interpose an intermediate level of cognitive processing. I would say that our strongest, our most powerful methodology and theoretical resource is the one that we've developed in relation to language. Essentially language is more accessible and is better explored; therefore let's use the power of the linguistic theory to move in that direction. Maybe we don't need to postulate a mind, or cognitive processes, on the way.

HC – By learning more about language, one learns more about the brain, then. And how about the mind?

MAKH – Yes, and by learning more about the brain one learns more about language. The two then meet in the language-brain. The mind disappears – though consciousness remains. The critical concept to me is consciousness, because that is clearly defined evolutionarily. Part of the problem of the mind is: what are you claiming in evolutionary terms? This is why I often quote Edelman,[9] who follows Darwin. Darwin always said, there's no mysterious entity called mind; as we know more about evolutionary processes, it will fall into place. Now what Edelman is saying is, yes, it has fallen into place. If you do talk about mind in the folk linguistic sense, what is the status of it in terms of the evolution of the brain? It's like entropy, if you like: it's not a thing, it's something you postulate in an explanatory chain. Now I'm not sure we need it. We do need entropy, of course! But mind may be misleading rather than helpful.

Register

GT – The next question concerns the current focus on patterning at text level. Many people have come into Systemics through text analysis,

[9] G. Edelman (1992) *Bright Air, Brilliant Fire: On the matter of the mind* New York: Basic Books.

because they've found it beautifully adapted for that. At that level, you've worked with the concept of register,[10] but there has been a lot of discussion about the usefulness of the concept of genre. What's your position?

MAKH – The kind of stratal modelling which Jim Martin has introduced involves saying that we have a separate stratum we call genre.[11] First, on a purely terminological point, I think he slightly misunderstood the notion of register as I originally meant to define it. That's as much my fault as his. But apart from that he's making the point that we need two strata here, above the linguistic system; and he relates this to notions of connotative semiotics – that is, language as the realization of other semiotic systems and processes.[12] I think it is very powerful, but it's partly a matter of what you are using the model for. I haven't found it necessary; but I'm not doing the sort of work in education that Jim is doing. It's particularly in the educational context that he has found this stratal model useful, and I'm happy with that. These are the sort of arguments that go on between colleagues: some people are comfortable with intention as a theoretical concept and find it helpful, but I'm suspicious of it as something that seems to lead to a circularity in the reasoning. But the overall framework

---

[10] Register is 'linguistic variation according to use'. In different contexts of situation, people use language in ways that are recognizably different: for example, the language of a news report is different from that of a recipe. This is not just a question of the subject matter (though that is part of it): a whole range of lexicogrammatical choices will be different, often in subtle ways. Most registers do not use 'special' grammar (although there are a few marginal examples, such as newspaper headlines in English, which use some structures that are not used in any other registers). What changes is the whole configuration of choices: in any particular register, there is the likelihood that particular combinations of structures will occur (or will not occur), in a pattern of choices that is not exactly like any other register. As Halliday says later, the probabilities are skewed. To take some simple examples: imperatives are highly unlikely to occur in news reports, but highly likely to occur in recipes; past tense forms are highly likely to occur throughout narratives, whereas scientific articles are more likely to have a high incidence of present tense forms except in the 'Methods' section; and so on.

[11] See, for example, J. R. Martin (1992) *English Text: System and structure* Amsterdam: John Benjamins.

[12] Systemic linguistics relies on a stratal model: that is, language is seen as a semiotic system that works at different 'levels' or strata. In Halliday's model, there are three strata, which we can see as going from the most abstract to the most concrete. The semantic stratum (the sets of meanings that we want to express) is realized by the lexicogrammatical stratum (the sets of wordings we use to express those meanings), which in turn is realized by the phonological (or graphological) stratum (the sets of physical sounds and marks that we use to express those wordings). Martin argues that the model should include a fourth stratum above semantics: this is genre, which is then realized by the semantics (in oversimple terms, people have generic sets of purposes to carry out when they use language, and those purposes are carried out by choosing certain meanings).

is very close, and I have no problem with the genre model as Jim has developed it: it's extraordinarily powerful, and it's something which teachers have found useful, and which he and his colleagues have found useful both in working with teachers and also in preparing and designing materials and programs.

HC – Would you agree with the association between genre and the level of the context of culture? If one wants to think about genre, not only as an adequate and acceptable tool if one is working in education, but thinking about it in terms of the theory, would you agree that it could be mapped against the context of culture?

MAKH – Yes, I would. And I suppose that highlights the kind of difference, because to me the context of culture is the system end of the context of situation. I mean these are a single stratum related by instantiation.[13] Therefore that's the way I would see genre and register, rather than as two strata. But this is something we need to explore, because these are alternative ways of interpreting this phenomenon. But I agree that it is the context of culture that is the environment for genre – that's not in dispute. I think it is a question of whether you see genre as a separate stratum or as sub-system on the stratum of (discourse-) semantics.

---

[13] Instantiation is a key concept in systemic linguistics. Any actual text (an 'instance' of language) is an instantiation of the language system (the 'lexicogrammar'). What this means is that the system does not exist independently of use (although people often talk as though the grammar of the language were a set of 'external' fixed rules). Each time someone uses language, they are both activating the system (or rather, part of it) and, to an infinitesimal degree, changing it. Halliday has explained this relationship between instance and system by comparing it to that between weather and climate. What people are most conscious of is usually the day-to-day weather; but if we look at the patterns of weather from a long-term perspective over a number of years or centuries, we no longer talk of weather but of climate. These are the same phenomenon, but seen in different time-scales. Another way of putting this is that the weather 'instantiates' the climate. Here Halliday is applying the same concept to contexts. A context of situation is an instance: every individual text arises in (and 'construes' – see note 2) a specific context of situation. But contexts of situation tend to recur: we recognize that there are close similarities between, say, one classroom lesson and another, or between one television news broadcast and another. When we get recognizable groupings of similar contexts of situation, those correspond to different registers: we can easily recognize the register of classroom interaction, for example ('Okay, so what does "diffraction" mean? Tim? ... Yes, that's right.'). Halliday is arguing that when we put together all the groupings of contexts of situation that we recognize as actually or potentially occurring in our culture, we have the context of culture – the system of contexts that operates in and constitutes our culture.

BEST COPY AVAILABLE

GT – But then if we take a more practical angle, the term genre is sometimes used when you are looking at the text as a whole, without necessarily projecting right up onto the culture. Do you find a need for a term to talk about how texts utilize register resources but within a particular overall organisation or patterning?

MAKH – I've always seen that as a part of the notion of register. Let me put it this way. Suppose you collect instances: if you stand at that end, then you will arrive at groupings of text types, bodies of texts that are in certain respects like each other and different from others. If you then shift your observer position to the system end, then that text type becomes a subsystem, and that's what we call register. That's the way I would see it: it's the semantic analogue of what in the context of culture would be an institution of some kind, a recognized body of cultural practice, or institutionalized cultural forms; and that semantic entity, to me, would fall within the concept of register.[14]

GT – You have made extensive use of the concept of marked versus unmarked choices,[15] more recently using computational means to arrive at a new perspective in terms of probabilities. In what ways do you feel that this changes our view of language? More particularly, does the fact that probabilities and therefore markedness vary within different registers (and across languages) raise problems with the idea of a functional grammar for a language: should we be thinking rather in terms of functional grammars?

MAKH – Let me join up the notion of marked and unmarked, probabilities and the corpus. They are really all related, and I see the corpus

---

[14] For an overview of register and genre, see C. M. I. M. Matthiessen (1993) 'Register in the round', in M. Ghadessy (ed.) *Register Analysis: Theory and practice* London: Pinter. For a critique of Martin's position, see R. Hasan (1995) 'The conception of context in text', in P. Fries and M. Gregory (eds) *Discourse in Society: Systemic-functional perspectives* Norwood, NJ: Ablex.

[15] As Halliday goes on to explain, an 'unmarked' choice in the grammar is the one that is taken if there is no particular reason for doing anything else. A 'marked' choice is one that is taken when there is a particular contextual reason. For example, 'I went to London on Friday' has the unmarked word order (Subject first), and it is hard to predict what the surrounding sentences will be like. On the other hand, 'On Friday, I went to London' has a marked word order, and would most likely occur in a context where at least one of the other sentences started 'On Monday/The following day/etc. ...'. In other words, the speaker or writer is setting up a particular framework based on time sequence, which is signalled by highlighting the phrases of time by moving them to the front of the sentence.

as fundamental in shifting the whole orientation of linguistics, because for the first time linguists have data. They haven't had data before; and this will enable them, I hope, to leap over a few centuries and move into the 21st century as a true science. This includes the quantitative dimension, which to me is important. The quantitative basis of language is a fundamental feature of language: I think that a grammatical system is not just a choice between a or b or c but a or b or c with certain probabilities attached – and you get these probabilities out of the corpus.[16] I think there is some misunderstanding here. People have sometimes said, well, any text is in some register or other, some genre or other, so it doesn't make sense to talk about the global probabilities of language. This is total nonsense. It makes perfect sense: that argument is rather like saying that just because every place on the earth is in some climatic zone or other, it doesn't make sense to talk about global climate; but of course it does. Global climate is global climate, it has certain features, certain probabilities, which we then look at more delicately when we get to the climate of Brazil or Britain or whatever. It is the same with language: it is essential to be aware of the notion of global probabilities in language. Now that the corpus is big enough, we can get at them, because the corpuses now range across lots of different registers, spoken and written discourse and so forth. So we need those global probabilities, but we need them as the kind of baseline against which we match probabilities in particular sets of texts, different registers. Indeed, I would define a register as being a skewing or shifting of the probabilities, because not many registers actually close off bits of the system. What they tend to do is to shift the probabilities, so it is the same system but with a different set of probabilities, not only in the vocabulary but also in the grammar.

---

[16] For example, one system of grammatical choices is the choice between present, past and future tense. Traditional grammars simply record the fact that these three basic options exist. A corpus, however, can reveal that, if we look at the whole range of language use (the 'system'), people actually choose present tense more often than past tense, and past tense more often than future tense. This is as important a fact about the grammar as the existence of the three options. It is against this background, for example, that we can look at the skewing of the probabilities that Halliday mentions. To return to an example in note 8 above, the fact that past tense forms are the most likely choice in narrative is one of the features that make narrative distinctive, precisely because this does not follow the overall pattern of tense choices across all the uses of language. This issue is discussed in M. A. K. Halliday and Z. L. James (1993) 'A quantitative study of polarity and primary tense in the English finite clause' in J. M. Sinclair, M. P. Hoey and G. Fox (eds) *Techniques of Description: Spoken and written discourse* London: Routledge, pp. 32-66.

Now, with marked and unmarked the problem is that we tend to define it in half a dozen different ways, and we need to get clear what we mean when we talk about marked and unmarked terms in systems. You can relate this to probabilities, and it may even turn out in the long run that we can define it in terms of probabilities; but I don't think we should do that yet. I think we should be thinking of it in semantic terms. Of course, we have the concept of formally marked, by morphological means: that's important, but it's easy to recognize and it doesn't necessarily go with semantic marking. The real concept that we can use is that of the unmarked choice, or unmarked option, in a grammatical system, which is a kind of default choice. I used to find this very useful in language teaching, because I could say to the students: "This is what you do, unless you have a good reason for doing something else". For example, you find out what the language does with its unmarked Theme, if it has a Theme, and you say, right, that is your basic option, but here are the conditions which would lead you to do something else.[17] I think it is a useful concept: it is linked to probabilities but I wouldn't want yet – or maybe ever – to define it in probabilistic terms.

GT – Within a register you would use what otherwise would be a marked Theme, not as a choice open to an individual writer – in a sense there's very little choice, you've got to use this kind of Theme – but because of that register's conventions, which have evolved in response to a particular communicative need. I think that's an issue that worries some people: they're finding that in a particular register, you take a certain option when there is no good reason not to, even though in the language as a whole that would be otherwise be a marked choice.

MAKH – That's exactly what I would say. They ought not to be worried about it, it is just a point that needs to be made explicit. There are two steps: one is to say that, in this register, what would in general be a

[17] In Systemic Functional linguistics, Theme is the first 'content' element in the clause. It represents the 'starting point' of the clause, and serves to establish the framework within which the clause is to be understood. The examples in note 12 above are in fact to do with the Themes: the use of a marked Theme such as 'On Friday, I went to London' signals to the hearer that the speaker is moving to the next frame in the time sequence. If the following Theme is then unmarked ('I visited the National Gallery'), it signals (amongst other things) that we are still in the same time frame of 'On Friday'.

marked Theme, or mood or whatever, becomes the unmarked option here. They shouldn't have a problem with that. The second step is to say: "Can we explain this?". What happens in general is that if you go back into the history you can, but things get ritualized, so that you may have to say, look, in terms of contemporary uses it doesn't really have any function. That's the way it evolved, and we can see why it evolved that way. It's best to do that if possible because adult language learners like explanations – they're not satisfied just with the idea of ritual. But you may have to say that, just as you have to learn there are irregular verbs in Portuguese or English or whatever, so you have to learn that there are funny things that go on and we can't explain them all. But in cases like these which are clearly semantic choices you can usually see where the unmarked option came from.

HC – As you say, this is specially useful in the context of learning languages. When people raise these issues back home in Brazil, they usually have this sort of issue in the background. We do a lot of teaching of languages for specific purposes, and of course if you are doing LSP you are often dealing with very specific registers. For example, you may have to teach Brazilians how to interact successfully in discussions groups on the Internet, which involves informal interaction in writing. A student of mine found that the vast majority of requests for information will be in the declarative form introduced by expressions of politeness, like "I would appreciate it if you could tell me", or "I would be specially thankful if you let me know". The frequency of this marked use of the declarative is very high in that specific type of communication, and if you're teaching your students that kind of language you want an explanation for it.

GT – Yes, there are two levels. You can simply say: "This is what you do"; or you can talk through it, raising their language awareness, getting them to think about what it is in this new medium or mode of communication which means that that use is going to occur. I very often find students respond well to that approach and they remember because it makes sense.

MAKH – I agree, it is much more memorable if you can make it make sense. I mean, we all know that as language teachers we sometimes invent explanations!

Practical issues of analysis

HC – The recognition criteria for Theme are one of the few practical issues within Systemic Functional Grammar that have aroused disagreement. Do you see any reason for changing your view that Theme extends as far as the first experiential constituent of the clause, and no further?

MAKH – I'm interested in this question, and I know that some people have preferred to take the Theme beyond what I would: to include the Subject, for example. Now I think this is worth exploring further. There are various reasons why I did what I did, one being intonational. It is generally true in our early recordings that in cases when a clause is broken into two information units, the break typically comes – in well over 50% of cases – at the point where the break between Theme and Rheme as I defined it comes: in other words, it would not include the Subject that follows a Complement or Adjunct. I have also said that I don't see the point of extending it to the following Subject because the Subject's got to come there anyway. Once you've chosen a marked Theme, you've got no more choice in the order, so you don't need to explain the Subject. So I'm not convinced by the motivation for extending the Theme; but it is something to explore, especially now that we've got the corpus: let's look at what happens in terms of the function of Theme in discourse. We need discourse reasons for claiming that Theme extends further, and I think that the issue is still open. But I admit that I have not yet been convinced of the need for it.[18]

HC – In your *Introduction to Functional Grammar* you argue that transitivity and ergativity are alternative perspectives on processes.[19] Would you want to say that this applies to any clause?

---

[18] For a fuller discussion of Theme, see R. Hasan and P. Fries (eds) (1995) *On Subject and Theme: A discourse functional perspective* Amsterdam & Philadelphia: Benjamins.

[19] Transitivity in SFL refers not just to the verb, but to the way the experiential 'content' of the clause is expressed. It is a way of describing the processes and the participants being talked about. So, in a clause like 'He boiled the water rapidly', we have a material (physical action) process of boiling, involving an Actor 'he' (the entity doing the process) and a Goal 'the water' (the entity affected by the process), plus a circumstance 'rapidly'. This analysis brings out the similarities between this clause and a clause like 'She chopped the carrots finely'. But we can also look at the clause from a different perspective, the ergative one. If we compare the clause with 'The water

MAKH – I think this is a very interesting point. It is a typical kind of complementarity. I used to cite the old controversy from Newton's time about the nature of light: was it particle or wave? You could say that there is a single set of phenomena which range along a cline, and the phenomena at one end of the cline are better explained in terms of an ergative model, and the phenomena at the other end are better explained in terms of a transitive model. That after all applies to grammar and lexis. It's a cline, but there's one end where you do better using grammatical theory, and the other end where you do better writing a thesaurus or a dictionary. Now the next step could be to say, OK, but if that is the case, aren't these essentially different phenomena? Here of course I'm thinking of Kristin Davidse´s work:[20] she has taken that step and I thoroughly applaud it. I had just said that there is one set of phenomena here, and there are reasons for looking at it from two different ends. I didn't take it further and say that I want to set up transitive and ergative as different classes of process. She took it that far, and I think it's quite fair to do that. It's a normal situation in complementarities of this kind. There are many of them in language – for example, tense and aspect, which are essentially complementary models of time. In some language systems, like Russian and other Slavonic languages, it's clear that they are both there, and it's clear which is which. In English, on the other hand, they are more problematic. I personally think that to talk about what people call perfective and continuous as aspect is not very helpful, because there is a much better model for these – secondary tense; and the aspect just comes in the non-finites. But you have to see which gives you a more powerful picture – and again thanks to the corpus we now have a lot more evidence we can look at.

In principle, coming to the level of structure, I like to do both, to give one interpretation in terms of transitivity and one in terms of ergativity; but that's because in the way I developed it it seemed to me you were

---

boiled rapidly', we have the same verb but in a different transitivity structure – 'the water' is now the Actor. However, it is clear that in both cases the water is the 'location' of the boiling; the difference is that in the original clause 'he' is represented as causing the boiling to happen in that location. We can bring out the underlying similarity by using ergative labels: in both cases 'the water' is Medium (the entity in or through which the process comes into being), while in the first clause 'he' is the Agent (the entity causing a process to happen). For a full discussion, see Chapter 5 of M. A. K. Halliday (1994) *An Introduction to Functional Grammar* London: Edward Arnold.

[20] K. Davidse (1992) 'Transitive/ergative: the Janus-headed grammar of action and events' in M. Davies and L. Ravelli (eds) *Advances in Systemic Linguistics* London: Pinter, pp. 105-135.

making different kinds of generalizations: the ergative perspective helps you in seeing where all the process types are alike, whereas the transitive perspective helps you in seeing the differences.

Complexity and computer-aided analysis

HC – Just one last question about the complexity of the theory. I see a paradox between the theory being so complex and the vast amount of data we have access to these days. We want to be able to deal with all this data with the help of computers, but there is a kind of mismatch: the theory is good because it's complex, but on the other hand it is difficult to use it, because computers ...

MAKH – ... are very simple!

HC – Yes, too simple for the theory.

MAKH – As you know, I defend the complexity of the theory, because we are talking about a very complex phenomenon, and it doesn't help anyone if you pretend it's simple. We have to build that complexity in, and what you're trying to do is to manage it. We hear a lot about this today, complexity management, and this is what we're dealing with. Five or six years ago I was working with Zoe James on the computer at Birmingham [see note 15]. We looked at the tagger, but we didn't use it because it was precisely the things we needed to know that it was very bad at. The parsers were still too slow: we were working with a million and a half clauses, so there was no way that we could rely on a parser. What we were looking for – and Zoe was brilliant at thinking in these terms – was a kind of pattern matcher, which could give us just enough evidence to identify the features we were interested in. Zoe got it to the right level of accuracy for polarity, tense and modality; but we never cracked the voice code – we were working on active and passive, and we never got it to quite the level where we thought that we had enough accuracy for our results to be valid. But that is just a matter of work. I had to leave, and she had to leave too, and so far no-one else has taken it up. Of course, the new parsers are a lot quicker and more accurate now; but in any case you need to identify your task closely and then see what part of the theory you need and use this for pattern matching. It's a question of deciding which area

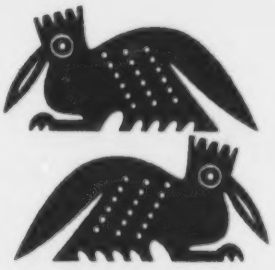
you're interested in, and then thinking, let's see what tools I need in order to get this out of the corpus. It may involve a total parse, or it may be something in between. It may be something that the tagger will help you with, but usually I'm looking at larger chunks, so word tagging hasn't been terribly helpful. Strategically you do need to define your task very precisely.

In a sense, this goes for text analysis generally, whether it is human or machine aided: you can't survey a text completely, because you'd be there until the end of the year working on one sentence. What you try to do is familiarize yourself with the text and the possibilities. This is something that is hard to teach students, because there is no algorithm for it: you need to get a sense of how you take in a text, then you say, I think that modality would be interesting here, or we really need to look at process types in this text, or whatever. You keep all the resources of the grammar in front of your eyes, and select those you think will be most revealing. You're not always right, of course! But otherwise you could have an endless task.

HC – Well, thank you very much for your time.

Sociology • the Social Sciences

2 BIRDS IN THE HAND



If one bird in the hand is worth two in the bush ...
Our two sources are invaluable
... and right at your fingertips.

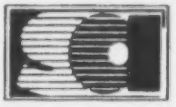
For current thought and research in sociology and the social sciences, consult

sociological abstracts (sa)
and
Social Planning/Policy & Development Abstracts (SOPODA)

Abstracts of articles, books and conference papers from more than 2,500 journals published in 35 countries; citations of relevant dissertations and book and other media reviews.

Comprehensive, cost-effective, timely.

Available in print, online, on the **socio**file CD-ROM and on magnetic tape. Our Web site, **http://www.socabs.org**, features the *Note Us* newsletter; information on support services and document delivery; links to relevant sites; and the SAI Web Search Service offering reasonably priced subscriptions to two subsets: Marriage and Family Issues & Law, Crime and Penology.



P.O. Box 22206, San Diego, CA 92192-0206
619/695-8803 • Fax: 619/695-0416 • email: socio@cerfnet.com

KATO, Mary Aizawa & Esmeralda Vailati NEGRÃO (eds.) (2000) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter.* Vervuert – Iberoamericana. 270 pp.

Resenhado por: Maria Aparecida C.R. TORRES-MORAIS
(Universidade de São Paulo)

Palavras-chave: *Parâmetro; Variação; Sujeito Nulo.*

Key-words: *Parameter; Variation; Null Subject.*

Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter é uma coletânea de dez trabalhos que discute, em uma perspectiva sincrônica e diacrônica, e no âmbito da aquisição da linguagem, as questões relacionadas com o chamado parâmetro do sujeito nulo no português brasileiro (PB), acrescida de um primoroso prefácio elaborado por Kato. Neste a autora apresenta algumas considerações relevantes a respeito do conceito de parâmetro, destacando a importância das questões que levanta para os estudos comparativos, para uma teoria da mudança e aquisição, dentro da concepção gerativista de linguagem expressa no quadro teórico conhecido como Princípios e Parâmetros. Além disso, faz uma oportuna retrospectiva de fatos diacrônicos empíricos pertinentes ao tópico em estudo, atestados na literatura sobre o PB, e uma avaliação de análises teóricas de estudos comparativos prévios, realizados por um significativo conjunto de pesquisadores que tentaram interpretar as propriedades do sujeito nulo.

Como se sabe, o parâmetro do sujeito nulo, ou parâmetro "pro-drop" foi um dos mais estudados nas últimas décadas, tendo sido repensado na medida em que a própria noção de parâmetro foi sendo reformulada. No

programa de investigação da gramática gerativa que prevê princípios universais comuns a todas as línguas, e parâmetros como possibilidades em aberto, associados com a variação lingüística, a escolha de um ou outro parâmetro, assumindo que sejam, em princípio, binários, representa a diferença primitiva entre sistemas gramaticais.

Entretanto, a partir da concepção de que a variação paramétrica reside nas propriedades lexicais das categorias funcionais, o parâmetro do sujeito nulo não mais foi conceitualizado como uma diferença sintática particular entre as línguas, no sentido de elas permitirem ou não a omissão do sujeito pronominal. Ao contrário, essa diferença é entendida como um epifenômeno, ou seja, como manifestação na superfície de propriedades morfológicas relacionadas com os núcleos funcionais. A tentativa de interpretar a natureza de uma propriedade morfológica abstrata e de caracterizar o conjunto de propriedades relacionadas com as línguas de sujeito nulo, em particular, a possibilidade de inversão VS ou da inversão livre nas sentenças simples, passam a representar, então, um enorme desafio.

Que propriedade as línguas possuem que lhes permite omitir o sujeito pronominal?

De início, partindo do estudo de línguas do tipo do italiano de um lado, e do inglês de outro, vários pesquisadores assumiram que a propriedade se refere à natureza da morfologia flexional verbal, entendendo-se que as distinções de pessoa e número constituiriam a condição necessária e suficiente para o licenciamento sintático e interpretação de pro, a categoria pronominal nula (Rizzi, 1982, 1986).

A hipótese da uniformidade morfológica elaborada por Jaeggli & Safir (1989) e a proposta da riqueza funcional dos paradigmas flexionais, no sentido de Roberts (1993), são apenas algumas das tentativas registradas na literatura para quantificar a "riqueza" morfológica relevante. Nestes termos, uma drástica redução do paradigma flexional do verbo, como a que ocorreu no PB, por exemplo, determinaria a tendência para o preenchimento do sujeito pronominal. Posteriormente, à medida que outras línguas foram sendo estudadas, entre elas o chinês e japonês, observou-se que a categoria nula na posição de sujeito poderia ter uma natureza diversa, tendo sua interpretação garantida não por INFL (Flexão), mas por um antecedente expresso no contexto discursivo ou pragmático, desde que satisfeitas certas condições particulares.

Para uma primeira aproximação, portanto, pode-se dizer que dos dez artigos que compõem o livro, cinco versam sobre a possibilidade e natureza do sujeito nulo no PB, em duas perspectivas distintas. A primeira, adotada por Duarte, associa sujeito nulo e flexão, o que leva à necessidade de refletir sobre paradigmas de concordância "rica" e "pobre", e de como as mudanças que ocorrem na morfologia verbal se refletem no licenciamento das três pessoas gramaticais.

Na segunda perspectiva, defendida por De Oliveira, Negrão & Viotti, Modesto e Figueiredo Silva, não se assume tal conexão causal entre INFL e identificação do sujeito nulo nas diferentes pessoas gramaticais, embora os autores variem na sua argumentação para justificar o ponto. Enquanto De Oliveira se detém em fatores de ordem estrutural, os autores restantes baseiam-se na Teoria da Ligação para mostrar que o sujeito nulo de terceira pessoa no PB pode envolver diferentes formas de licenciamento e interpretação, evidenciando categorias nulas de natureza distinta no sistema pronominal.

Por sua vez, dois dos artigos da coletânea, o de Andrade Berlinck e Britto, buscam relacionar as propriedades das construções SV e VS no PB e português europeu (PE) e as particularidades do sistema pronominal, em especial, do pronome nominativo sujeito. Já o texto de Simões trata dos sujeitos nulos e aquisição da linguagem, enquanto a correlação entre sujeitos e objetos nulos é o tema explorado por Cyrino, Duarte & Kato. Finalmente, o texto de Kato tem como objetivo principal apresentar uma teoria do parâmetro do sujeito nulo na qual a possibilidade de sujeito nulo e inversão livre pode ser derivada de uma mesma propriedade morfológica do sistema de concordância.

Duarte apresenta em seu estudo "The loss of the "avoid pronoun" principle in Brazilian Portuguese" resultados diacrônicos que, segundo sua interpretação, claramente sugerem uma correlação entre o decréscimo dos sujeitos nulos referenciais e a redução do paradigma flexional verbal na história do PB. Os resultados diacrônicos são acompanhados de uma amostra sincrônica que não só corrobora os estudos diacrônicos, como revela novos achados, entre eles, a tendência ao preenchimento dos sujeitos referenciais arbitrários. Comparando o PB com o PE na expressão dos sujeitos referenciais definidos e arbitrários, a autora faz uma previsão forte: o sistema defectivo de sujeito nulo exibido pelo PB hoje é um estágio na direção

da mudança paramétrica que vai tornar o PB uma língua de sujeito pronominal obrigatoriamente preenchido. Esta previsão é também corroborada ao comparar resultados do PB com mudanças ocorridas no francês medieval. Além disso, a autora destaca a alta freqüência das construções de sujeito deslocado, também chamadas de construções de deslocamento à esquerda (DE), tratando-as como mudanças encaixadas, uma vez que não são compatíveis com línguas de sujeito nulo do tipo do PE.

A tentativa de traçar o curso de uma mudança paramétrica em progresso no PB apoia – se em uma análise de natureza quantitativa e qualitativa, com base no quadro teórico que associa a abordagem variacionista para a mudança lingüística e a teoria dos Princípios e Parâmetros (Tarallo & Kato, 1989). O trabalho de Duarte, ao meu ver, contribui particularmente por trazer para o cenário resultados quantitativos que mostram não só aumento no preenchimento do sujeito referencial arbitrário e nas estratégias de indeterminação do sujeito com formas pronominais expressas, como também revelam a tendência para se evitar até mesmo o sujeito nulo expletivo.

O interessante é que a mudança atinge as pessoas gramaticais diferentemente. Duarte (1995) já observara em seus resultados quantitativos que a segunda pessoa apresenta a mais alta percentagem de preenchimento, seguida da primeira, enquanto a terceira apresenta a resistência maior, embora seja o contexto que pode trazer ambigüidade.

Ora, é este fato intrigante do sujeito nulo no PB que motiva o texto de Negrão & Viotti, a partir das idéias anteriormente expostas em Negrão & Müller (1996), levando a um avanço teórico: o de que os pronomes nulos no PB são categorias vazias ligadas. O sujeito nulo referencial de terceira pessoa tem sua interpretação recuperada por contextos discursivos e pragmáticos, o que explica a resistência ao seu preenchimento por uma expressão pronominal.

O texto de Negrão & Viotti "Brazilian Portuguese as a discourse-oriented language" vai mais fundo ao discutir a afirmação feita por Galves (1993) e Figueiredo Silva (1994) de que o enfraquecimento da concordância verbal no PB teria levado a uma reestruturação do seu padrão sentencial, aproximando tipologicamente o PB das línguas orientadas para o discurso, em oposição às línguas orientadas para a sentença. Concordando com a segunda parte da afirmação, as autoras discordam da primeira: o enfraque-

cimento do paradigma flexional não estaria relacionado ao decréscimo do sujeito nulo e, portanto, a reestruturação do padrão sentencial não está relacionado com esta perda. A contribuição original do texto se apoia justamente na hipótese de que o PB é uma língua orientada para o discurso, a partir de propriedades como: (i) assimetria na distribuição dos pronomes plenos e nulos; (ii) fenômenos de escopo relacionado ao distributivo cada; (iii) certas possibilidades de extração de elementos-qu da posição de sujeito das sentenças completivas introduzidas por que; extração de ilhas–que relativas.

Com base em Negrão (1999), assume-se que as mudanças observadas no PB revelam um processo de especialização de formas no uso dos pronomes lexicais em oposição aos nulos, e não na substituição de uns pelos outros. A variante nula é usada sempre que houver uma leitura de variável ligada, ou seja, quando tem sua interpretação garantida por um antecedente. Por sua vez, os pronomes plenos são interpretados como pronomes E-type, dependentes de uma certa configuração estrutural. As diferentes estratégias para interpretar os sujeitos pronominais, nulos ou plenos, corroboram, assim, a afirmação de que o PB é uma língua orientada para o discurso.

Da mesma forma, os fatos sintáticos de extração do sujeito que as autoras apresentam no estudo e o comportamento do distributivo cada só poderiam ser explicados se o sujeito ocupa uma posição mais alta que Spec,IP. Uma língua orientada para o discurso é aquela que expressa na sintaxe visível relações que outras só vão codificar na Forma Lógica (FL), entre elas, a função informacional de certos constituintes, tais como foco, tópico e escopo das frases quantificadas. A relação predicativa básica não é aquela que se estabelece entre o sujeito e predicado dentro do IP, mas aquela que se estabelece entre todo o IP e um constituinte fora, no sistema CP.

Portanto, a conclusão das autoras para o PB é a de que não há uma correlação direta entre enfraquecimento da flexão e aumento no uso dos pronomes plenos, levando a uma reestruturação do padrão sentencial. Na verdade, a direção é oposta: é o fato de identificar categorias vazias por proeminência no discurso que tem levado a um decréscimo nas marcas flexionais, a ponto de elas não mais serem necessárias.

O trabalho de Figueiredo Silva "Main and embedded null subjects in Brazilian Portuguese" e o de Modesto "Null subject without "rich"

agreement", embora apresentem diferentes propostas, focalizam também a natureza da categoria vazia em posição de sujeito que ainda é licenciada no PB. Como se disse, este é um dos aspectos que torna o PB um desafio para a teoria tradicional do sujeito nulo.

A contribuição de Figueiredo Silva para essa discussão é propor uma resposta para a questão de quais condições estruturais restringem a distribuição dos pronomes lexicais e categorias vazias na posição de sujeito nas sentenças finitas. Trabalhando com sentenças principais e subordinadas, inclusive as que constituem ilhas sintáticas, a autora discute os problemas da análise tradicional para estes dados, chegando à conclusão de que os sujeitos nulos referenciais não são um fenômeno unitário, mas devem ser entendidos como categorias distintas, de acordo com as estratégias usadas para a sua identificação. Nas sentenças subordinadas, os sujeitos nulos têm comportamento de variável e de pronome anafórico. Nas sentenças principais podem ser identificados como constante nula para a primeira pessoa gramatical, ou como pronominal ligado (variável) para a terceira pessoa.

No caso da variável, a identificação da categoria vazia se dá por movimento para uma posição A-barra, ou por coindexação com um elemento em posição de tópico. O pronominal anafórico, porém, só ocorre em sentenças subordinadas, cujo sujeito nulo é correferencial com o sujeito da sentença principal. No todo, estamos diante de uma tipologia de sujeitos nulos com três diferentes categorias, que, no entanto, não envolvem a categoria pro proposta para as línguas de sujeito nulo.

A autora conclui que o PB é uma língua de sujeito nulo parcial, fazendo uso de estratégias especiais para identificar a categoria vazia sempre que o sujeito nulo deve ter referência definida. Os sujeitos nulos não podem ser referencialmente autônomos mesmo quando coocorrem com a morfologia verbal distintiva, uma vez que o traço de pessoa não é representado sistematicamente no paradigma flexional verbal. Ao contrário, a categoria vazia de referência genérica e a expletiva podem ser identificadas pela flexão verbal. Isto acontece porque a marca de número expressa no sistema de concordância é suficiente.

Da mesma forma, Modesto reconhece que os dados do PB parecem desafiar as teorias sobre o sujeito nulo propostas na literatura sobre o assunto. O PB tem sistema flexional pobre, mas tem sujeito nulo referencial em alguns ambientes. Como Figueiredo Silva, o autor apresenta evidênci-

as de que a concordância verbal do PB é incapaz de identificar a categoria vazia referencial. Sua proposta para a forma alternativa que a língua encontra para licenciamento e identificação do sujeito nulo não se apoia, porém, em um inventário de categorias distintas. Os diferentes tipos de sujeito nulo são, na verdade, um fenômeno unitário, de modo que o pronominal nulo é visto como uma variável na FL, ligada pelo elemento mais próximo em posição A-barra, ou posição não–argumental.

A conclusão do autor é que, embora exista correlação entre concordância e argumentos vazios em algumas línguas, isto é parametrizável. O PB ficaria como uma língua que escolhe a identificação do sujeito nulo por ligação A-barra, o que seria um evidência para colocá-lo ao lado das línguas tipologicamente consideradas como línguas orientadas para o discurso.

Já o objetivo de Kato em "The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese" é apresentar uma teoria do parâmetro do SN que associa a perda do sujeito nulo referencial e inversão livre (VOS) no PB à mesma propriedade morfológica do sistema de concordância. Deste modo, a relativa estabilidade do sujeito nulo na terceira pessoa e a construção VS com verbos inacusativos e cópula, ainda observados no PB, são vistos não como fenômenos residuais de um antigo assentamento de parâmetro, mas como parte de uma gramática estável, considerando–se o fato de que a morfologia pode apresentar irregularidades.

O ponto básico de sua análise, embora articulada em termos do programa minimalista (Chomsky,1995), é a retomada do "insight" tradicional de que INFL nas línguas de sujeito nulo é um elemento pronominal ou clítico. Assumindo nos termos de Kato (1999) que clíticos, pronomes e afixos são realizações alomórficas dos traços de concordância, a autora propõe que as línguas escolhem, para a mesma função, uma destas formas para o pronominal nominativo: pronomes fracos livres, clíticos sujeitos ou AGR [+pronominal].

Conseqüentemente, a análise elimina pro como uma categoria descritiva. No entanto, esse não é único traço teórico inovador da análise proposta. De fato, Kato inova ainda ao propor que a flexão de concordância (AGR) é núcleo do DP e não da sentença, associando-se ao verbo como seu argumento.

A partir dessa hipótese, a autora assume que todo determinante, seja ele um portador de traço de concordância, seja um clítico ou afixo pronominal, aparece como item na numeração e possui traços formais para serem verificados, iniciando a derivação na posição D. Se a língua tem traço D forte em T, atrai tanto os pronomes como os afixos e clíticos. A diferença está em que, enquanto clíticos e afixos se movem como núcleos, adjungindo-se a T, pronomes se movem para Spec,TP. Línguas de sujeito nulo como o espanhol e PE têm afixos de concordância independentes que verificam seus traços em T, de modo que Spec,TP não é projetado; o mesmo acontece com línguas do tipo do Fiorentino e Trentino com sujeitos clíticos. Ao contrário, línguas que não têm sujeito nulo como o inglês e alemão projetam Spec,TP, a posição para onde se movem os pronomes livres.

As mudanças no PB relacionadas à perda do sujeito nulo referencial podem, então, ser vistas como resultantes da perda do sistema de concordância pronominal, identificado como sujeito gramatical. Com esta perda, aparece um paradigma de pronomes nominativos, similar aos pronomes nominativos do inglês. A partir dessa mudança no sistema pronominal, duas outras propriedades passam a se manifestar e a interagir, a saber: a projeção de Spec, TP e um traço D forte em T, motivando as operações sintáticas que derivam, por exemplo, a ordem SVO. Destaque-se que, apesar da distinta história derivacional da construção SVO no PB e PE a nível de TP, a autora sugere para as duas variantes, com base em Nunes (1998b), a possibilidade de pronomes lexicais e DPs sujeitos com Caso Nominativo "default", externos a TP. Estes são interpretados como sujeitos de sentenças categóricas, nos termos do que já tem sido proposto por vários autores.

Outros fatos do PB confirmam a teoria proposta por Kato. Em uma argumentação detalhada a autora mostra que a inovação do sistema pronominal do PB, criando um paradigma de pronomes fracos livres e a projeção obrigatória de Spec,TP, leva à perda da ordem VOS, ou seja, da inversão livre com sujeitos definidos e indefinidos que requerem concordância. Além disso, o estudo envolve comparação com outras línguas para mostrar porque o PB retém uma ordem VS produtiva em construções inacusativas e existenciais, apesar da perda crescente da inversão livre. A suposição básica é a permanência no PB de um expletivo nulo, o qual constitui um afixo neutro de terceira pessoa, o único que ainda pode aparecer como um item independente na numeração.

O mesmo esforço para entender as manifestações do sujeito nulo no PB está expresso no trabalho de De Oliveira "The pronominal subject in Italian and Brazilian Portuguese". Desta vez, porém, a reflexão coloca em cena os fatos do italiano (IT), na tentativa de explicar o fenômeno da complementaridade entre sujeito nulo e lexical. O objetivo é verificar se a distribuição complementar, considerada por vários autores como obrigatória em línguas de sujeito nulo, poderia ser encontrada em uma língua do tipo do italiano, e se a sua ausência no PB poderia ser usada como evidência para caracterizá-lo como uma língua de sujeito nulo residual.

Os resultados que os dados analisados apresentam parecem sugerir, porém, que essa previsão não se concretiza, uma vez que existem certos contextos em que o pronome lexical é obrigatório no IT. Além disso, observa-se nesses casos de preenchimento uma percentagem maior de sujeito lexical de primeira e segunda pessoas. Ora, estes fatos, levam a autora a concluir que a relação causal entre sujeito nulo e morfologia verbal deveria ser repensada. Pelo mesmo raciocínio, fica descartada a idéia de que a perda do sujeito nulo no PB estaria correlacionado a mudanças no paradigma flexional do verbo.

No entanto, De Oliveira reconhece que, apesar das similaridades entre o IT e o PB, as duas línguas diferem por terem diferentes pronomes na posição de sujeito. No PB, o pronome lexical é fraco, nos termos de Kato acima revistos, refletindo a ausência de AGR [+pronominal]. No IT, o pronome sujeito é forte e coocorre com a flexão pronominal. Isso explica porque os sujeitos plenos do IT podem ser interpretados como tendo uma função enfática.

Como dissemos, o que se convencionou definir como parâmetro do sujeito nulo é um conjunto de propriedades que envolve não só a possibilidade do sujeito nulo, mas também, entre outras, a inversão livre (VOS) e inversão VS. A história das línguas de sujeito nulo mostra, porém, que nem sempre as três propriedades evoluem da mesma forma. No PB, enquanto parece haver um decréscimo paralelo do sujeito nulo e da inversão livre, a ordem VS é ainda produtiva, embora restrita a verbos inacusativos e cópula.

O estudo diacrônico de Andrade Berlinck "Brazilian Portuguese VS order: a diachronic analisys" lida com a inversão verbo/sujeito, apresentan

do uma análise quantitativa cuidadosa, com base em um "corpus" que compreende três períodos históricos: séculos XVIII, XIX e XX. Os resultados mostram, por um lado, a perda quase categórica das construções VSO e VOS no PB e, por outro, a perda da sintaxe VS, restrita no estágio atual da língua a verbos inacusativos e auxiliares.

Seus resultados revelam também, quando comparados com estudos feitos no PE, uma importante diferença entre o PB e o PE com relação às construções que apresentam inversão sujeito/verbo. Enquanto ambas as línguas compartilham a construção VS inacusativa, o PE, impõe menos restrições à inversão do sujeito de um modo geral, sendo esta preferida e mesmo obrigatória em certos contextos nos quais ocorrem verbos semanticamente fracos. A conclusão, portanto, é que existe uma efetiva correlação entre inversão livre e sujeitos nulos no PB.

A autora destaca ainda o caráter informacional das construções com inversão do sujeito, revelando a heterogeneidade das mesmas. Assim, o sujeito posposto nas construções VS inacusativas é interpretado como parte do comentário da sentença, não apresentando isoladamente uma função discursiva marcada. Nos mesmos termos, observa-se que somente o sujeito das construções VOS é interpretado como foco sentencial.

Também no estudo de Britto "Syntactic codification of categorial and thetic judgements in Brazilian Portuguese" existe a preocupação de correlacionar as construções com sujeito pós-verbal e sujeito nulo. Assumindo que as línguas naturais codificam sintaticamente julgamentos categóricos e téticos, a autora conclui que o uso freqüente no PB da construção de deslocamento à esquerda com pronome resumptivo (DE), sem a leitura marcada que apresenta em outras línguas, evidencia que o arranjo dos constituintes expressa a codificação do juízo categórico.

Da mesma forma, a ordem SV codifica o juízo tético. A autora considera ainda fatos de ordem comparativa, a partir da afirmação de que, no PE, a codificação dos juízos categórico e tético é feita, respectivamente, pelas ordens SV e VS. Esta comparação lhe permite traçar não só um importante paralelismo entre as duas variantes, como também propor uma derivação sintática deste paralelismo, com base em pressupostos minimalistas, os quais envolvem questões de verificação de Caso e assinalamento de papéis temáticos.

Britto tem, particularmente, como objetivo estabelecer uma relação entre a análise sintática destas construções e o sistema pronominal que o PB e PE apresentam. Deste modo, o paralelismo interpretativo encontrado entre, de um lado, as construções de DE do PB e construções SV do PE e, de outro, entre construções SV do PB e VS do PE vai ser sintaticamente derivado com base no argumento de que tais construções projetam a mesma estrutura sintática, estando a diferença entre elas na natureza nula do pronome nominativo fraco do PE, e na sua natureza lexical no PB.

No quadro teórico dos Princípios e Parâmetros toda análise lingüística tem a preocupação de proporcionar elementos para uma teoria da aquisição da linguagem. De fato, o nível explanatório só poderá ser alcançado quando se pode responder à pergunta crucial de como a criança acaba por saber os fatos de sua língua. Segundo Raposo (1992), a questão da aquisição da linguagem é central no empreendimento gerativista "...tanto do ponto de vista epistemológico/filosófico como do ponto de vista da teoria gramatical propriamente dita" (p. 28). Uma teoria do sujeito nulo não poderia, portanto, ser diferente.

O texto de Simões "Null subjects in Brazilian Portuguese: developmental data from a case study" representa uma contribuição nesse sentido, uma vez que examina as propriedades do sujeito nulo na aquisição do PB por uma criança de dois anos e meio, ao mesmo tempo que testa teorias da aquisição e teorias do sujeito nulo propostas na literatura corrente. O ponto fundamental é que a autora encontra suporte para a idéia de que, nos primeiros estágios da aquisição, a criança adquirindo o PB exibe uma categoria vazia na posição de sujeito altamente restrita, e que sua fala mostra a atuação da gramática interna no que concerne ao uso dos elementos nulos. Não há evidências em seus dados de que a criança reassenta parâmetros durante o seu desenvolvimento. Ao contrário, as propriedades das sentenças observadas levam à conclusão de que a categoria nula que a criança exibe em sua produção lingüística em contextos referenciais é similar à observada para a linguagem do adulto, de acordo com alguns pesquisadores.

Novas idéias sobre a aquisição estão presentes no estudo de Cyrino, Duarte & Kato "Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese", embora este revele uma perspectiva bastante diferente daquela apresentada por Simões. As autoras retomam a intrigante assimetria

no comportamento do sujeito e objeto, observada no estudo diacrônico de Tarallo (1983) no PB e comparam seus resultados com outros estudos que trataram especificamente da distribuição diacrônica dos pronomes nulos e plenos na posição de sujeito e objeto.

A tentativa para explicar a correlação encontrada por Tarallo entre o decréscimo do pronominal nulo sujeito em oposição ao aumento do pronominal nulo objeto parte da constatação de que o estatuto referencial do antecedente é altamente relevante para a pronominalizaçao. Assim, para uma língua que tem a opção de variantes nulas ou plenas, um dos fatores que influencia na escolha de uma forma ou outra é o estatuto referencial do antecedente.

As autoras afirmam que, embora as mudanças na freqüência dos pronomes nulos sujeito e objeto sejam independentes, estão ambas regidas ou condicionadas pela mesma "hierarquia referencial" que mapeia traços-Φ referenciais com DPs e traços-Φ não-referenciais com categorias vazias. No quadro dos pronomes pessoais, pronomes fortes são associados com referencialidade e pronomes fracos com referencialidade deficiente. Por exemplo, eu e você são inerentemente humanos, portanto, os mais altos na hierarquia referencial. Os pronomes de terceira pessoa que se referem à proposição são, por sua vez, os mais baixos na escala.

A hierarquia referencial e a distinção forte/fraco dos pronomes proporcionam o mapeamento não-marcado entre a o significado (Forma Lógica) e a forma (Forma Fonológica). Para a aquisição, isso significa que se o "input" exibe sujeitos nulos para entidades altamente referenciais (português europeu), a criança deduz que os sujeitos mais baixos na hierarquia também serão nulos. Se por outro lado, o "input" exibe um expletivo lexical (inglês), a criança vai deduzir que os sujeitos mais altos na hierarquia referencial também serão lexicalizados. A hierarquia não exclui a possibilidade de sujeitos referenciais nulos, mas prevê que não vai ser encontrada uma língua com pronomes referenciais nulos e pronomes plenos não referenciais.

Para concluir, pode-se dizer que o conjunto de artigos da coletânea abrangeu toda uma gama de questões fundamentais relativas ao parâmetro do sujeito nulo no PB. Os principais desafios impostos pelo quadro teórico adotado são enfrentados com grande habilidade pelos autores, a partir de uma argumentação que se alicerçou em bases sólidas de natureza empírica

e conceptual. Entretanto, a discussão não ficou restrita ao PB, uma vez que foram trazidos para o centro do debate estudos de natureza diacrônica e sincrônica feitos com outras línguas, enriquecendo a sua base empírica.

Ora, tal desenvolvimento, possibilitou aos autores oferecer uma contribuição importante para a investigação de vários aspectos gramaticais que estão no cerne das discussões gerativistas atuais, principalmente aqueles que estão relacionadas com estrutura de frase, categorias vazias, categorias funcionais e lexicais, traços formais, mapeamento sintaxe-discurso, referencialidade. Além disso, as análises apresentadas não só proporcionam um instrumento para os estudos em aquisição da linguagem, como também têm implicações potenciais para a teoria da variação e mudança sintática.

Sem dúvida, o livro representa um empreendimento notável que será de grande proveito acadêmico para estudiosos do PB e para os que estão envolvidos na investigação da teoria gramatical nos diferentes centros universitários dentro e fora do Brasil.

Também deve-se dar destaque às referências bibliográficas, as quais abrangem uma grande parcela do que se produziu de mais relevante para o tópico discutido.

Note-se, finalmente que os estudos incluídos no volume resultaram do esforço de diferentes gerações de pesquisadores, envolvendo desde uma mestra do porte de Mary Kato até os pesquisadores mais jovens. No entanto, o conjunto não deixou de revelar uma surpreendente polifonia que, na minha opinião, é outro ponto forte a ser destacado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOMSKY, N.(1995) *The Minimalism Program*. Cambridge, Mass. The MIT Press.

DUARTE, M.E. L. (1995) A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro. Tese de Doutorado. UNICAMP

GALVES, C. (1993) O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.). *Português Brasileiro. Uma Viagem Diacrônica*. Editora da UNICAMP, Campinas. 387-408.

FIGUEIREDO SILVA, M.C. (1994) La position sujet em Portuguais Brésilien (dans les frases finies et infinitives). Université de Genève. Ph.D. Dissertation.

KATO, M.A. (1999) Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter. *PROBUS*. 11: 1-37.

JAEGGLI, O. & SAFIR, K. (1989) The null subject parameter and parametric theory. In: JAEGGLI, O. & SAFIR, K. (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht, Kluwer.

NEGRÃO, E.V. & MÜLLER, A L. (1996) As mudanças no sistema pronominal brasileiro: substituição ou especialização de formas. *D.E.L.T.A.* 12: 125-52.

NEGRÃO, E.V. (1999) O português brasileiro: uma língua voltada para o discurso. Tese de Livre-Docência. USP. NUNES, J. (1998b) Some notes on feature mismatch. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. **34**: 33-40.

RAPOSO, E. (1992) *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa. Caminho.

RIZZI, L. (1982) *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht, Foris.

RIZZI, L. (1986) Null objects in Italian and the theory of *pro*. *Linguistic Inquiry*. **17**:
501-57.

ROBERTS, I. (1993a) *Verbs and Diachronic Syntax*. Dordrecht, Kluwer.

TARALLO, F. (1983) Relativization strategies in Brazilian Portuguese. University of Pennsylvania, Philadelphia., PA, USA. Ph.D. Dissertation.

TARALLO, F. & KATO. M. A (1989) Harmonia trans-sistêmica: variação inter– e intra lingüística. *Predição*. **6**: 1-41.

LAKOFF, G. & M. JOHNSON (1999) *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought.* New York: Basic Books. 624p.

George Lakoff e Mark Johnson, quase duas décadas após a publicação de seu livro *Metaphors we live by* (1980), para muitos já considerado, senão um clássico, uma referência obrigatória na área da lingüística cognitiva, enfrentam agora, em sua obra *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*, o desafio de questionar os alicerces da filosofia ocidental através do que vêem como resultados ou "lições" de pesquisas empíricas provenientes das ciências cognitivas.

Em primeiro lugar, a mente seria "corporificada", isto é, estruturada através de nossas experiências corporais, e não uma entidade de natureza puramente metafísica e independente do corpo. Da mesma forma, a razão não seria algo que pudesse transcender o nosso corpo: ela é também "corporificada", pois origina-se tanto da natureza de nosso cérebro, como das peculiaridades de nossos corpos e de suas experiências no mundo em que vivemos. Com isso, descontrói-se o dualismo Cartesiano entre corpo e mente.

Em segundo lugar, quase todo pensamento é inconsciente, uma vez que não temos acesso aos mecanismos que nos permitem a, por exemplo, entender um simples enunciado (desde a identificação de um segmento de fonemas, até o fazer sentido semântico e pragmático deste enunciado, para citar apenas alguns desses inúmeros mecanismos envolvidos no processo de compreensão e produção lingüistica). Segundo os autores, a própria consciência vai além da percepção de fenômenos físicos, ou da consciência que estamos conscientes; esta só é viabilizada por este conjunto vasto, inconsciente e inacessível que deve estar sempre em funcionamento para que a própria consciência possa operar.

A última grande implicação dos estudos das ciências cognitivas focalizada na obra em questão nos remete à tese central apresentada no *Metaphors we live by*: os conceitos abstratos são, em sua maioria, metafóricos. A descoberta de que, ao contrário do que prega a tradição platônico-aristotélica, que vê as metáforas como simples ornamentos dispensáveis de natureza poética ou retórica, a metáfora seria, fundamentalmente, um recurso de pensamento (logo, um aparato cognitivo) que nos faz falar, ver e agir sobre determinados fenômenos de uma maneira e não de outra. Metáforas conceituais como "discussão é guerra" e "tempo é dinheiro" foram amplamente discutidas e empiricamente demonstradas no primeiro livro através de vários exemplos de marcas lingüísticas dessas metáforas encontradas na língua inglesa.

Em *Philosophy in the Flesh,* no entanto, as metáforas conceituais mais exploradas são aquelas que fundamentam os conceitos mais caros à filosofia ocidental, como o de "eu", "tempo", "causalidade", e até mesmo "moralidade". Os autores procuram demonstrar como esses conceitos são metaforicamente fundamentados. Além de não serem de modo algum transcendentais ou racionais, eles surgiram de nossas experiências corporais com o meio em que vivemos.

Para deixar claro o objetivo de desafio às bases da filosofia ocidental (que já está explicitado no próprio título da obra), o livro é organizado em quatro partes: como a mente corporificada desafia a tradição filosófica ocidental, a ciência cognitiva das idéias filosóficas básicas, a ciência cognitiva da filosofia e, finalmente a filosofia corporificada.

Por/By: Solange Coelho Vereza
(Universidade Federal Fluminense)

PALMER, Gary B. & Debra J. OCCHI (1999) *Languages of Sentiment*. Amsterdam: John Benjamins Publ. Co.

O livro contém artigos apresentados em 1996, na sessão "Línguas de Sentimento", patrocinada pela Society for Linguistic Anthropology of the American Anthropological Association. A sessão teve como objetivo explorar a comunicação, em várias línguas, de sentimentos – conceituados como emoções que são definidas e organizadas culturalmente. O volume poderia ser considerado um livro de línguas asiáticas sobre sentimentos, com uma parte suplementar de ensaios teóricos e de orientação.

Ambos, evento e livro, refletem o fato de o domínio das emoções estar reaparecendo na cena das discussões científicas de áreas como a psicologia, a filosofia, a etnologia, a sociologia e a lingüística, através de diferentes culturas e línguas. Mas o entusiasmo pela expressão de experiências emocionais não é partilhado por todos os povos (por exemplo, japonês, javanês, filipino). Nessas línguas, a conversa emocional é interpretada em termos pragmáticos e não como um registro de experiência da consciência. Com efeito, os artigos estão agrupados obedecendo aos dois tipos de abordagens: pragmática/sócio-construtivista (Schiffman, Wilce, Berman, Dunn) e cognitiva (Smith, Occhi, Palmer/Bennett/Stacey, Grabois).

Que sentimentos são tratados no livro? A contracapa apresenta um resumo esclarecedor:

Os capítulos cobrem o primordialismo lingüístico em tamil (Harold Schiffman); a eliminação da lamentação em bangla, em favor da praxis da linguagem referencial (James Wilce); o discurso das mulheres em Java, que cria a dignidade, re-enquadrando a dor da humilhação (Laine Berman); estilos de fala sinalizando a intimidade e o distanciamento em japonês (Cynthia Dunn); concepções divergentes de amor em japonês e em romances americanos traduzidos (Janet Shibamoto-Smith); a sintaxe da emoção-mimética em japonês (Debra Occhi); a gramática da metáfora das emoções em tagalog (Gary Palmer, Heather Bennett e Lester Stacey) e a

organização lexical das emoções em inglês e espanhol de alunos de segunda língua (Howard Grabois). Zoltán Kövecses (com Palmer) examina a relação complementar da teoria da construção social à procura de universais da experiência emocional.

Talvez uma das maiores contribuições recentes sobre o assunto tenha sido o questionamento do conceito de emoção. Seria ela um sentimento ou uma idéia? Estaria ela localizada na mente ou no corpo, ou em ambos? Ou seria a emoção uma evidência da unidade do espírito e mente?

Os artigos cobrem uma grande variedade de sentimentos e fornecem estudos de caso, alguns descritos discursivamente, outros apresentando detalhes gramaticais. Eles exemplificam as duas abordagens e incluem diversas metodologias, tais como a observação participante, o uso de dados provenientes de questionários e entrevistas, a análise da mídia popular e o uso de material de referência em língua-nativa. Fornecem descrições etnográficas do uso pragmático da linguagem de sentimento no mundo contemporâneo. Mostram como as abordagens cognitiva-lingüística e pragmática podem se complementar no estudo da linguagem das emoções e a consciência das emoções.

O livro se encerra com um artigo de Kövecses & Palmer que tratam da relação entre as abordagens mais dominantes da pesquisa contemporânea sobre língua e sentimento: a teoria sócio-construtivista e a busca dos universais de experiência emocional fisiologicamente baseada.

Por/By: Sumiko Nishitani Ikeda
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

MUSSALIN, Fernanda & Anna Christina BENTES (2001) (orgs.) *Introdução à Lingüistica: Domínios e Fronteiras*. Volumes 1 e 2. São Paulo: Cortez Editora. 194 p. e 270 p.

Compreendendo dois volumes, *Introdução à Lingüística: Domínios e Fronteiras* é uma coletânea de textos que cobre "as diversas ramificações da Lingüística, aqui entendida como a ciência da linguagem verbal humana" (Ingedore Koch, capa da obra), destinada a leitores iniciantes ou não especializados, escrita por pesquisadores especialistas em suas respectivas áreas.

O **Volume 1** inicia com textos sobre *Sociolingüística* (Tania Alkmim (parte I) e Roberto Gomes Camacho (parte II)) e *Lingüística Histórica* (Nilson Gabas Jr.), seguidos das "áreas que fazem parte daquilo que é tradicionalmente concebido como descrição gramatical das línguas naturais" (Introdução das organizadoras): *Fonética* (Gladis Massini-Cagliari e Luiz Carlos Cagliari), *Fonologia* (Angel Corbera Mori), *Morfologia* (Filomena Sandalo), *Sintaxe* (Rosane de Andrade Berlinck, Marina R. A. Augusto e Ana Paula Scher). Finaliza com o artigo de Anna Christina Bentes sobre *Lingüística Textual*.

O **Volume 2** abrange mais 8 áreas: *Semântica* (Roberta Pires de Oliveira), *Pragmática* (Joana Plaza Pinto), *Análise da Conversação* (Ângela Paiva Dionísio), *Análise do Discurso* (Fernanda Mussalim), *Neurolingüística* (Edwiges Morato), *Psicolingüística* (Ari Pedro Balieiro Jr.), *Aquisição da Linguagem* (Ester Miriam Scarpa) e *Língua e Ensino: Políticas de Fechamento* (Marina Célia Mendonça).

Vale ressaltar a importância das reflexões apresentadas por Sírio Possenti ao prefaciar a obra, que além de salientar a relevância da publicação, traz à tona discussões recentes sobre o papel da Lingüística nos meios não-acadêmicos.

Segundo as organizadoras (na Introdução), apesar da vasta bibliografia de estudos no campo, o propósito da obra é, em uma linguagem acessí-

vel, apresentar uma amostra de como as diversas áreas abordam os fatos de linguagem, principalmente no Brasil. "Propõe-se a ser uma porta de entrada para o campo de Lingüística, um campo vasto, heterogêneo, multidisciplinar".

Por/By: Maria Aparecida Caltabiano-Magalhães
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

ERRATA

Em **D.E.L.T.A. 16.1** no artigo de Plínio Almeida Barbosa, deve-se substituir o título Tempo-silábico em Português do Brasil: a critic to Roy Major por Syllable-timing in Brazilian Portuguese: against Roy Major.

Nesse mesmo artigo, não apareceram os agradecimentos: A Sandra Madureira e Eleonora Albano, pela leitura e sugestões em versões prévias deste artigo. Agradeço especialmente também a Leda Bisol, por ter sugerido que esse artigo integrasse a seção Debate e por incentivar a discussão em torno do tema. Enfatizamos nossa gratidão à Fapesp, através do programa Jovem Pesquisador em Centro Emergente (nº 95/09708-6) e à Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq (nº 350382/98-0), vinculada ao projeto de nº 524110/96-4, que financiaram diretamente ou via equipamentos essas pesquisas. Não podemos deixar de agradecer ao nosso locutor, por sua voz e disponibilidade.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

Os trabalhos submetidos à D.E.L.T.A. devem ser enviados:
·em três vias impressas, com páginas numeradas, duas delas sem nenhuma informação que identifique a autoria. Em folha à parte, devem vir um título em português e um em inglês, além do endereço completo, com telefone, fax e e-mail do autor, bem como informação da área em que se insere o trabalho. Os nomes dos autores, com o sobrenome principal em maiúsculas, devem ser seguidos da filiação por extenso;
·em disquete, digitados em programa Word-for-Windows recente, sem formatação além de parágrafo; deve ser colada, no disquete, uma etiqueta contendo o nome do/a autor/a, o título do trabalho e o programa utilizado. O disquete não será devolvido a/o autor/a, que deve manter seu arquivo para as eventuais modificações sugeridas pelos pareceristas.
Notas: devem ser digitadas em pé de página, numeradas a partir de 1. Se houver nota no título, esta recebe asterisco e não numeração. As notas não devem ser utilizadas para referência bibliográfica. As referências devem ser feitas no corpo do trabalho segundo o exemplo: ... como diz Chomsky (1995:152)...; referências após citação: ...(Chomsky 1995:152); no caso de paráfrase (cf.: Chomsky 1995:152). Nunca usar *idem* ou *idem, ibidem*.
Ênfase: usar itálico, não sublinhar.
Tabelas, gráficos, desenhos, quadros e árvores devem ser encaminhados, também separadamente, em versão impressa, pronta para ser fotografada, em laser/ink jet ou tinta nanquim. Devem ser numerados e ter título. Apenas as iniciais do título devem estar em maiúsculas.
Abstract/Resumo: datilografados em itálico, precedidos da palavra ABSTRACT ou RESUMO, em duas versões de cerca de 100 palavras, uma em inglês e uma em português. Recomenda-se que sejam revistos por falantes nativos dos respectivos idiomas. Os ABSTRACTS e RESUMOS devem ser seguidos de quatro palavras-chave/key words, naquela língua, precedidos do termo Key Words ou Palavras-Chave.
Referências bibliográficas: Datilografar a expressão REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Os autores devem estar em ordem alfabética, sem numeração das entradas e sem espaço entre as referências. O principal sobrenome de cada autor é seguido de vírgula e do nome e sobrenomes. O nome de outros autores, quando houver, ou dos organizadores da obra de onde foi retirado o artigo, precedem o sobrenome. O título de livro (precedido de IN:) ou revista deve vir em itálico com todas as iniciais em maiúscula e o número de revista em negrito. Na segunda entrada de um mesmo autor, seu nome é substituído por um traço de 5 toques. Data identificadora da obra, entre pontos após o nome do autor (outras datas relevantes, no final da entrada). Mais de uma obra no mesmo ano, distinguidas pelas letras a, b, etc após a data. Ex.: Labov, William. 2001. *Principles of Linguistic Change*. Massachusetts/Oxford: Blackwell. Lobato, Lúcia. 2000. Formal features and parameter setting: A view from Portuguese past participles in romance future tense. *D.E.L.T.A.* **16/Especial**: 99-128.
Oliveira, Marco Antonio & Maria Luiza Braga. 1997. On Focussing sentences in Brazilian Portuguese. In: Gregory R. Guy, Crawford Feagin, Deborah Schiffrin & John Baugh. Eds.. *Towards a Social Science of Language. Vol.2: Social Interactional Discourse Structures.* Amsterdam: John Benjamins.
Anexos: caso existam, devem ser colocados depois das referências bibliográficas, precedidos da palavra Anexo. Para anexos que constituam textos originais já publicados, enviar em formato final para ser fotografado e incluir referência bibliográfica completa, bem como permissão de editores para reprodução.
A D.E.L.T.A. detém o "copyright"dos trabalhos a ela submetidos, exceto nos casos em que está impresso o contrário. Os trabalhos submetidos à D.E.L.T.A não devem, sob hipótese alguma, ser retirados depois de iniciado o processo de avaliação.
Tamanho: ARTIGO: até 10.000 palavras; se tiver gráficos e/ou anexos, o conjunto não deve ultrapassar 27 páginas. RETROSPECTIVA, DEBATE: até 12.000 palavras. QUESTÕES E PROBLEMAS: até 6.000 palavras. RESENHA: até 3.600 palavras e NOTAS DE LIVROS até 2.000 palavras.

INSTRUCTIONS FOR PRESENTATION OF THE CONTRIBUTIONS

Papers submitted to D.E.L.T.A. should be sent: in floppy disk, typed in WORD for Windows with no format other than paragraphs, and three paper copies. The label on the floppy disk must specify the author's name, tittle of the paper, author's affilliation and version of word-processing programme used. To guarantee anonymity when sent to referees, in two of the printed copies, the name, affiliation and other references that may identify the author must be omitted. The floppy disk will not be returned to the author. Therefore, please keep back-up copy for the modifications that may be suggested by referees.

Foot-notes: located at the bottom of the page, numbered from 1. Should there be a foot note in the tittle it is to be introduced by an asterisc (*) and must not be numbered. Foot notes should not be used for bibliographical references. References should be made within the text as in: Chomsky (1995:152)...; after a quotation use: ...(Chomsky 1995:152); when it is not a quotation (cf.: Chomsky 1995:152). Never use *idem* or *idem, ibidem*.

Tables, charts, figures, trees must also be sent sepparately in camera ready format - laser/ink jet or indian ink. The title of tables, charts, figures, are numbered and capital letters are used for initials.

Abstract/Resumo: In Italics, introduced by the word ABSTRACT or RESUMO in two versions, one in Portuguese and one in English of around 100 words each. It is advisable to have them read by native speakers. They are each to be followed by 4 key words/ 4 palavras-chave, preceded respectively by the word Key Words/Palavras-Chave.

References: Type the word REFERENCES. The entries, in alphabetical order and single spaced. Initials of the first author follow the surname; initials of other authors or editors in an entry precede the surname. Titles of books or journals are in italics and the number of journals in bold. In the second entry of a given author his/her name is replaced by a 5 space dash. The date comes between full stops after the author's name; other relevant date come at the end of the entry; more than one work in the same year are distinguished by the letters a, b, etc., within the brackets. E.g.: Labov, William. 2001. *Principles of Linguistic Change.* Massachusetts/Oxford: Blackwell. Lobato, Lúcia. 2000. Formal features and parameter setting: A view from Portuguese past participles in romance future tense. *D.E.L.T.A.* **16/Especial**: 99-128.

Oliveira, Marco Antonio & Maria Luiza Braga. 1997. On Focussing sentences in Brazilian Portuguese. In: Gregory R. Guy, Crawford Feagin, Deborah Schiffrin & John Baugh. Eds.. *Towards a Social Science of Language. Vol.2: Social Interactional Discourse Structures.* Amsterdam: John Benjamins.

Appendices: should there be any, after the references, preceded by the Word Appendix, in upper case. If long stretches of text from published works are to be annexed, please provide camera ready copy as well as complete bibliographical reference and permission from the publishers for reproduction.

D.E.L.T.A. keeps the copyright of the papers submitted unless it officially withdraws this right on request. Papers submitted are not to be witdrawn after the process of refereeing starts.

Size: ARTICLE: maximum length: 10.000 words; OVERVIEW, DEBATE: maximum length: 12.000 words; SQUIBS: maximum length: 6.000 words; REVIEW: maximum length: 3.600 words and BOOK NOTES 2000 words.

Projeto Editorial e Diagramação

Elaine Cristine Fernandes da Silva

Impressão e Acabamento

JETGRAPHIC

Fone: (11) 5575-7602

BEST COPY AVAILABLE

Assinaturas / Subscriptions

Oferta Especial / Special Offer

Metade do preço – R$ 25,00 – da Assinatura anual para sócios de todas as associações de Lingüística do Brasil.

Para grupos de 10 assinaturas conjuntas será oferecida uma Assinatura gratuita.

For foreign subscription special offer, please contact e-mail: delta@pucsp.br.

To/Para:

D.E.L.T.A.
Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada.
Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL)
Rua Monte Alegre, 984. CEP 05014-001. São Paulo, SP, Brasil.

From/De:

NOME/NAME: _____

_____

ENDEREÇO/ADDRESS: _____

_____

CEP/ZIP CODE: _____ COUNTRY: _____

Pagamento/Payment

- ❒ cheque em reais (for foreign currency, please contact journal)
- ❒ depósito em banco: conta corrente BANESPA, # 01.063171-1
  Banco # 033, Agência # 0220

Pedido/Order

- ❒ Assinatura Anual/Annual Subscription _____ 2.001
- ❒ Anos Anteriores/Previous Years _____
- ❒ Números Especiais/Special Issues:
  - ❒ Chomsky in/no Brasil (Conferências de/Talks by Chomsky)
  - ❒ Homenagem a/In Honour of Ataliba T. de Catilho (artigos sobre a gramática do português falado/articles on the grammar of spoken Portuguese)
  - ❒ 30 anos de/30 years of Abralin (retrospectiva da Lingüística no Brasil/30 years of Brazilian Linguistics)
  - ❒ Homenagem a/In Honour of Mary Kato.

D.E.L.T.A.

Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada

Sumário / Contents

Artigos/Articles

M. Angélica Furtado da Cunha – O Modelo das Motivações Competidoras no Domínio Funcional da Negação / *The Competing Motivation Model in the Functional Domain of Negation* 1

Silvana Serrani-Infante – Resonancias Discursivas y Cortesía en Prácticas de Lecto-Escritura / *Ressonâncias Discursivas e Polidez em Práticas de Leitura e Produção Escrita / Discursive Resonance and Politeness in Reading and Writing Practices* 31

Maria Cecília Perroni – As Relativas que são Fáceis na Aquisição do Português Brasileiro / *The Acquisition of Relative Clauses in Brazilian Portuguese* 59

Erotilde Goreti Pezatti – O Advérbio *Então* já se Gramaticalizou como Conjunção? / *Has the Adverbial* Então *already become Grammaticalized as a Conjuction?* 81

Debate/Debate

Dante E. Lucchesi – As duas Grandes Vertentes da História Sociolingüística do Brasil (1500-2000) / *The two Great Trends of Brazilian Sociolinguistic History (1500-2000)* 97

Entrevista/Interview

Interview with M. A. K. Halliday, Cardiff, July, 1998 / *Entrevista com M. A. K. Halliday, Cardiff, Julho, 1998.* Por/By Geoff Thompson e Heloisa Collins 131

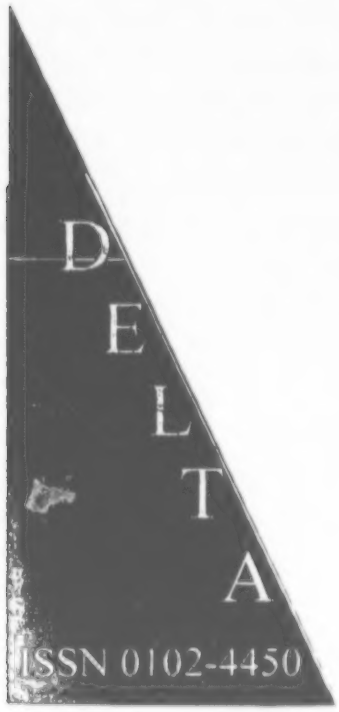
Resenha/Review

Kato, M. & E. Negrão (eds.) (2000) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter.* Por/By M. Aparecida C. R. Torres-Morais 155

Notas sobre Livros/Booknotes 169

Revista D.E.L.T.A. São Paulo Vol. 17:1 2001 p. 1-174 ISSN 0102-445

189


D
E
L
T
A
ISSN 0102-4450

D.E.L.T.A.: Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada.
Vol. 1, 1/2 (fev/ago 1985)
São Paulo: EDUC, 1985
Semestral, no. Especial desde 1992
Revista da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC SP
Resumo em Português e Inglês em todos os artigos

1. Lingüística Teórica - periódicos. 2. Lingüística Aplicada - periódicos. I. Título: Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo III. Associação Brasileira de Lingüística

ISSN 0102-445 **CDD** 405

EDUC – Editora da PUC-SP
Rua Ministro Godói, 1213 – São Paulo – Telefax: (11) 3873-3359/3672-6003 – E-mail: educ@pucsp.br

Os textos publicados na revista são indexados no LLBA (Linguistics and Language Behavior Abstracts), Linguistics and Language Behaviour Abstracts Database, no MLA (Mordern Language Association) Directory of Periodicals e International Bibliography, no Sociological Abstracts, no ULRICH's International Periodicals Directory e no ERIC.

The Journal and its contents are indexed in LLBA (Linguistics and Language Behavior Abstracts), Linguistics and Language Behaviour Abstracts Database, MLA (Mordern Language Association) Directory of Periodicals as well as International Bibliography, Sociological Abstracts and ULRICH's International Periodicals Directory and ERIC.

Revista financiada com apoio de:

Programa de Apoio a Publicações Científicas
MCT CNPq FINEP

PUC-SP

revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada

BEST COPY AVAILABLE

vol. 17 - nº 1 - 2001

educ

192

POLÍTICA EDITORIAL

A Revista D.E.L.T.A. publica estudos de caráter teórico ou aplicado, oriundos de qualquer área referente ao fenômeno lingüístico, desde que se trate de contribuições inéditas.

Será dada preferência a trabalhos que contenham pesquisa original, que poderão vir em forma de ARTIGOS, DEBATES e QUESTÕES E PROBLEMAS. A Revista publica, ainda, RETROSPECTIVAS (síntese crítica acerca do estado da ciência), RESENHAS e NOTAS DE LIVRO.

Colaboradores de todos os países estão convidados a submeter seus trabalhos, os quais serão avaliados, anonimamente, por dois membros do Conselho Editorial assessorados, quando necessário, por pareceristas ad hoc. Em caso de empate, um terceiro parecerista é convidado.

Tais trabalhos devem ser escritos em português, inglês, francês, espanhol ou italiano.

Artigos, Retrospectivas, Debates são precedidos de abstract em Inglês e resumo em Português com aproximadamente 150 palavras cada. Para programas a serem usados e normas gerais de digitação, ver final do volume.

Os originais apresentados não devem ter sido publicados ou submetidos simultaneamente a outra revista.

Ficam concedidos à revista todos os direitos autorais referentes aos trabalhos publicados.

ASSINATURAS

A Revista D.E.L.T.A. é uma publicação semestral, podendo haver a possibilidade de um número especial incluso na anuidade. Preço anual da assinatura no Brasil: indivíduos: R$50,00 (número avulso: R$25,00). Instituições: R$120,00 (número avulso: R$60,00).

Aceita-se permuta.

EDITORIAL POLICY

D.E.L.T.A. is adressed to all areas of study concerning language and speech, whether theoretical or applied; however, only unpublished contributions will be considered.

Preference will be given to original research work, presented under the categories of ARTICLES, DEBATES or SQUIBS. The journal also carries OVERVIEWS (critical overview of the state of the art), as well as REVIEWS and BOOK NOTES.

Researchers from all countries in the world are invited to submit their papers which will be sent to two anonymous referees from the Editorial Board. In the event of a tie, a third will be called. If necessary, an ad hoc referee can be invited.

The articles should be written in Portuguese, English, French, Spanish or Italian.

Articles, Overviews, Debates are preceded by an abstract not exceeding 150 words, in English and Portuguese. As for word processing software to be used and general typing instructions see last page of this issue.

It is a condition of publication that manuscripts submitted to this journal have not been published and have not been simultaneously submitted elsewhere.

The acceptance of papers by the journal entails the transference of the copyright to the publishers.

SUBSCRIPTIONS

D.E.L.T.A. is a bi-annual publication with an opitional special issue. Annual price-abroad:
individuals: $60,00 (single issue: $30,00).
Institutions: $120,00 (single issue: $60,00).

Exchange of publications welcome.

NOTA INICIAL

A Editoria da D.E.L.T.A. vem informar que, a partir do presente volume, a D.E.L.T.A. passa a ser autônoma. Como tal, passa a beneficiar os sócios de todas as associações da área oferecendo 50% de desconto, ou seja, R$25,00 anuais, a taxa devida, até agora, pela ABRALIN por associado.

Como é do conhecimento dos leitores, a D.E.L.T.A. foi fundada com o objetivo de prestar um serviço à comunidade de lingüistas e vem se mantendo dentro dos princípios de rigor científico e imparcialidade, tendo já conquistado prestígio em nível internacional. Entre as evidências desse prestígio, podemos citar ter ela sido aceita para constar de três grandes indexadores internacionais e ter sido a única revista da área de Lingüística selecionada para constar do Scielo, o banco eletrônico de revistas científicas latino americano, implementado pela FAPESP, tendo desde 26/2/1998 tido 8554 artigos copiados ('requested') (uma média de 2851 por ano e 7.8 por dia), muitos do exterior, principalmente Estados Unidos, Europa e Japão.

Para mais uma evidência de prestígio internacional e de alcance inter-institucional, dos 306 trabalhos já publicados, 45 são de prestigiados lingüistas de fora do país e apenas 44 são de pesquisadores vinculados à PUC-SP – indicando sua qualidade inter-institucional.

As atribuições que eram exercidas pelo Conselho da ABRALIN deverão passar a ser preenchidas por um Conselho Superior composto de membros cuja competência acadêmica seja inquestionável e cuja preocupação com o desenvolvimento da área e com o rigor científico sejam amplamente reconhecidos.

Como sempre preocupada com os interesses de seus leitores, a D.E.L.T.A. introduziu em 1996 uma nova seção, intitulada Notas de Livros, com pequenas resenhas de publicações, contendo a descrição do seu conteúdo. Dado o interesse despertado pela seção, ela está sendo institucionalizada e substituirá a seção Relação de Eventos (já disponível e muito mais rapidamente na Comunidade Virtual da Linguagem (CVL)

DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS
EM LINGÜÍSTICA TEÓRICA E APLICADA
D.E.L.T.A., Vol. 17, Nº 1, 2001

Tesouraria / Treasurer
Roxane H. Rojo - *PUC-SP*

Correspondência / Mailing address
Revista D.E.L.T.A.
Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL)
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Rua Monte Alegre, 984 - CEP 05014-001 - São Paulo, SP, Brasil
Fone: (55) (0XX11) 3864-4409 Fax: (55) (0XX11) 3862-5840
www.scielo.br
E-mail: delta@pucsp.br

D.E.L.T.A.
REVISTA DE DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS EM LINGÜÍSTICA
TEÓRICA E APLICADA

SUMÁRIO/CONTENTS

ARTIGOS/ARTICLES

M. Angélica FURTADO DA CUNHA – O Modelo das Motivações Competidoras no Domínio Funcional da Negação / *The Competing Motivation Model in the Functional Domain of Negation.*

Silvana SERRANI INFANTE – Resonancias Discursivas y Cortesía en Prácticas de Lecto- Escritura / *Ressonâncias Discursivas e Polidez em Práticas de Leitura e Produção Escrita / Discursive Resonance and Politeness in Reading and Writing Practices.*

Maria Cecília PERRONI – As Relativas que são Fáceis na Aquisição do Português Brasileiro / *The Acquisition of Relative Clauses in Brazilian Portuguese.*

Erotilde Goreti PEZZATTI – O Advérbio *Então* já se Gramaticalizou com Conjunção? / *Has the Adverbial* Então *already become Grammaticalized as a Conjuction?.*

DEBATE/DEBATE

Dante E. LUCCHESI – As duas Grandes Vertentes da História Sociolingüística do Brasil (1500-2000) / *The two Great of Brazilian Sociolinguistic History (1500-2000).*

ENTREVISTA/INTERVIEW

Interview with M.A.K. Halliday, Cardiff, July, 1998 / *Entrevista com M.A.K. Halliday, Cardiff, Julho, 1998.* Por/By Geoff Thompson e Heloisa Collins.

RESENHA/REVIEW

KATO, M. & E. NEGRÃO (eds.) (2000) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter.* Por/By M. Aparecida C.R. TORRES-MORAIS.

NOTAS SOBRE LIVROS/BOOKNOTES

BEST COPY AVAILABLE

revista de

D ocumentação de
E studos em
L ingüística
T eórica e
A plicada

FL027177

BEST COPY AVAILABLE

Vol.17:ESPECIAL, 2001

educ

197

DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS EM LINGÜÍSTICA TEÓRICA E APLICADA

D.E.L.T.A., Vol. 17:ESPECIAL, 2001

Conselho Superior / Advisory Board

Angela Bustos Kleiman - Universidade de Campinas
Ângela Vaz Leão - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Ataliba Teixeira de Castilho - Universidade de São Paulo
Carlos Alberto Faracco - Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná
Francisco Cardoso Gomes de Matos - Universidade Federal de Pernambuco
Maria Antonieta Alba Celani - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Rosa Virgínia Mattos e Silva - Universidade Federal da Bahia

Editores / Editors

Leila Barbara - *PUC-SP*
Kanavillil Rajagopalan - *UNICAMP*

Editores Executivos / Executive Editors

Antônio Paulo Berber Sardinha – *PUC -SP*
Laís Furquim de Azevedo - *PUC-SP*
Maria Aparecida Caltabiano-Magalhães - *PUC-SP*
Mara Sophia Zanotto - *PUC-SP*
Mary Aizawa Kato - *UNICAMP*
Roxane R. H. Rojo - *PUC-SP*
Sumiko Nishitani Ikeda - *PUC-SP*

Conselho Editorial / Editorial Board

Ana M. Martins - *U. de Lisboa*
Ana Zandwais - *UFRGS*
Ângela B. Kleiman - *UNICAMP*
Charlotte Galves - *UNICAMP*
Daniel Everett - *U. de Manchester*
Daniel Faïta - U. de Provence
Dennis Albert Moore - *UFPa*
Eduardo Raposo - *U. da Califórnia, Stª Bárbara*
Eleonora Albano - *UNICAMP*
Emília dos Santos Ribeiro Pedro - *U. de Lisboa*
Esmeralda V. Negrão - *USP*
Giampaolo Salvi - *U. de Budapeste*
Helena Nagamine Brandão - *USP*
Heloísa Collins - *PUC-SP*
Ian Roberts - *U. de Wales*
Ilza Ribeiro - *U. Feira de Santana*
Ingedore G. V. Koch - *UNICAMP*
Jairo Nunes - *UNICAMP*
João A. de Moraes - *UFRJ*
João Andrade Peres - *U. de Lisboa*
José Luiz Fiorin - *USP*
Jürgen M. Meisel - *U. de Hamburgo*
Leda Bisol - *PUC-RS*
Leonor Scliar-Cabral - *UFSC*
Letícia M. Sicuro Corrêa - *PUC-RJ*
Luiz A. Marcuschi - *UFPe*
Malcolm Coulthard - *U. de Birmingham*
Marco Antonio de Oliveira - *UFMG*
Margarida Basílio - *UFRJ*
M. Antonieta A. Celani - *PUC-SP*
M. Cecília Pérez de Souza e Silva - *PUC-SP*
M. da Graça Pinto - *U. do Porto*
M. Denilda Moura - *UFAL*
M. do Carmo Leite de Oliveira - *PUC-RJ*
M. Helena Moura Neves - *UNESP, Araraquara*
M. Luíza Braga - *UNICAMP*
M. Raquel D. Martins - *U. de Lisboa*
Michael R. Scott - *U. de Liverpool*
Nadja R. Moreira - *UFCe*
Paola Bentivoglio - *U. de Caracas*
Pascual Cantos Gomes - *Universidade de Murcia*
Pedro M. Garcez - *UFRGS*
Rodolfo Ilari - *UNICAMP*
Rosa V. Matos e Silva - *UFBa*
Roxane H. R. Rojo - *PUC-SP*
Shana Poplack - *U. de Ottawa*
Thomas Huckin - *U. de Utah*
Yonne de F. Leite - *UFRJ*
W. Leo Wetzels - *U. Livre de Amsterdam*

© Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada

BEST COPY AVAILABLE

Assinaturas / Subscriptions

Oferta Especial / Special Offer

Metade do preço – R$ 25,00 – da Assinatura anual para sócios de todas as associações de Lingüística do Brasil.

Para grupos de 10 assinaturas conjuntas será oferecida uma Assinatura gratuita.

For foreign subscription special offer, please contact e-mail: delta@pucsp.br.

To/Para:

Ð.E.L.T.A.
Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada.
Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL)
Rua Monte Alegre, 984. CEP 05014-001. São Paulo, SP, Brasil.

From/De:

NOME/NAME: _____

_____

ENDEREÇO/ADDRESS: _____

_____

CEP/ZIP CODE: _____ COUNTRY: _____

Pagamento/Payment

- ❒ cheque em reais (for foreign currency, please contact journal)
- ❒ depósito em banco: conta corrente BANESPA, # 01.063171-1
  Banco # 033, Agência # 0220

Pedido/Order

- ❒ Assinatura Anual/Annual Subscription _____ 2.001
- ❒ Anos Anteriores/Previous Years _____
- ❒ Números Especiais/Special Issues:
  - ❒ Chomsky in/no Brasil (Conferências de/Talks by Chomsky)
  - ❒ Homenagem a/In Honour of Ataliba T. de Catilho (artigos sobre a gramática do português falado/articles on the grammar of spoken Portuguese)
  - ❒ 30 anos de/30 years of Abralin (retrospectiva da Lingüística no Brasil/30 years of Brazilian Linguistics)
  - ❒ Homenagem a/In Honour of Mary Kato.

BEST COPY AVAILABLE

D.E.L.T.A.: Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada.
Vol. 1, 1/2 (fev/ago 1985)
São Paulo: EDUC, 1985
Semestral, no. Especial desde 1992
Revista da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC SP
Resumo em Português e Inglês em todos os artigos

1. Lingüística Teórica - periódicos. 2. Lingüística Aplicada - periódicos. I. Título: Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo III. Associação Brasileira de Lingüística

ISSN 0102-445 **CDD** 405

EDUC – Editora da PUC-SP
Rua Ministro Godói, 1213 – São Paulo – Telefax: (11) 3873-3359/3672-6003 – E-mail: educ@pucsp.br

Os textos publicados na revista são indexados no LLBA (Linguistics and Language Behavior Abstracts), Linguistics and Language Behaviour Abstracts Database, no MLA (Mordern Language Association) Directory of Periodicals e International Bibliography, no Sociological Abstracts, no ULRICH's International Periodicals Directory e no ERIC.

The Journal and its contents are indexed in LLBA (Linguistics and Language Behavior Abstracts), Linguistics and Language Behaviour Abstracts Database, MLA (Mordern Language Association) Directory of Periodicals as well as International Bibliography, Sociological Abstracts and ULRICH's International Periodicals Directory and ERIC.

Revista financiada com apoio de:

Programa de Apoio a Publicações Científicas
MCT CNPq FINEP
PUC-SP

201

revista de

Documentação de
Estudos em
Lingüística
Teórica e
Aplicada

BEST COPY AVAILABLE

VOL 17: ESPECIAL - 2001

educ

202

POLÍTICA EDITORIAL

A Revista D.E.L.T.A. publica estudos de caráter teórico ou aplicado, oriundos de qualquer área referente ao fenômeno lingüístico, desde que se trate de contribuições inéditas.

Será dada preferência a trabalhos que contenham pesquisa original, que poderão vir em forma de ARTIGOS, DEBATES e QUESTÕES E PROBLEMAS. A Revista publica, ainda, RETROSPECTIVAS (síntese crítica acerca do estado da ciência), RESENHAS e NOTAS DE LIVRO.

Colaboradores de todos os países estão convidados a submeter seus trabalhos, os quais serão avaliados, anonimamente, por dois membros do Conselho Editorial assessorados, quando necessário, por pareceristas ad hoc. Em caso de empate, um terceiro parecerista é convidado.

Tais trabalhos devem ser escritos em português, inglês, francês, espanhol ou italiano. Artigos, Retrospectivas, Debates são precedidos de abstract em Inglês e resumo em Português com aproximadamente 150 palavras cada. Para programas a serem usados e normas gerais de digitação, ver final do volume.

Os originais apresentados não devem ter sido publicados ou submetidos simultaneamente a outra revista.

Ficam concedidos à revista todos os direitos autorais referentes aos trabalhos publicados.

ASSINATURAS

A Revista D.E.L.T.A. é uma publicação semestral, podendo haver a possibilidade de um número especial incluso na anuidade. Preço anual da assinatura no Brasil: indivíduos: R$50,00 (número avulso: R$25,00). Instituições: R$120,00 (número avulso: R$60,00).

Aceita-se permuta.

EDITORIAL POLICY

D.E.L.T.A. is adressed to all areas of study concerning language and speech, whether theoretical or applied; however, only unpublished contributions will be considered.

Preference will be given to original research work, presented under the categories of ARTICLES, DEBATES or SQUIBS. The journal also carries OVERVIEWS (critical overview of the state of the art), as well as REVIEWS and BOOK NOTES.

Researchers from all countries in the world are invited to submit their papers which will be sent to two anonymous referees from the Editorial Board. In the event of a tie, a third will be called. If necessary, an ad hoc referee can be invited.

The articles should be written in Portuguese, English, French, Spanish or Italian.

Articles, Overviews, Debates are preceded by an abstract not exceeding 150 words, in English and Portuguese. As for word processing software to be used and general typing instructions see last page of this issue.

It is a condition of publication that manuscripts submitted to this journal have not been published and have not been simultaneously submitted elsewhere.

The acceptance of papers by the journal entails the transference of the copyright to the publishers.

SUBSCRIPTIONS

D.E.L.T.A. is a bi-annual publication with an opitional special issue. Annual price-abroad:
individuals: $60,00 (single issue: $30,00).
Institutions: $120,00 (single issue: $60,00).

Exchange of publications welcome.

APRESENTAÇÃO

O presente número especial caracteriza-se como um conjunto de duas faces.

Os quatro primeiros artigos apontam para direções que podem ser previstas para algumas áreas da lingüística brasileira.

Assim, Faraco contém uma relevante comparação entre os modos de organização dos estudos da linguagem através dos tempos, a dicotomia entre a lingüística formal e a lingüística com foco na interação, na intersubjetividade, preocupação mais recente, concluindo pela importância dessa concepção e de seu desenvolvimento.

Koch discute os desafios da Lingüística Textual – e mesmo sua sobrevivência – para contribuir para o desenvolvimento das Ciências numa nova era, intensificando o diálogo que já há muito vem travando com as demais Ciências, transformando-se numa "ciência integrativa".

Cardoso apresenta uma visão das "trilhas" percorridas pelos estudos dialetológicos discutindo os "caminhos a perseguir" com base nas tendências metodológicas atuais.

Mollica e Roncarati observam as questões que caracterizam o perfil da sociolingüística no Brasil, discutindo as metas alcançadas, os caminhos a serem perseguidos pela Sociolingüística e pela Sociolingüística Aplicada.

Maria Helena M. Mateus nos oferece uma retrospectiva dos estudos fonológicos desenvolvidos em Portugal acrescida de uma exaustiva bibliografia.

A segunda parte deste número é um anexo constituído de três trabalhos sobre publicações científicas da área da Lingüística que pretende ser uma contribuição para os envolvidos na produção de revistas, quer em papel quer digitais ou ambas, ou interessados em enveredar por esse caminho – os trabalhos de Leffa e de Barbara, Caltabiano e Ikeda; Marcuschi contribui com uma relação exaustiva das revistas de Lingüística brasileiras, que desenvolveu a pedido do CNPq, precedida da análise dessas publicações.

No número 1 do presente volume a Editoria da D.E.L.T.A. informou sobre a decisão de constituir um Conselho Superior nacional, composto de nomes expressivos na Lingüística, cuja função principal será auxiliar na manutenção do nível da revista e de seu caráter multi-institucional, com membros de competência acadêmica inquestionável e cuja preocupação com o desenvolvimento da área e com o rigor científico sejam amplamente reconhecidos.

A principal atribuição do novo Conselho será a aprovação de nomes para o Conselho Editorial, a partir de listas propostas pela Editoria, consultado o próprio Conselho e tendo em vista as necessidades ditadas pelo afluxo de trabalhos em determinadas áreas bem como pelo desenvolvimento de novas áreas.

Neste número temos o prazer de anunciar o nome dos membros de Conselho Superior:

Angela Bustos Kleiman – Universidade de Campinas

Ângela Vaz Leão – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Ataliba Teixeira de Castilho – Universidade de São Paulo

Carlos Alberto Faracco – Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná

Francisco Cardoso Gomes de Matos – Universidade Federal de Pernambuco

Maria Antonieta Alba Celani – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Naquele número os leitores foram informados, ainda, sobre a consolidação da seção Notas de Livros iniciada informalmente e sobre o valor da anuidade oferecido aos sócios das várias associações de Lingüística do país – R$25,00.

Temos portanto, o prazer de convidar os leitores a encaminharem Notas de Livros, com até 2 páginas, de publicações recentes. Os autores são especialmente convidados a solicitar notas de seus livros novos a possíveis interessados ou à própria editoria da D.E.L.T.A., que procurará solicitar a nota. Um livro que tenha sido publicado em Notas poderá, evidentemente, ter resenha publicada na D.E.L.T.A., seguindo os procedimentos de rotina. A D.E.L.T.A. está preparada para publicar cerca de dez notas por número. Esperamos com esta nova seção estar dando acesso rápido a conteúdos de novos livros e propiciando aos autores da área uma forma de divulgação que atinge a comunidade nacional e internacional.

Continuamos sempre ao seu dispor e atentos a sugestões visando à melhoria da Revista e eventuais mudanças em sua política editorial. Para tal convidamos todos a enviarem sugestões nesse sentido, bem como a submeterem seus trabalhos para publicação.

Leila Barbara

D.E.L.T.A.
REVISTA DE DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS EM LINGÜÍSTICA TEÓRICA E APLICADA

SUMÁRIO / CONTENTS

RETROSPECTIVAS – PERSPECTIVAS / OVERVIEWS – PERSPECTIVES

Carlos Alberto FARACO – Pesquisa Aplicada em Linguagem: Alguns Desafios para o Novo Milênio / *Applied Research in Language: Challenges for the New Millenium* 1

Ingedore Grunfeld Villaça KOCH – Lingüística Textual: Quo Vadis? / *Textlinguistics: Quo vadis?* 11

Suzana Alice Marcelino CARDOSO – Dialectologia: Trilhas Seguidas, Caminhos a Perseguir / *Dialectology: Traveled Roads and Routes to Travel.* 25

Maria Cecília de Magalhães MOLLICA & Cláudia Nívia RONCARATI – Questões Teórico-descritivas em Sociolingüística e em Sociolingüística Aplicada e uma Proposta de Agenda de Trabalho / *Theoretical and Descriptive Issues in Sociolinguistics and in Applied Sociolinguistics and a Project for an Agenda* 45

Maria Helena Mira MATEUS – A Investigação em Fonologia do Português/ *Research in Portuguese Phonology* 57

ANEXO / APPENDIX

52ª Reunião Anual da SBPC – Brasília, julho de 2000 – Encontro: A Revista Científica no Próximo Século / *52nd SBPC Annual Meeting – Brasília, July 2000 – Meeting: Scentific Journals in the New Century* 81

Luiz Antonio MARCUSCHI – Revistas Brasileiras em Letras e Lingüística / *Letters and Linguistics Brazilian Journals* 83

Vilson J. LEFFA – O Texto em Suporte Eletrônico / *Eletronic Texts* 121

Leila BARBARA, Maria Aparecida CALTABIANO & Sumiko N. IKEDA – A Preparação de uma Revista Geral / *The Preparation of a General Journal* 137

Pesquisa Aplicada em Linguagem: Alguns Desafios para o Novo Milênio

(Applied Research in Language: Challenges for the New Millenium)

Carlos Alberto Faraco
(Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná)

Abstract: *The text presents a critical reading of hegemonic ways of conceiving verbal language in Linguistics as a starting point for a reflection on some challenges to the future of applied researches in language.*
Key-words: *Intersubjectivity; Discourse; Dialogism; Applied Research.*

Resumo: *Faz-se uma leitura crítica de modos hegemônicos de conceber a linguagem verbal em lingüística como ponto de partida para uma reflexão sobre alguns desafios para o futuro das pesquisas aplicadas em linguagem.*
Palavras-chave: *Intersubjetividade; Discurso; Dialogismo; Pesquisa Aplicada.*

Não parece absurdo afirmar que desde os gregos, dois grandes modos organizam os estudos da linguagem: um modo retórico e um modo lógico-gramatical. O primeiro – que antecedeu em alguns séculos o segundo – se constituiu a partir do enfrentamento da linguagem verbal como realidade vivida. O outro é produto das abstrações que permitiram enfocar a língua como um sistema formal, como uma realidade em si.

Também não parece absurdo afirmar que o milênio que terminou foi o da hegemonia do modo lógico-gramatical. Se isso é já evidente nos primeiros séculos do II milênio com a gramática dos modistas e sua direção universalizante; é particularmente visível nos dois últimos séculos que encerram o milênio, período em que, no contexto da forma moderna de se fazer ciência, se constituiu a lingüística.

Durante os primeiros cem anos desse novo empreendimento intelectual, os estudiosos dedicaram-se à pesquisa fundamentalmente histórica,

ora comparando línguas e reconstruindo seus estágios anteriores, ora buscando definir a própria dinâmica da mudança lingüística.

Nesse primeiro período, manipularam-se incontáveis dados lingüísticos, em especial em suas dimensões morfológica e fonético-fonológica. Esse vasto exercício empírico centrado em propriedades gramaticais das línguas contribuiu fortemente para o redesenho do objeto língua como um objeto autônomo e da lingüística como a ciência que estuda a língua em si. Sobre aquele objeto autônomo vai-se debruçar também o segundo século dos estudos lingüísticos, agora a partir de um viés fundamentalmente sincrônico.

A autonomia do objeto, se, de um lado, criou condições para o estabelecimento de uma tradição epistemologicamente muito produtiva; de outro, reiterou a eliminação dos falantes e do vivido de seu espaço teórico, ruptura até hoje sem solução teórica adequada, a sugerir – ousamos dizer – a partir de sua extensão mais que milenar (já que o corte está entre nós desde os gregos), que se trata, de fato, de uma aporia: o que temos parecem ser dois blocos analíticos distintos e aparentemente irreconciliáveis elaborados em resposta à mesma grande questão em torno da realidade da linguagem.

Hegemônico, o modo lógico-gramatical expulsou do palco os atores e construiu uma língua sem falantes, gesto que, como dissemos acima, tem sido heuristicamente poderoso, motivando a elaboração de sucessivos quadros analíticos de inegável beleza arquitetônica que buscam modelizar a língua assim construída.

Quando, porém, por casual necessidade, é preciso fazer alguma menção aos falantes no interior desses quadros analíticos, o que emerge é uma figura sobre cujo perfil vale a pena se debruçar um pouco, porque ela não só faz aflorar um elemento que está presente na teia obscura daquele não-dito que sustenta as asserções teóricas; que participa do processo epistemológico sem se fazer facilmente visível (sem ser, portanto, um problema); mas também revela grandes compromissos de fundo das teorias, o que permite apreender uma complexa e interessante constelação discursiva, a qual, normalmente, nos escapa da vista.

No caso do falante, o que em geral aflora nos textos dos lingüistas formais é a concepção tradicional de pessoa humana – transformada, já há

algum tempo, em elemento de senso comum, mas que contamina poderosamente as elaborações teóricas. O falante não passa aí de uma superfície lingüística plana (univocal); é entendido como um ente autônomo (vive num vácuo social e histórico: suas relações sociais são acessórias, quando não de todo irrelevantes); como a origem absoluta da fala (o olhar dos lingüistas formais é fortemente unidirecional e monológico: o falante tem total precedência sobre o ouvinte e sobre a interlocução); e como uniforme interiormente (o máximo que se diz sobre o mundo interior do falante é que ele tem um saber gramatical específico que lhe viabiliza a fala).

Podemos observar facilmente, por essas características, que a imagem que permanece soberana, quando é necessário mencionar o falante na lingüística formal, é aquela do indivíduo construída pelo pensamento pós-medieval, no período que vai dos séculos XV/XVI até o Romantismo.

Será no Romantismo, entendido aqui não apenas como um movimento estético, mas como uma grande cosmovisão, que se produzirá a síntese desse caminho de três séculos. E é justamente no contexto do Romantismo que vão se formar as grandes discussões modernas sobre a linguagem, seja na abordagem analítica dos lingüistas histórico-comparatistas, seja nas reflexões de caráter mais filosófico de W. Humboldt.

O processo de problematização radical do conceito tradicional de pessoa humana– que se desenvolveu no correr dos séculos XIX e XX – nunca chegou a ter efetiva repercussão no interior da lingüística formal (ver Faraco e Negri (1998) para alguns detalhes desse processo). E isso, obviamente, não é surpreendente. Ao centrar seu foco de atenção na língua em si, a lingüística não pode ter, ao mesmo tempo, o falante como um problema, o que a deixa permanentemente comprometida com uma determinada imagem cristalizada da pessoa humana.

Mesmo quando, na dialetologia e na sociolingüística, o falante parece surgir como elemento relevante para o estudo de fenômenos lingüísticos, não se vai, de fato, muito além de um ser genérico e quase abstrato, em quem interessa tão somente identificar algumas poucas características de sua situação no mundo e observar repercussões dessas características sobre sua pronúncia, sua sintaxe e seu léxico. Esses estudos dão, de fato, atenção aos elementos lingüísticos em variação e não propriamente ao falante. Esse continua aí a ser um ente não problemático a respeito de quem pouco se precisa dizer.

Igualmente não se vai muito além de um ser genérico e quase abstrato, quando se discute a interação face-a-face. Em geral, olha-se, nesses estudos, menos para o falante e mais para a dinâmica da conversação, primeiro assumindo-a como um acontecimento fortuito e, segundo, como um jogo em que interessam os lances em si, mas não os jogadores.

De todo o perfil resumido acima, interessa-nos destacar aqui o viés fortemente unidirecional e monológico que atravessa as análises lingüísticas. Esse viés é inevitável numa visão de mundo articulada a partir do indivíduo. Se ele é o elemento primitivo, princípio teórico de tudo (se ele explica em vez de ser explicado), a fala, por exemplo, terá de ser entendida fundamentalmente como elaboração e emissão. A recepção será apenas seu espelho e a interlocução um insignificante acidente.

Para exemplificar esse nosso argumento, vamos usar um texto muito citado entre nós (Franchi 1977 – aqui referido pela republicação de 1992) e cuja visão de mundo exemplifica bem a força do olhar unidirecional e monológico dos lingüistas, bem como o comprometimento com a imagem tradicional da pessoa humana quando é necessário referir-se ao falante.

Nesse texto, o autor, depois de vários comentários críticos a diferentes concepções de linguagem *"como transparecem de teorias lingüísticas contemporâneas"* (p.10), explicita, com invulgar brilhantismo, sua própria concepção. Não nos interessa aqui fazer dela uma leitura crítica, para o que, certamente, o espaço é insuficiente. Interessa-nos apenas exemplificar nosso argumento.

Ao se ler o texto a partir da página 24, vão ficando claras as alianças tecidas pelo autor com a concepção da pessoa humana sintetizada pelo Romantismo. A linguagem é vista como atividade constitutiva quase-estruturante de um ente de que se diz pouco no texto, mas a respeito de quem se sugere bastante, principalmente quando se retomam as palavras de Humboldt (p.28).

O agente da linguagem é claramente apresentado como um indivíduo singular e solitário. Ele – independentemente da comunicação (e essa independência é reiterada várias vezes no texto) – age interiormente com a linguagem constituindo sua própria experiência. É lapidar, nesse sentido, a assertiva de que *"antes de ser para a comunicação, a linguagem é para a elaboração"* (p.25).

Em todo o texto, a interação é secundarizada; é tornada acidente; é reduzida a tarefas de ocasião. Quando acontece, é entendida como um movimento do agente da elaboração (elemento primitivo do quadro geral) em direção aos outros. Certamente não é gratuita, nesse ponto, a idéia da comunicação como o estabelecimento, com os outros, de laços contratuais (p.25), que nos remete diretamente à filosofia política do século XVIII.

Há, porém, um momento que chama a atenção. Fala-se da linguagem como *"um trabalho que dá forma ao conteúdo variável de nossas experiências"* (p.31) e se afirma (num aparente paradoxo – se pensarmos no conjunto da discussão) ser esse um trabalho coletivo.

Resolve-se, porém, facilmente o aparente paradoxo, se se observar que *coletivo* é entendido como um processo de identificação e contraposição do um (o agente elaborador) com os outros, um movimento unidirecional, portanto, pelo qual o coletivo se faz por uma espécie de concessão das partes (coerente, portanto, com a perspectiva dos laços contratuais mencionada acima).

É preciso deixar claro – em especial no contexto de uma reflexão sobre a pesquisa aplicada em linguagem que, em geral, se assume como inter, multi e transdisciplinar – que a concepção da pessoa humana presente no texto que vimos analisando, que toma o indivíduo como o elemento primitivo, não é exclusiva dos lingüistas. Ela está subjacente a inúmeras outras teorizações nas ciências sociais e, certamente, resistirá ainda um bom tempo como base de compreensão de realidades humanas.

De fato, parece que estamos diante de um exemplo daquilo que o Foucault de *A arqueologia do saber* chama de episteme (p.217), isto é,

> *O conjunto das relações que podem unir, em uma dada época, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas, a ciências, eventualmente a sistemas formalizados; o modo segundo o qual, em cada uma dessas formações discursivas, se situam e se realizam as passagens à epistemologização, à cientificidade, à formalização; a repartição desses limiares que podem coincidir, ser subordinados uns aos outros, ou estarem defasados no tempo; as relações laterais que podem existir entre figuras epistemológicas ou ciências, na medida em que se prendem a práticas discursivas vizinhas mas distintas.*

Em outras palavras, parece que a concepção de indivíduo (assumido como primitivo) é o elemento articulador de um conjunto de rela-

ções que torna possível, numa época dada, a existência de diferentes modelações teóricas.

O interesse de nossa reflexão aqui não é, porém, descrever essa poderosa episteme. Seguimos apenas uma sugestão do próprio Foucault (à página 29 de *A arqueologia do saber*) que nos tem parecido importante: problematizar de alguma forma essa episteme e mantê-la em suspenso; "*sacudir a quietude com a qual* [a] *aceitamos*"; mostrar que ela não se justifica por si mesma, que é "*sempre o efeito de uma construção cujas regras devem ser conhecidas...*"

Como parte desse exercício de sacudir a quietude com que aceitamos o domínio hegemônico da língua como objeto autônomo e do falante como um ente não problemático (e, portanto, assumido como o primitivo – em geral dissimulado – das teorizações), é interessante acompanhar uma outra linhagem intelectual que vem, aos poucos, se contrapondo à primeira. Difusa ainda, essa linhagem de pensamento vem adquirindo contornos desde o início do século XIX, amplia-se no XX e continua em processo de construção, o que não é de espantar, se considerarmos que o pensamento ao qual ela vai-se contrapondo precisou de pelo menos 300 anos para sair de suas primeiras expressões na Renascença e atingir sua plenitude no Romantismo, passando pelo *cogito* cartesiano no século XVII e pela filosofia política do XVIII.

Essa linhagem vai assumir como fundamento a intersubjetividade, isto é, vai fazendo crescer a idéia de que é impossível pensar o ser humano fora das relações com o outro. Em conseqüência, vai pondo em xeque a precedência do indivíduo e asserções de que a linguagem antes de ser para a comunicação é para a elaboração. Na perspectiva da intersubjetividade, a elaboração só se torna possível mediada pela comunicação.

Assim fundada, a atividade intelectual começa a se abrir para a relevância da alteridade, da interação, da subjetividade social; e, por conseqüência, para um progressivo senso de que a apreensão e a compreensão das realidades humanas passam sempre e necessariamente por processos interrelacionais. A interação, nesse quadro, não pode ser , de modo algum, secundarizada. Também não pode ser reduzida a soluções contratuais ou a uma espécie de contradança entre pares que se encontram fortuitamente. A interação, longe de ser apenas acidente (tarefa de ocasião), adquire um caráter de organicidade. É ela que passa a explicar.

Essa percepção, expressa de início (e até paradoxalmente) pelos filósofos idealistas alemães no início do século XIX, voltará em Marx com a ênfase nas relações sociais no interior do quadro dos modos de produção; e também nos grandes romances de Dostoiévski, com o senso estético da realidade multivocal e dialógica do existir humano; do que, por sua vez, encontraremos ecos nas críticas de Nietzsche às filosofias essencialistas.

No século XX, estará em formulações religiosas e éticas como em Martin Buber ou Emanuel Lévinas; na teoria da cognição de Vygotski; na psicanálise de Lacan; e em várias correntes filosóficas, bastando lembrar do existencialismo, ou de Habermas, ou de Ricoeur; sem esquecer de Bakhtin que foi quem explorou extensamente a questão da intersubjetividade justamente no âmbito da linguagem que, por razões óbvias, está no centro de toda essa concepção, mas que, por força da poderosa episteme que sustenta a lingüística, é ainda motivo de inúmeros embaraços e dilemas.

A questão da intersubjetividade começa a tomar corpo, como dissemos acima, no início do século XIX, nos textos dos filósofos idealistas alemães. Trata-se de um momento particularmente interessante da história moderna em que os efeitos da revolução industrial começam a se fazer visíveis e o trabalho (o agir humano) vai-se tornando tema de reflexão filosófica sistemática.

No começo dessa problematização do agir humano, aparecem as primeiras elaborações que – mesmo descontadas todas as coordenadas idealistas (o indivíduo é ainda o ponto de partida) – vão pondo em questão o solipsismo transcendental de Descartes (em que o eu aparece como unidade imediatamente presente a si mesmo na intuição do *cogito*) e chegam à dialética hegeliana do reconhecimento (em que o eu só aparece como presença de si para si mesmo pela mediação do outro).

No meio, está, por exemplo, Fichte que, no seu *Doutrina da Ciência*, avança a discussão de que o autoconhecimento não se realiza fora da atividade (o eu não pode pôr-se a si mesmo como presente sem exercer uma atividade; ao conhecer o não-eu pela atividade, o eu se abre, então (e só então) ao próprio conhecimento. Em outras palavras, entre o eu e ele próprio está o não-eu; só posso, portanto, conhecer-me de forma mediada, isto é, se entre mim e mim mesmo estiver o não-eu, um outro.

Com a entrada de um negativo (de um não-eu no eu), rompe-se a unidade indiferenciada do *cogito* cartesiano. O não-eu entra como infinidade, porque sendo qualitativamente outro é também infinitamente outro. O não-eu é infinitamente outro, diferença absoluta, mas ao mesmo tempo identidade, porque o acolho em mim e o coloco como mediação na distância que vai de mim a mim.

Tudo isso será ainda muito trabalhado até chegarmos, cento e poucos anos depois, a Bakhtin com sua teoria dialógica do discurso. Mas por aí fica já bem claro que nos fundamentos remotos do dialogismo (como tem sido hábito chamar o pensamento de Bakhtin) está a percepção de que o si não é sem o outro.

Esse quadro de referência estava no horizonte de Bakhtin, como podem testemunhar dois fragmentos particularmente interessantes de suas notas de caderno. No primeiro, diz ele: *"Minha própria refração no outro empírico pelo qual tenho de passar para desembocar no eu-para-mim (poderá ser solitário esse eu-para-mim?)"* – (p.377). Parece claro que o pano de fundo dessa asserção é a perspectiva da consicência de si como elaborada por Hegel em seu livro *Fenomenologia do espírito*, onde se lê: *"A consciência-de-si é em si e para si quando e porque é em si e para si para uma Outra; quer dizer, só é como algo reconhecido"* – (p.126).

No segundo, diz Bakhtin: *"Assim como o corpo se forma originalmente dentro do corpo materno, a consciência do ser humano desperta envolta na consciência do outro."* – (p.378)

Esse quadro conceitual que toma a intersubjetividade como fator constituinte e não constituído – cheio ainda de imprecisões, lacunas e contradições – está irremediavelmente posto no horizonte dos estudos da linguagem. Ele ocupa ainda a margem; não conseguiu ainda estruturar-se em modelos heurísticos sofisticados. Contudo, define um outro modo de olhar a linguagem, essa realidade extremamente complexa e multiface. Um olhar que nos obriga a centrar a atenção sobre as práticas discursivas, ou seja, sobre a língua em sua integridade concreta e viva (e, por conseqüência, concreta e viva na boca de seus falantes) e não na língua como um objeto obtido por meio da abstração radical da vida concreta do discurso, processo este que fundamenta o olhar tradicional da lingüística.

Por mais legítima e produtiva cientificamente que seja essa abstração, temos de reconhecer que ela tem pouco a dizer quando queremos entender

nossas práticas discursivas, ou seja, a língua como realidade vivida. E, nesse sentido, essa poderosa abstração tem pouco a dizer quando se trata de pensar as inúmeras situações de pesquisas aplicadas em linguagem que envolvem sempre e necessariamente a língua como realidade vivida, da qual não se pode, obviamente, excluir os falantes.

Assim, parece ser indispensável deixar que a crítica radical à imagem tradicional da pessoa humana ressoe, enfim, nos estudos lingüísticos; é fundamental que a intersubjetividade deixe de ser abordada como acidental ou fortuita e passe a ser abordada como eixo orgânico da realidade lingüística.

Ao mesmo tempo, nas pesquisas aplicadas em linguagem, será necessário fazer a crítica radical aos pressupostos que ainda são devedores de uma concepção abstrata da linguagem e de uma perspectiva em que o indivíduo é ainda, mesmo que dissimuladamente, o primitivo de nossas elaborações teóricas. Um projeto e tanto para o novo Milênio!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M.M. (1979) *Estética da Criação Verbal.* São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FARACO, C.A. & L. NEGRI (1998) O falante: que bicho é esse, afinal? *Letras,* **49.** Curitiba: Editora da UFPR: 159-170.

FICHTE, J.G. (1804) *Doutrina da Ciência.* In: *Fichte.* São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Coleção Os Pensadores).

FOUCAULT, M. (1969) *A Arqueologia do Saber.* 5ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FRANCHI, C. (1977) Linguagem – atividade constitutiva. *Cadernos de Estudos Lingüísticos,* **22**: 9-39, Jan./Jun. 1992. Campinas: IEL/Unicamp.

HEGEL, G.W.F. (1807) *Fenomenologia do Espírito* – I. 4ªed. Petrópolis: Vozes, 1999. (Coleção Pensamento Humano).

LINGÜÍSTICA TEXTUAL: QUO VADIS?

(Textlinguistics: Quo vadis?)

Ingedore Grunfeld Villaça KOCH
(Universidade Estadual de Campinas)

ABSTRACT: *This paper aims to discuss the future – and the proper survival of Textlinguistics this millenium, and the challenges it has to face in order to contribute to the development of Human Sciences in a new era.*
KEY-WORDS: *Textlinguistics; Human Sciences; Tasks for the next millenium.*

RESUMO: *Este artigo tem por objetivo discutir o futuro – e a própria sobrevivência – da Lingüística Textual neste milênio e os desafios que terá de enfrentar para contribuir para o desenvolvimento das Ciências Humanas numa nova era.*
PALAVRAS-CHAVE: *Lingüística Textual; Ciências Humanas; Tarefas para o novo milênio.*

Introdução

"Quo vadis, Textlinguistik?" É com estas palavras que Heinemann & Viehweger (1991) encerram o capítulo introdutório de seu livro *Textlinguistik: Eine Eiführung*, intitulado "O que é e o que pretende a Lingüística Textual?"

Por seu turno, Antos (1997) propõe que, para se obter uma resposta a essa questão, se parta da pergunta: "O que deve e o que pode explicar a L.T.?". Segundo ele, para se chegar a uma resposta conclusiva, importa saber o que a L.T. tem-se proposto explicar, desde o seu surgimento, ou melhor, com qual conceito de texto vem trabalhando. O que pode verificar é que várias concepções de texto têm acompanhado a história dessa disciplina, levando-a a assumir formas teóricas diversas, entre as quais se podem destacar:

1. texto como frase complexa (fundamentação gramatical)
2. texto como expansão tematicamente centrada de macroestruturas (fundamentação semântica)
3. texto como signo complexo (fundamentação semiótica)
4. texto como ato de fala complexo (fundamentação pragmática)
5. texto como discurso "congelado"– produto acabado de uma ação discursiva (fundamentação discursivo-pragmática)
6. texto como meio específico de realização da comunicação verbal (fundamentação comunicativa)
7. texto como verbalização de operações e processos cognitivos (fundamentação cognitivista)

Poderíamos nos perguntar, também, dizem Antos & Tietz (1997), se, nestes trinta anos de existência, a Lingüística Textual desempenhou apenas um papel de "hóspede" da Lingüística, talvez um modismo como tantos outros, ou, então, se ela se tornou uma ciência integrativa de várias outras ciências (Retórica, Estilística, Teoria dos Gêneros, Teoria da Argumentação, Narratologia etc.), vindo a constituir uma "Ciência ou Teoria da Linguagem" (van Dijk, 1978)? Ou se ela faz parte integrante do domínio estabelecido da lingüística, quem sabe até do seu núcleo central? E, se for assim, quais seriam os prognósticos que se podem fazer quanto ao seu futuro? E indagam ainda: será que todas essas perguntas surgem apenas porque a Lingüística textual entrou numa fase de consolidação de tal forma espetacular que questões sobre a justificação de sua existência estariam tão fora de propósito quanto, por exemplo, questões sobre a Semântica, a Fonologia ou a Sintaxe?

O que se pôde, com efeito, verificar é que, na época do surgimento da Lingüística Textual, em função do conceito de texto então majoritário, a maioria dos estudiosos se dedicava à análise transfrástica e/ou à construção de gramáticas do texto, de modo que o objeto precípuo de estudo era a coesão (isto é, a propriedade de *hang together,* de *cohere*), por isso, muitas vezes equiparada à coerência, já que ambas eram vistas como qualidades ou propriedades do texto.

Uma das tônicas da década de 80 foi justamente a ampliação significativa do conceito de coerência, quando, adotando-se uma perspectiva pragmático-enunciativa, passou-se a postular que não se trata de mera propri-

edade ou qualidade do texto em si, mas de um fenômeno muito mais amplo: a coerência se constrói, em dada situação de interação, entre o texto e seus usuários, em função da atuação de uma complexa rede de fatores, de ordem lingüística, sócio-cognitiva e interacional. Vieram a público diversas coletâneas sobre o tema (Charolles, Petöfi & Sözer, 1983; Neubauer, 1983; Petöfi, 1986; Sözer, 1985; Conte, Petöfi & Sözer, 1989, entre várias outras), além de artigos e obras individuais. Também no Brasil, as pesquisas sobre coesão e coerência textuais tiveram grande desenvolvimento, frutificando em uma série de obras sobre o assunto. Podem-se mencionar, entre muitos outros, os trabalhos de Marcuschi (1983), Koch (1987,1989, 1992); Koch & Travaglia (1989, 1990); Fávero (1991) e Bastos (1985). Além disso, outros critérios de textualidade passaram a ser objeto das pesquisas sobre o texto, tais como informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade, aceitabilidade (cf. Beaugrande & Dressler, 1981), contextualização, focalização, consistência e relevância.

É também nessa década que se delineia com vigor a abordagem cognitiva do texto, especialmente a partir dos estudos de Van Dijk e Kintsch, que vai ganhando cada vez mais terreno e passa a dominar a cena no início da década de 90, agora, porém, com forte tendência sócio-cognitivista.

1. Situação atual

A partir desse momento, com o desenvolvimento cada vez maior das investigações na área de cognição, as questões relativas ao processamento do texto, em termos de produção e compreensão, às formas de representação do conhecimento na memória, à ativação de tais sistemas de conhecimento por ocasião do processamento, às estratégias sócio-cognitivas e interacionais nele envolvidas, entre muitas outras, passaram a ocupar o centro dos interesses de diversos estudiosos do campo. A título de exemplo, podem-se destacar as obras de Heinemann & Viehweger (1991), Koch & Oesterreicher (1990), Nussbaumer (1991), Adam (1990 e 1993), de van Dijk (1994, 1995,1997), entre várias outras. No Brasil, pode-se citar uma série de trabalhos desenvolvidos por Marcuschi e por Koch (Marcuschi & Koch, 1998; Koch & Marcuschi, 1998; Marcuschi, 1998, 1999; Koch, 1997, 1998, 1999), para citar apenas alguns.

Além da ênfase que se vem dando aos processos de organização global dos textos, assumem importância particular as questões de ordem sócio-cognitiva, que envolvem, evidentemente, as da referenciação, inferenciação, acessamento ao conhecimento prévio etc.; o tratamento da oralidade e da relação oralidade/escrita; e o estudo dos gêneros textuais, este agora conduzido sob outras luzes – isto é, a partir da perspectiva bakhtiniana, voltando, assim, a questão dos gêneros a ocupar lugar de destaque nas pesquisas sobre o texto e revelando-se hoje um terreno extremamente promissor.

A questão da referenciação textual, por exemplo, vem sendo objeto de pesquisa de um grupo de autores franco-suíços (Projeto Cognisciences), entre os quais se podem destacar Apothéloz, Kleiber, Charolles, Berrendonner, Reichler-Béguelin, Chanêt, Mondada e D. Dubois. Estes autores têm dedicado especial interesse a questões como a criação dos "objetos-de-discurso", a anáfora associativa, sua conceituação e sua abrangência, as operações de nominalização e suas funções, entre várias outras com elas de alguma forma relacionadas. O principal pressuposto destas pesquisas é o da *referenciação como atividade discursiva*, como é postulado também em Marcuschi & Koch,1998a; Koch & Marcuschi, 1998b; Marcuschi, 1998; Koch, 1998). Desta forma, de conformidade com Mondada & Dubois (1995) e Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995:228ss), postula-se que a referência é sobretudo um problema que diz respeito às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve; e que o discurso *constrói* os "objetos" a que faz remissão ("objetos-de-discurso"), ao mesmo tempo que é tributário dessa construção.

O estudo do texto falado, que envolve também questões de ordem sócio-cognitiva e interacional, ganha, neste momento, uma projeção cada vez maior e toma rumos diferentes dos da Análise da Conversação, como se pode verificar na obra de Koch & Oesterreicher (1990) e em inúmeros projetos voltados para a descrição da modalidade oral da língua, tanto na Europa, como na América. É o caso, no Brasil, do Projeto de Gramática do Português Falado, idealizado por Castilho, que tem como uma de suas vertentes o estudo da organização textual-interativa no português falado no Brasil, esta coordenada por Koch. É o caso, também, do Projeto NURC/SP, coordenado por Preti, e do NELFE – Núcleo de Estudos Lingüísticos sobre Fala e Escrita, coordenado por Marcuschi.

Quanto à questão dos gêneros, acima mencionada, cabe ressaltar a releitura que vem sendo feita da obra de Bakhtin (1953), na qual o autor apresenta a sua conceituação de gêneros do discurso. Além de obras importantes como, por exemplo, a de Tadros, na Inglaterra, e de autores da Escola Norte-americana, como Miller, Freedman, Coe e Bazerman, bem como, na França, a de Jean-Michel Adam (1993), destacam-se, nesse domínio, os trabalhos da equipe de Ciências da Educação da Universidade de Genebra, conduzidos por Bernard Schneuwly, Joachim Dolz e Jean-Paul Bronckart, que procedem a essa releitura com finalidades didáticas, isto é, do ponto de vista de suas aplicações educacionais.

Este grupo, que considera o gênero como suporte das atividades de linguagem, define-o com base em três dimensões essenciais: 1) os conteúdos e os conhecimentos que se tornam dizíveis a partir dele; 2) os elementos das estruturas comunicativas e semióticas partilhadas pelos textos reconhecidos como pertencentes a determinado gênero; 3) as configurações específicas de unidades de linguagem, traços, principalmente, da posição enunciativa do enunciador, bem como dos conjuntos particulares de seqüências textuais e de tipos discursivos que formam sua estrutura. Estabelece, portanto, distinção entre gêneros, tipos discursivos e seqüências textuais (narrativas, expositivas, argumentativas), estas vistas como esquemas básicos que entram na constituição dos diversos gêneros e variam menos que estes em função das circunstâncias sociais. O gênero, assim definido, atravessa a heterogeneidade das práticas de linguagem e faz emergir toda uma série de regularidades no uso. São as dimensões partilhadas pelos textos pertencentes ao gênero que lhe conferem uma estabilidade de *facto*, o que não exclui, evidentemente, evoluções, por vezes, importantes.

2. Perspectivas futuras

Retomemos, agora, a questão: Qual será o futuro dos estudos sobre o texto? Ou, colocando a questão de forma mais pessimista, pode-se dizer que a Lingüística Textual tem algum futuro?

Verificou-se que, desde seu aparecimento até hoje, a Lingüística Textual percorreu um longo caminho e vem ampliando e modificando a cada passo seu espectro de preocupações. De uma disciplina de inclinação primeiramente gramatical (análise transfrática, gramáticas textuais), depois

220

pragmático-discursiva, ela transformou-se em disciplina com forte tendência sócio-cognitivista: as questões que ela se coloca, neste final de século, são as relacionadas com o processamento sócio-cognitivo de textos escritos e falados.

Uma primeira questão que se coloca é como ela se irá posicionar diante de novas perspectivas, e, em especial, com relação a novos meios de representação do conhecimento, como é o caso, por exemplo, do hipertexto, suporte lingüístico-semiótico hoje intensamente utilizado para estabelecer interações virtuais desterritorializadas, caracterizado fundamentalmente pela ausência de linearidade, traço inerente aos textos tradicionais. Que conseqüências terá isto para a delimitação de seu domínio? Que novos procedimentos metodológicos ela deverá desenvolver?

Com relação a todas essas questões posta com relação ao futuro da disciplina, gostaria aqui de mencionar duas obras que, neste final de século, apontam aberturas que considero de grande relevância:

1) A nova obra de R. de Beaugrande: "New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and Freedom of Access to Knowledge and Society" (Novos Fundamentos para uma Ciência do Texto e do Discurso: Cognição, Comunicação e Liberdade de Acesso ao Conhecimento e à Sociedade) – publicada em 1997, em que o autor, além de fazer uma excelente retrospectiva da lingüística textual desde suas origens até os nossos dias, aponta as suas perspectivas e tarefas futuras. Afirmando que *"hoje, a lingüística de texto é provavelmente melhor definida como o subdomínio lingüístico de uma ciência transdisciplinar do texto e do discurso"*, o autor passa a definir o texto como *"um evento comunicativo no qual convergem ações lingüísticas, cognitivas e sociais"*, postulando como *motto* da lingüística textual de nossos dias: *"Um texto não existe como texto, a menos que alguém o processe como tal"*. Desta forma, os princípios de textualização deixam de ser vistos como critérios ou padrões que um texto deve satisfazer, mas como um conjunto de condições que conduz cognitivamente à produção de um evento interacionalmente comunicativo. Isto é, os sete padrões de textualidade propostos em Beaugrande & Dressler (1981) não são critérios que permitem identificar as fronteiras entre um texto e um não texto, mas sim as condições para uma ação lingüística, cognitiva e social na qual eles operam como modos de conectividade em níveis diversos, mas interrelacionados.

Uma Lingüística Textual como ciência do discurso e do texto deveria, pois, montar seus modelos com base em uma agenda mínima (Beaugrande, 1997: 144-145), que consiste em: a) definição dos objetivos (por exemplo, "liberdade de acesso ao conhecimento e à sociedade através do discurso"); b) definição dos termos-chave e conceitos numa terminologia sistemática, com um uso consistente (termos vistos como centros de controle para a ativação global de conhecimentos sociais, discursivos cognitivos); c) acesso às atividades implicadas pela construção do modelo como ações cognitivas, discursivas e sociais (ações de identificação, conexão, experienciação, temporalização, espacialização, observação, mensuração, predição etc.).

2) O trabalho recente de Gerd Antos – "Texte als Konstitutionsformen von Wissen" (Textos como formas de constituição do conhecimento) – também publicado em 1997, in Antos & Tietz (orgs.), *Die Zukunft der Textlinguistik*, na qual o autor defende a posição de que textos são, lingüística, conceptual e perceptualmente, *formas de cognição social* e que seu papel, no contexto da evolução do conhecimento, é o de constituir-se em ponto de partida e de chegada para ancoragem da Lingüística de Texto no quadro de uma teoria da evolução cultural. Antos, em sua argumentação, parte das seguintes premissas:

– A moderna evolução do conhecimento, com sua multiplicidade cultural, histórica e funcional, seria impossível sem a existência de textos, formas lingüísticas da constituição e organização do conhecimento complexo. Esquece-se, muitas vezes, que todo conhecimento coletivamente válido é sempre um conhecimento lingüisticamente constituído e, só desta forma, sociocognitivamente existente, como também o fato de que as formas de constituição textual necessitam elas mesmas desenvolver-se no curso da evolução da sociedade; ou seja, o que se pode (ou se permite) ser representado, por quais meios, gêneros, variedades ou estilos, de que maneira (entorno temporal ou espacial, modo etc.) está na dependência de tradições históricas e socioculturais.

– Os textos não são apenas meios de representação e armazenamento (arquivos) de conhecimento – portanto, não são apenas "realizações" lingüísticas de conceitos, estruturas e processos cognitivos – mas sim formas básicas de constituição individual e social do conhecimento, ou seja, textos são lingüística, conceitual e perceptualmente formas de cognição social.

Incluem-se aí todos os modos de uso comunicativo de formas coletivas do conhecimento, que necessitam ser considerados como formas de distribuição comunicativa do conhecimento: somente assim, nas sociedades modernas, o conhecimento coletivo complexo pode reivindicar validade e relevância social. Isto é, os textos são, por um lado, formas de elaboração, diferenciação e estruturação de conhecimento e, por outro, formas de controle, crítica e transformação, bem como de constituição e apresentação ("retoricamente" orientada) do conhecimento, visando ao que, em termos bakhtinianos, se denominaria uma comunicação responsiva ativa. Todo o conhecimento declarativo de nossa sociedade é (com exclusão daquele que se traduz em números ou fórmulas, primariamente lingüístico, ou melhor, conhecimento textualmente fundado.

– Pressupondo-se uma visão processual e dinâmica do conceito de texto, os textos, pelo fato de só poderem estruturar o conhecimento de forma seletiva, são, por um lado, apenas "estações intermediárias" para a criação de outros textos; e, por outro lado, pontos de partida para a assimilação textualmente baseada do conhecimento ("texto na memória"). É por isso que, com plena consciência, Antos prefere falar de *textos*, no plural, ressaltando que o plural deve sinalizar que cada texto individual, apesar de – ou justamente em razão de – sua força constitutiva do conhecimento, depende da ativação de outros domínios deste (preconcebidos, ativação de pressuposições, inferências, saber intertextual etc.).

A partir de tais premissas, Antos apresenta doze teses, dentre as quais gostaria de destacar as seguintes:

– Os textos constituem formas de organização do conhecimento complexo pelo fato de fornecerem *formatos para a arquitetura lingüística (verbal)* do conhecimento socio-cognitivo relevante. A arquitetura formal dos textos constitui a organização lingüística, conceitual e perceptual do conhecimento. É por esta razão que os extos, de uma perspectiva constitutiva do conhecimento – ainda que em sentido fraco – podem ser concebidos como *teorias sobre aspectos do mundo*. Compreendidos como formas de cognição social, os textos estruturam universos de conhecimento social relevante: por isso é que se pode dizer, de uma perspectiva socioconstrutivista, que textos são modelos sobre mundos, isto é, sobre complexos de estados de coisas estruturados e selecionados sob dada perspectiva. Em outras palavras, é por meio de textos que tais mundos são criados (ou a cada nova recepção e reprodução, re-criados).

– Determinados aspectos da realidade social são criados por meio da representação dessa realidade e só assim ganham validade e relevância social. Os textos não só tornam visível o conhecimento, mas sobretudo tornam-no sócio-cognitivamente existente. Para tanto, a seletividade no processamento textual desempenha papel relevante: escolha do tema, do médium, da perspectiva, da focalização ou da organização figura/fundo, balanceamento entre dito e não-dito (ou seja, a relação entre pressupostos, explícitos e inferíveis), a escolha da modalidade (verdade, verossimilhança, ficcionalidade), bem como o emprego de recursos estilísticos etc. Todos estes aspectos interrelacionam-se com a arquitetônica textual.

– Os textos são condição de possibilidade de se tornar o conhecimento explícito, de segmentá-lo, diferenciá-lo, pormenorizá-lo, de inseri-lo em novos contextos, permitir sua reativação, de testá-lo, avaliá-lo, corrigi-lo, reestruturá-lo, tirar novas conclusões a partir daquilo que já é compartilhado e de representar lingüisticamente, de forma nova, novas relações situacionais e sociais.

Antos ressalta três aspectos decisivos da concepção por ele proposta:

1) Textos como modelos de mundos dão origem por definição, enquanto Modelos de algo', a concatenações (Zuammenhänge) de sentido coerentes.

2) Como modelos, eles incorporam 'conhecimento sobre algo', caso contrário, permaneceriam proposicionalmente vazios.

3) Textos como modelos precisam ser, via de regra, formulados lingüisticamente, para poder preencher pressupostos cognitivos e comunicativos.

Daí resulta que, tomando por base o conceito de texto assim estabelecido, é possível pleitear uma Lingüística de Texto fundamentada numa Teoria da Evolução Cultural, cujo objeto será explicitar a evolução cultural da geração (e re-geração), organização e transmissão de formas de cognição social e de formas de uso social do conhecimento (inclusive formas de distribuição comunicativa). Ou seja, cabe-lhe por tarefa explicitar todo e qualquer aspecto da evolução (hoje universal) do conhecimento que diga respeito a modelos e formas lingüísticas, conceptuais e perceptuais do conhecimento, bem como aos modos de seu emprego comunicativo.

3. Considerações finais

Os textos, como formas de cognição social, permitem ao homem organizar cognitivamente o mundo. E é em razão dessa capacidade que são também excelentes meios de intercomunicação, bem como de produção, preservação e transmissão do saber. Determinados aspectos de nossa realidade social só são criados por meio da representação dessa realidade e só assim adquirem validade e relevância social, de tal modo que os textos não apenas tornam o conhecimento visível, mas, na realidade, sociocognitivamente existente. A revolução e evolução do conhecimento necessita e exige, permanentemente, formas de representação notoriamente novas e eficientes.

Assim, a Lingüística Textual, com esta nova concepção de texto, parece ter-se tornado um entroncamento, para o qual convergem muitos caminhos, mas que é também o ponto de partida de muitos deles, em diversas direções. Esta metáfora da Lingüística de Texto como estação de partida e de passagem de muitos – inclusive novos – desenvolvimentos abre perspectivas otimistas quanto a seu futuro, como parte integrante não só da Ciência da Linguagem, mas das demais ciências que têm como sujeito central o ser humano.

A Ciência ou Lingüística do Texto sente necessidade de intensificar sempre mais o diálogo que já há muito vem travando com as demais Ciências – e não só as Humanas! –, transformando-se numa "ciência integrativa" (Antos & Tietz, 1997). É o caso, por exemplo, do diálogo com a Filosofia da Linguagem, a Psicologia Cognitiva e Social, a Sociologia Interpretativa, a Antropologia, a Teoria da Comunicação, a Literatura, a Etnometodologia, a Etnografia da Fala e, mais recentemente, com a Neurologia, a Neuropsicologia, as Ciências da Cognição, a Ciência da Computação e, por fim, com a Teoria da Evolução Cultural. Torna-se, assim, cada vez mais, um domínio multi – e transdisciplinar, em que se busca compreender e explicar esse objeto multifacetado que é o texto – fruto de um processo extremamente complexo de interação construção social de conhecimento e de linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J.M. (1990) *Élements de Linguistique Textuelle*. Liège: Mardaga.

_____ (1993) *Les Textes: Types et Prototypes*. Lausanne: Nathan.

ANTOS, G. (1997) Texte als Konstitutiosformen von Wissen Thesen zu einer evolutiostheoretischen Begründung der Textlinguistik. In: ANTOS, G. & H. TIETZ (orgs.) *Die Zukunft der Textlinguistik. Traditionen, Transformationen, Trends*. Tübingen: Niemeyer.

APOTHÉLOZ, D. (1995) Nominalisations, réferents clandestins et anaphores atypiques. In: BERRENDONNER, A. & M-J REICHLER-BEGUELIN (eds.): 143-173.

APOTHÉLOZ, D. & M-J. REICHLER-BÉGUELIN (1995) Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, A. E M-J. REICHLER-BEGUELIN (eds.): 227-271.

BAKHTIN, M. (1953) *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BASTOS, L. K. X. (1985) *Coesão e Coerência em Narrativas Escolares Escritas*. Campinas: Editora da UNICAMP.

BEAUGRANDE, R. de (1997) *New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and Freedom of Access to Knowledge and Society*. Norwood, New Jersey: Alex.

_____& DRESSLER, W.U. (1981) *Einfhrung in die Textlinguistik*. Tübingen, Niemeyer.

BERRENDONNER, A. & M-J. REICHLER-BÉGUELIN (eds.) (1995) *Du Sintagme Nominal aux Objets-de-discours*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel: 143-173.

CHAROLLES, M., PETÖFI, J. & SÖZER, E. (eds.) (1983) *Research in Text Connexity and Text Coherence*. Hamburgo: A. Survey.

CHAROLLES, M. (1964) Anaphore associative, stéréotype et discours. In: SCNEDECKER; CHAROLLES; KLEIBER; DAVID, *L'Anaphore associative*. Paris: Klincksieck, 1994: 67-92.

_____ (1989) Coherence as a principle in the interpretability of discourse. In: W. HEYDRICH, F. NEUBAUER, J. PETÖFI (eds.), *Connexity and Coherence*, Berlim: De Gruyter.

_____ PETÖFI, J. & SÖZER, E. (eds.) (1989) *Text and Discourse Connectedness*. Hamburg: Bruske.

FÁVERO, L. L. & I. G. V. KOCH (1983) *Lingüística Textual: Introdução*. São Paulo: Cortez.

Kintsch, W. & T. van Dijk (1975) Comment on rappelle et on résume des histoires. *Langage*, **40**: 298-116.

_____ (1978) Toward a model of text comprehension and production *Psychological Review*, **85**: 369-394.

Koch, I.G.V. (1989) *A Coesão Textual*. São Paulo: Contexto.

_____ (1992) *A inter – ação pela Linguagem*. São Paulo: Contexto.

_____ (1997) *O Texto e a Construção dos Sentidos*. São Paulo: Contexto.

_____ & L. C. Travaglia (1989) *Texto e Coerência*. São Paulo: Cortez.

_____ (1990) *A Coerência Textual*. São Paulo: Contexto.

_____ (1999) A referenciação textual como estratégia cognitivo – interacional. In: Barros, K.S.M. (org.) *Produção Textual: Interação, Processamento, Variação*. Natal: EDUFURN, 69-80.

_____ & L.A. Marcuschi (1998) Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A* . **14 esp**: 169-190.

Koch, W. & W. Oesterreicher (1990) *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Tübingen: Niemeyer Marcuschi, L. A. (1983) Lingüística de Texto: o que é e como se faz. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Série Debates 1.

_____ & I.G. V. Koch (1998) Processos de referenciação na produção discursiva. In: Abaurre, M.B. (org.) *Gramática do Português Falado*, vol. VIII, Campinas, Edunicamp/Fapesp, no prelo.

_____ (1998) Aspectos lingüísticos, sociais e cognitivos na produção de sentido. Texto apresentado por ocasião do GELNE, 2-4 de setembro de 1998 (mímeo).

Mondada, L. & Dubois, D. (1995) Construction des objets du discours et catégorisation : une approche des processus de référenciation. In: Berrendonner & Reichler-Béguelin, op. cit., 273-305.

Neubauer, F. (ed.) (1983) *Coherence in Natural Language Texts*. Hamburgo: Buske.

Nussbaumer, M. (1991) *Was Texte sind und wie sie sein sollen*. Tübingen: Niemeyer.

Schneuwly, B. De (1994). Genres e types de discours: considérations psychologiques et ontogénétiques. In: Reuter (ed.) *Actes du Colloque de l'Université Charles De Gaulle III*, Les Intéractions Lecture-écriture. Neuchâtel: Peter Lang, pp. 155-73.

Sözer, E. (ed.) (1985) *Text Connexity. Text Coherence. Aspects, methods, results*. Hamburgo: Buske.

Tadros, A. (1985) *Prediction in Text*. ELR Monographs. Birmingham: University of Birmingham

VAN DIJK, T.A. (1972) Some aspects of textgrammars. The Hague: Mouton.
_____ (1977) *Text and Context*. Londres: Longman.
_____ (1978) *Tekstweteschap. Een Interdisciplinaire Inleidig*. Utrecht.
_____ (1979) Recalling and summarizing complex discourse. In: W.BURGHARDT & K HÖLKER (eds.) *Text processing*. Berlim: deGruyter, 49 -118.
_____ (1980) *Macrostructures*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum.
_____ (1997) Cognitive context models and discourse. (mímeo)
_____ & KINTSCH, W. (1983) *Strategies of Discourse Comprehension*. New York: Academic Press.

228

Sociology • the Social Sciences

2 BIRDS IN THE HAND

If one bird in the hand is worth two in the bush ...
Our two sources are invaluable
... and right at your fingertips.

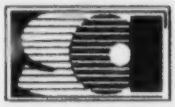
For current thought and research in sociology and the social sciences, consult

sociological abstracts (sa)
and
Social Planning/Policy & Development Abstracts (SOPODA)

Abstracts of articles, books and conference papers from more than 2,500 journals published in 35 countries; citations of relevant dissertations and book and other media reviews.

Comprehensive, cost-effective, timely.

Available in print, online, on the **socio**file CD-ROM and on magnetic tape. Our Web site, **http://www.socabs.org**, features the *Note Us* newsletter; information on support services and document delivery; links to relevant sites; and the SAI Web Search Service offering reasonably priced subscriptions to two subsets: Marriage and Family Issues & Law, Crime and Penology.



P.O. Box 22206, San Diego, CA 92192-0206
619/695-8803 • Fax: 619/695-0416 • email: socio@cerfnet.com

DIALECTOLOGIA:
TRILHAS SEGUIDAS, CAMINHOS A PERSEGUIR

(Dialectology: Traveled Roads and Routes to Travel)

Suzana Alice Marcelino CARDOSO
(Universidade Federal da Bahia)

ABSTRACT: *This text is an attempt to review dialectological studies and to contribute to the reflections on the role of Dialectology in the third millennium. First it focuses authors and works relevant to the development of the methodology applied in that field of linguistic investigation; then it considers the perspectives and current methodological trends, discussing the different variables which should be taken into account in geolinguistic research at the present moment.*

KEY-WORDS: *Variation; Linguistic Atlases; Geolinguistics; Dialectology.*

RESUMO: *Neste trabalho procura-se fornecer uma visão dos caminhos percorridos pelos estudos dialetais e trazer uma contribuição à reflexão sobre o papel da Dialectologia no terceiro milênio. Nas primeiras considerações, põem-se em destaque autores e obras que imprimiram marcas na direção seguida, discutindo a contribuição específica de cada um deles e a forma como se delinearam os passos metodológicos desse ramo dos estudos lingüísticos. Na segunda parte, são feitas considerações sobre os rumos a serem seguidos, examinando-se as tendências metodológicas atuais e discutindo-se a questão referente ao tipo de variáveis que devem interessar e caracterizar os estudos geolingüísticos no momento.*

PALAVRAS-CHAVE: *Variação; Atlas lingüísticos; Geolingüística; Dialectologia.*

Introdução

Os estudos dialectológicos propriamente ditos iniciam-se num momento da história, século XIX, em que a individualidade geográfica de cada região estava resguardada seja pelo isolamento decorrente da frágil rede de estradas, seja pela dificuldade de comunicação, seja, ainda, pela inexistência de meios tecnológicos que permitissem a interação à distância entre as diferentes áreas, mas resultaram, principalmente, da preocupação com o resgate de dados e a documentação dos diferentes estágios da língua, pois, como chama a atenção o Abbé Rousselot (1887:3, *apud* Pop: 1950;41)

> *Chaque année qui s'écoule emporte avec elle des sons, des constructions, des mots dont la perte est irréparable. Il faut donc se hâter de sauver ce qui a été épargné jusqu'ici.* ***C'est une oeuvre qui intéresse la science et l'honneur du pays*** (grifo nosso). *Plusieurs l'ont senti, et les ouvrages sur les patois se sont multipliés. On doit rendre hommage à ces patriotiques efforts, ainsi qu'aux pouvoirs publics et aux sociétés savants qui les ont encouragés et soutenus. Mais, il faut bien reconnaître,* ***ce qui a été fait est bien peu en comparaison de ce qui reste à faire*** (grifo nosso).

As preocupações que manifestava o Abbé Rousselot merecem um breve comentário porque suas palavras ditas no final do século XIX não perderem nem a atualidade nem a pertinência. Preliminarmente, há de considerar-se a ação inexorável do tempo como elemento responsável pelas transformações, pela substituição de estágios da língua, que se perdem, irremediavelmente, no curso da história. Fatos fonético-fonológicos, estruturas sintáticas, recursos morfológicos e variedades léxico-semânticas, fenômenos lingüísticos por natureza mas com implicações com outros ramos do saber constituído em decorrência da interrelação que, com eles, podem apresentar, são resgatados e perenizados por uma ação de cunho dialectológico. O segundo aspecto a destacar-se diz respeito ao caráter de que se reveste trabalho de tal natureza: é uma questão que interessa a *la science et l'honneur du pays*. Inscrevem-se, pois, os estudos dialetais, na sua concepção, entre os atos de civismo, e, por que não dizer, constitui-se atribuição-obrigação do próprio exercício da cidadania. Por fim, reconhece que muitos estudos já têm sido realizados e destaca o papel do poder constituído e das sociedades científicas na sustentação de tais projetos, para concluir afirmando que o que já se fez *est bien peu en comparaison de ce qui reste à faire*.

1. Trilhas seguidas

Ao citar as palavras do Abbé Rousselot, a que acabo de fazer referência, Pop faz um breve comentário que não posso me furtar de transcrever (Pop: 1950; 41):

> *J'ai reproduit intentionnellemente ces lignes de l'abbé Rousselot, car elles renferment plus d'une vérité et marquent le commencement* **heureux** (grifo nosso) *des études dialectales en France.*

O "começo feliz" para a Dialectologia, no seu espectro mais amplo, vem a ter dois marcos que imprimem as primeiras, e principais, diretrizes para trabalho de tal natureza: o levantamento de dados da realidade alemã feito por Wenker e a recolha sistemática para o *Atlas Linguistique de la France* (*ALF*), obra de Gilliéron e Edmont.

1.1. Os começos do "caminho"

Wenker documenta a realidade dos usos que se registram na Alemanha – 40.736 localidades com um total de 44.251 respostas coletadas –, recobrindo, assim, ampla extensão do território. Sem controle sistemático de variáveis sociais, verifica-se que faixa etária e sexo não foram pré-determinados nem, *a posteriori*, podem ser estabelecidos. Da escolaridade dos informantes, porém, e pelo fato de terem sido os questionários encaminhados aos inspetores regionais de escolas que os passavam aos instrutores, tem-se a dimensão: as respostas foram dadas por letrados, responsáveis pelo ensino na região e podem, ainda, contemplar a contribuição de outros aos quais tenham recorrido esses informantes básicos. Essa primeira investida ressente-se não apenas da ausência de controle de variáveis socioculturais dos informantes mas também, e sobretudo, reflete as dificuldades advindas de uma coleta de dados feita por correspondência, o que significa não observados *in loco*, com profundas implicações para o tratamento de informações fonéticas. Tem, porém, o mérito de dar um passo significativo para o avanço da Dialectologia: a documentação de fatos em distintas regiões com possibilidade de serem interrelacionados. A intercomparabilidade de dados espacialmente dispostos vai-se constituir, assim, numa das prerrogativas dos estudos dialetais a qual tem superado a linha do tempo e, de certo modo, garantido o *continuum* desse tipo de investigação. Para isso, apropriadamente, chama a atenção Rossi (1969: 87-8), afirmando que

> *(...) a Dialectologia é uma ciência eminentemente contextual, isto é, (...) o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou em outra área (...).*

Tal virtude teve a recolha de Wenker – são dados que reúnem a documentação de fatos em diferentes áreas –, nada obstante e até o presente não se ter alcançado uma ampla divulgação de resultados, dos quais os primeiros foram publicados em 1881, em Strassburg, sob o título *Sprachatlas des Deutschen Reichs,* com um conjunto de seis cartas, duas fonéticas e quatro morfológicas, constituindo o fascículo inicial do *Sprachatlas von Nord- und Mitteldeutschland, auf Grund von systematisch mit Hülfe der Volksschuler gesammeltem Material aus circa 30.000 Orten.*

Se Wenker abre caminho para uma pesquisa diatópica ampla, permitindo a intercomparação de fatos de uma região com outras, o mérito de consolidar definitivamente o método de recolha dos dialetos geográficos vai recair sobre Jules Gilliéron que, em 1887, inicia a coleta de dados para o *Atlas Linguistique de la France* (*ALF*) (1902-1910). Sua principal contribuição metodológica reside no fato de basear-se na documentação *in loco*, no caso específico, recolhida por um único e exímio documentador, Edmond Edmont. As variáveis sociais, embora sejam depreensíveis a partir do exame do perfil dos informantes, não comparecem registradas nas cartas e, também, não foram programaticamente definidas. Assim, observa-se que as idades se estendem dos 15 aos 85 anos; a presença de informantes do sexo feminino é bastante reduzida e, conseqüentemente, assimétrica em relação ao número de informantes do sexo masculino; e, finalmente, o nível de escolaridade vem a ser identificado por dedução das categorias de informantes – os que têm profissão que supõe instrução secundária e aqueles cuja ocupação indica a necessidade apenas de instrução primária. Depois do *ALF* e dos estudos feitos por Gilliéron sobre os dados nele contidos, uma nova visão do tratamento do fenômeno da variação se estabelece, pois, no dizer de Rossi (1980: 3301, 2ª col.)

> (...) não apenas a regularidade absoluta das modificações fonéticas recebia o tiro de misericórdia, mas o mesmo acontecia ao mito do dialeto como unidade de desenvolvimento histórico ininterrupto, orgânico e autônomo, preservada ao longo de séculos de interferências de outros dialetos.

A obra de Giliéron, apesar de recebida com reservas por alguns lingüistas da época, como Maurice Grammont, Édouard Bourciez, Jules Ronjat e Georges Millardet, pôs na ordem do dia a discussão da complexidade do fenômeno lingüístico tanto na perspectiva sincrônica como diacrônica (Rossi:1980) e teve o mérito de marcar o início da aplicação do método da geografia lingüística com rigor científico, cuja consagração advém com o *Sprach– und Sachatlas Italiens und der Südschweiz* (*AIS*) de Jaberg e Jud, obra movida pela *volonté de fer*, como assinala Pop (1950:560) ao reconhecer que

> *Les difficultés matérielles, les privations, la fatigue et, il faut le dire, la méfiance "des hommes" (pour ne pa dire leur malveillance) n'ont pu fléchir un seul moment* ***la volonté de fer*** (grifo nosso) *de ces deux savants suisses.*

O Atlas de Jud e Jaberg se constitui de um volume de introdução, um volume de cartas com oito tomos e mais um volume etnográfico, e teve a sua publicação iniciada em 1928. Contempla informantes diversificados quanto à idade – de 15 a 85 anos –, quanto ao estrato sociocultural – camponeses, pessoas com instrução secundária e intelectuais – e quanto ao sexo, sem, porém, a sistemática na observação de tais variáveis em cada ponto, pois, como comenta Pop (1050:576), *en ce qui concerne le délicat problème du choix des informateurs, les auteurs de l'**AIS** onde laissé la plus complète liberté aux enquêteurs*. Apresenta, porém, uma grande inovação no que diz respeito ao atlas de Gilliéron exatamente no fato de explorar a relação entre a palavra e a coisa denominada, imprimindo um cunho etnográfico ou antropogeográfico à obra. Se o *AIS* , por um lado, avança no campo das relações etnolingüísticas, por outro, ainda se ressente da não cumplicidade com a sociologia, questão de que se davam conta os seus próprios autores e sobre a qual refletiam, reconhecendo (*apud* POP: 1950; 579-80) que

> *Ainsi, par exemple, pour juger le parler d'une commune quelque peu étendue, il aurait fallu interroger des personnes d'âges différents et appartenant à différentes classes sociales. Si nous y avons renoncé, c'est qu'il fallait tenir compte des possibilités pratiques de l'enquête: nous avons eu la chance extraordinaire de trouver trois enquêteurs* [e esses inquiridores foram nada mais nada menos do que Gerhard Rohlfs, Max Leopold Wagner e Paul Scheuermeier !] *également qualifiés et également prêts à faire sur les lieux les interrogatoires longs et fatigants dont nous avions besoin;* ***pouvions-nous leur demander de consacrer toute leur vie à cette rude besogne*** (grifo nosso)?

Se com Wenker e no atlas da Alemanha se consagra a relevância da intercomparabilidade de dados e com o atlas de Gilliéron se assenta a importância da inquirição *in loco,* ao passo etnolingüístico dado por Jud e Jaberg no atlas ítalo-suíço se pode acrescentar um outro avanço significativo trazido por Hans Kurath: a escolha de informantes que não apenas representassem os pontos constituintes da rede de localidades definida por região a partir de uma única faixa etária ou de um estrato social também único, mas que trouxessem também um aporte sociocultural e etário.

Sob o título geral de *Linguistic Atlas of the United States and Canada*, Hans Kurath e seus colaboradores publicam, de 1939 a 1943, o *Linguistic Atlas of New England* (LANE), com 734 cartas lingüísticas que trazem dados referentes aos estados de Connecticut, Rhode Island, Massachusetts, Vermont, New Hampshire e Maine e da Long Island, aos quais foi acrescentada a província canadense de New Brunswich, que, com as demais, constitui o conjunto de colônias da Nova Inglaterra, fundadas no século XVII.

A grande novidade do atlas de Kurath está no estabelecimento de critérios para escolha dos informantes envolvendo o aspecto geográfico e o social. Assim, os informantes foram selecionados não apenas com vistas a representar a área geográfica sob investigação, mas também de modo a permitir o estabelecimento das relações entre os dados lingüísticos e outros de cunho sociocultural. Desse modo foram três os níveis de escolaridade abordados: a) pessoas com escassa educação formal, pouca leitura e com reduzido contato social; b) pessoas com educação formal mediana, tendo freqüentado a escola média e familiarizadas com maior leitura do que o grupo anterior, além de apresentarem contatos sociais mais extensos; c) e pessoas portadoras de educação de nível superior, geralmente universitária, afeitas a leituras e com amplos contatos sociais. A esses três níveis, somam-se duas faixas etárias: a) idosos, geralmente de mais de 70 anos; e b) meia-idade ou mais jovens.

O controle de variáveis socioculturais na escolha dos informantes estabelecido no *Atlas da Nova Inglaterra* abre para a geografia lingüística novas perspectivas e faz da obra de Kurath *la première tentative de donner, sur une grande échelle, des indications plus précises sur l'aspect social du langage* (Pop: 1050; 922).

Na Península Ibérica, e no que toca mais de perto à língua portuguesa, o *Atlas Lingüístico da Península Ibérica* (*ALPI*) imprime uma nova pers-

pectiva na recolha de dados, aperfeiçoando qualitativamente a investigação que passa a ser realizada por equipes de especialistas na área, à qual se incorpora Portugal a partir de 1953.

Dirigidos por Tomás Navarro, que elaborou o projeto e ficou encarregado da sua execução, os inquéritos lingüísticos para o *ALPI* foram iniciados em 1931 e realizados até 1936, ocasião em que, por força da guerra civil espanhola, tiveram de ser interrompidos. A partir de então, os materiais coletados passam a contar uma longa história de viagens e mudanças de domicílio. Assim, em 1937, foram levados de Madrid para Valência e logo depois para Barcelona, de onde, em 1938, foram conduzidos a Paris e mais tarde para Nova York, ficando depositados na Columbia University, da qual era professor Dom Tomás Navarro. A retomada dos inquéritos em território espanhol, em 1947, fez com que retornassem de Nova York, em 1950, os materiais coletados na década de 30, e, assim, se completassem os inquéritos. A partir desse segundo momento, incorpora-se Portugal à empreitada de um atlas da Península Ibérica, com a entrada de L.F. Lindley Cintra que realiza, com a participação de Anibal Otero, os inquéritos em Portugal, entre 1953-1954, completando-os em 1956 e perfazendo uma rede de 156 pontos para o domínio galego-português, de um total de 528 que constituía a rede geral do atlas.

Do *ALPI* publicou-se o volume I, em 1962, com um total de 75 cartas. Recobrindo toda a área da Península Ibérica, fornece dados referentes ao galego-português, ao espanhol e ao catalão e se apresenta como um atlas que extrapola os limites político-geográficos e recobre um grupo de línguas pertencentes a uma mesma família. Em termos metodológicos, procura estabelecer uma relação com alguns dos atlas publicados , como, entre outros, o *AIS*, *ALC*, *ALEIC*, *ALF*, *ALG*, *ALR*, *ALW*, indicando em cada uma de suas cartas a referência aos demais.

1.2. Trilhas brasileiras

No que diz respeito ao Brasil, a Geografia Lingüística tem a sua primeira manifestação com um trabalho de cunho regional, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (*APFB*), publicado em 1963, tendo como autor Nelson Rossi e co-autoras Carlota Ferreira e Dinah Maria Isensee. Recobre todo o Estado da Bahia, com uma rede de 50 localidades, que se distribuem pelas diferentes áreas geográficas e culturais.

O questionário lingüístico usado nas localidades da Bahia é de pouca extensão e tem um total de 179 perguntas (numeradas de 1 a 164, mas com algumas delas desdobradas em **a**, **b** e **c**), selecionadas a partir de material recolhido anteriormente em 4 localidades, onde foi aplicado um questionário experimental de cerca de 3600 itens. As perguntas que compuseram o Extrato de Questionário do *APFB*, agrupadas por área semântica, foram aplicadas mediante a formulação indireta, todavia introduziu-se, na investigação de campo, um comportamento metodológico não usual em trabalhos dessa natureza. Após a aplicação integral do questionário, não ouvidas certas respostas e já familiarizados, como estavam todos os inquiridores, com tais expressões regionais obtidas em outras áreas quando da aplicação do questionário amplo de caráter experimental, perguntou-se diretamente ao informante se ele conhecia a expressão em questão. Fosse qual fosse a resposta, esse dado foi controlado e a resposta dada através do que se convencionou chamar de teste de identificação direta foi cartografada ou não, a depender da caracterização fornecida pelo informante.

O atlas constitui-se de um conjunto de 209 cartas, na sua maioria onomasiológicas mas contando, também, com algumas cartas semasiológicas, assim distribuídas: 198 cartas lingüísticas, 44 das quais são resumos das cartas fonéticas, e 11 cartas introdutórias que fornecem dados complementares de caráter geral. As cartas lingüísticas vêm acompanhadas de notas que contêm ou o discurso dos autores ou o discurso dos informantes, estas últimas, sem dúvida, as mais importantes pois ampliam os dados lingüísticos não apenas no nível do léxico ou da fonética mas também da morfossintaxe, e transmitem melhor o ambiente cultural em que vive o informante.

O *APFB* ao lado dos dados estritamente lingüísticos traz, também, nas suas cartas dados etnográficos, muitos deles acompanhados de ilustrações de objetos segundo a descrição que apresentavam os informantes ou pela exibição que deles faziam.

Seguindo-se ao *APFB*, surgem quatro atlas lingüísticos que vão dar a conhecer o perfil diatópico do Brasil na direção do Nordeste, atingindo a Paraíba, e no caminho do Sul, alcançando o Paraná. São, assim, publicados o *Atlas Lingüístico de Sergipe* (*ALS*), o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (*EALMG*), o *Atlas Lingüístico da Paraíba* (*ALPb*) e o *Atlas Lingüístico do Paraná* (*ALPr*).

237

Embora, por dificuldade de financiamento, publicado somente em 1987, o *Atlas Lingüístico de Sergipe* quanto à recolha de dados e preparação de cartas se segue imediatamente ao *APFB* e tem os seus originais prontos para impressão desde 1973. Foi executado pelo grupo de pesquisadores da Bahia, tendo como autores Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi. O *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*, de autoria de José Ribeiro, Mário Zágari, José Passini e Antônio Gaio, foi concebido em quatro volumes dos quais se publicou o primeiro em 1977, estando os demais no prelo. Elaborado por Maria do Socorro Silva e Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes, o *Atlas Lingüístico da Paraíba* está estruturado em três volumes dos quais os dois primeiros foram editados em 1984. Como último dessa série aparece o *Atlas Lingüístico do Paraná (ALPr)*, de autoria de Vanderci de Andrade Aguilera, inicialmente tese de doutorado defendida em 1990, publicado em 1994, em dois volumes.

Esses atlas apresentam em comum a fidelidade aos princípios da geografia lingüística. No que diz respeito à metodologia seguida, porém, diferenciam-se no que se refere ao controle de variáveis sociolingüísticas. Dessa forma, o *ALS* e o *ALPr* permitem a identificação, em cada ponto da rede, dos informantes, diferenciando-os, com sinalização cartografada, conforme o gênero. Assim identificados e consultando-se as notas específicas sobre cada informante, outros dados sociolingüísticos, tais como idade, profissão, natureza da escolaridade, podem ser resgatados e tornam-se passíveis de tratamento sistemático. O *APFB* procede, nas cartas, a uma indicação dos informantes, vinculada à qualidade técnica do registo, a qual permite, com a consulta às notas introdutórias, identificar cada um deles e, conseqüentemente, estabelecer as suas características sociolingüísticas. Esses três atlas têm em comum um outro traço metodológico: a apresentação, em carta, de notas que refletem comentários dos informantes e/ou dos inquiridores, nas quais se encontram não só dados lingüísticos mas também sociolingüísticos e etnográficos.

Ao lado desses atlas publicados, encontram-se em andamento outros de cunho regional – atlas lingüístico etnográfico da região Sul, atlas lingüístico etnográfico dos pescadores do Rio de Janeiro, atlas lingüístico de São Paulo, atlas lingüístico do Ceará, atlas lingüístico de Mato Grosso do Sul – e em diferentes estágios de elaboração.

A esse conjunto de atlas regionais vem juntar-se, presentemente, o Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – Projeto ALiB, iniciado em 1996, por ocasião do Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil* e dirigido por um Comitê Nacional constituído por Jacyra Andrade Mota, Maria do Socorro Silva e Aragão, Mário Roberto Lobuglio Zágari, Vanderci de Andrade Aguilera, Waler Koch e Suzana Alice Marcelino Cardoso, que o preside. Esse projeto retoma a idéia de um atlas lingüístico geral do Brasil, lançada em 1952 e não implementada até então.

Com objetivos bem definidos, o Projeto ALiB se propõe descrever a realidade lingüística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas e estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas lingüísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados.

Do ponto de vista metodológico, o Projeto ALiB atende aos princípios da Geografia Lingüística e introduz controles de natureza sociolingüística. Assim, ao definir o perfil dos informantes, foi considerada, sistematicamente, a participação de homens e mulheres de duas faixas etárias – de 18 a 30 e de 45 a 60 anos – e introduzido, para as capitais de Estado, o controle da diferenciação sociocultural com dois grupos distintos de informantes – com escolaridade até a 4ª série e com nível universitário. O projeto ao tempo em que prioriza a informação diatópica, prevê o controle de variáveis sociais, procurando, assim, alcançar uma visão multidimensional da língua portuguesa no Brasil.

1.3. Mais uma trilha

No que diz respeito à América Latina, em geral, merece destacar-se o Atlas Lingüístico Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU), que se desenvolve sob a responsabilidade de Adolfo Elizaincín, da Faculdad de Humanidades de la Universidad de la República (Uruguai), e Harald Thun, do Romanisches Seminar da Christian-Albrechts-Universität zu Kiel (Alemanha), com publicação dos primeiros volumes prevista para 2000. Partindo da verdade inconteste de que (Thun; Forte; Elizaincín:1989, 28) *la variación lingüística se manifesta, por lo menos, en tres dimensiones* (...) *diatópica, diastrática e diafásica,* declaram os autores estarem persuadidos de que *el*

Atlas lingüístico tiene la obligación y es además capaz de dar una mensagen de la multidimensionalidad y de las interrelaciones de los fenómenos variacionales. Reconhecem, no entanto, a amplitude da dimensão diafásica e por dela terem levado em consideração apenas *una porción ínfima* (*id.*, p.42), optaram por não incluir no título do projeto o termo "diafásico". Nada obstante, a apuração desse nível da variação se fundamenta em várias perguntas incluídas na parte 3 do *Cuestionario*, nas anotações de mudança de registro lingüístico, nas observações às respostas das perguntas do questionário, consideradas na relação entre perguntas preliminares (dados sobre localidade, etc.) e as perguntas propriamente ditas do questionário, além do que revelam as entrevistas dirigidas.

1.4. As linhas gerais do "caminho"

Esse breve "caminho" apresentado, em que ponho em destaque momentos, nomes e atlas pinçados no curso da história dos estudos dialetais, tem uma intenção definida: mostrar, de forma ilustrativa, os degraus percorridos pela Dialectologia e os avanços graduais que o método geolingüístico vem alcançando.

Assim, e como se pode observar, à preocupação com a identificação das diferenças espaciais, ponto de partida das pesquisas dialetais, somam-se, num processo de apuração e depuração do método, a priorização da recolha *in loco* dos dados, a busca dos elementos etnográficos complementares aos dados lingüísticos e, finalmente, a inserção de variáveis sociais nos critérios de escolha dos informantes, capazes de tornar mais explícitas as relações língua e sociedade, fatos lingüísticos e fatos sociais, e trazer a juízo causas dantes não conhecidas.

2. Caminhos a perseguir

A essa altura, há de perguntar-se: a Dialectologia permanece diatópica ou deve direcionar-se para aspectos etno-diatópico-sociais? Eis a questão para cujo entendimento necessário se faz uma vista d'olhos sobre as dimensões que têm tomado os estudos de Geografia Lingüística, na atualidade, os objetivos que buscam atingir e a metodologia de que se têm valido.

240

Do ponto de vista dos espaços que recobrem, os atlas lingüísticos considerados a partir de Gilliéron, procuram responder a diferentes objetivos. Assim, e como reconhece Alinei (1994:21)*si ottengono quattro tipi di atlanti, dal più piccolo al più grande: (i) regionali, (ii) nazionali, (iii) di gruppo linguistico, (iv) continentali*, classificação a que acrescenta o comentário de que, na atualidade, não existem, ainda, *atlanti di una intera famiglia linguistica* nem *tanto meno, un atlante linguistico mondiale*.

Segundo a dimensão político-geográfica recoberta pelos atlas já publicados, ainda que se estabeleça uma gradação do aspecto regional ao continental, o empreendimento geolingüístico começou, efetivamente, com atlas nacionais – o *Atlas Linguistique de la France* – e só depois, sentindo-se a necessidade de aprofundar o conhecimento de cada área, chega-se aos atlas regionais, hoje numerosos não apenas no continente europeu como no americano.

O fato de os atlas nacionais circunscreverem-se a fronteiras políticas, estabelecendo um termo no espaço geográfico para a descrição lingüística, quando se sabe que os limites lingüísticos ultrapassam, quase sempre, os limites políticos, conduz ao aparecimento de atlas que perseguem os caminhos das línguas e dos dialetos, como diz Alinei (1994: 22), *al di là delle frontiere politiche*, vindo a estabelecer, assim, fronteiras lingüísticas, como sucede com o *Atlas Linguistique Roman* (*ALiR*), cujo volume I circula desde 1996. Apesar da amplitude de que se revestem, os atlas de famílias de língua, como sucede com o *ALiR*, têm, também, condicionamentos, uma vez que deixam de fora *tutte le correnti di prestiti, sia immigratorie che emigratorie, che vanno al di là non solo dei confini politici ma anche di quelli linguistici* (Alinei: 1994; 22). Essa preocupação, por certo, conduziu o próprio Alinei à pergunta *Quali dovebbrero essere allora le frontiere negli atlanti de scala più grande (...)?* (Alinei: 1994; 22), para a qual, ele próprio dá a resposta:

> *Certamente nè politiche nè linguistiche: perchè non esistono frontiere politiche che coincidano com famiglie linguistiche, e le frontiere delle famiglie linguistiche comprenderebbero più continenti.*

A resposta concreta, porém, a essa questão vem a ser dada pelos atlas transnacionais, como o *Atlas Linguarum Europae* (*ALE*).

Se a amplitude da investigação permite, segundo a área territorial recoberta, a classificação dos atlas em regionais, nacionais, de famílias de línguas e continentais – o que nos dá, hoje, na perspectiva geográfica, um

panorama diversificado –, do ponto de vista da tipologia metodológica, ou, mais especificamente, da finalização na apresentação dos dados, três categorias de atlas podem, na atualidade, ser identificadas: atlas com apresentação cartográfica dos dados, ilustrados, por exemplo, com o *ALF*, o *ALPI* e o *APFB*, entre outros; atlas interpretativos, como o *ALiR* e o *ALE* que aos dados cartografados agregam estudos específicos e de análise; e os *atlas parlants*, que permitem um contato direto do leitor-ouvinte com a realidade oral da área representada. A preocupação, porém, com a interpretação dos materiais cartografados tem acompanhado a publicação de atlas nacionais sob a forma de monografias e estudos específicos, sobretudo nos anos trinta, como assinala Alinei (1994:23).

A essas considerações gerais de caráter metodológico, que assinalam os caminhos que vêm sendo seguidos, necessário se faz acrescentar uma breve reflexão sobre a conjuntura sociopolítica do momento, antes de buscar responder, diretamente, à questão inicialmente formulada.

Uma rápida visão da realidade atual das comunidades lingüísticas mostra as grandes transformações pelas quais têm passado as relações entre os povos. Do isolamento semitotal, caminha-se para a quebra de limites e fronteiras, movida pelo avanço dos meios de comunicação, pela interligação constante entre os centros de povoamento, pelo deslocamento mais intenso dos habitantes de uma região para outra, pela redefinição da constituição demográfica, pela flutuação da população de cada área, estimulada pelos novos mecanismos de caráter econômico e social. Isso tudo leva a que se tenha, hoje, por um lado, usuários da língua mais sedimentados em suas regiões e, por outro, falantes que não só têm grande mobilidade mas também convivem com uma massa também móvel. De outra parte, sobretudo nos países em desenvolvimento, verifica-se a emergência de falantes pertencentes a classes marcadas por um menor grau de escolaridade, que ascendem socialmente em decorrência dos benefícios da escola e do processo de profissionalização. Acresce a isso, a grande mobilidade das massas rurais para os grandes centros urbanos que se verifica, principalmente, nos países mais jovens, do que decorre uma maior interação campo-cidade com reflexos sociais, econômicos e lingüísticos.

Se tomarmos para ilustração um país jovem, o Brasil, podemos fazer algumas constatações no curso de meio século. Assim, a população do Brasil, segundo o censo de 1950, atingia a cifra de 51 944 397 habitantes, dos

quais 33 161 506 se situavam nas zonas rurais e apenas 18 782 891 estavam estabelecidos nas zonas urbanas, ou seja, aproximadamente 63% da população se encontrava no campo e apenas 37% nas grandes cidades. Os meios de comunicação – rádio, televisão, telefone – tinham um perfil muito tímido cujos dados não vêm registrados nas estatísticas para esse ano. A extensão da rede de estradas de ferro em tráfego alcançava 36 681 km. As rodovias se estendiam por 341 035 km. As empresas aéreas civis atingiam um percurso de 96 600 775 km e a navegação marítima e a navegação fluvial apresentavam um movimento de 406 embarcações em tráfego. Decorridos quase cinqüenta anos, a situação que apresenta, hoje, o país no tocante a esses mesmos itens, é – como não poderia deixar de sê-lo – bem diferente. Conta-se com os seguintes números, segundo os dados do censo de 1991, de referência aos itens citados: população geral de 146 917 459 habitantes dos quais 110 875 826 se situam na zona urbana e 36 041 633 na área rural, o que revela uma total inversão dos números se comparados aos registrados para 1950; a rede telefônica, que nem chega a ser levantada nas estatísticas disponíveis de 1950, apresenta, para 1991, um total de 15 922 localidades atendidas com 14 426 673 telefones instalados; a rede ferroviária conta com 30 282 km – caso único de modificação para menos com uma redução de cerca de 6 000 km em relação a 1950, fato deplorável, para não dizer criminoso, em relação ao sistema de transporte do país; o tráfego aéreo atinge 287 761 775 km; e a navegação conta com um movimento total de 46 310 embarcações.

Essa ilustração da realidade atual, feita com dados do Brasil, embora apresente muito de comum a outras áreas, não se repetirá de maneira idêntica em todas as partes, mas pode contribuir para uma reflexão sobre o perfil dos informantes e a natureza dos dados que interessem mais de perto à Dialectologia registrar.

Diante do quadro atual, qual deve ser o caminho da Dialectologia em relação a variáveis a considerar:

i) Ater-se unicamente à variável diatópica?

ii) Introduzir outras variáveis na apresentação de dados, colocando-as *pari passu* à variável diatópica?

iii) Priorizar a variável diatópica mas contemplar as informações com dados de outras variáveis e, nesse caso, quais e de que modo?

São perguntas que se põem e para as quais tentamos encontrar respostas.

Estou convencida, como muitos também estão, de que a prioridade de dados a serem contemplados em um atlas lingüístico deve ser dada à informação diatópica, se não for por outras razões, pelo menos o será pela própria natureza do trabalho. Em outras palavras, a essência da informação de um atlas reside no dado de natureza espacial, como enfaticamente afirmam Contini e Tuaillon (1996:7):

> *La dialectologie a pour tâche essentielle d'étudier la variation géolinguistique. Mais avant d'aborder la variation, il doit relever les données linguistiques d'une micro-société de base, une commune, qui sur l'atlas linguistique devient un point.*

O dado de natureza espacial deveria, e creio que deverá ainda, espelhar as particularidades de cada rincão, o que nele de mais peculiar e próprio se registra. Por essa razão, a recolha de informações sempre teve pressupostos muito claros de modo a permitir atingir-se o fim colimado. As condições do mundo atual, no entanto, nos levam a refletir sobre algumas questões.

Pickford (1956), já em meados do novecentos e quando ainda não se tinham generalizado os princípios da Sociolingüística contemporânea, ao fazer críticas ao método seguido para o Atlas Lingüístico dos Estados Unidos e do Canadá e pela Dialectolgia em geral, põe em destaque questões que, se não são inteiramente pertinentes, são pelo menos justificáveis do ponto de vista de uma visão sociológica dos fatos e dos processos.

Logo de início, levanta "suspeita" sobre a "mecânica imitação" (1956:211) dos procedimentos adotados pela Dialectologia na Europa, a qual me parece infundada. Na verdade, o método finda por ser o mesmo, de um de outro lado do oceano, mas a sua aplicação reflete, necessariamente, a adaptação ao ambiente em que é posto em prática. Se na Europa, como a própria socióloga o diz, os estudos dialetais ajudaram a resolver questões de geografia humana, nos países de surgimento mais recente, como o Brasil, esse mesmo serviço também é prestado pela Dialectologia. A história dos povos será sempre a mesma, no sentido de fatos que se sucedem no curso do tempo; o corte, ou recorte, que os estudos dialetais permitem fazer para dar a sua contribuição ao entendimento desses mesmos fatos é que vai diferenciar-se entre um país jovem e países de história milenar.

Refere-se, também, a Autora a "erros de confiabilidade" (1956: 214-217) dos dados geolingüísticos, apontando como exemplo a generalização de características da(s) pessoa(s) entrevistada(s) às pessoas não entrevistadas, ou seja, à área considerada. Mais uma vez há de reconhecer-se que o bom seria, numa região em estudo, poder-se ouvir e documentar a totalidade dos moradores da área – de diferentes sexos, idades, profissões, escolaridade, etc. – , mas isso não é possível nem para a ciência da linguagem nem para os demais ramos do conhecimento científico. O viés de desconfiança que a Autora quer atribuir aos dados geolingüísticos não procede, pois ao afirmar-se a presença de tais ou quais características numa dada área, não se está negando a existência de outros nem dizendo da exclusividade dos trazidos à consideração.

Detém-se, ainda, Pickford (1956: 217-220) no exame dos erros da investigação direta, mostrando que certos indicadores sociais da linguagem podem passar despercebidos em virtude da posição de correção e vigilância da fala assumida pelo informante. Nesse ponto tem razão a Autora pois até então não era comum na documentação de dados dialetais introduzir-se o discurso livre ou o relato de fatos e acontecimentos. Apesar, porém, de assim também o reconhecer, não posso deixar de chamar a atenção para o fato de que os processos técnicos, que permitem o registro magnetofônico de falas na sua inteireza, constituem-se em avanços recentes e, conseqüentemente, em acontecimento não simultâneo com o início das investigações sistemáticas de cunho dialetal.

Considerando-se questões, como as tomadas como referência, que vêm sendo levantadas ou podem vir a ser levantadas, algumas perguntas se põem, hoje, para o dialetólogo e requerem algumas considerações.

Primeiramente, deve-se ainda restringir-se o conjunto de informantes de uma área a homens e mulheres analfabetos? É uma questão que se põe, hoje, com muita evidência, para os estudos dialetais.

Em segundo lugar, a complexidade da vida social tem acentuado peculiaridades lingüísticas entre grupos etários, particularizando, assim, o uso dos mais jovens em relação ao dos mais avançados em idade, fato cuja constatação já perpassa os caminhos da Dialectologia desde os seus primórdios como se vê da própria preocupação do Abbé Rousselot, trazida à lembrança por Pop (1952: 43):

La connaissance de l'âge des sujets observés est indispensable afin de pouvoir comparer les divergences existant entre le parler des jeunes et celui des vieillards, et déterminer leur point de départ.

Um terceiro aspecto tem a ver com a estratificação social, mais evidente nos centros urbanos, onde os usos linguageiros podem refletir preferências de grupos e denotar categorias sociais decorrentes do grau de escolaridade dos falantes e também da sua própria integração social.

Essa nova configuração da sociedade e os apelos diversos do mundo atual, por certo, estão na base da afirmação de Chambers e Trudgill (1994:45) que, ao tratarem de uma breve história da geografia lingüística, afirmam que *el futuro de la geografía lingüística depende de la capacidad de sus seguidores para abarcar e incorporar los intereses y quizás la metodología de la dialectología urbana.*

Nesse campo, a contribuição laboviana tem sido relevante. A compreensão dos fenômenos sociais e de suas implicações nos fatos de língua mostrados por Labov (1966; 1971; 1972a; 1972b; 1975) tem conduzido a que os estudos dialetais, pelo menos nos países de história mais recente, contemplem a sua metodologia com aspectos que permitam levar em consideração preocupações de tal natureza.

E retomo a questão inicialmente posta: a Geolingüística deve continuar a priorizar o aspecto diatópico? Ou deve fundamentar-se em outros processos variacionais, como o grau de escolaridade, o sexo e a idade? Ou, ainda, pode a elaboração de um atlas lingüístico, hoje, desconhecer as circunstâncias socio-político-culturais do momento e prescindir da sua análise para a coleta e apresentação de dados?

Ao tentar responder a essas questões e justificar a minha posição, faço-o pensando em países de pouca idade, como o Brasil, não tendo, porém, certeza, de poder generalizar esses pontos de vista para áreas de história lingüística sedimentada em muitos séculos.

Não creio que se deva, e mesmo se possa, aplicar, por inteiro, à Geolingüística a metodologia da Dialectologia vertical, ou Sociolingüística, pois diversos são os campos de atuação e bem especificados como os distingue Stehl (1996: 621) ao reconhecer quatro tipos de Dialectologia: a geolingüística, a sociolingüística, a pragmatolingüística e a diacrônica. Os

dados geolingüísticos, ademais, não devem ser argüidos de pobreza sociológica porque a complexidade de fatores sociais a considerar na análise dos fenômenos lingüísticos não pode ser contemplada, indistintamente, em todo e qualquer tipo de abordagem nos estudos da linguagem.

O caráter extensivo da Dialectologia parece continuar evidente pois trará sempre um retrato das áreas consideradas, fazendo um diagnóstico da realidade da língua, mapeando-a na superfície, mas permitindo:

(i) A investigação de cunho histórico com o estabelecimento como que de camadas que contribuirão grandemente para a construção da socio-história da língua considerada e a cuja evidência, e pensando no português do Brasil, se refere Houaiss (1985:127):

(...) o mapeamento confiável da dialectologia brasileira a exemplo do que sonhou Antenor Nascentes e realizou parcialmente Nelson Rossi com seus colaboradores – mapeamento do qual, pelas igualdades unitárias e globalizantes, será possível "recapitular" o processo passado que terá gerado o presente descrito por essa dialectologia.

(ii) A definição de áreas lingüísticas, com a indicação de diferenças e identidades.

(iii) O estabelecimento, pelo confronto, de variáveis sociais conjugadas à distribuição espacial.

Creio que a geolingüística hoje, neste final de milênio, começo de um novo, deve continuar a priorizar a variação diatópica, abrindo, porém, espaço para o controle de outras variáveis como sexo, idade e escolaridade, sem a busca obcecante da quantificação, mas tomando-as, de forma exemplificativa e não exaustiva, de modo a complementar os próprios dados areais pois, não se propondo dizer o absoluto – essa é uma região exclusiva de tal ou qual fenômeno –, retrata as particularidades sem assegurar o caráter de exclusividade. Tomar diferentes tipos de falantes, diversificados socialmente, significa, por outro lado, ampliar o espectro da fotografia, mas não quererá dizer que se possa, *ipso facto*, qualificar a natureza dessa fotografia, afirmando o caráter de exclusividade ou dominância do fenômeno considerado.

A Geolingüística, como a própria denominação lhe impõe e a natureza dos dados que busca reunir exige, permanece, na sua essência, diatópica sem, porém, descurar do aspecto multidimensional de que se reveste o ato de fala e de cuja consideração, no mundo atual, não se pode eximir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, V. de A. (1994) *Atlas Lingüístico do Paraná* (*ALPr*). Curitiba: Imprensa Oficial do Estado.

ALINEI, M. (1994) L'Atlas Linguarum Europae: resultati, struttura, storia, prospettivi. In: P. G. MOUTON (org.) *Geolingüística. Trabajos Europeos.* Madrid: Conjero de Investigaciones Científicas.

Anuário Estatístico do Brasil – 1954. Ano XV, Rio de Janeiro: IBGE-Conselho Nacional de Estatística, 1954.

Anuário Estatístico do Brasil -1993. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, 1993.

ARAGÃO, M. do S. & MENEZES, C. B. de (1984) *Atlas Lingüístico da Paraíba* (*ALPb*). Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial.

Atlas Lingüístico de la Península Ibérica (*ALPI*).(1962) Madrid: CSIC.

Atlas Linguistique de la Wallonie (*ALW*) (1953-1987) Liège: Imprimerie H.Vaillant Carmanne S.A.

Atlas Linguistique Roman (*ALiR*) *(1996)* Roma: Instituto Poligrafico e Zecca dello Stato.

BOTTIGLIONI, G. (1933-1942) *Atlante Linguistico Etnografico Italiano della Corsica*, I-IX. Pisa.

CHAMBERS, J.K. & TRUDGILL, P. (1994) *La Dialectología*. Madrid: Visor Libros.

CONTINI, M. & TUAILLON, G. (1996) Introduction. In: *Atlas Linguistique Roman. Vol.I. Présentation*. Roma: Instituto Poligrafico e Zecca dello Stato.

CONTINI, M. (1994) Un projet européen de géolinguistique: l'*Atlas Linguistique Roman*. In: P. G. MOUTON (org.) *Geolingüística. Trabajos Europeos*. Madrid: Conjero de Investigaciones Científicas.

FERREIRA, C., FREITAS, J., MOTA, J, ANDRADE, N. CARDOSO, S. ROLLEMBERG, V. & ROSSI, N. (1987) *Atlas Lingüístico de Sergipe* (*ALS*). Salvador: Universidade Federal da Bahia / Fundação Estadual de Cultura de Sergipe.

GILLIÉRON, J. & EDMONT, E. (1902-1910) *Atlas Linguistique de la France* (*ALF*), 35 fasc. Paris: Honoré Champion.

GRIERA, A. I-V(1923-1939); VI-X (1962-1964). *Atlas Lingüístic de Catalunya* (*ALC*). Barcelona: Institut d'Estudis Catalans-La Polígrafa.

HOUAISS. A. (1985) *O Português no Brasil*. Rio de Janeiro: UNIBRADE.

JABERG, K. & JUD, J. (1928-1940) *Spraach– und Sachatlas Italiens und der Südschweiz*, I-VIII. Zofingen: Rieger & Co.

KURATH, H. *et alii*. (1939-1943) *Linguistic Atlas of New England* (*LANE*). Brown University Press.

Labov, W. (1966) *The Social Stratification of English in New York City*. Washington: Center for Applied Linguistics.

——— (1971) Some principles of linguistic methodology. *Language in Society*, **1**: 97-120.

——— (1972) *Linguage in the Inner City*. University of Pennsylvania Press.

——— (1975) Empirical foundations of linguistic theory. In: Austerlitz, R. (ed.) *The Scope of American Linguistics*. Lisse: Peter De Ridder Press.

——— (1983) *Modelos Sociolingüísticos*. Trad. de Don Ramón de la Cruz. Madrid: Ediciones Cátedra.

Mouton, P. G. (org.) (1994) *Geolingüística. Trabajos Europeos*. Madrid: Conjero de Investigaciones Científicas.

Nascentes, A. (1953) *O Linguajar Carioca*. Rio de Janeiro: Simões.

Pickford, R G. (1956) American linguistic geography: a sociological appraisal. *Word*: **12**: 211-233.

Pop, S. (1950) *La Dialectologie. Aperçu Historique et Méthodes d'Enquêtes Linguistiques*. Louvain: Chez l'Auteur.

Pop, S. & Petrovici, E. (1938-1942) *Atlasul Lingvistic Român* (*ALR*), I-III. Cluj-Sibiu-Leipzig: Muzeul Limbii Române din Cluj.

Ribeiro, J., Zágari, M., Passini, J. & Gaia, A. P. (1977) *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (*EALMG*). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – Casa de Rui Barbosa – Universidade Federal de Juiz de Fora.

Rossi, N. (1963) *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (*APFB*). Rio de Janeiro: MEC-Instituto Nacional do Livro.

——— (1980) Dialectologia. In: Houaiss. A. (ed.) *Enciclopédia Mirador Internacional*. V.7. São Paulo: Melhoramentos: 3298-3304.

——— (1967) Dialectologia. *Alfa*, **11**: 89-115.

——— (1969) Os falares regionais do Brasil. In: *Atas. O Simpósio de São Paulo*. São Paulo.

Séguy, J. *et alii*. (1954-1973) *Atlas Linguistique dela Gascogne*, I-VI. (*ALG*). Paris: CNRS.

Stehl, T. (1996) Competenza, pragmatica e linguistica della variazione: problemi d'inchiesta e d'interpretazione in geolinguistica. In: E. Radtke & H. Thun (orgs.) *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl.

Thun, H., Forte, C. E. & Elizaincín, A. (1989) El Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). Presentación de un proyecto. *Iberoromania*, **30**: 26-61.

Questões Teórico-descritivas em Sociolingüística e em Sociolingüística Aplicada e uma Proposta de Agenda de Trabalho[1]

(Theoretical and Descriptive Issues in Sociolinguistics and in Applied Sociolinguistics and a Project for an Agenda)

Maria Cecília de Magalhães Mollica
(Universidade Federal do Rio de Janeiro – CNPq)
Cláudia Nívia Roncarati
(Universidade Federal Fluminense – CNPq)

Abstract: *This article attempts a comprehensive review of the basic assumptions that define Brazilian Sociolinguistics approach and offers a set of basic questions guiding the research program to which the field is committed. It also sketches the relevant results through pointers and its implications for applied Sociolinguistics.*

Key-words: *Developments and issues in Brazilian Sociolinguistics; Goals; Recent trends; Perspectives; Applications.*

Resumo: *Este artigo oferece uma visão das questões cruciais que demarcam o perfil da Sociolingüística brasileira e delineia uma agenda de pesquisa para a área. Discute os principais resultados através das metas alcançadas e a serem atingidas e avalia as especificidades da Sociolingüística Aplicada.*

Palavras-chave: *Desenvolvimentos e questões da Sociolingüística no Brasil; Metas; Tendências recentes; Perspectivas; Aplicações.*

---

[1] Este texto é resultante de diretrizes básicas traçadas no âmbito do GT de Sociolingüística, durante o XV Encontro Nacional da ANPOLL, realizado em julho de 2000 na Universidade Federal Fluminense. Pressupõe que os especialistas da área tenham conhecimento da bibliografia nacional e internacional mais representativa. Por isso, as referências bibliográficas aqui mencionadas não são extensivas, mas remetem a estudos que resenham ampla gama da produção sociolingüística no Brasil.

Introdução

A Sociolingüística no Brasil, área de pesquisa efetivamente consolidada, enfatizou a pesquisa sincrônica em suas descrições da fala sobre o português no território nacional a partir da década de 70 até o final do século XX, em paralelo à produção internacional da área que se encontra sintetizada em Labov (1994 e 2000). Diagnósticos de variação estável e de mudança em progresso sempre estiveram em pauta, o que não impediu que a dimensão diacrônica estivesse também no bojo das preocupações da área. Nesse sentido, busca-se priorizar a investigação de fenômenos de variação sincrônica em suas dimensões de mudança e estabilidade e formular hipóteses sobre o que esses dois aspectos têm em comum.

A maioria dos pesquisadores congrega-se em Projetos Integrados, formando pólos de atuação que permitem estabelecer uma rede complementar de resultados, referendando-os ou contestando-os. Ao adotar perspectivas diferentemente priorizadas, em grupo ou isoladamente, os estudiosos recobrem um painel de conhecimentos sobre as dimensões geodialetal, sócio-estratificada, histórico-social e discursivo-cultural.

Delimitação de metas

Um dos objetivos de relevância da Sociolingüística consiste em fornecer subsídios metateóricos para construir um modelo de mudança mais definido e adequado. Perguntas pontuais têm sido incluídas na agenda acadêmica da área, com a finalidade de compreender melhor os dois níveis em que a mudança afeta seja o indivíduo seja a comunidade. Que processos de variação podem levar à mudança? Por que caminhos a mudança se dá? As mudanças são direcionadas por princípios? Que princípios governam essa direcionalidade? Como as mudanças se encaixam no sistema? De que modo as variáveis sociais atuam em casos de variação estável e de mudança em progresso? Qual a participação do léxico e do nível discursivo-pragmático em fenômenos de variação e mudança? Como se conjugam índices diacrônicos e sincrônicos em fenômenos de mudança?

O conjunto de pesquisas voltadas para essas questões constitui a produção científica de base acerca da natureza da mudança (cf. Lemle & Naro, 1977; Bortoni, 1984; Tarallo,1989; Bisol, 1991; Mollica, 1992; Oliveira

e Silva & Scherre,1996; Hora, 1997; Hora & Christiano, 1999) e do funcionamento da língua em uso (cf. Macedo & Roncarati & Mollica, 1996), bem como acerca da sua aquisição (Roncarati & Mollica, 1997). Busca-se definir o imbricamento entre categorias, mecanismos e princípios funcionais de estruturas evolutivas e/ou em evolução e o seu grau de afetamento na eficácia comunicativa do sistema, cujas forças equilibradoras atuam harmonicamente ao promover economia, generalização, associação, simplificação e simbolização. Paralelamente, busca-se lidar com princípios como isomorfismo, motivação e instauração da arbitrariedade lingüística. Investigam-se, também, questões como transparência e opacidade, graus de informatividade, refinamento de status informacional e interação entre processos cognitivos e embalagem lingüística .

Pode-se afirmar que já exibimos expressivo acervo de pesquisas dessa natureza sobre a fala e a escrita, com o fito de: (a) analisar a variação, aquisição e mudança lingüística, abrangendo fenômenos morfossintáticos, fonológicos e discursivo-pragmáticos; (b) descrever processos de mudança que evidenciam e favorecem a gramaticalização de itens e construções lingüísticas; (c) investigar atitudes e crenças lingüísticas implicadas na variação lingüística e (d) identificar estratégias argumentativas envolvidas no texto escrito e suas marcas lingüísticas.

Os trabalhos na área focalizam ora os indivíduos (os falantes) ora o sistema da língua. As pesquisas podem revelar também que, no início, as mudanças se dão com condicionamentos estruturais ou sociais fracos, pouco perceptíveis. No decorrer do tempo, no entanto, no espaço de algumas gerações (a depender da variável), as variações que tendem a câmbio adquirem maior grau de contextualização e exibem condicionamentos mais evidentes conseqüentemente (Paiva & Scherre, 1999).

Grande parte das pesquisas contribui para o entendimento mais aprofundado sobre processos de mudança, lançando mão de dados históricos e de dados de diferentes estágios da língua (cf. Mattos e Silva, 1996; Mollica, 1995). Em alguns trabalhos, a questão da mudança no português explica-se pela diferença de *input* de uma regra historicamente mensurada. Um modelo de mudança deve, assim, dar conta de diferenças em pesos relativos, atestadas em estágios do português, considerando restrições estruturais recorrentes. Ademais, estudos sobre mudança propiciam a discussão em torno de hipóteses relacionadas à alegada crioulização no português do Brasil (Couto, 1996; Tarallo & Alkmim, 1987).

Ao examinar causas externas da variação e da mudança lingüística, um modelo satisfatório deve incorporar a análise do perfil social dos falantes de uma dada comunidade de fala. Tradicionalmente, variáveis sociais independentes como idade, sexo e classe social são parâmetros pertinentes, seja para estudar a heterogeneidade lingüística, seja para indicar o dinamismo das mudanças em tempo aparente. Esses parâmetros extralingüísticos dividem a sociedade em grupos fixos, estabelecem correlações diretas entre uso de variantes e estratificação social e buscam identificar o *locus* da mudança no indivíduo em determinado ponto da estrutura social. Daí a coexistência de grupos inovadores e conservadores em uma relação dinâmica que pode apontar os caminhos da língua.

O percurso de uma mudança pode não se apresentar de forma transparente. No processo de implementação, forças de inovação e de manutenção costumam conflitar-se, em razão da coexistência de comunidades de fala em direções lingüísticas opostas. Na presença de tensão entre manutenção e conservação, variáveis estratificadas revelam-se eventualmente insuficientes para explicar direções de uma inovação. Uma análise mais detalhada da comunidade de fala deve, então, impor a exigência de outros indicadores sociolingüísticos e apontar a locação mais apropriada da variação e mudança lingüística. Nesse viés, encontram-se imbricadas algumas questões. A predominância de uma variante lingüística estigmatizada acarreta necessariamente a predominância de outras variantes estigmatizadas? Dada a multiplicidade de perfis sociolingüísticos coexistentes, onde é possível traçar a fronteira entre grupos sociais?

Assim, paralelamente a questões estruturais, verifica-se o efeito de parâmetros de inscrição social sobre a variação e a mudança lingüística, com base em trabalhos comparativos que incluem diversos fenômenos variáveis, a maioria dos quais envolvendo a relação padrão/não padrão e estigmatizado/não estigmatizado (Santos, 1996). Os resultados indicam que a inclusão de parâmetros sociais, tal como proposto no modelo laboviano, propicia delineamento de perfil social do falante e de pressões a que está submetido, ao revelar sistematicidade e regularidade da atuação de aspectos extralingüísticos sobre a variação estável e a mudança em progresso. É possível até flagrar a existência de uma relação de implicação, determinada pelo valor social das variantes entre taxas de ocorrência da variação em um mesmo indivíduo: um falante que apresenta uma alta taxa de uma variante lingüística muito estigmatizada deverá apresentar também altas taxas de variantes estigmatizadas de um outro processo variável (Naro, 2001).

Quanto a categorias e interpretações, muitos estudos fundamentam-se em princípios funcionalistas que preconizam, por exemplo, processos de gramaticalização para explicar mutações lingüísticas e estratégias compensatórias relacionadas à manutenção do equilíbrio dos sistemas (Martelotta et al. 1996; Furtado da Cunha, 2000). Ao considerar aspectos teórico-descritivos, tais como recategorização e ressemantização, as investigações recorrem a amostras diversas, em diferentes perspectivas, para compreender a complexidade da heterogeneidade lingüística.

Desse modo, a discussão de um modelo de mudança deve considerar também a atuação de princípios discursivo-funcionais, tais como unidirecionalidade, marcação, paralelismo e topicidade (Braga, 2001). Sob o enfoque funcionalista, atesta-se que o processo de gramaticalização é relevante para processos aquisitivos, podendo oferecer sustentação paradigmática, na medida em que se verifique emparelhamento entre o sincrônico e o diacrônico. A pesquisa sobre estágios aquisitivos de regras variáveis é importante para averiguar a maneira pela qual a criança equaciona o problema da forma-função e como o grau de transparência entre forma-função afeta a ordem da aquisição (Mollica & Martellota, 2000). Constata-se, em alguns trabalhos, que o percurso aquisitivo, em geral, verifica-se na direção de uma codificação em que o desenvolvimento obedece a motivações de ordem pragmática e lingüístico-cognitiva, estreitamente vinculadas a estágios aquisitivos.

Vale esclarecer que, ao localizar a variação e a mudança no indivíduo, alguns paradigmas teóricos partem de pressupostos diferentes. De um lado, acredita-se que os falantes e seus perfis sociolingüísticos reais ou desejados reforçam e/ou são responsáveis por inovações. De outro, certos modelos formais costumam responsabilizar as crianças como agentes propulsores de inovações, ao fazerem suas escolhas ao longo do processo de construção de suas gramáticas. De uma ótica mais propriamente gerativista, oferece-se uma contribuição à construção de paradigma de mudança sob perspectiva diferenciada (Roberts & Kato, 1993).

Há que se considerar, ainda, estudos que levam em conta a influência do grau de atenção que os falantes dispensam à produção lingüística. Entendam-se aí os correlatos discursivo-pragmáticos como contraparte para a dinâmica do sistema, seja no sentido da estabilidade, seja no sentido da mudança, como retração ou avanço. Incluem-se nesse enfoque os gêneros

discursivos, os estilos conversacionais, as características dos atos de falam, a variação lingüística observada na escrita e na fala e a natureza simétrica ou assimétrica dos indivíduos envolvidos na interação face-a-face. Assim; aposta-se na interferência de fatores sócio-conversacionais sobre a mudança lingüística (Mollica & Moita Lopes,1994; Preti, 1998).

Discute-se, por último, a participação do léxico dentre as estratégias de implementação de inovações, ao defender-se a proposta da difusão lexical no âmbito de um modelo que pretende explicar a mudança lingüística (Oliveira, 1992). Advoga-se o princípio de que as regras são paulatinamente encaixadas e/ou fixadas na história e em processos de aquisição, espalhando-se pelo léxico, à medida que o repertório lingüístico vai sendo ampliado ontogênica e historicamente. É nesse sentido que as análises nessa linha se voltam para verificar o funcionamento real de leis concernentes a processos de gradualidade e de regularidade. Dado o conjunto de fenômenos examinados, interessa discutir o alcance explicativo dos dois modelos mais difundidos e debatidos: o da difusão lexical e o dos neogramáticos. Numa proposta para se observar a gênese da variação, admite-se que as regras, grosso modo, são categóricas no início ou tenuamente controladas; tornam-se variáveis e mais fortemente controladas ao longo do tempo, dependendo do grau de complexidade da gramática e da taxa de ocorrência de itens lexicais potencialmente afetáveis por um dado fenômeno em análise.

Tendências anotadas

Fica claro que não se podem descartar os princípios lexicais, funcionais, discursivo-pragmáticos e os inerentes aos sistemas. As técnicas de tempo aparente e tempo real complementam-se e os enfoques sincrônico e diacrônico evidenciam-se como indispensáveis. Os diferentes estudos dos pesquisadores da área demonstram que não é possível ignorar a variável tempo para um diagnóstico seguro acerca de mudanças lingüísticas. Comprovam, por outro lado, que a mudança pode ser entendida em sentido estrito, quando há de fato substituição de uma forma em relação à outra e, em sentido lato, quando há diferenças no grau de variabilidade e de contextualização de fenômenos variáveis.

Constata-se, no conjunto dos estudos, uma pluralidade teórico-metodológica nitidamente presente, demonstrando que: (a) as pesquisas sobre o uso da língua não podem restringir-se a dogmatismos teóricos; (b) a mudança lingüística tem de ser estudada sob diferentes enfoques, se se deseja uma compreensão mais aprofundada do dinamismo inerente às línguas; (c) o estudo em tempo real e em tempo aparente tem de resgatar a importância da atuação dos componentes social, estrutural, lexical e individual, responsáveis conjuntamente pela mudança; (d) considerando-se (b) e (c) como fundamentais, impõe-se a constituição e a utilização de inúmeros *corpora*, quer em falantes de L1 e L2 em aquisição, quer em gramáticas já consolidadas do português em estágios atuais e mais antigos do idioma.

A experiência dos pesquisadores em acessar database diferentes vem sendo consolidada entre os pares, concorrendo para disponibilizar novas amostras, com métodos tecnicamente apropriados, visando atingir resultados mais pontuais. Sendo assim, a área de pesquisa em Sociolingüística amplia-se e enriquece-se epistemologicamente. Se, por um lado, essa expansão é desejável, por outro, impõe restrições para a ciência, pois os avanços no campo ficam a depender de um conjunto de achados em diferentes direções que acabam por criar mais questões do que respostas.

Dimensão aplicada

No nível aplicado, define-se como meta a transformação do conhecimento básico em material instrucional – *softers* educacionais, fitas magnéticas, vídeos, publicações – subsidiário para a formação de docentes e discentes de nível médio e superior. A transferência de produtos da investigação, veiculada em linguagem didático-pedagógica nas áreas de aprendizagem, produção de texto e leitura, constitui condição primordial para que o material de interface adquira relevância substantiva (Mollica, 2000; Brandão, 1996; Cardoso, 1996 e Cabral & Gorski, 1998).

As descobertas da área podem ser divulgadas em *cd-rom* a professores de ensino fundamental e médio, abrangendo aspectos sobre usos e funcionamento da língua e processos de aquisição e mudança lingüística, traduzidos em linguagem adequada e com indicação de estratégias voltadas para o professor e para o aluno (Mollica, 2001, em preparo).

Agenda de trabalho

É fato hoje que os estudiosos da área, em razão de sua contínua prática de pesquisa, desfrutam da oportunidade de examinar a mudança em tempo real com base em novos *corpora*, representativos do português hodierno e do português em seus primórdios (Callou & Lopes, 1993; Mota e Rollemberg, 1994; Roncarati, 1996; Aragão & Soares, 1996; Hilgert, 1997; Preti & Hurbano, 1998; Furtado da Cunha, 1998; Paiva, 1999) Disponibilizado o patrimônio de database que recobre diversas áreas geodialetais no território brasileiro, torna-se possível estimular regular e sistematicamente uma produção comparativa a respeito de questões teóricas de encaixamento e implementação da mudança e sua relação com a funcionalidade de estruturas variáveis; torna-se possível também conferir maior vitalidade à dimensão discursiva, viés característico dos sociolingüistas brasileiros. A interface entre variação, mudança e aquisição acha-se contemplada na pauta de trabalho.

As questões de maior saliência que devem compor a agenda de trabalho voltam-se para: (a) exame da tensão entre fatores sociais e funcionais; (b) reflexão sobre a natureza da variação; (c) proposição de universais sociolingüísticos numa perspectiva comparativista inter e intralingüística; (d) aquisição da contraparte variável da língua em comunidades monolingües, bilingües e plurilíngües e (d) inter-relações entre variacionismo, geografia dialetal, funcionalismo e gerativismo.

É natural que se dê continuidade ao desenvolvimento de análises de fenômenos lingüísticos variáveis que possam favorecer a interação entre os grupos de pesquisa no Brasil, visando, de um lado, mapear a variação lingüística no território nacional e, de outro, participar da discussão teórica internacional sobre a relação entre variação e mudança lingüística, variação e mudança de código e variação inerente e gramáticas em competição.

Cumpre, por conseguinte, aprofundar a discussão na área sobre um modelo que possa abrigar motivações de natureza funcional e formal, assim como acolher a pesquisa sociolingüística interacional. Por último, resta ressaltar a coexistência da Sociolingüística *stricto sensu* com uma macro-área em que se incluem, por exemplo, a Crioulística, o Bilingüismo e o Multilingüismo, a Geolingüística e a Lingüística Histórica, dentre outros campos de investigação (Ferreira et. al. 1994; Aguilera, 1998).

A Sociolingüística Aplicada vem-se incrementando em paralelo à interface teórica. Ao delinear procedimentos metodológicos, vem efetivamente legitimando os resultados provenientes da pesquisa básica e proporcionando a sua transferência para as áreas de educação (Mollica, 2000 e 2001), sem perder de vista a dialética inerente e esperada entre pesquisa pura e aplicada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, V. (1998) (org.) *A Geolingüística no Brasil*: caminhos e perspectivas. Londrina: Ed. UEL.

ARAGÃO, M. S. S. & SOARES, M. E. (1996) (orgs.) *A Linguagem Falada em Fortaleza* – diálogos entre informantes e documentadores, materiais para estudo. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/ Centro de Humanidades/ Mestrado em Lingüística e Ensino da Língua Materna.

BRAGA, M. L. (2001) *Princípios Atuantes no uso Lingüístico:* tensão e sistematização. PEUL/UFRJ. Projeto aprovado pelo CNPq.

BISOL, L. (1991) (org.) A variação no português do Brasil. *Organon* 5 (18). Porto Alegre: UFRGS/ Instituto de Letras.

BORTONI, S. M. R. (1984) *The Urbanization of Rural Dialect Speakers*: a sociolinguistic study in Brazil. Cambridge: Cambridge University Press.

BRANDÃO, S. (org.) *Pesquisa & Ensino da Língua*: contribuições da sociolingüística. UFRJ, Faculdade de Letras, Departamento de Vernáculas, 1996.

CABRAL, L. G. & GORSKI, E. (1998) (orgs.) *Lingüística e Ensino*: reflexões para a prática pedagógica e da língua materna. Florianópolis: Insular.

CALLOU, D. *Variação e Distribuição da Vibrante na Fala Urbana Culta do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, UFRJ, 1979.

_____ et alii. (2000) (org.) *Para uma História do Português Brasileiro*: 500 anos de língua portuguesa no Brasil. PHPB– RJ/ FAPERJ. (*Corpora* em *cd-rom*).

_____ & LOPES, C. R. (1993) *A Linguagem Falada Culta na Cidade do Rio de Janeiro* – materiais para seu estudo. Rio de Janeiro: UFRJ/CAPES.

CARDOSO, S. A. M. (1996) (org) *Diversidade Lingüística e Ensino*. Salvador: EDUFBA.

Couto, H. H. (1996) *Introdução ao Estudo das Línguas Crioulas e Pidgins*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Couto, H. H. (org. e ed.) PAPIA – Revista de Crioulos de Base Ibérica, Universidade de Brasília.

Ferreira, C. et alii. (1994) *Diversidade do Português, Estudos de Dialectologia Rural e Outros*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA.

Furtado da Cunha, M. A. (1998) *Corpus Discurso & Gramática* – a língua falada na cidade de Natal. Natal: EDUFRN.

_____ (2000) (org.) *Procedimentos Discursivos na Fala de Natal* – uma abordagem funcionalista. Natal: Editora da EDUFRN.

Hilgert, J. G. (1997) (org.) *A Linguagem Falada Culta na Cidade de Porto Alegre*. Passo Fundo: Ediupf; Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFGRS.

Hora, D. de. (1997) *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia.

Hora, D. da. & Christiano, E. (1999) (orgs.) *Estudos Lingüísticos*: realidade brasileira. João Pessoa: Idéia.

Labov, W. (1994) *Principles of Linguistic Change:* internal factors. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell.

_____ (2000) *Principles of Linguistic Change:* external *factors*. Blackwell, Oxford UK, Cambridge USA.

Lemle, M. & Naro, A. J. (1977) *Competências Básicas do Português*. Relatório Final apresentado às instituições Fundação Ford e Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral). Ms.

Mattos e Silva, R. V. (1996) (org.) *A Carta de Caminha*: testemunho lingüístico de 1500. Salvador: Editora da UFBA.

Mollica, M.C. (1992) *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Cadernos Didáticos/ UFRJ.

_____ (1995) *(De) que Falamos?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

_____ (2000) *Influência da Fala na Alfabetização*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

_____ (2001) *Da Fala Coloquial à Escrita Padrão* (em preparo).

_____ & Moita Lopes (1994) Linguagem, interação e cognição. *Revista Tempo Brasileiro* 117, abr./jul.

_____ & Martelotta, M.E. (2000) *Análises Lingüísticas*: a contribuição de Alzira Macedo. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Faculdade de Letras/ Departamento de Lingüística e Filologia.

Macedo, A T. de; Roncarati, C. & Mollica, M.C. (1996) (orgs.) *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

MARTELOTTA, M.; VOTRE, S. J. & CEZARIO, M. M. (1996) *Gramaticalização no Português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

MOTA, J. & ROLLEMBERG, V. (1994) (orgs.) *A Linguagem Falada Culta na Cidade de Salvador*. Salvador: Universidade Federal da Bahia: Instituto de Letras.

NARO, J. A. (2001) *Implementação e Encaixamento da Mudança Lingüística*. Relatório Final do Projeto PEUL/UFRJ, apresentado ao CNPq, em fevereiro.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. P. (1996) *Padrões Sociolingüísticos*: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

OLIVEIRA, Marco Antônio (1992) (org.) *Revista de Estudos da Linguagem*, 1(1). Faculdade de Letras da UFMG.

PAIVA, M. C. de & SCHERRE, M. M. P. (1999) Retrospectiva sociolingüística: contribuições do PEUL. *D.E. L.T.A.*, 15 Especial: 201-232.

PRETI, D. (1998) *Estudos de Língua Falada*: variações e confrontos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.

_____ & URBANO, H. (1998) (org.) *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo* – materiais para seu estudo. São Paulo: T.A . Queiroz Ed.

RELATÓRIO Final do Projeto PEUL III/UFRJ, apresentado ao CNPq em julho de 1997, sob a coordenação de Maria Cecília Mollica.

RELATÓRIO Final do Projeto PEUL III/UFRJ, apresentado ao CNPq em fevereiro de 1997, UFRJ, sob a coordenação de Maria Cecília Mollica.

ROBERTS, I. & KATO, M. (1993) (orgs.) *Português Brasileiro* – uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: Unicamp.

RONCARATI, C. (1996) *Banco de Dados Interacionais*. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Lingüística/ UFRJ/Faculdade de Letras/ CNPq.

RONCARATI, C. & MOLLICA, M. C. (1997) (orgs.) *Variação e Aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

PAIVA, M. da C. (1999) (org.) *Amostras do Português Falado no Rio de Janeiro*. Pós-Graduação em Lingüística/ Faculdade de Letras/CAPES.

SANTOS, E. dos (1996) *Certo ou Errado?* Atitudes e crenças no ensino da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Graphia.

TARALLO, F. (1989) (org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas.

_____ & ALKMIN, T. (1987) *Falares Crioulos*: línguas em contato. São Paulo: Ática.

A Investigação em Fonologia do Português

(Research in Portuguese Phonology)

Maria Helena Mira Mateus
(Universidade de Lisboa)

Abstract: *This paper is an overview of the phonological studies in Portuguese starting with the formal analyses developed in Portugal after the publication of* The Sound Pattern of English *(1968). The relevant works on European Portuguese published before Chomsky & Halle are included in the Introduction: the most important dialectal and philological works, phonetic studies as well as structural descriptions. Formal analyses are divided in two parts: those that follow standard generative phonology and those oriented by subsequent theories. The annex includes a comprehensive bibliography of all phonological books and papers published in Portugal after the seventies.*

Key-words: *Phonology; Formal Analyses; Autosegmental Phonology; Feature Geometry; Underspecification; Lexical Phonology.*

Resumo: *Neste artigo pretende-se traçar uma panorâmica dos estudos de fonologia realizados em Portugal, com especial incidência nas análises formalizadas que se desenvolveram a partir da obra de Chomsky e Halle (1968). Na Introdução referem-se obras que marcaram a fonologia do Português Europeu antes dessa data, e apresentam-se os principais trabalhos de carácter dialectal e filológico, os estudos fonéticos e as obras que se integram na linguística estrutural. Na apresentação das análises formais distingue-se a fonologia generativa clássica das teorias que lhe sucederam O artigo tem um anexo que contém a bibliografia exaustiva dos livros e artigos publicados em Portugal a partir dos anos 70.*

Palavras-chave: *Fonologia; Análises Formais; Fonologia Auto-segmental; Geometria de Traços; Subespecificação; Fonologia Lexical.*

1. Introdução[1]

Os actuais linguistas portugueses herdaram, dos filólogos e linguistas que os precederam, um espólio de grande riqueza que incidia, sobretudo, na história da língua portuguesa e na identificação das características do português antigo, na dialectologia e na descrição das peculiaridades dialectais. Em todos estes domínios o estudo dos sons foi sempre privilegiado. Recorde-se que na primeira gramática portuguesa, Fernão de Oliveira[2] consagra 23 dos 50 capítulos da obra à análise dos sons e das letras, e que nas gramáticas surgidas entre os séculos 16 e 19 a ortografia, a ortoepia e a prosódia têm lugar de destaque principalmente com objectivos normativos e pedagógicos[3].

A primeira descrição de conjunto do sistema fonético do português surge em 1883, no estudo de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana[4] com um título que inclui já o termo *fonologia*: "Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne". Esta e as obras que se seguem do mesmo autor são ainda hoje de importância indiscutível para o conhecimento do sistema fonológico do português. A partir do início do século 20 a influência dos neogramáticos reconhece-se no surgimento de gramáticas históricas, hoje clássicas, como as de José Joa-

---

[1] Sendo objecto deste artigo uma perspectiva da investigação que actualmente se produz em Portugal sobre *fonologia do português*, condensei na Introdução as referências aos seguintes vertentes que incidem sobre o nível fonético da língua:

I. - a tradição filológica e histórica e a sua continuação em trabalhos de autores contemporâneos;

II. - a actividade desenvolvida até ao presente na área da dialectologia;

III. - as análises experimentais de fonética articulatória e acústica

A obra de Morais Barbosa, referida igualmente nesta Introdução, precede a investigação integrada na teoria generativa que será apresentada nas secções seguintes.

[2] Fernão de Oliveira, *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa: e[m] casa de Germão Galharde, 1536. (3ª ed. preparada por Rodrigo de Sá Nogueira. Lisboa: Ed. de José Fernandes Júnior, 1933. Ver também João de Barros, *Grammatica da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Luis Rodrigues, 1540.

[3] Jorge de Morais Barbosa no primeiro capítulo dos *Études de Phonologie Portugaise* (1965) refere o carácter normativista e de preocupação ortográfica destas primeiras gramáticas, mas observa que por vezes os seus autores, não sendo foneticistas, "são 'fonólogos' que nos deixaram, através do estudo das letras, elementos importantes para o conhecimento do sistema do português da sua época".

[4] A. R. Gonçalves Viana. "Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne". *Romania*, t. XII, Paris, 1883. Ver ainda a "Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros". Ambos os trabalhos foram republicados em *Estudos de Fonética Portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1973, 83-152 e 153-257.

quim Nunes[5] e de Edwin Williams[6], em que a fonética/fonologia da língua portuguesa são tratadas na sua evolução histórica com referência, por vezes, a aspectos dialectais particulares.

Estas obras e as congéneres estrangeiras sobre as línguas românicas foram a fonte de muitos trabalhos que vieram a lume durante o século 20 sobre questões parcelares do nível fonético do português. Nesta linha se situam vários estudos de Luís Lindley Cintra[7] e Herculano de Carvalho[8], para citar apenas alguns autores de entre uma plêiade de filólogos portugueses que nos deram a conhecer aspectos da formação e desenvolvimento da fonética da língua portuguesa.[9] Os estudos de filologia mantiveram-se até ao presente nas Universidades de Lisboa e Coimbra, com relevo para a investigação desenvolvida por Ivo Castro, Ana Maria Martins e Clarinda de Azevedo Maia.[10]

Relativamente a uma descrição sincrónica do português, até meados do século 20 o estudo dos dialectos prevaleceu sobre o estudo do sistema fonológico. Nesse campo, na esteira de Leite de Vasconcelos[11] destaca-se a imensa recolha de falares portugueses dinamizada e orientada em Coimbra

---

[5] José Joaquim Nunes. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1919 (6.a ed. Lisboa: Clássica Editora. 1959).

[6] Edwin B. Williams *Latin to Portuguese. Historical phonology and morphology of the portuguese language.* Philadelphia: University of Pennsylvania, 1938. (Trad. part. de A. Hauaiss: Do Latim ao Português. Fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. Rio de Janeiro: MECIINL, 1961.)

[7] Ver, sobretudo, *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo, seu confronto com a dos foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre. Contribuição para o estudo do leonês e do galego—português do século XIII*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1959 e "Apport des anciens textes romans non-littéraires à la connaissance de la langue du Moyen Âge". *Revue de Linguistique Romane*, xxvvii, Paris, 1963.

[8] Refiro-me, em especial, ao importante artigo "Valor dos grafemas e e o em sílaba átona", publicado na *Revista Portuguesa de Filologia* XII, Coimbra, 1862-63.

[9] Tratando este texto do desenvolvimento da fonologia em Portugal, os autores brasileiros não são indicados, nem nesta introdução nem na apresentação mais extensa da actual situação da investigação nesse domínio. No entanto, não posso deixar de referir aqui os nomes de Serafim da Silva Neto, Said Ali e Celso Cunha, a quem devemos trabalhos fundamentais para o conhecimento da história da língua portuguesa.

[10] Na bibliografia em anexo estão indicados os três autores aqui citados e as obras de interesse para o objectivo deste artigo.

[11] Ver em especial a tese de doutoramento apresentada à Universidade de Paris em 1901: *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Segunda edição de Maria Adelaide Valle Cintra. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970.

por Manuel de Paiva Boléo[12] e, em Lisboa, a actividade estimulante de Luís Lindley Cintra[13] com a realização de estudos parcelares de dialectologia e do traçado de um panorama global das grandes áreas dialectais galego-portuguesas. A dialectologia mantém-se com grande vivacidade em Portugal, tanto na Universidade de Coimbra como na de Lisboa[14].

Mas por volta dos anos 50 os estudos fonéticos sobre o português revelam já a intenção de descrição das características da língua contemporânea dos seus autores. No campo das análises experimentais de fonética acústica, o trabalho desenvolvido em Coimbra, até aos anos 70, pelo foneticista Armando de Lacerda foi seguido, em Lisboa, por Raquel Delgado Martins, e continuado por Maria do Céu Viana, Amália Andrade e Fernando Martins[15].

As análises realizadas, e que ainda hoje evidenciam grande vitalidade, mostram uma preocupação de interpretação linguística e têm contribuído para o conhecimento da fonologia do português. São de destacar os trabalhos sobre os *segmentos fonológicos* de Maria do Céu Viana, Amália Andrade, Raquel Delgado-Martins e Isabel Mascarenhas. Incluem-se também na perspectiva de fonética experimental, com consequências interessantes para a fonologia, os trabalhos de Raquel Delgado Martins sobre o *acento de palavra* e as teses de mestrado de Maria João Freitas sobre *pausas*, de Isabel Mata da Silva sobre *interrogação* e de Fernando Martins sobre *entoação* e *organização do enunciado*, a que se sucedeu a sua tese de doutoramento sobre um modelo de *reconhecimento da fala* para a língua portuguesa. A investigação em *síntese da fala*, desenvolvida em equipa por investigadores de inteligência artificial e de linguística está presentemente em curso e tem obtido resultados notáveis.[16]

---

[12] Cito aqui apenas o "Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental", feito em colaboração com Maria Helena Santos Silva e publicado no *Boletim de Filologia*, XX, Lisboa, 1962, que poderá levar a uma interessante comparação com a "Proposta" de Luís Cintra, indicada na note 12.

[13] Veja-se, principalmente, a "Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses", in *Boletim de Filologia*, XXII, 1971 e *Estudos de dialectologia portuguesa*, Lisboa: Sá da Costa..

[14] Refira-se o trabalho desenvolvido pelo grupo de dialectólogos do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa na construção do Atlas Linguístico de Portugal e da Galiza (ALPG), e na colaboração desse mesmo grupo com investigadores europeus para a elaboração do grande Atlas da Europa (Atlas Linguarum Europae, ALE) e do Atlas Linguístico Românico.

[15] No anexo bibliográfico estão incluídos os autores aqui referidos e os respectivos trabalhos de fonética experimental que têm interesse para a análise fonológica..

[16] A investigação está a ser realizada no INESC e é conduzida, do ponto de vista linguístico, por Maria do Céu Viana.

A descrição do sistema fonológico do português numa perspectiva estruturalista está presente, pela primeira vez, na obra de Jorge de Morais Barbosa *Études de phonologie portugaise*.[17] Lembre-se que o estruturalismo estabeleceu desde o início, nos anos 30, a distinção entre *fonética* e *fonologia*, distinção presente, sobretudo, nos trabalhos realizados no âmbito do Círculo Linguístico de Praga e nas obras dos estruturalistas americanos. Trubetzkoi, em 1939, definia a fonética como "a ciência da face material dos sons da linguagem humana" e a fonologia como o estudo que [...] "deve procurar que diferenças fónicas estão ligadas, na língua estudada, a diferenças de significação, como se comportam entre si os elementos de diferenciação (ou marcas) e segundo que regras podem combinar-se uns com os outros para formar palavras e frases" [18] Bloomfield, em 1933, denomina fonologia (ou fonética prática) "o estudo dos sons significantes do discurso", afirmando que a fonologia "inclui a consideração do significado".[19]

As definições destes dois autores de referência do estruturalismo linguístico mantiveram-se, como orientação, para a determinação dos elementos dos sistemas fonológicos muito para além de uma visão exclusivamente estruturalista. Na realidade, a investigação fonológica que se desenvolveu a partir de final dos anos 60 no quadro da teoria generativa não tem como objectivo discutir *quais os elementos* fónicos que fazem parte do sistema fonológico de uma língua. Preocupa-se antes com questões relacionadas com a *organização desses elementos*, e com a *representação das operações* do processamento mental na percepção e produção do nível fonológico da gramática, para o que constrói e selecciona *instrumentos formais* adequados.

2. As primeiras análises formais[20]

A obra de Chomsky e Halle *The Sound Pattern of English*, surgida em 1968[21], constituiu o modelo para a elaboração de diversos trabalhos in-

[17] Na introdução a esta obra o autor faz uma revisão criteriosa das primeiras gramáticas portuguesas e apresenta desenvolvidamente os trabalhos de Gonçalves Viana,considerados cuja intuição linguística permitia uma visão sistemática e fonológica dos sons do português.

[18] Nicolas Trubetzkoy. *Principes de phonologie*. Paris: Klincksieck, 1949, p. 12. Primeira edição em alemão, *Grundzüge der Phonologie*. Güttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1939.

[19] Leonard Bloomfield. *Language*. New York: Holt, Reinhart & Winston, 1933, pp76-77 da edição francesa *Le langage*. Paris: Payot, 1970.

[20] Os autores referidos a partir desta secção e até final do artigo, e os respectivos trabalhos, estão incluídos no anexo bibliográfico.

[21] Noam Chomsky e Morris Halle. *The sound pattern of English*, New York: Harper and Row, 1968.

tegrados na teoria generativa hoje denominada clássica ou *standard*, aplicando e testando no nível fónico das línguas os princípios dessa nova teoria da gramática.

Dentro desta perspectiva, o estabelecimento dos elementos do sistema fonológico no nível de superfície decorria da aplicação de métodos e técnicas do estruturalismo. Contudo, em obediência aos princípios teóricos da gramática generativa, toda a análise se orientava para a *construção de um nível subjacente* relacionado com o de superfície através de regras, e com a *formalização das generalizações* estipuladas. A proposta de hipóteses relativas a esse nível abstracto subjacente e a formulação das regras passaram então a ocupar lugar central nos estudos dos sistemas fonológicos, tendo como corolário as discussões sobre os traços distintivos do segmento fonológico. Evidentemente, as análises assim orientadas também procederam, em certos casos, à revisão dos elementos de um determinado sistema fonológico previamente estabelecidos com base no modelo estruturalista.

Complementarmente, e dentro dos mesmos pressupostos teóricos, a análise da *variação fonológica dos paradigmas morfológicos* foi considerada mais explicativa do que as anteriores descrições da morfologia das línguas. A partir desta época, e com base nas hipóteses formuladas pela teoria, discute-se igualmente a relação entre os mecanismos formais da gramática e os processos cognitivos subjacentes à actividade linguística.[22]

Várias línguas foram objecto de uma análise que seguiu de perto o padrão de Chomsky e Halle, como o francês na obra de Schane, o espanhol na obra de Harris e o italiano no trabalho de Saltarelli[23]. O português foi tratado dentro deste modelo nos *Aspectos da Fonologia Portuguesa* de Maria Helena Mira Mateus e na *Phonologie (Générative) du Portugais* de Ernesto d'Andrade Pardal. O mesmo enquadramento teórico subjaz a grande parte dos artigos publicados por Ernesto d'Andrade até inícios dos anos 90 e incluídos nos *Temas de Fonologia*. Integram-se também no modelo clássico da fonologia generativa os artigos publicados por Maria Helena Mateus até à mesma data e, ainda, os capítulos sobre Fonologia desta autora na *Gramática da Língua Portuguesa* e na *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*.

[22] Ver anexo bibliográfico.

[23] Sanford Schane. *French Phonology and Morphology*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1968. James Harris, *Spanish Phonology*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1969. Mario Saltarelli. *A Phonology of Italian in a Generative Grammar*. The Hague: Mouton, 1979.

3. A fonologia pós-SPE

Nos estudos que imediatamente se seguiram à aplicação do modelo de Chomsky e Halle podemos distinguir as seguintes orientações

1. Uma aproximação à 'realidade' dos sons, em reacção ao carácter abstracto das análises da fonologia generativa clássica, sob as denominações de *fonologia natural* e de *fonologia generativa natural*. Estes modelos não tiveram repercussão na investigação fonológica realizada em Portugal.

2. A formalização da variação nos sistemas fonológicos, com relevo para a *teoria da variação*. A influência deste modelo está presente em poucos trabalhos de linguistas portugueses[24]: Ressalve-se, no entanto, a dissertação de doutoramento de Maria Celeste Rodrigues sobre fonologia e variação[25] em que, a par da análise variacionista com base em dados quantitativos, se propõem regras fonológicas orientadas pela teoria auto-segmental e pelo modelo da geometria de traços.

3. Uma análise *métrica* do acento com representação em diagrama arbóreo. Deve referir-se a análise do acento de palavra em português, realizada por Ernesto d'Andrade e integrada neste modelo[26], uma proposta que não teve seguidores e que o autor substituiu mais tarde por uma análise com construção de grelha métrica, como se verá adiante.

4. A proposta da *fonologia auto-segmental*, com abandono do modelo linear da fonologia clássica em favor de uma concepção multilinear.

5. A procura de uma organização da estrutura interna dos segmentos, que levou à elaboração do modelo da *geometria de traços*.

As orientações teóricas explicitadas em 4. e 5. estão subjacentes à maioria dos trabalhos em fonologia que presentemente se realizam em Portugal. Importa, contudo, antes de os referir, caracterizar sumariamente essas teorias.

O facto de o modelo da fonologia generativa clássica considerar, por um lado, a formulação das regras como objectivo central da análise e, por outro lado, o segmento – e o nível em que ele se situa – como o domínio

[24] Em Viana (1984), a propósito da fricatização e do desvozeamento de consoantes, discutem-se questões relacionadas com variação e invariância.

[25] Ver adiante a caracterização da teoria auto-segmental e da geometria de traços.

[26] Esta análise foi apresentada em 19983 mas só publicada em 1992, nos *Temas de Fonologia*.

próprio de aplicação dessas regras impediu o desenvolvimento de mecanismos adequados à análise dos factos prosódicos. As restrições do modelo foram emergindo à medida que ele era testado em línguas de natureza muito diferente das línguas românicas e germânicas, evidenciando-se a impossibilidade de tratar, com os instrumentos existentes, traços prosódicos como o tom e a duração. Foi também reconhecida a desvantagem do tratamento do acento exclusivamente a nível segmental, em estrita dependência dos traços fonológicos dos segmentos implicados na sua aplicação. Finalmente, o modelo de 68 revela insuficiências para a análise de constituintes mais vastos do que o segmento, como por exemplo a sílaba, tendo presente que certos processos fonológicos se aplicam nas fronteiras de sílaba e que os instrumentos existentes não eram sensíveis a essas fronteiras. Essas insuficiências provocaram o surgimento da *teoria auto-segmental*, proposta inicialmente por Goldsmith na procura de resolver problemas postos pela análise das línguas tonais[27]. Nos anos que se seguiram, a teoria alargou o seu domínio de aplicação a outros aspectos da fonologia, como o acento, a harmonização vocálica e a nasalização.

Para responder às exigências da análise fonológica, a teoria propõe a existência de vários níveis autónomos e inter-relacionados por linhas de associação e pela condição de boa formação. Nesses níveis, organizados hierarquicamente, estão situadas as unidades fonológicas – cada um dos traços prosódicos e os segmentos.

Também os traços fonológicos que caracterizam o segmento podem ser estruturados em diversos níveis e manter uma certa autonomia, de modo a persistirem ainda que o segmento a que pertencem seja suprimido. Esta aplicação da teoria auto-segmental aos traços fonológicos, cuja proposta inicial foi apresentada por Clements em 1985[28], recebeu a denominação de *geometria de traços*. A nova concepção da organização interna dos segmentos veio evidenciar a naturalidade do funcionamento conjunto de certos grupos de traços distintivos na actuação de processos fonológicos. Ainda com relação à identificação dos segmentos deve mencionar-se a dis-

[27] Os princípios da fonologia auto-segmental foram apresentados por Goldsmith, pouco tempo após o seu doutoramento, num artigo com o título "The aims of autosegmental phonology", publicado em 1979 em D. Dinnsen (ed.), *Current Approaches to Phonological Theory*, Bloomington: Indiana University Press, 202-222. Tradução portuguesa em: Mateus e Villalva (eds.): 295-337.
[28] George Clements. The Geometry of Phonological Features. *Phonology yearbook* 2: 1985: 225-252. Ver também George N.Clements e Elizabeth Hume. Internal organization of speech sounds. In John Goldsmith (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Mass.: Basil Blackwell, 1995: 245-306.

cussão teórica da noção de *subespecificação*[29], que retoma o conceito de marca e propõe mecanismos formais que permitem determinar a incompleta especificação dos segmentos subjacentes.

A teoria auto-segmental e o modelo da geometria de traços têm orientado várias análises recentes da fonologia do português. Uma perspectiva de conjunto das principais questões segmentais e prosódicas encontra-se em *The phonology of Portuguese*, publicada em 2000 por Maria Helena Mateus e Ernesto d'Andrade. Dos mesmos autores existem artigos sobre a estrutura da sílaba em português, sobre a natureza dos seus constituintes e sobre a silabificação de base. A aquisição da sílaba tem sido tratada por Maria João Freitas que desenvolveu igualmente análises sobre os constituintes silábicos e sobre a estrutura dos segmentos que os preenchem. Uma estatística do tipo de sílabas ocorrentes no português, com reflexos na determinação da sílaba canónica, está presente no artigo publicado por Marina Vigário e Isabel Falé.

A estrutura interna dos segmentos fonológicos e a natureza da sua subespecificação são discutidas por Maria Helena Mateus e por Maria Augusta Miguel, integrando-se os trabalhos desta última autora na teoria da regência e do charme[30]. Questões relacionadas com a harmonização vocálica nos verbos e com o processo de nasalização têm sido objecto de análises realizadas por Maria Helena Mateus e Ernesto d'Andrade.

Na continuação do trabalho sobre o acento de palavra e no enquadramento da perspectiva auto-segmental, Ernesto d'Andrade propõe o modelo da onda rítmica com construção de uma grelha métrica, e Isabel Pereira, ao tratar o acento de palavra, introduz a análise do acento secundário.

A investigação sobre a entoação em português tem uma primeira abordagem, a partir de dados de fonética experimental, no trabalho de Maria do Céu Viana que data de 1987. O levantamento dos padrões entoacionais e a contribuição desses padrões para a estruturação das sequências de fala em português é objecto da dissertação de doutoramento de Ana Isabel Mata, no quadro da análise experimental de dados da fala espontânea.

---

[29] A teoria da subespecificação foi inicialmente desenvolvida por Diana Archangeli em Aspects of Underspecification Theory. *Phonology Yearbook* 5, 1988: 183-207.

[30] Sobre estas teorias ver, sobretudo, Jonathan Kaye. *Phonology: a cognitive view*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum, 1989 e, do mesmo autor, Government in phonology: the case of Moroccan Arabic. *Linguistic Review* 6:131-160. Ver ainda Monique Charette. *Conditions on phonological government*, Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

Deve-se a Marina Nespor e Irene Vogel uma obra de referência incontornável, publicada em 1986[31] e integrada nos modelos generativos mais recentes que propõe hipóteses gerais para o estudo das unidades entoacionais das línguas. Com o mesmo enquadramento teórico, Marina Vigário e Sónia Frota têm estudado a hierarquia dos constituintes prosódicos em português e têm realizado análises no sentido de caracterizar a palavra fonológica e os sintagmas fonológico e entoacional, e de determinar as fronteiras destes constituintes prosódicos. Questões de sândi externo, implicadas na análise das fronteiras de constituintes, têm sido tratadas por Marina Vigário. Sónia Frota publicou numerosos estudos sobre o foco fonológico, apresentando hipóteses teóricas do seu funcionamento a partir da identificação e análise do foco na fonologia do português. A contribuição da prosódia para a interpretação sintáctica tem sido tratada por Sónia Frota a propósito da análise do foco fonológico.

A relação entre o léxico e as componentes fonológica e morfológica das línguas, a caracterização da estrutura interna dessas componentes e a interacção das respectivas regras e processos deram origem a uma proposta de organização da gramática em que se devem considerar duas vertentes – a fonológica e a morfológica –, o que permite as duas designações de *fonologia lexical* e *morfologia lexical*. Esta teoria foi inicialmente proposta por Kiparsky em 1982[32] e tem sido desenvolvida por Mohanan[33] em trabalhos recentes. O conceito de regras lexicais e pós-lexicais que se aplicam, respectivamente, na componente lexical e na sua saída para a sintaxe é utilizado em análises dos processos e regras fonológicas, sobretudo na obra de Maria Helena Mateus e Ernesto d'Andrade publicada em 2000, e em trabalhos sobre constituintes prosódicos de Marina Vigário e Sónia Frota.

A recente teoria da optimidade teve até agora pouca repercussão nos trabalhos dos linguistas portugueses e apenas Ernesto d'Andrade, em artigo publicado em 1998, a tomou como instrumento de análise na discussão da natureza das glides em português.

A bibliografia apresentada como anexo a este artigo permite avaliar a vitalidade do trabalho que tem sido realizado no domínio da fonologia da língua portuguesa pelos linguistas portugueses.

---

[31] Marina Nespor e Irene Vogel. *Prosodic Phonology*, Dordrecht: Foris Publications, 1986.

[32] Paul Kiparsky. (1982). Lexical Morphology and Phonology. In I-S Yang (ed.). (1982). *Linguistics in the Morning Calm*, Seoul: Hanshin, 1982: 3-91.

[33] Keneth Mohanan. *The Theory of Lexical Phonology*. Dordrecht: Reidel, 1986

ANEXO BIBLIOGRÁFICO

ALMEIDA, António (1998) Variação fonética de /l/ em ataque silábico em português europeu. In: MOTA / MARQUILHAS (eds.) 1: 55-76.

ANDRADE, Amália (1987) *Um Estudo Experimental das Vogais Anteriores e Recuadas em Português. Implicações para a Teoria dos Traços Distintivos.* Dissertação para acesso à categoria de Investigador Auxiliar. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, INIC (publicação policopiada).

_____ (1996b) Alternância vogal/Ø e modificações consonânticas em português europeu. In: DUARTE / MIGUEL (eds.) 3: 153-186.

_____ (1996a) Reflexões sobre o 'e mudo' em português europeu. In: DUARTE / LEIRIA (eds.) 2: 303-344.

_____ (1994) Estudo acústico de sequências de oclusivas em português europeu. *Actas do 9º Encontro Nacional da APL.* Coimbra: Colibri. 1993: 1-15.

_____ (1992b) Ainda as vogais de Sagres. Estudo fonético da distinção recuado/não recuado. *Actas do 8º Encontro Nacional da APL.* Coimbra: 37-58.

_____ (1992a) Reflexões sobre as distinções de "altura" em português. *Workshop sobre o Português.* Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística (publicação policopiada).

_____ (1976) The Portuguese nasal vowels: phonetics and phonemics. In: SCHMIDT-RADEFELDT (ed.) *Readings in Portuguese Linguistics.* Amsterdam: North-Holland Publishing Comp.: 349-396.

_____ & MASCARENHAS, Isabel (1996) Para um estudo do vozeamento em início de vogal diante de consoante oclusiva. In: DUARTE / LEIRIA (eds.) 3: 529-546.

_____ (1995) Sobre a variação fonética de /i/ – uma primeira abordagem. *Actas do 10º Encontro Nacional da APL.* Évora: Colibri: 25-44.

ANDRADE PARDAL, Ernesto d' (1999) O papel da sonoridade da sílaba em português. *Actas do 14º Encontro Nacional da APL.* Lisboa: 99-116.

_____ (1997a) Sobre a alternância vogal/glide em português. In: MOTA / MARQUILHAS (eds.), vol. I: 91-102.

_____ (1997b) Some remarks about stress in Portuguese. In: MARTÍNEZ-GIL e MORALES-FRONT (eds.) *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages.* Washington: Georgetown University Press: 343-358.

_____ (1996) A fonologia pós-SPE. In: Faria et al. (eds.): 201-211.

_____ (1996). The syllable structure in Portuguese. *The Phonology in the World's Languages*. OUP: Pezenas.

_____ (1994a) Algumas particularidades do português falado no Funchal. *Actas do 9º Encontro Nacional da APL*: 17-30

_____ (1994b) Na onda do acento. In: Duarte / Leiria (eds.) 1: 157-174.

_____ (1993) *Dicionário Inverso do Português*. Lisboa: Cosmos.

_____ (1992a) Word stress in Portuguese. *Colóquio sobre Linguística Portuguesa*. Lisboa: GLOW

_____ (1992b) *Temas de Fonologia*. Lisboa: Colibri.

_____ (1984) Sobre os plurais em galego. *Boletim de Filologia* 29: 173.180

_____ (1981) Sobre a alternância vocálica em português. *Boletim de Filologia* 26: 70-81.

_____ (1979) A classificação das vogais e a diacronia. *Boletim de Filologia* 25: 21-5.

_____ (1977) *Aspects de la Phonologie (Générative) du Portugais*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, INIC.

_____ & Kihm, Alain (1988) Fonologia auto-segmental e nasais em português. *Actas do 3º Encontro Nacional da APL*. Lisboa, 1987: 51-60.

Andrade, Ernesto d' & Laks, Bernard (1996a) Stress and Constituency: the case of Portuguese. In: Durand, Jacques e Laks, Bernard (eds.) *Current Trends in Phonology: Models and Methods*. ESRI. Manchester: Universidade de Salford, vol. I: 15-41.

_____ (1992) Na crista da onda: o acento de palavra em português. *Actas do 7º Encontro Nacional da APL*. Lisboa, 1991: 15-26.

_____ (1988) Fonologia métrica e análise aritmética da quantidade. *Actas do 3º Encontro Nacional da APL*, Lisboa, 1987: 39-50.

Andrade, Ernesto d' & Rodrigues, Maria Celeste (1998). Das escolas e da cultura: história de uma sequência consonântica. *Actas do 14º Encontro Nacional da APL*. Lisboa: 117-133.

Andrade, Ernesto d' & Viana, Maria do Céu (1994) Sinérese, diérese e estrutura silábica. *Actas do 9º Encontro Nacional da APL*, Lisboa, 1993: 31-42.

_____ (1993a) Que horas são às (1)3 e 15?. *Actas do 8º Encontro Nacional da APL*, Lisboa, 1992: 59-66.

_____ (1993b) As sobrodas da translineação. *Actas do 1º Encontro de Processamento da Língua Portuguesa escrita e falada*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: 208-214 (publicação policopiada).

_____ (1989) Ainda sobre o acento e o ritmo em português. Actas *do 4º Encontro Nacional da APL*, Lisboa, 1988: 3-16.

_____ (1988). O ritmo e o acento em português. *Actas do 2º Encontro Regional da APL*, Lisboa (a publicar).

ANDRADE, Ernesto d', VIANA, Maria do Céu, OLIVEIRA, L. & TRANCOSO, Isabel (1993). Uma questão de equilíbrio. *Actas do 8º Encontro Nacional da APL*, Lisboa: 523-534.

BARBEIRO, Luís Filipe (1986) *Estrutura Silábica do Português. O Papel da Sílaba na Análise dos Processos Fonológicos e Fonéticos*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

BARBOSA, Jorge Morais (1994) *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*. Coimbra: Almedina.

_____ (1994) *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*. Coimbra: Almedina.

_____ (1988) Notas sobre a pronúncia portuguesa nos últimos cem anos. *Biblos* 64: 329-382.

_____ (1983) *Études de Phonologie Portugaise*. Évora: Universidade de Évora [Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, ¹1965].

CABRAL, Vasco & DELGADO-MARTINS, Maria Raquel (1993) Percepção e hierarquia de traços. *Actas do 8º Encontro Nacional da APL*. Lisboa, 1992: 67-78.

_____ (1980). A percepção da fala: alguns dados experimentais sobre as consoantes do português. *Revista Portuguesa de Psicologia*, vol. 14/16: 129-166.

CARVALHO, Joaquim Brandão de. (1989a) L'évolution des sonantes ibéro-romanes et la chute de –n-, –l– en galaico-portugais. *Revue de Linguistique Romane* 53: 159-188.

_____ (1989b). L'origine de la terminaison –ão du portugais: une approche phonétique nouvelle du problème. Zeitrischrift für Romanische Phonologie 105:148:160.

_____ (1989c) Phonological Conditions on the Portuguese Clitic Placement: on syntactic evidence for stress and rhythmical patterns. *Linguistics*, 27: 405-436.

_____ (1988a) Évolution phonologique, interférences grammaticales et aérologie: à propos des résultats de –ANU/-ANA en galicien. *Vox Romanica* 47: 184-198.

_____ (1988b) Nasalité et structure syllabique en portugais et en galicien: approche non linéaire et panchronique d'un problème phonologique. *Verba* 15: 237-263.

273

Castro, Ivo (1991) *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta

Castro, Ivo & Leiria, Isabel (1987) *A Demanda da Ortografia Portuguesa. Comentário do Acordo Ortográfico de 1986 e Subsídios para a Questão que se lhe Seguiu*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Castro, Ivo (ed.) (1997). *Actas do 12º Encontro Nacional da APL*. Lisboa: Colibri.

Cintra, Luís Filipe Lindley (1983) *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora.

_____(1971) Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia* 22: 81-116.

Costa, J. e Freitas, M. J. (1999) 'V e CV como estruturas não marcadas: evidência da aquisição do Português Europeu'. In *Actas do 14º Encontro Nacional da APL*. Braga: APL.

_____ (no prelo) 'Sobre a representação da nasalidade em Português Europeu: evidência dos dados da aquisição'. In: Hernandorena, C. (org). *Aquisição de Língua Materna e de Língua Estrangeira – aspectos fonético-fonológicos*. Pelotas: ALAB/EDUCAT.

Cruz-Ferreira, Maria Madalena (1985) Elementos para um estudo comparativo dos sistemas prosódicos do português e do inglês. *Miscelânea de Estudos Dedicados a Fernando de Mello Moser*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: 373-388

_____ (1983) *Non-native Comprehension of Intonation Patterns in Portuguese and in English*. Dissertação de doutoramento. Manchester: Universidade de Manchester

Delgado-Martins, Maria Raquel (1996) Relação fonética/fonologia: a propósito do sistema vocálico do português. In: Duarte / Leiria (eds.), vol. I: 311-326.

_____ (1989) Contributions à une théorie de la perception de l'accent et de l'intonation en portugais. In: Bothorel, André, Galdin, Jean-Claude, Wioland, François e Zerting, Jean-Pierre (1989). *Mélanges de Phonétiq. Générale et Experimentale Offerts à Péla Simon*. Strasbourg: Publications de l'Institut de Phonétique de Strasbourg: 313-319.

_____ (1988) *Ouvir falar: Introdução à Fonética do Português*. Lisboa: Caminho.

_____ (1983) *Sept Études sur la Perception*. Lisboa: Publicações do Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras.

_____ (1982) *Aspects de l'Accent en Portugais. Voyelles Toniques et Atones*. Hamburg: Buske.

_____ (1976) Vogais e consoantes do português: estatística de ocorrência, duração e intensidade. *Boletim de Filologia* 24: 1-11.

_____ 1973) Análise acústica das vogais tónicas em: português. *Boletim de Filologia* 22: 303-314

DELGADO-MARTINS, Maria Raquel & FREITAS, Maria João (1992) Contributo para a identificação de elementos estruturadores da entoação na leitura. *Actas do 7º Encontro Nacional da APL*, 1991, Lisboa: 255-270

_____ (1991). Temporal structure of speech: "reading news on TV". *Proceedings of the ESCA Workshop on Phonetics and Phonology of speaking styles*. Barcelona.

DELGADO-MARTINS, Maria Raquel, HARMEGNIES, Bernard & POCH, Dolors, (1996). Changement phonétique en cours du Portugais Européen. In: DUARTE / MIGUEL (eds.), vol. III: 249-260.

DUARTE, Inês & LEIRIA, Isabel (eds.) (1996) *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, 1994, Lisboa: Colibri.

DUARTE, Inês & MIGUEL, Matilde (eds.) (1996). *Actas do 11º Encontro Nacional da APL*, vol. III, 1995, Lisboa: Colibri.

ELLISON, Mark & VIANA, Maria do Céu (1995) Antagonismo e elisão de vogais átonas finais em: português europeu. In: DUARTE / MIGUEL (eds.): 261-282.

FALCÃO GONÇALVES, Patrícia (1984) A propósito de *Articulator Features and Portuguese Vowel Height*. *Boletim de Filologia* 29 (vol. 2): 355-382.

FALCÃO, Patrícia (1985) *Relações entre Fonética e Fonologia no Quadro Teórico da Gramática Generativa Standard*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

FALÉ, Isabel (1997) Duração das vogais tónicas e fronteiras prosódicas: uma análise em estruturas coordenadas. In: MOTA / MARQUILHAS (eds.): 255-270.

_____ (1995) *Fragmentos da Prosódia do Português Europeu: as Estruturas Coordenadas*. Dissertação de mestrado, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

FARIA, Isabel Hub / PEDRO, Emília / DUARTE, Inês / Gouveia, Carlos (eds.) (1996) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

FERREIRA, Valentina (1975) A alternância vocálica dos verbos portugueses: análise em fonologia generativa natural. *Actas do 1º Encontro para a Investigação e Ensino do Português*, vol. 1: 365-375.

FIGUEIRA, M. Luísa, FARIA, I. H., VIANA, M. C., FROTA, S. e ANDRADE, A. (1990) Effects of cloxazolam on the temporal organization of speech

in chronic paranoid schizophrenic patients. *Acta Psiquiátrica Portuguesa* , Vol. 36, 69-75.

Fikkert, Paula e Freitas, Maria João (1998). 'Acquisition of syllable structure constraints: evidence from Dutch and Portuguese'. *Proceedings of GALA'97 (Generative Approaches to Language Acquisition)*. Edinburgh: University of Edinburgh.

Freitas, Maria João (1998a) Os segmentos que estão nas sílabas que as crianças produzem: localidade silábica e hierarquia de aquisição. In: Mota / Marquilhas (eds.): 303-324..

_____ (1997) *Aquisição da Estrutura Silábica do Português Europeu*. Dissertação de doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.

_____ (1995b) Alveolar trill(ions of problems). evidence from children acquiring European Portuguese syllables. In: Faria, Isabel e Freitas, Maria João (eds.) *Studies on the Acquisition of Portuguese*. Lisboa: APL; Colibri.

_____ (1995a) Uma questão de ataque silábico nas primeiras palavras. In: Duarte / Miguel (eds.): 283-296.

_____ (1993) Sílaba e desenvolvimento fonológico: questões preliminares. *Revista Internacional da Língua Portuguesa* 10: 97-108.

_____ (1992) Contributo para o estudo de padrões de estruturação temporal da fala no português europeu. In: Pereira, Mata e Freitas (eds.): 77-103.

_____ (1988) Elementos para um estudo do tempo real no discurso. *Actas do 3º Encontro Nacional da APL*. Lisboa: 229-244.

_____ (1987) *Estratégias de Organização Temporal do Discurso em Português*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Freitas, M. J. (2000) 'O grupo consonântico 's+C' em início de palavra: evidência da aquisição do Português Europeu'. *Actas do 15º Encontro Nacional da APL*. Faro: APL Freitas,

Freitas, M. J. (1999) 'Estatutos das consoantes que fecham sílabas no Português Europeu: evidência dos dados da aquisição'. In: *Actas do 14º Encontro Nacional da APL*. Braga: APL.

_____. (no prelo) 'Pratos, patos e p[l]ratos: o caso da aquisição dos Ataques complexos em Português Europeu'. In: *Homenagem à Professora Henriqueta Costa Campos,* Revista da FCSH-UNL.

_____ (no prelo) 'Syllabic constituency and segmental emergence: Evidence from the acquisition of European Portuguese'. In: Proceedings

of *VIIIth International Congress for the Study of Child Language.* Sommerville: Cascadilla Press.

_____. (no prelo) ' Os *pinguins* são diferentes dos *coelhos?* Questões sobre oclusivas velares, semivogais e arredondamentos na aquisição do Português Europeu'. *Actas do 16º Encontro Nacional da APL.* Lisboa: APL.

_____. (no prelo) ' Os sons de ataque: segmentos, segmentos complexos e grupos segmentais na aquisição do Português Europeu'. *Anais do V Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem.* Porto Alegre: EDIPUCRS.

_____ & MIGUEL, Matilde (1998b) 'Prosodic and syntactic interaction: the acquisition of NP functional projections in European Portuguese'. In: *Proceedings of ConSOLE6.* Leiden: ConSOLE.

FREITAS, M. J. & FARIA, I. (1999). 'Order of acquisition for syllable structure: evidence from Portuguese children'. In: *Proceedings of ISAPL'97.* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

FREITAS, Maria João, MIGUEL, Matilde & FARIA, Isabel (2001) 'Interaction between Prosody and Morphosyntax: plurals within codas in the acquisition of European Portuguese'. In: B. Hoehle e J. Weissenborn (eds) *Proceedings of 'How to Get into Language: Approaches to Bootstrapping in Early Development'.* Amsterdam: John Benjamins Publishers.

FROTA, Sónia (2001) Nuclear falls and rises in European Portuguese: a phonological analysis of declarative and question intonation. A aparecer em *Probus Special Issue on Intonation in Romance.*

_____ (2000a) *Prosody and Focus in European Portuguese. Phonological Phrasing and Intonation.* New York: Garland Publishing.

_____ (2000b) On the Phonology of Focus in European Portuguese. Comunicação apresentada no GLOW Focus Workshop, University of Deusto, Bilbao.

_____ (2000c) Questões de associação e alinhamento tonal: implicações para uma teoria da entoação. *Actas do 15º Encontro Nacional da APL.* Rui V. Castro and Pilar Barbosa (eds) Vol.1, 513-532. Coimbra: APL

_____ (2000d) Tonal association and target alignment in European Portuguese nuclear falls. A aparecer em *Papers in Laboratory Phonolgy VII,* Natasha Warner and Carlos Gussenhoven (eds) Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (1997a) On the prosody and intonation of Focus in European Portuguese. In: MARTÍNEZ-GIL e MORALES-FRONT (eds.) *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages.* Washington: Georgetown University Press: 359-392.

_____ (1997b) Focus and Phrasing, Stress and Accent in European Portuguese. In: Matos, Gabriela (ed.) *Interfaces in Linguistic Theory*. Lisboa: APL; Colibri: 177-200.

_____ (1997c) Association, Alignment and Meaning: the tonal sequence HL and Focus in European Portuguese. In: Botinis, Antonis et al. (eds.) *Intonation: Theory, Models and Applications – Proceedings of an ESCA Workshop*. Atenas: ESCA; Universidade de Atenas: 127-130.

_____ (1996) Prosodic phrases and European Portuguese: in search of evidence. In: Antonietta Bisetti et al. (eds.) *Proceedings of ConSOLE III*, Leiden: SOLE: 47-69.

_____ (1995b). Clashes and Prosodic Domains in EP. *Proceedings 19*. Institute of Phonetic Sciences. University of Amsterdam: 93-107.

_____ (1995) Os domínios prosódicos e o português europeu: fenómenos de *sandhi*. *Actas do 10º Encontro Nacional da APL*. Évora, 1994: 221-238.

_____ (1994a) Aspectos da prosódia do português europeu. In: Bisol (ed.) *Fonologia: Análises não-lineares. Letras de Hoje* 98. Porto Alegre: 77-99.

_____ (1994b) Is Focus a phonological category in Portuguese? In: Ackema, P. e Schoorlemmer, M. (eds.) *Proceedings of ConSOLE I*. The Hague: Holland Academic Graphics: 69-86.

_____ (1994c) Recensões a M.B. Abaurre e L. Wetzels (orgs.)*Cadernos de Estudos Linguísticos*, nº 23, Jul/Dez 1992, Unicamp, Campinas e M. M. Machado (org.) *Cadernos de Estudos Linguísticos*, nº 25, Jul/Dez 1993, Unicamp, Campinas. In: *Revista Internacional de Língua Portuguesa* nº 12, Lisboa: AULP: 182-183.

_____ (1993a) On the prosody of focus in European Portuguese. *Proceedings of the Workshop on Phonology*. Coimbra: 45-66 (publ. policop.).

_____ (1993b) A prosódia do advérbio na frase. Interacção e convergência. *Actas do 8º Encontro Nacional da APL*. Lisboa, 1992: 204-224.

_____(1991) *Para a Prosódia da Frase: Quantificador, Advérbio e Marcação Prosódica*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Frota, Sónia e Jorge, Guilhermina (1989) Para um estudo da organização temporal no discurso de um esquizofrénico paranóide crónico. *Actas do 4º Encontro da APL*. FLUL: 281-303.

Frota, Sónia e Vigário, Marina (2000a) Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. *Actas do 15º Encontro Nacional da APL*. Rui V. Castro and Pilar Barbosa (eds), vol.1: 533-555. Coimbra: APL.

_____ (2000b) On the correlates of rhythmic distinctions: the Euroepan/ Brazilian Portuguese case. Poster apresentado na 7th *Conference on Laboratory Phonology*, University of Nijmegen. (1993) Aquisição da Prosódia – II: Categorias, Evolução e Interacção. *Análise Psicológica* , 4 (XI): 531-555.

_____ (a aparecer) Efeitos de peso no Português Europeu. In: *Homenagem à Professora Henriqueta Costa Campos*. Revista da FCSH-UNL.

_____ (1996) On Weight Effects in European Portuguese. *Glow Worshop on Weight Effects*. Atenas.

_____ (1995) The Intonation of one European Portuguese Infant: a First Approach. In: FARIA, Isabel e FREITAS, Maria João (eds.) *Studies on the Acquisition of Portuguese*. Lisboa: APL; Colibri: 17-34.

LACERDA, Armando (1970 e 1975) Objectos verbais e significado elocucional. Toemas e entoemas. Entoação. Sep. da *Revista do Laboratório de Fonética Experimental*, 7 e 8, Coimbra.

LEITE, Fernando (1997) Vogais silenciosas? In: CASTRO (ed.): 157-164.

MARÇALO, Maria João (1995) A flutuação dos fonemas em português. Uma questão de morfologia? *Actas do 10º Encontro Nacional da APL*: 255-268.

_____(1992) O círculo linguístico de Praga e a concepção de fonema. *Actas do 7º Encontro Nacional da APL*: 202-210.

MAIA, Clarinda de Azevedo (1996) O galego-português medieval: sua especificidade no contexto dos romances peninsulares e futura diferenciação do galego e do português. In: DUARTE e LEIRIA (eds.) vol. I. Lisboa: Colibri, 33-51.

_____ (1986) História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal do século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno). Coimbra: INIC.

MARTINS, Ana Maria (1999) Ainda 'os mais antigos textos escritos em português'. Documentos de 1175 a 1252. In: FARIA (org.): 491-534.

_____.(1995) A evolução das vogais finais ã, õ, e) no português. Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários in Memoriam de Celso Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 617-646.

MARTINS, Fernando (1995) *Modelo de Reconhecimento de Fala para a Língua Portuguesa: as Invariantes Fonéticas e a Programação por Objectos*. Dissertação de doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.

_____ (1986) *Entoação e Organização do Enunciado*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

279

Mascarenhas, Maria Isabel (1996) *Estudo da Variação Dialectal entre Lisboa e Porto das Vogais Átonas {-rec} e {+arr} em contexto inicial.* Dissertação de mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Mata da Silva, Ana Isabel (1990) *Questões de Entoação e Interrogação em Português. "Isso é uma Pergunta?".* Dissertação de mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

_____(1987) Ditongos crescentes do português: análise acústica. *Actas do 3º Encontro Nacional da APL.* Lisboa: 379-400.

Mata, Ana Isabel (1992) A questão da entoação na interrogação em português. "Isso é uma pergunta?". In: Pereira, Mata e Freitas: 33-74.

_____ & Pereira, Isabel (1992) Flexibilidade de contornos entoacionais em sequências de natureza interrogativa: percepção e interpretação. *Actas do 7º Encontro Nacional da APL.* Lisboa:

Mateus, Maria Helena Mira (1998) Ainda a subespecificação na fonologia do português. In: Mota / Marquilhas (eds.): 63-74.

_____ (1997a) Redundâncias lexicais e subespecificação: o sistema do português. In: Castro (ed.): 203-214.

_____ (1997b) Aspectos da fonologia lexical do Português. In: Brito, A. M. et al (eds.) *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes.* Porto: Campo das Letras: 7-22

_____ (1996a) Factos prosódicos nas gramáticas portuguesas. *Actas do 11º Encontro Nacional da APL.* Lisboa, (1995): 123-142._____ (1996a) Factos prosódicos nas gramáticas portuguesas. *Actas do 11º Encontro Nacional da APL.* Lisboa, (1995): 123-142.

_____ (1996b) Fonologia. In: Faria et al. (eds.): 171-199.

_____ (1996c) O português: caminhos da investigação. In: Duarte e Leiria (eds.) Lisboa: 7-22. _____ (1996c) O português: caminhos da investigação. In: Duarte e Leiria (eds.) Lisboa: 7-22.

_____ (1994) A silabificação de base em português. *Actas do 10º Encontro Nacional da APL.* Évora: 289-300.

_____ (1993) Onset of Portuguese Syllables and Rising Diphthongs. *Proceedings of the Workshop on Phonology.* Coimbra: 93-104.

_____ (1987) L´harmonie vocalique en Portugais. *Revue Européenne des Sciences Sociales*, 25 (=Hommage à Jean-Blaise Grize): 225-230.

_____ (1984) Fonologia do Galego e do Português. *Actas do I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza.* Ourense: 295-304.

_____ (1993) Onset of Portuguese Syllables and Rising Diphthongs. *Proceedings of the Workshop on Phonology.* Coimbra: 93-104.

_____ (1982) *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa: INIC (Textos de Linguística, 6) [Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, [1]1975].

_____ (1982) O acento da palavra em português: uma nova proposta. *Boletim de Filologia*, 28: 211-229.

_____ (1976) The Portuguese perfect indicative: a generative approach. In: Schmidt-Radefeldt (ed.) *Readings in Portuguese Linguistcs*. Amsterdam: North-Holland Publishing Comp.: 397-424.

MATEUS, Maria Helena Mira & DELGADO-MARTINS, Maria Raquel (1982) Contribuição para o estudo das vogais átonas [«] e [u] no português europeu. *Biblos* 58: 111-128.

MATEUS, Maria Helena Mira, VILALVA, Alina, (eds.) (1985) *Novas Perspectivas em Fonologia: Organização e Introdução*. Lisboa: Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras de Lisboa.

MATEUS, Maria Helena Mira, VIANA, Amália Andrade & VILALVA, Alina, (1991) *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

MATEUS, Maria Helena Mira, ANDRADE, Ernesto d' (2000) *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.

_____ (1998) The syllable structure in European Portuguese. *D.E.L.T.A* 14/1: 13-32, S. Paulo.

MATOS, Gabriela, MIGUEL, Matilde, FREITAS, Maria João e FARIA, Isabel (1998) 'Functional Categories in early acquisition of European Portuguese'. In: *Proceedings of GALA'97 (Generative Approaches to Language Acquisition)*. Edinburgh: University of Edinburgh.

MIGUEL, Maria Augusta Cavaco (1999) *O Acento de Palavra em Português – uma Análise Métrica*. Dissertação de doutoramento. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

_____ (1994) Interpretação fonológica de alguns plurais em português. *Actas do 10º Encontro Nacional da APL*. Évora: 331-340.

_____ (1993) *Os Padrões das Alternâncias Vocálicas e da Vogal Zero na Fonologia Portuguesa*. Dissertação de doutoramento. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

_____ (1993) Heavy diphthongs: a phonological view. *Proceedings of the Workshop on Phonology*. Coimbra: 105-114.

_____ (1990) As consoantes R/r na cadeia silábica. *Actas do 6º Encontro Nacional da APL*: 229-238. Porto.

_____ (1989) Alternância da vogal fria com a vogal zero em núcleos pretónicos. *Actas do 5º Encontro Nacional da APL*. 119-126 Lisboa:.

Mota, Maria Antónia & Marquilhas, Rita, (eds.) (1998) *Actas do 13º Encontro Nacional da APL*, 1997. Colibri Lisboa:.

Pereira, Isabel (1998) A regra do acento em português e o seu lugar na gramática. Comunicação apresentada no *13º Encontro Nacional da APL*. Lisboa.

_____ (1997) O acento latino e o acento em português: do troqueu moraico ao troqueu silábico. In: Castro (ed.): 269-276.

_____ (1993) Grid-only versus constituency in the study of stress in Portuguese. *Proceedings of the Workshop on Phonology*. Coimbra: 115-125.

_____ (1992) Panorama das abordagens linguísticas das questões prosódicas. In: Pereira, Mata e Freitas: 3-32.

_____ (1992) Questões de acento. *Actas do 8º Encontro Nacional da APL*. Lisboa: 418-430.

_____(1990) *Da Prosódia: Análise da Evolução do Conceito de Prosódia e das Diferentes Abordagens Linguísticas das Questões Prosódicas*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Pereira, Isabel & Freitas, Maria João (1989) Valores do silêncio: contributo para o estudo da pausa na delimitação do grupo entoacional em português. *Actas do 5º Encontro Nacional da APL*: 171-186, . Lisboa .

Pereira, Isabel & Mata, Ana Isabel, & Freitas, Maria João (1992) *Estudos em Prosódia*. Lisboa: Colibri.

Pinto, Adelina Angélica (1981) A africada c& em português: estudo sincrónico e diacrónico. *Boletim de Filologia* 26: 139-192.

_____ (1980) A neutralização da oposição fonológica v/b em português. *Biblos* 56: 599-653.

Rio-Torto, Graça (1998) *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Colibri.

Rodrigues, Maria Celeste & Rodrigues, Maria Celeste, (2001) *Lisboa e Braga: Fonologia e Variação*. Dissertação de doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.

_____ (2000) Novos dados acerca de /#OSC/. *Actas do 15º Encontro Nacional da APL*. Faro: 287-300.

Rodrigues, Maria Celeste & Martins, Fernando (2000) Espaço acústico das vogais acentuadas de Braga. *Actas do 15º Encontro Nacional da APL*. Faro: 301-316.

Santos, Isabel Almeida (1997) Fenómenos de palatalização vocálica na România: valor dialectal em território português (continental). *Actas do 12º Encontro Nacional da APL*, vol. II, Braga: 273-287. .

VIANA, Maria do Céu _____ (1987) *Para a Síntese da Entoação do Português.* Dissertação para acesso à categoria de investigador auxiliar. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, INIC (publicação policopiada).

_____ (1984) Étude de deux aspects du consonantisme du Portugais: fricatisation et dévoisement. Dissertação de 'Doctorat de 3ème cycle', Strasbourg: Université de Strasbourg

_____ (1979) O índice duração e a análise acústica das oclusivas orais em português. *Boletim de Filologia* 25: 1-19.

_____ ANDRADE, E. d', OLIVEIRA, L., TRANCOSO, I.(1992) Uma questão de equilíbrio. *Actas do 8º Encontro Nacional da APL*, Lisboa: 523-534.

_____ MARQUES, G. & SILVA, F.(1996) Sobre a pronúncia de nomes próprios, siglas e acrónimos em português europeu. In: DUARTE / LEIRIA (eds.) vol. III. Lisboa: 481-520.

VIGÁRIO, Marina (1998) *Aspectos da Prosódia do Português Europeu: Estruturas com Advérbios de Exclusão e Negação Frásica.* Universidade do Minho: Centro de Estudos Humanísticos.

VIGÁRIO, Marina (1998). Elisão da vogal não-recuada final e a palavra prosódica no português europeu. In MOTA / MARQUILHAS (eds.): 359-376.

_____(1997) Marcação prosódica em frases negativas no português europeu. In: CASTRO (ed.): 329-349.

_____ (1997) Processos de desambiguação prosódica em estruturas com advérbios de exclusão. In: BRITO, A.M. et al. (eds.) *Sentido que a Vida faz. Estudos para Óscar Lopes.* Porto: Campo das Letras: 855-868.

_____ (199) Pronominal cliticization in European Portuguese: a postlexical operation. *Catalan Working Papers in Linguistics*: 219-237.

_____ & FALÉ, Isabel (1993). A sílaba do Português Fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica. *Actas do 9º Encontro Nacional da APL.* Coimbra: 465-478.

VIGÁRIO, Marina e FROTA, Sónia (1993) Aspectos da Aquisição da Prosódia do Português. *Actas do EPLP'93 – 1º Encontro de Processamento da Língua Portuguesa Escrita e Falada.* Lisboa, 203-208.

_____ (1992) Aquisição da Prosódia – I : Uma categorização das produções sonoras de e para a criança. *Análise Psicológica* , 4 (X): 457-478.

WORD OF MOUTH

Communication is power. An idea, passed from person to person, and village to village, can transform the world.

Start with the right idea.

Linguistics and Language Behavior Abstracts
offering

- abstracts of scholarly articles and books
- bibliographic entries for subject specific dissertations and book and other media reviews.

LLBA's timely and comprehensive coverage speaks volumes on current ideas in linguistics and language research

Available in print, online, on CD-ROM (from SilverPlatter and NISC) and on magnetic tape.

Visit our Web site: www.socabs.org for product information, links to relevant sites, and subscription-based access to the LLBA Speech, Language and Hearing Pathology subset.

LLBA

Linguistics and Language Behavior Abstracts

P.O. Box 22206, San Diego, CA 92192-0206

619/695-8803 • Fax: 619/695-0416 • email: socio@cerfnet.com

Anexo / Appendix

A Revista Científica no Próximo Século
(Scientific Journals in the Next Century)

Preliminar

Os trabalhos que se seguem constituíram um simpósio apresentado na 52ª Reunião Anual da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) realizada em Brasília de 8 a 14 de julho de 2000 como parte da programação oficial da Abralin. Este simpósio foi organizado por Leila Barbara a partir de informações sobre o interesse da comunidade em obter subsídios sobre a necessidade de revistas científicas, suas formas possíveis e as características envolvidas em sua organização. Leila Barbara convidou dois outros pesquisadores experientes em publicações científicas na área para disponibilizarem sua experiência: o Professor **Luiz A.Marcuschi** (UFPe), antigo representante da Lingüística no CNPq e membro do Conselho Editorial daquela agência que, além de sua larga experiência, teve oportunidade de fazer levantamento minucioso, como de resto, é seu hábito, das publicações periódicas brasileiras na área de letras e lingüística; o Professor **Vilson Leffa (UCPEL)**, então presidente da Alab (Associação de Lingüística Aplicada e editor da revista Linguagem e Ensino e do CD-ROM TELA \ Textos em Lingüística Aplicada. O terceiro apresentador, Leila Barbara falou na qualidade de Editora da D.E.L.T.A.

Foreword

The papers below were presented as a symposium at the 52nd Annual Meeting of the SBPC (the Brazilian Society for the Advancement of

Science) that took place in Brasilia, Brazil, from July 8-14, 2000 as part of the official Programme of Abralin (the Brazilian Linguistic Society). The symposium was organized by Leila Barbara based on a common interest in the issues of providing greater availability of scientific publications in the various branches of Linguistics, their possible formats, as well as different aspects of their organization. Leila Barbara invited two specialists in the area to share their experience: **Luiz A. Marcuschi** (UFPe), the former representative of Linguistics in CNPq's (the National Research Council) scientific committee and a member of the editorial committee of that agency – in addition to sharing his wide experience, Professor Marcuschi prepared a detailed survey of Brazilian journals in Linguistics; the other member of the symposium, Professor **Vilson Leffa** (UCPEL), was the president of Alab (the Brazilian Association for Applied Linguistics) and is the editor of both the journal 'Linguagem e Ensino' and TELA ('Textos em Linguística Aplicada'), a compilation of texts in Applied Linguistics distributed on CD-ROM. The third participant, Leila Barbara spoke as Editor of D.E.L.T.A.

286

Revistas Brasileiras em Letras e Lingüística[1]

(Letters and Linguistics Brazilian Journals)

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE)

Observações preliminares

As observações que se seguem a respeito de como deveríamos ou poderíamos nos portar nos próximos anos em relação a periódicos científicos nas áreas de Letras e Lingüística (L&L), bem como as informações constantes na listagem de revistas anexa formam um subsídio preliminar para reflexão e conferência. Num segundo momento, discussões técnicas, levantamentos mais completos e atualizados deverão confirmar ou rever as propostas e os dados. É possível que algumas revistas arroladas não mais existam e várias outras sequer tenham sido incluídas por simples desconhecimento de minha parte.[2] O ideal seria que as áreas de L&L ainda dispusessem da publicação que já existiu por alguns anos, ou seja, os ***Sumários Correntes de Periódicos em Letras e Lingüística***.[3] Esse poderia ser um instrumento bastante útil na divulgação da produção científica recente e atualizada. Seu formato poderia ser o de uma informação via *Internet* para uma atualização permanente, tal como existe em algumas outras áreas.

---

[1] Esta comunicação foi apresentada na programação científica da ABRALIN durante a 52ª Reunião Anual da SBPC, em Brasília, de 8 a 14 de julho de 2000. O simpósio em que o texto foi apresentado estava a cargo da profa. Leila Barbara (PUC-SP), tendo ainda participado da mesa o prof. Vilson José Leffa (UCPEL). Esta relação foi consideravelmente ampliada a partir daquela comunicação e se encontra aqui com um número grande de periódicos.

[2] Algumas revistas estão desativadas, mas a indicação deste dado é difícil e somente uma revisão das informações aqui prestadas pode dar maior precisão a este aspecto. Agradeço à atual presidente da ANPOLL, Profa. Freda Indursky, o apoio na correção destes dados. Uma versão completa desta relação deverá ser divulgada pela ANPOLL no seu portal pela INTERNET.

[3] Esta publicação, que chegou ao quinto número sob a orientação do prof. Ulf Gregor Baranow, não teve continuidade. Incluia periódicos nacionais e estrangeiros, estampando apenas o sumário de cada um deles. Só apresentava periódicos que se encontrassem em alguma biblioteca brasileira a fim de que pudessem ser acessados com facilidade.

A Produção Científica e sua Divulgação

Pode-se perguntar **para que servem as revistas científicas**, cujas publicações têm hoje mais prestígio que os textos em coletâneas ou até mesmo os próprios manuais. A resposta seria simples: servem como veículo fácil, econômico e rápido para divulgar o conhecimento científico produzido naquele momento. Trata-se de uma estratégia de divulgação imediata, mas que não pode perder de vista a qualidade da produção divulgada. Daí a importância de uma política editorial explícita e um comitê editorial atuante. Em princípio, as revistas deveriam circular com mais agilidade entre os pesquisadores e os estudantes de uma dada área, mas o que se verifica não é bem isto. É surpreendente constatar que nos Cursos de Graduação, a grande maioria dos alunos sequer sabe o nome de alguma revista e poucos as consultam. Parece que a publicação de revistas e seu consumo está ainda restrito à Pós-Graduação.

Que produção merece divulgação? Em princípio, partindo da hipótese de que todo o trabalho científico merece respeito e deve oferecer qualidade, pode-se dizer que toda produção científica merece divulgação. Olhando com atenção as revistas existentes, percebe-se que este não é o caso: há revistas que não são boas. Portanto, aspecto importante, que deverá receber uma definição mais detida tanto por parte dos órgãos de fomento quanto da comunidade, é o que diz respeito ao que se deve considerar como **produção científica**.[4] Embora cada área tenha uma percepção do assunto, deve haver algumas regras gerais, sendo necessário, certamente, respeitar critérios específicos de cada área. Todos concordam em que a identificação da produção científica é essencial porque serve como indicador da vitalidade da área.

Ao lado dessas questões, poderíamos indagar ainda o seguinte: **quem publica?** No geral, publicam os docentes e pesquisadores da Pós-Graduação, mas já temos revistas de Graduação sendo publicadas. No geral,

[4] Neste momento não me deterei em todos os aspectos da questão e sim apenas às revistas. Mas será de grande importância abrir um debate sobre o tema abrangendo todo o leque de produção para definir o que entendemos por produção científica em nossas áreas. Por exemplo, em relação a trabalhos em jornais diários, em revistas de divulgação ao grande público e em revistas não especializadas; ou então o caso do valor de livros, capítulos de livros, relatórios técnicos não publicados, mas acessíveis em algum local certo; ou os trabalhos publicados em anais de congressos, resultados de estudos em grupo, divulgação pela Internet e assim por diante.

parece claro que é a Pós-Graduação que oferece hoje o maior contingente de publicações. Contudo, o mapeamento da autoria dos artigos em revistas está por ser feito e merece um trabalho a parte.

Outro aspecto interessante a ser aqui observado é o que diz respeito a **quem edita revistas**. Isto pode ser observado de dois ângulos: (1) no geral, são instituições ou cursos que editam as revistas e não editoras; isto pelo menos no Brasil (2) não temos a tradição de um editor qualificado (treinado para este fim) e os Cursos ou as Instituições vão atribuindo a tarefa editorial, em rodízio, para coordenadores ou indivíduos que disponham de tempo para isso, quando de fato a editoração não pode ser feita de forma tão amadorística. Não temos ainda uma cultura sólida da editoração de revistas e do "editor" técnico.

Quantas revistas temos? Não existe ainda uma relação das revistas publicadas no Brasil na áreas de L&L.[5] Também não sabemos ainda como se acham as publicações em relação à sua indexação em nossas áreas. É provável que com o tempo tenhamos mais informações e visibilidade sobre a questão. Há uma revista das áreas de L&L produzida pela Graduação, mas resolvi incluí-la pelo simples fato de ser específica e ter uma política editorial muito clara.

Seria de utilidade saber quais são os órgãos mais importantes, de maior impacto e com mais trabalhos citados. Mas esse índice de citação não está nem perto de ser cogitado entre nós já que não indexamos as revistas.

Proliferação de revistas

Não é novidade, nem é de hoje a imensa pressão exercida pelas instituições de ensino e pesquisa e pelos órgãos de fomento no quesito publica-

[5] Problema adicional é o que deveria ou não contar como revista nas áreas de L&L. Veja-se o caso da revista **CULT** que tem como subtítulo **"Revista Brasileira de Literatura"**. Trata-se de um órgão de L&L no sentido técnico do termo ou apenas de uma revista comercial? Não incluí esse periódico mensal entre as revistas técnicas por pura falta de segurança quanto ao critério que deveria seguir. Mas pode-se incluí-la, desde que assim se decida. Outra revista é a ***Tempo Brasileiro***, que em boa parte é uma revista também de L&L, mas não tem o mesmo perfil em todos os casos. Há ainda algumas revistas de Educação que são muito mais voltadas para a área de L&L do que para a educação como tal. Cito por exemplo ***Instrumento – Revista de Estudo e Pesquisa em Educação***, produzida na UFJF, desde 1999.

289

ções. Especialmente a partir do momento em que se instituiu a GED (Gratificação de Estímulo à Docência) em que a publicação passou a contar pontos indispensáveis. Não se trata de tê-las em quantidade, mas em qualidade. De certo modo, há um consenso entre a comunidade dos pesquisadores de que a **revista científica** é a forma mais rápida e eficiente para circulação das idéias. Daí sua proliferação entre nós. Mas uma proliferação sem controle e de qualidade discutível.

O levantamento anexo, com dados preliminares, provavelmente não completos, mostra um fato curioso e até agora desconhecido. A grande proliferação de revistas deu-se na década de 90, especialmente na sua segunda metade. Os mais antigos são dois do início dos anos 50, e nos anos 60 surgiram outros 2, sendo que nos anos 70 foram criados 14 periódicos; nos anos 80 foram 21 e quase todos na primeira metade dos anos 80. Para muitos dos periódicos não foi possível identificar a data de início. É curiosa essa trajetória, pois sabemos que nos anos 70 surgiu a PG e entre 80-85[6] deu-se o melhor período para a capacitação e equipagem da PG e depois disto foram os anos 94-98 com alguns convênios interessantes e sobretudo com a exigência de publicações para as avaliações em função da GED. Isto significa que reagimos ao sabor das verbas e das pressões e não por um planejamento de produção. Tudo indica que o aumento de produção reflete **pressões institucionais** e não necessariamente maior investimento na pesquisa por parte dos pesquisadores.

Deve-se, no entanto, observar que nos anos 90 aumentou consideravelmente o número de doutores, já que os Cursos de Doutorado quase que duplicaram nesse período. Assim, com o aumento de Cursos e de Doutores, bem como de eventos científicos, foi necessário dar evasão a toda essa produção. Por outro lado, notou-se também que muitos Cursos de PG iniciaram a publicação de artigos de teses e dissertações (transformação tese/dissertação em artigo pela maior facilidade de publicação.

---

[6] Embora não tenha sido a única razão, mas certamente foi importante a criação da ANPOLL que muito contribuiu, com a formação dos GTs, para o aumento da produção científica e a proliferação de revistas. Também o fortalecimento de outras Associações Científicas (ABRALIN, ABRALIC, ALAB) e o surgimento de sociedades lingüísticas regionais, tais como o GEL, GELNE, ASSEL e outras, contribuiu para a ampliação de órgãos de publicação, já que cada qual tenta produzir sua revista.

Não obstante todas essas circunstâncias, parece pouco aconselhável que **cada Curso de PG** tenha sua revista, pois isto acaba por originar uma infinidade de revistas em sua maioria paroquiais[7]. Um Conselho Editorial de caráter nacional e até mesmo internacional para a revista não é garantia de qualidade, pois tudo dependerá de como o editor usa seu conselho para pareceres. Não se trata de impedir o surgimento de revistas científicas, mas de estimular uma produção de qualidade. Já houve quem propusesse a fusão de revistas para que sobrevivessem poucas, porém boas. Não creio que se possa fazer uma tal proposta sem um estudo muito profundo da questão, pois isto equivaleria a tirar parte da liberdade de decisão dos programas de PG e limitar as iniciativas.

Seja como for, no futuro deveremos pensar em sistemas de produção que não tenham os Cursos como base de sustentação e sim as sociedades científicas, correntes teóricas ou grandes linhas temáticas. Poderia haver muitas revistas, mas todas com identidade. Além disso, ao invés de haver muitos títulos haveria maior número de fascículos anuais e regularidade na edição.

Como comprovação do que estou afirmando, é só surgir uma primeira crise séria de financiamento à PG e muitas das revistas atuais não serão mais editadas ou terão sua periodicidade comprometida.

Já é o momento de se fazer uma discussão mais completa a respeito das publicações em nossas áreas não só em relação às revistas, mas também em relação aos anais e aos livros e coletâneas de textos. Embora haja uma certa "exuberância" editorial nas nossas áreas, não se tem a menor idéia de seu quantitativo. Também aumentou a participação das editoras comerciais bem como das editoras universitárias. Seria interessante se alguém se dedicasse a esse levantamento nos anos 90.

Profissionalismo editorial

Não são muitas as revistas científicas em L&L que poderiam ser tidas como de **produção, distribuição e cuidado profissionais**. Muitas são

[7] Ao se observar o panorama das revistas, pode-se imaginar que se trata de uma questão de **prestígio institucional** o fato de dispor de uma ou mais revistas. Pois isto é sempre indicado com orgulho em páginas centrais dos folhetos de divulgação das instituições. Segundo me consta há ainda cerca de 10 revistas em gestação neste momento e é provável que aqui faltem mais de duas dezenas, pois não considero este levantamento completo

291

relativamente amadorísticas. Se tomarmos as revistas de Universidade renomadas do país, veremos que muitas das 128 revistas não têm ISSN indicado. A maioria não informa a periodicidade, algumas sequer trazem o endereço e 31 não tem a informação sobre o ano de início da publicação. Isto para ficar apenas no que se refere a um aspecto estritamente formal. O curioso é que há revistas que sequer apresentam o endereço para correspondência e não indicam a vinculação institucional. Não sabemos se são números avulsos ou não.

Quanto à **padronização**, em termos de cuidado na forma de citação, dados bibliográficos e marcas características, não se observa regularidade. Falta a muitas de nossas revistas um projeto gráfico, uma definição de tratamento textual e todo tipo de uniformização. Isto é lamentável e afasta nossas revistas do mercado internacional. Já o simples manuseio torna muitas destas revistas desagradáveis. Deve-se, no entanto, dizer que o cuidado vem aumentando sensivelmente e as revistas mais atuais já estão com formato e requisitos técnicos bem mais planejados.

Dois aspectos são preocupantes: primeiro, a falta de **periodicidade** e, segundo, a péssima **distribuição e divulgação**. Creio que ambos os aspectos estão juntos e são responsáveis pelo encalhe das revistas e por sua não circulação. Os programas de PG e todos os demais editores de revistas deveriam tomar a si o encardo de uma divulgação mais sistemática entre as instituições, bibliotecas e pesquisadores. Deveria ser criado algo assim como um sistema automático de troca ou intercâmbio entre todas as revistas existentes (pelo menos as institucionais), de maneira que isto propiciaria que todos dispusessem das coleções para consulta.

Proposta para uma política de periódicos científicos em L&L

Propor uma política editorial para revistas científicas numa dada área é sempre um empreendimento temerário, mas necessário. Nas diversas oportunidades em que me encontrei com colegas e discuti a questão, ouvi posições muito variadas, mas duas delas foram recorrentes e quase opostas, podendo ser aqui preliminarmente discutidas como alternativas. São elas:

a) **deveria haver muitas revistas** para que se pudesse publicar tudo o que se produz, já que não é fácil ter acesso às revistas consagradas, especialmente quando não se é de grandes centros ou não se freqüenta certos círculos;

b) **deveria haver um número limitado de revistas** para que só se publicasse o que é bom e não houvesse uma proliferação de trabalhos fracos ou inúteis.

Seguramente, as duas propostas têm seus prós e contras. Contudo, pondero que no caso de uma proliferação exagerada de revistas, como vem ocorrendo em nossas áreas no momento, teremos dificuldade de discernir entre o que é bom e o que não é. Uma mesma revista às vezes traz dois textos bons e 5 ruins, sendo que os dois bons se perdem porque a revista é tratada como ruim em seu todo. Por outro lado, de nada serve publicar de tudo já que isso não vai ajudar em nada além de ajudar os autores a terem currículos com títulos publicados. A multiplicidade sem avaliação é um problema sério porque não preserva a qualidade e só dá atenção para a quantidade. O argumento aduzido para a falta de acesso aos periódicos mais conhecidos e conceituados não é válido, pois basta ter um bom trabalho que ele terá colhida em bons periódicos. Não é necessário publicar 30 textos ruins ou medianos por ano. Bastam 3 ou 4 bons.

Quanto à política da qualidade, com redução do número de periódicos, trata-se de um ideal de difícil realização, pois cada curso quer ter sua identidade preservada. Além disso, parece-me que deveria haver uma cultura mais desenvolvida para a análise dos textos por pareceristas. Também seria necessário aumentar a periodicidade das revistas e torná-las mais profissionais no que tange à distribuição e assinaturas. A política editorial não deveria ser fechada ou então deveria haver revistas mais específicas de linhas teóricas ou de áreas de investigação. Um número reduzido ou uma política bem-pensada para os periódicos poderia disciplinar de maneira mais adequada a área. Mas isto teria o inconveniente do viés teórico predominante ou de correlações de forças nem sempre equilibradas.

Como se nota, tanto uma como outra dessas duas linhas teria inconvenientes bastante acentuados. Penso, pois, que se deveria achar uma terceira via que fosse uma espécie de compromisso entre ambas as aqui citadas e com isto se faria uma política mais clara em relação aos periódicos. Imagino que se poderia lançar estas idéias para início de discussão:

293

1. Nem todos os cursos precisam ter revistas científicas; seria possível unir vários cursos e fazer com que se produzissem revistas mais fortes e com periodicidade maior (ao invés de dois números anuais, fazer quatro, por exemplo).

2. Seria bom que houvesse mais revistas específicas de área (Letras e Lingüística separadamente), pois assim se teria uma distinção mais clara na orientação e nas políticas editoriais. Para as revistas hoje mistas, poderia-se prever números temáticos alternados.

3. As novas revistas a serem criadas poderiam se preferencialmente ligadas a Sociedades Científicas e não a instituições universitárias. Isto lhes daria uma identidade temática e uma linha de investigação mais definida.

4. Os financiamentos seriam canalizados para todas as revistas habilitadas. Haveria uma melhor distribuição e uso das verbas.

5. Deveria ser providenciada uma sistemática de distribuição das revistas, profissionalizando-as, talvez com a colaboração direta de editoras comerciais. Também poderia ser pensada uma forma de realizar um intercâmbio automático e sistemático de todas as revistas.

Nossa área ainda não despertou para a **publicação editorial eletrônica.**[8] E isto deverá acontecer em breve, pois não se admite hoje que uma área do conhecimento não tenha periódicos sistematicamente editados pela via eletrônica. Isto não equivale a apenas lançar na internet os trabalhos na forma como estão no papel. Trata-se de uma forma muito diferente de publicação. Falo em **revistas eletrônicas com características hipertextuais** e não em revistas atualmente impressas replicadas eletronicamente. Pois isto não seria suficiente. Este assunto é importante para o futuro. Seguramente, as revistas eletrônicas (reduplicação das atuais revistas em papel) é desejável pela facilidade que se teria em consultá-las, mas isso é pouco já que a tecnologia de revistas eletrônicas está bem mais avançada do que isso.

[8] A revista **D.E.L.T.A.** encontra-se hoje na WEB, mas não se trata de uma revista eletronicamente produzida. Ela está lá apenas como reduplicação do texto em papel.

Palavras finais

As observações aqui trazidas servem como estímulo inicial para discussão. Imagino que este assunto é muito importante para que permaneça sem um debate mais amplo. Por isso mesmo estão sendo divulgadas estas reflexões mesmo que ainda iniciais.

De igual modo, a relação anexa é de suma importância pelo fato de estar divulgando pela primeira vez para a área uma listagem "quase-completa" dos periódicos existentes. Peço a todos os colegas que tiverem acesso a estes documentos, que me remetam informações complementares com correções (já que deve haver equívocos aqui) ou sugestões para novos dados a serem incluídos.

ANEXO

Relação das Revistas Científicas Brasileiras em Letras & Lingüística

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE)
lamarcuschi@uol.com.br

As revistas abaixo foram elencadas sem obedecer a qualquer tipo de ordem. Certamente, teria sido bom definir algum critério, por exemplo, uma separação por área (Letras num grupo e Lingüística em outro), mas isto é praticamente inviável, com exceção de alguns poucos casos, pois as revistas em sua maioria ainda continuam mistas. Também teria sido bom colocá-las numa ordem cronológica pelo seu ano de surgimento. Ocorre, no entanto, que não se tem o ano de início de muitas delas. Quando se dispuser de informações mais detalhadas sobre as revistas, será possível estabelecer critérios mais rigorosos e mais sistemáticos tanto para sua classificação como para sua avaliação. Agradeço aqui aos inúmeros colegas que me deram estas informações e à ABRALIN, à DELTA e à ANPOLL pelo estímulo no levantamento.

(1)

Nome da Revista:	**Revista da ANPOLL**
ISSN: 1414-756-4	**Data de início:** 1995- ...
Endereço: Departamento de Lingüística – FFLCH/USP Av. Prof. Luciano Gualberto 403 Cx. Postal 8105 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada:** sim
Instituição de vínculo: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística – ANPOLL	
Observações: Publicação semestral. E-mail: fll@edu.usp.br ou pubflch@edu.usp.br Home-page: http://www.usp.br/fflch/fflch.html	

(2)

Nome da Revista:	**D.E.L.T.A** - Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada
ISSN: 0102-445	**Data de início:** 1985- ...
Endereço: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Departamento de Lingüística R. Monte Alegre, 984, 05014-001 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada:** sim
Instituição de vínculo: PUC-SP e ABRALIN	
Observações: Publicação semestral, indexada internacionalmente (LLBA; MLA; ULRICH'S International Periodicals Directory) E-mail: delta@exatas.pucsp.br Edição virtual: www.scielo.br/delta	

(3)

Nome da Revista:	**Cadernos de Estudos Lingüísticos**
ISSN: 0102-5767	**Data de início:** 1978- ...
Endereço: UNICAMP-IEL Setor de Publicações Cx. Postal 6045 13081-970 Campinas SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada:** sim
Instituição de vínculo: Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP	
Observações: semestral E-mail: spublic@iel.unicamp.br Home-page: http://www.unicamp.br/iel	

(4)

Nome da Revista:	**Boletim do Centro de Estudos Portugueses**
ISSN: 0101-7934	**Data de início:**1979- ...
Endereço: Faculdade de Letras – Centro de Estudos Portugueses Av. Antonio Carlos, 6627 Cidade universitária - Pampulha 31270-910 Belo Horizonte MG	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada:** sim
Instituição de vínculo: FALE-UFMG	
Observações:	

BEST COPY AVAILABLE

(5)

Nome da Revista:	**Caderno de Letras**
ISSN:	**Data de início**: 1994
Endereço: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais Pró-Reitoria de Extensão Av. D. José Gaspar, 500, Coração Eucarístico, Caixa Postal 1686 30535-610 Belo Horizonte MG	
Tem Corpo Editorial: não	**Tem política editorial informada**: não
Instituição de vínculo: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	
Observações: semestral – Tel (031) 319-1220	

(6)

Nome da Revista:	**Signótica**
ISSN: 0103-7250	**Data de início**: 1989- ...
Endereço: Curso de Pós-Graduação em Letras e Lingüística Departamento de Letras Universidade Federal de Goiás Campus Samambaia 74001-970 Goiânia GO	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: não
Instituição de vínculo:Curso de Pós-Graduação em Letras e Lingüística (UFG)	
Observações:	

(7)

Nome da Revista:	**Leitura: Teoria & Prática**
ISSN: 0102-387X	**Data de início**: 1981
Endereço: Leitura: Teoria & Prática Associação de Leitura do Brasil Faculdade de Educação – UNICAMP Cidade Universitária Zeferino Vaz 13081-970 Campinas SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Associação de Leitura do Brasil	
Observações: semestral	

(8)

Nome da Revista:	**Investigações – Lingüística e Teoria Literária**
ISSN: 0104-1320	**Data de início**: 1979
Endereço: Curso de Pós- Graduação em Letras e Lingüística Centro de Artes e Comunicação Universidade Federal de Pernambuco 50670-901 Recife PE	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Curso de Pós- Graduação em Letras e Lingüística (UFPE)	
Observações: Publicação semestral - Tel: (081) 3271-8312 E-mail: pgletras@npd.ufpe.br	

BEST COPY AVAILABLE

(9)

Nome da Revista:	**Revista de Estudos da Linguagem**
ISSN: 0104-0588	**Data de início**: 1984- ...
Endereço: Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG Faculdade de Letras sl 4004 Av. Antônio Carlos, 6627 31270-910 Belo Horizonte MG	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Faculdade de Letras da UFMG	
Observações: semestral	

(10)

Nome da Revista:	ALFA – Revista de Lingüística
ISSN: 0002-5216	**Data de início**:1962- ...
Endereço: Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação Estrada de Araraquara-Jaú 14800-000 Araraquara SPKm1 Cx.P. 174	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Departamento de Letras –UNESP- Araraquara	
Observações:	

(11)

Nome da Revista:	**The Especialist**
ISSN: 0102-7077	**Data de início**:1980- ...
Endereço: Curso de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada -CEPRIL PUC-SP R. Monte Alegre, 984 05014-000 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Curso de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada -CEPRIL	
Observações:	

(12)

Nome da Revista:	**Em Aberto**
ISSN: 0104-1037	**Data de início**: 1976
Endereço:S GAS – Quadra 607 – Lote 50- Asa Sul 70919-970 Brasília DF	
Tem Corpo Editorial: não	**Tem política editorial informada**: não
Instituição de vínculo: INEP – MEC	
Observações: Publica números monográficos encomendados; quadrimestral.	

(13)

Nome da Revista:	**Trabalhos em Lingüística Aplicada**
ISSN: 0103-1813	**Data de início**: 1983-...
Endereço: Departamento de Lingüística Aplicada – IEL/UNICAMP Setor de Publicações Cx. Postal 6045 13081-970 Campinas SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Departamento de Lingüística Aplicada – IEL/UNICAMP	
Observações: semestral E-mail: spublic@iel.unicamp.br Home-page: http://www.unicamp.br/iel	

BEST COPY AVAILABLE

(14)

Nome da Revista:	**Estudos Lingüísticos – GEL**
ISSN: 1413-0939	**Data de início**: 1978
Endereço: variável de acordo com o local da Diretoria do GEL	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo	
Observações: Publica, em geral, os anais do Congresso do GEL O endereço é o da Diretoria em exercício	

(15)

Nome da Revista:	**Letras de Hoje**
ISSN: 0101-3335	**Data de início**:1967-...
Endereço: Departamento de Letras Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS Av. Ipiranga 6681, prédio 33 - C.P. 12001 90620-000 Porto Alegre RS	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Departamento de Letras – PUC-RS	
Observações:	

(16)

Nome da Revista:	**Filologia e Lingüística Portuguesa**
ISSN:	**Data de início**: 1997
Endereço: Editora Humanitas – FFLCH/USP Rua do Lago 717 Cidade Universitária – USP 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – USP	
Observações: E-mail- pubfleh@edu.usp.br http://www.usp.br\fflch\fflch.html	

(17)

Nome da Revista:	**Estudos Lingüísticos e Literários**
ISSN: 0102-5465	**Data de início**: 1984
Endereço: Instituto de Letras Universidade Federal da Bahia – UFBA Campus de Ondina 40170-290 Salvador BA	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística – UFBA	
Observações: E-mail: pglet@ufba.br - Tel: (071)366-8355	

(18)

Nome da Revista:	**Interfaces**
ISSN:	**Data de início**: 1995
Endereço: Universidade Federal do Rio de Janeiro Centro de Letras e Artes Coordenação de Integração Acadêmica de Pós-Graduação Universitária Cidade Universitária - Edifício da Reitoria – Térreo 21949-900 Rio de Janeiro RJ	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Centro de Letras e Artes – UFRJ	
Observações: Tel: (021)290-2112	

BEST COPY AVAILABLE

(19)

Nome da Revista:	**Letras**
ISSN: 1519-3985	**Data de início**: 1991 - ...
Endereço: Universidade Federal de Santa Maria Prédio do centro de Educação, Letras e Biologia Mestrado em Letras – Sala 3222 – Bloco A2 97105-900 – Santa Maria - RS	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: não
Instituição de vínculo: Curso de Mestrado em Letras - UFSM	
Observações: Semestral e temática E-mail: mletras@cal.ufsm.br Assinaturas: http://www.ufsm.br/mletras Fone/ fax: (055) 220 8359	

(20)

Nome da Revista:	**Revista Brasileira de Lingüística**
ISSN:	**Data de início**: 1987
Endereço: Sociedade Brasileira de Professores de Lingüística (SBPL) Av. Prof. Luciano Gualberto 403 Bloco I térreo Cidade Universitária - Cx. Postal 8105 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Sociedade Brasileira de Professores de Lingüística (SBPL)	
Observações: semestral	

(21)

Nome da Revista:	**Linguagens, Educação e Sociedade**
ISSN:	**Data de início**:
Endereço: Coordenação de Curso de Mestrado em Educação Centro de Ciências da Educação Campus da Ininga 64049-550 Teresina PI	
Tem Corpo Editorial:	**Tem política editorial informada**:
Instituição de vínculo:	
Observações:	

(22)

Nome da Revista:	**Miscelânea**
ISSN: 0104-3420	**Data de início**: 1993
Endereço: Revista de Pós-Graduação em Letras: Teoria Literária, Literatura Comparada e Literaturas de Língua Portuguesa Faculdade de Ciências e Letras – UNESP - Cx. Postal 335 19899-000 Assis SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**:
Instituição de vínculo: Departamento de Literatura – UNESP-Assis	
Observações:	

(23)

Nome da Revista:	**Revista de Letras**
ISSN:	**Data de início**: 1978
Endereço: Departamento de Letras Vernáculas, de Letras Estrangeiras e Literatura Av. da Universidade, 2683 60020-181 Fortaleza CE	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Departamento de Letras Vernáculas, de Letras Estrangeiras e Literatura	
Observações: semestral	

(24)

Nome da Revista:	**Cadernos de História e Filosofia da Ciência**
ISSN: 0101-3424	**Data de início**:
Endereço: Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência UNICAMP CP 6133 13081-010 Campinas SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência–UNICAMP	
Observações:	

(25)

Nome da Revista:	**Gávea**
ISSN:	**Data de início**: 1984
Endereço: Revista de História da Arte e Arquitetura Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro Departamento de História R. Marquês de São Vicente, 225 sl 515- F 22453-900 Rio de Janeiro RJ	
Tem Corpo Editorial: SIM	**Tem política editorial informada**:
Instituição de vínculo: Departamento de História – UFRJ	
Observações: semestral – Fax: (021) 259-1642	

(26)

Nome da Revista:	**Odisséia**
ISSN: 1413 - 4640	**Data de início**: 1994
Endereço: Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Campus Universitário BR –101 s/n Lagoa Nova 59072-970 Natal RN	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes	
Observações: semestral E-mail: odisseia@echla.ufrn.br	

(27)

Nome da Revista:	**Estudos Anglo-Americanos ABRAPUI**
ISSN: 0102 – 4906	**Data de início**: 1977
Endereço: Caixa Postal 164 15001-000 São José do Rio Preto SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: ABRAPUI	
Observações:	

(28)

Nome da Revista:	**RL - Revista Literária**
ISSN:	**Data de início**:
Endereço: Centro de Extensão da Faculdade de Letras da UFMG Av. Antônio Carlos, 6627 sl L 2000 – 2 andar 31270-000 Belo Horizonte MG	
Tem Corpo Editorial: não	**Tem política editorial informada**: não
Instituição de vínculo: Corpo Discente da UFMG	
Observações:	

BEST COPY AVAILABLE

(29)

Nome da Revista:	**Letras & Letras**
ISSN: 0102 – 3527	**Data de início**: 1985
Endereço: Departamento de Letras e Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas Universidade Federal de Uberlândia 38400-902 Uberlândia MG	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Departamento de Letras e de Línguas Estrangeiras Modernas	
Observações: Tel – (034) 235-2888 R. 162	

(30)

Nome da Revista:	**Working Papers em Lingüística**
ISSN: 1415-1464	**Data de início**: 1998
Endereço: Curso de Pós-Graduação em Letras e Lingüística Centro de Comunicação e Expressão Universidade Federal de santa Catarina Florianópolis SC	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: não
Instituição de vínculo: Curso de Pós-Graduação em Letras e Lingüística (UFSC)	
Observações: semestral	

(31)

Nome da Revista:	**Revista Philologus – O Filólogo de Plantão**
ISSN: 1423-6457	**Data de início**: 1995
Endereço: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos (CiFEFiL) Rua Visconde de Noterói 512 /97 20943-000 Rio de Janeiro RJ	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos (CiFEFiL)	
Observações: quadrimestral E-mail: pereira@uerj.br Home-page: www.filologia.org.br	

(32)

Nome da Revista:	**Forum Lingüístico**
ISSN: 1415-8698	**Data de início**: 1998
Endereço: Pós-Graduação em Lingüística Cxa. Postal 476 88040-970 Florianópolis SC	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Pós-Graduação em Lingüística (UFSC)	
Observações: E-mail: forum@cce.ufsc.br	

(33)

Nome da Revista:	**Confluência**
ISSN:	**Data de início**:
Endereço: HVF - Arte e Cultura R. Salvador Garcia, 39 - Butantã 05503-030 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: não
Instituição de vínculo: Departamento de Lingüística	
Observações:	

(34)

Nome da Revista:	**Comunicação e Educação**
ISSN: 0104 – 6829	**Data de início**:
Endereço: CCA – ECA - USP Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443, Bloco Central, Cidade Universitária – USP 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Departamento de Comunicações e Artes - USP	
Observações:	

(35)

Nome da Revista:	**Moara**
ISSN: 0104-0944	**Data de início**: 1993
Endereço: Curso de Pós-Graduação em Letras Centro de Letras e Artes – Universidade Federal do Pará Campus Universitário do Guamá, 66075-900 Belém PA	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Curso de Pós-Graduação em Letras – UFPA	
Observações:	

(36)

Nome da Revista:	**Organon**
ISSN: 0102 – 6267	**Data de início**: 1956
Endereço: Instituto de Letras Universidade Federal do Rio Grande do Sul Av. Bento Gonçalves, 9500 Cx. Postal 15002 91540-000 Porto Alegre RS	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Instituto de Letras – UFRGS	
Observações: E-mail: iletras@vortex.ufrgs.br Home-page: http://www.ufrgs.br/iletras Fone: (051)316-66.97 Fax: (051)319-17-19	

(37)

Nome da Revista:	**Letras**
ISSN: 0102 – 0250	**Data de início**:
Endereço: Revista do instituto de Letras Edifício do Instituto de Letras – PUCCAMP Rua Barreto Leme, 1225 13020-000 Campinas SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Instituto de Letras – PUCCAMP	
Observações: Tel: (019) 236-7001 R. 260	

(38)

Nome da Revista:	Trans/form/ação
ISSN: 0101 - 3173	Data de início: 1975
Endereço: Faculdade de Filosofia e Ciências Av. Hygino Muzzi Filho, 737 17500-000 Marília SP	
Tem Corpo Editorial: sim	Tem política editorial informada: sim
Instituição de vínculo: Faculdade de Filosofia e Ciências	
Observações: interrompida em 1976 voltou a publicar em 1980.	

(39)

Nome da Revista:	Sisentibus
ISSN:	Data de início:
Endereço: Universidade Estadual de Feira de Santana Km-3, BR-116 Campus Universitário 44031-460 Feira de Santana BA	
Tem Corpo Editorial:	Tem política editorial informada:
Instituição de vínculo:	
Observações:	

(40)

Nome da Revista:	O Eixo e a Roda -Revista de Literatura Brasileira
ISSN:	Data de início: 1983
Endereço: Departamento de Letras Vernáculas Faculdade de Letras da UFMG Rua Carangola 288, 7º andar 30000-000 Belo Horizonte MG	
Tem Corpo Editorial: sim	Tem política editorial informada: não
Instituição de vínculo: Departamento de Letras Vernáculas – UFMG	
Observações:	

(41)

Nome da Revista:	Ilha do Desterro
ISSN: 0101-4846	Data de início: 1979
Endereço: Pós-Graduação em Inglês – CCE Universidade Federal de Santa Catarina - Trindade 88049-000 Florianópolis SC	
Tem Corpo Editorial: sim	Tem política editorial informada:
Instituição de vínculo: Programa de Pós-Graduação em Inglês – UFSC	
Observações:	

(42)

Nome da Revista:	Linha d'água
ISSN: 0103 - 3638	Data de início:
Endereço: Assossiação de Professores de Língua e Literatura Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 - Cidade Universitária USP Caixa Postal 8619 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	Tem política editorial informada: sim
Instituição de vínculo: Assossiação de Professores de Língua e Literatura	
Observações: E-mail fflch@edu.usp.br	

(43)

Nome da Revista:	**Cadernos de Linguagem e Sociedade**
ISSN: 0104-9712	**Data de início**: 1995
Endereço: Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernáculas Universidade de Brasília 70910-900 Brasília DF	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernáculas – UNB	
Observações:	

(44)

Nome da Revista:	**IPOTESI: Estudos Literários**
ISSN: 1415 - 2525	**Data de início**: 1997
Endereço: Instituto de Ciências Humanas de Letras Universidade Federal de Juiz de Fora 36036-330 Juiz de Fora MG	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo:Programa de Pós-Graduação em Letras – UFJF	
Observações: E-mail - pgletras@artnet.com.br Tel: (032) 229-3112	

(45)

Nome da Revista:	**VEREDAS: Revista de Estudos Lingüísticos**
ISSN: 1415-2533	**Data de início**: 1997
Endereço: Programa de Pós-Graduação em Letras Departamento de Letras Campus Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora 36036-330 Juiz de Fora MG	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo:Programa de Pós-Graduação em Letras /Mestrado em Lingüística	
Observações: E-mail: pgletras@artnet.com.br Tel: (032) 229-3112 fax: (032) 229-3110	

(46)

Nome da Revista:	**Scripta**
ISSN:	**Data de início**: 1997
Endereço: Centro de Estudos Luso-Afro-Brasileiros Pontifícia Universidde Católica de Minas Gerais – PUC-MG Av. Dom José Gaspar 50 Prédio 04, sala 103 30525-610 Belo Horizonte MG	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: PUC-MG	
Observações: semestral	

(47)

Nome da Revista:	**A Cor das Letras**
ISSN:	**Data de início**: 1997
Endereço: Departamento de Letras e Artes Universidade Estadual de Feira de Santana Feira de Santana BA	
Tem Corpo Editorial:	**Tem política editorial informada**:
Instituição de vínculo:	
Observações:	

(48)

Nome da Revista:	Revista Brasileira de Literatura Comparada
ISSN: 0103-6963	Data de início: 1991
Endereço: Revista da ABRALIC Instituto de Letras da UFF Rua Visconde do Rio Branco s/n Bl. C, sala 212 Campus do Gragoatá – Universidade Federal Fluminense - UFF 24000-000 Niterói RJ	
Tem Corpo Editorial: sim	Tem política editorial informada: sim
Instituição de vínculo: Associação Brasileira de Literatura Comparada	
Observações:	

(49)

Nome da Revista:	Acta Semiótica et Lingüística
ISSN:	Data de início: 1977
Endereço: SBPL - USP Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP Av. Prof. Luciano Gualberto 403 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial:	Tem política editorial informada:
Instituição de vínculo:	
Observações: anual	

(50)

Nome da Revista:	Discurso
ISSN:	Data de início: 1970
Endereço: Departamento de Filosofia USP São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial:	Tem política editorial informada:
Instituição de vínculo:	
Observações:	

(51)

Nome da Revista:	Estudos Portugueses e Africanos
ISSN: 0103-1821	Data de início: 1983
Endereço: UNICAMP-IEL Setor de Publicações Cx. Postal 6045 13081-970 Campinas SP	
Tem Corpo Editorial: sim	Tem política editorial informada: sim
Instituição de vínculo: IEL-UNICAMP	
Observações: semestral E-mail: spublic@iel.unicamp.br Home-page: http://www.unicamp.br/iel	

(52)

Nome da Revista:	Língua e Literatura
ISSN: 0101-4862	Data de início: 1972
Endereço: Departamento de Letras Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP C.P. 810 505508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	Tem política editorial informada: não
Instituição de vínculo: Departamento de Letras –USP	
Observações:	

(53)

Nome da Revista:	**Papia**
ISSN:	**Data de início**: 1993
Endereço: Departamento de Lingüística , Línguas Clássicas e Vernáculas Universidade de Brasília 70910-900 Brasília DF	
Tem Corpo Editorial:	**Tem política editorial informada**:
Instituição de vínculo:	
Observações:	

(54)

Nome da Revista:	**Linguagem – Revista para estudos de língua e literatura**
ISSN:	**Data de início**: 1983
Endereço: Rua Monte Alegre 984 sala 44 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP 05014-000 – São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial:	**Tem política editorial informada**:
Instituição de vínculo:	
Observações:	

(55)

Nome da Revista:	**Revista Camoniana**
ISSN:	**Data de início**:
Endereço: Centro de Estudos Portugueses FFLCH Departamento de Letras – USP Cidade Universitária – USP C. Postal 8105 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Centro de Estudos Portugueses – USP	
Observações:	

(56)

Nome da Revista:	**Revista de Estudos Árabes**
ISSN:	**Data de início**:
Endereço: Centro de Estudos Árabes Faculdade de Filosofia, Letras e Ciêncisa Humanas - USP Av. Prof. Luciano Gualberto 403 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: não
Instituição de vínculo: Centro de Estudos Árabes – FFLCH-USP	
Observações:	

(57)

Nome da Revista:	**Pandaemonium Germanicum – Revista de Estudos Germânicos**
ISSN: 1414 - 1906	**Data de início**: 1997
Endereço: Departamento de Letras Modernas Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP Av. Prof. Luciano Gualberto 403 Cidade Universitária - USP 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Departamento de Letras Modernas – FFCHL-USP	
Observações: E-mail dlm@edu.usp.br	

(58)

Nome da Revista:	**INSIEME – Revista da Associação de Professores de Italiano do Estado de São Paulo - APIESP**
ISSN:	**Data de início**: 1990
Endereço: Departamento de Letras Modernas Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP Av. Prof. Luciano Gualberto 403 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Associação de Professores de Italiano do Estado de São Paulo - APIESP	
Observações:	

(59)

Nome da Revista:	**Revista de Italianística**
ISSN:	**Data de início**:
Endereço: Departamento de Letras Modernas Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP Av. Luciano Gualberto 403 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: DLM – FFCHL-USP	
Observações: anual - Tel: (011) 210-2325	

(60)

Nome da Revista:	**Revista de Estudos Orientais**
ISSN:	**Data de início**: 1997-
Endereço: Departamento de Línguas Orientais Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP Av. Prof. Luciano Gualberto 40305508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Departamento de Línguas Orientais – USP	
Observações: E-mail - flo@edu.usp.br	

(61)

Nome da Revista:	**MAGMA – Revista da Pós-Graduação**
ISSN: 0104 - 6330	**Data de início**:
Endereço: Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada Faculdade Filosofia, Letras e e Ciências Humanas - USP Av. Prof. Luciano Gualberto 40305508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada – USP	
Observações: E-mail – flt@org.usp.br	

(62)

Nome da Revista:	**Literatura e Sociedade –Revista de teoria Literária e Literatura Comparada**
ISSN:	**Data de início:** 1997 -
Endereço: Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada Faculdade de Filosofia, Letras e ciências Humanas - USP Av. Prof. Luciano Gualberto 40305508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial:	**Tem política editorial informada:**
Instituição de vínculo:	
Observações:	

(63)

Nome da Revista:	**TradTerm**
ISSN: 0104 - 693X	**Data de início:**
Endereço: Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP Av. Prof. Luciano Gualberto 40305508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada:** sim
Instituição de vínculo: Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia – USP	
Observações: E-mail – citrat@edu.usp.br	

(64)

Nome da Revista:	**Alea: Estudos Neolatinos**
ISSN: 1517-106X	**Data de início:** 1999
Endereço: Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas Faculdade de Letras – UFRJ Av. Brigadeiro Trompovsky, s/n - Ilha do Fundão 21941-590 Rio de Janeiro RJ	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada:** sim
Instituição de vínculo: Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas – UFRJ	
Observações: E-mail - alea@letras.ufrj.br http://www.geocities.com/neolatinas	

(65)

Nome da Revista:	**Cerrados**
ISSN:	**Data de início:**
Endereço: Curso de Mestrado em Literatura Departamento de Teoria Literária e Literaturas Universidade de Brasília Campus Universitário L2 Norte –UNB 70910-900 Brasília DF	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada:** não
Instituição de vínculo: Curso de Pós-Graduação em Literatura – UNB	
Observações: Tel: (061) 348-2357	

(66)

Nome da Revista:	**Revista Brasileira de Letras – Lingüística e Literatura**
ISSN:	**Data de início**: 1999
Endereço: *Revista Brasileira de Letras* Departamento de Letras – Universidade Federal de São Carlos Rodovia Washingotn Luís, km 235 13565-905 São Carlos SP	
Tem Corpo Editorial: não	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Departamento de Letras – UFSCAR	
Observações:	

(67)

Nome da Revista:	**Linguagem & Ensino**
ISSN: 1415-1928	**Data de início**: 1998
Endereço: Mestrado em Letras Universidade Católica de Pelotas Rua Felix da Cunha 412 96010-000 Pelotas RS	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Mestrado em Letras da Universidade Católica de Pelotas	
Observações: E-mail: poslet@atlas.ucpel.tche.br Homepage: http://atlas.ucpel.tche.br/~poslet/le.htm	

(68)

Nome da Revista:	**Gragoatá**
ISSN: 1413 – 9073	**Data de início**:
Endereço: Av. Visconde do Rio Branco s/n Campus do Gragoatá – UFF Bloco C – Sala 501 24220-200 Niterói RJ	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Instituto de Letras – UFF	
Observações: E-mail – pgletras@nitnet.com.br	

(69)

Nome da Revista:	**SIGNUM –Estudos da Linguagem**
ISSN: 1516-3085	**Data de início**: 1998
Endereço: Revista Signum Programa de Pós-Graduação em Letras C.P. 6001 86051-990 Londrina PR	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual de Londrina	
Observações: E-mail: eduel@npd.uel.br Publicação anual	

(70)

Nome da Revista:	**Boletim da Associação Brasileira de Lingüística**
ISSN: 0102-7158	**Data de início**: 1981
Endereço: Variável, dependendo do local da Diretoria.	
Tem Corpo Editorial: não	**Tem política editorial informada**: não
Instituição de vínculo: ABRALIN	
Observações: Trata-se de um Boletim que se transformou em revista, mas publica quase que exclusivamente trabalhos apresentados em Reuniões ou Congressos promovidos pela ABRALIN.	

(71)

Nome da Revista:	**Ensino de Línguas – Série Cadernos**
ISSN: 0102 - 2040	**Data de início**:
Endereço: EDUC – Editora da PUC-SP R. Monte Alegre 984 C.P. 7982 05014-000 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: não
Instituição de vínculo: PUC-SP	
Observações: Tel: (011) 263-0211	

(72)

Nome da Revista:	**Scriptoria – Ensaios de Literatura**
ISSN:	**Data de início**:
Endereço: Editora da UFRN Campus Universitário – Lagoa Nova 59072 – Natal RN	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: não
Instituição de vínculo: Universidade Federal do Rio Grande do Norte	
Observações: Tel: (084) 215-3236	

(73)

Nome da Revista:	**Terceira Margem**
ISSN:	**Data de início**: 1993
Endereço: Faculdade de Letras – Pós-Graduação Universidade Federal do Rio de Janeiro Cidade Universitária – Ilha do Fundão 21491-000 Rio de Janeiro RJ	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: não
Instituição de vínculo: Faculdade de Letras – UFRJ	
Observações: Tel: (021) 590-0212 R. 248	

(74)

Nome da Revista:	**Remate de Males**
ISSN: 103 – 183X	**Data de início**:
Endereço: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) UNICAMP - Setor de Publicações CP – 6045 13083-970 Campinas SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Departamento de Literatura – IEL-UNICAMP Publicação anual	
Observações: E-mail - remate@unicamp.br	

BEST COPY AVAILABLE

(75)

Nome da Revista:	**Vivência**
ISSN: 0104 - 3069	**Data de início**: 1983
Endereço: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Campus Universitário – Lagoa Nova 59072-970 Natal RN	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: não
Instituição de vínculo: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes	
Observações: semestral	

(76)

Nome da Revista:	**Línguas/ Instrumentos Lingüísticos**
ISSN:	**Data de início**:
Endereço: Departamento de Lingüística UNICAMP C.P. 6045 13081-970 Campinas SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo:	
Observações: Tel: E-mail:	

(77)

Nome da Revista:	**Corpo e Voz**
ISSN:	**Data de início**:
Endereço: Faculdade de Ciências e Letras – Pós-Graduação UNESP CP. 174 14800-901 Araraquara SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: não
Instituição de vínculo: Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa	
Observações: E-mai. - pgling@fclar.unesp.br	

(78)

Nome da Revista:	**Ao Pé da Letra – Revista dos alunos de Graduação em Letras**
ISSN:	**Data de início**: 1999
Endereço: Departamento de Letras Centro de Artes e Comunicação Universidade Federal de Pernambuco 50670-901 Recife PE	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Departamento de Letras da UFPE	
Observações: Revista com publicações de trabalhos exclusivamente de alunos de Graduação em Letras e Lingüística. E-mail: dletras@npd.ufpe.br	

(79)

Nome da Revista:	**Revista do GELNE: Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste**
ISSN:1517-7874	**Data de início**: 1999
Endereço: Centro de Humanidades Universidade Federala do Ceará Av. da Universidade 2683 Benfica 60020-180 Fortaleza CE	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: GELNE – Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste	
Observações: E-mail: melias@ufc.br	

(80)

Nome da Revista:	**Hispanista**
ISSN:	**Data de início:**
Endereço eletrônico: http://www.hispanista.com.br Site situado na Universidade Federal Fluminense de Niterói	
Tem Corpo Editorial:	**Tem política editorial informada:**
Instituição de vínculo: Revista Eletrônica dos hispanistas do Brasil	
Observações: Edição virtual	

(81)

Nome da Revista:	**Revista Brasil de Literatura**
ISSN:	**Data de início:**
Endereço eletrônico: http://members.tripod.com/~lfilipe/ Site situado na Universidade Federal Fluminense de Niterói	
Tem Corpo Editorial:	**Tem política editorial informada:**
Instituição de vínculo: Universidade Federal Fluminense	
Obsérvações: Revista eletrônica - Edição virtual	

(82)

Nome da Revista:	**Sínteses**
ISSN:	**Data de início:** 1995
Endereço: UNICAMP-IEL Setor de Publicações Cx. Postal 6045 13081-970 Campinas SP	
Tem Corpo Editorial:	**Tem política editorial informada:**
Instituição de vínculo: IEL-UNICAMP	
Observações: Revista anual com resumos de teses dos pós-graduandos do IEL-UNICAMP E-mail: spublic@iel.unicamp.br Home-page: http://www.unicamp.br/iel	

(83)

Nome da Revista:	**SériENCONTROS – Revista**
ISSN:	**Data de início:**
Endereço: Faculdade de Ciências e Letras Seção de Pós-Graduação Caixa Postal 174 14800-901 Araraquara SP	
Tem Corpo Editorial: não	**Tem política editorial informada:** não
Instituição de vínculo: Universidade Estadual Paulista – UNESP Araraquara Pós Graduação em Letras	
Observações: E-mail: pgling@fclar.unesp.br	

(84)

Nome da Revista:	**CROP – Revista da Área de Língua e Literatura Inglesa e Norte-Americana**
ISSN: 1415-6253	**Data de início**: 1994
Endereço: Departamento de Letras Modernas – Área de Inglês Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 Cidade Universitária - USP 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Departamento de Letras Modernas – Área de Inglês - USP	
Observações: Publicação anual fone: (011) 210-2325 fax: (011) 818-5041 E-mail: dml@edu.usp.br	

(85)

Nome da Revista:	**Letras Clássicas**
ISSN: 1516-4586	**Data de início**: 1997
Endereço: Departamento de Letras Clássicas e Modernas Faculdade de Filosofgia Letras e Ciências Humanas - USO Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 2º andar, sala 4 Cidade Universitária - USP 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Departamento de Letras Clássicas e Modernas	
Observações: Tel: (011) 818-4294 Fax: (011) 818-5035 E-mail: di@edu.usp.br	

(86)

Nome da Revista	**Cadernos do Centro de Línguas**
ISSN: 1415-3653	**Data de início**: 1997
Endereço: Centro de Línguas – FFCHL Cidade Universitária - USP Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Centro de Línguas da USP	
Observações: tel: (011) 818-4589 E-mail: clinguas@edu.usp.br	

(87)

Nome da Revista:	**Cadernos de Literatura em Tradução**
ISSN:	**Data de início**: 1997
Endereço: Cadernos de Literatura em Tradução DLM – FFLCH - USP Cx. Postal 2530 01060-970 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: não	**Tem política editorial informada**: não
Instituição de vínculo: Departamento de Letras Modernas - USP	
Observações: tel: (011) 818-5052 fax: (011) 818-5041 E-mail: jmilton@usp.br	

(88)

Nome da Revista:	**Revista Letras**
ISSN:	**Data de início**: 1953
Endereço: Revista Letras – UFPR Profa. Anamaria Filizola Rua General Carneiro, 460 – 11° andar 80060-150 Curitiba PR	
Tem Corpo Editorial:	**Tem política editorial informada**:
Instituição de vínculo: Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR Curso de Letras – UFPR	
Observações: publicação semestral – indexada pelo *Modern Language Abstracts* (*MLA*) e *Citas Latinoamericanas em Ciencias Sociales y Humanidades* (*CLASE*). E-mail: revlet@humanas.ufpr.br Home page: http://www.humanas.ufpr.br/delin/revista-letras/revlet.htm	

(89)

Nome da Revista:	**Semear**
ISSN: 1415-3130	**Data de início**:
Endereço: Cleonice Berardinelli PUC-RJ	
Tem Corpo Editorial:	**Tem política editorial informada**:
Instituição de vínculo:Revista da Cátedra Padre António Vieira de Estudos Portugueses – PUC-RJ	
Observações:	

(90)

Nome da Revista:	**Via Atlântica**
ISSN: 1516-5159	**Data de início**: 1997
Endereço: Centro de Estudos Portugueses Área de estudos Comparados de Literaturas de Língua Porguguesa Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - USP Av. prof. Luciano Gualberto 403 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: : Centro de Estudos Portugueses / Área de estudos Comparados de Literaturas de Língua Porguguesa	
Observações: E-mail: ccp@trex.uspnet.usp.br	

(91)

Nome da Revista:	**Revista da ABRAPLIP**
ISSN:	**Data de início**: 1999
Endereço: Centro de Estudos Portugueses FALE-UFMG Av. Antônio Carlos, 6627, Sala 3031 31270-901 Belo Horizonte MG	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP)	
Observações: Tel: (031) 499-5134 E-mail: cesp@letras.ufmg.br	

(92)

Nome da Revista:	**Boletim do Centro de Estudos Portugueses "Jorge de Sena"**
ISSN: 1415-7365	**Data de início**: 1992
Endereço: Centro de Estudos Portugueses "Jorge de Sena" Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras UNESP/Araraquara Caixa Postal 174 14801-970 Araraquara SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Centro de Estudos Portugueses "Jorge de Sena" -UNESP	
Observações: cepsena@fclar.unesp.br	

(93)

Nome da Revista:	**Revista do Centro de Estudos Portugueses**
ISSN: 1516-5167	**Data de início**: 1998
Endereço: Centro de Estudos Portugueses Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP Av. Prof. Luciano Gualberto 403 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo Centro de Estudos Portugueses – USP	
Observações: : E-mail: cep@trex.uspnet-usp.br	

(94)

Nome da Revista:	***Revista Confluência***
ISSN: 1415-7403	**Data de início**: 1º semestre de 1991
Endereço: Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português do Rio Rua Senador Dantas , 118 20031-201 Rio de Janeiro RJ	
Tem Corpo Editorial: Sim	**Tem política editorial informada**: Sim
Instituição de vínculo: Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português / RJ	
Observações: Publicação semestral Tel. (21) 220-5495 / 2205445 Fax: (21) 533-3044	

(95)

Nome da Revista:	**Cadernos de Letras da UFF**
ISSN:	**Data de início**:
Endereço: Av. Visconde do Rio Branco s/n Campus do Gragoatá – UFF Bloco C – Sala 501 24220-200 Niterói RJ	
Tem Corpo Editorial:	**Tem política editorial informada**:
Instituição de vínculo: Instituto de Letras da UFF	
Observações: (Contato, profa. Ana Lúcia Cerqueira)	

BEST COPY AVAILABLE

(96)

Nome da Revista:	**Convergência Lusíada**
ISSN: 1414-0381	**Data de início**: 1976
Endereço: Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro Rua Luís de Camões, 30 20051-020 – Rio de Janeiro - RJ	
Tem Corpo Editorial: Sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro	
Observações: Tel: 221.3138; Fax: 221-2960 E-mail: realgabinete@uol.com.br	

(97)

Nome da Revista:	**Fragmenta**
ISSN:	**Data de início**:
Endereço: Rua General Carneiro, 460 10º andar 80060-150 Curitiba PR	
Tem Corpo Editorial:	**Tem política editorial informada**:
Instituição de vínculo: Curso de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Paraná	
Observações:	

(98)

Nome da Revista:	**Ipotesi – Revista de Estudos Literários**
ISSN: 1415-2525	**Data de início**:
Endereço: Departamento de Letras Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF	
Tem Corpo Editorial:	**Tem política editorial informada**:
Instituição de vínculo: Departamento de Letras UFJF	
Observações: E-mail: pgletras@artnet.com.br	

(99)

Nome da Revista:	**Quinto Império – Revista de Cultura e Literatura de Língua Portuguesa**
ISSN: 1415-1758	**Data de início**: 1986
Endereço: Gabinete Português de Leitura da Bahia Praça da Piedade s/n 40070-010 Salvador BA	
Tem Corpo Editorial:	**Tem política editorial informada**:
Instituição de vínculo: Gabinete Português de Leitura da Bahia	
Observações: Tel (071) 329-57.58 ou 329-27.33	

(100)

Nome da Revista:	**Encontro – Revista do Gabinete Português de Leitura**
ISSN:	**Data de início**: 1986
Endereço: Gabinete Português de Leitura Rua do Imperador, 290 50010-010 Recife PE	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: não
Instituição de vínculo: Gabinete Português de Leitura	
Observações:	

BEST COPY AVAILABLE

(101)

Nome da Revista:	**Boletim do Centro de Estudos Portugueses da UFPI**
ISSN:	**Data de início:** 1999
Endereço: Centro de Estudos Portugueses Universidade Federal do Piauí Teresina PI	
Tem Corpo Editorial:	**Tem política editorial informada:**
Instituição de vínculo:	
Observações:	

(102)

Nome da Revista:	**Cadernos do IL**
ISSN: 0104 -1886	**Data de início:**1989
Endereço: Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Letras Av. Bento Gonçalves, 9500 91540 - 000 – Porto Alegre – RS	
Tem Corpo Editorial: Sim	**Tem política editorial informada:** sim
Instituição de vínculo: Instituto de Letras da UFRGS	
Observações: E-mail: iletras@vortex.ufrgs.br Home Page: http://www.ufrgs.br/iletras Tel: (0xx51) 316 66 89 Fax: (0xx51) 319 17 19	

(103)

Nome da Revista:	**ABEI Journal – The Brazilian Journal of Irish Studies**
ISSN: 1518-0581	**Data de início:** 1999
Endereço: Departamento de Letras Modernas - USP ABEI – Associação Brasileira de Estudos Irlandeses Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada:** sim
Instituição de vínculo: ABEI – USP	
Observações:	

(104)

Nome da Revista:	**Contexturas**
ISSN: 0104-7485	**Data de início:** 1992
Endereço: Associação dos Professores de Língua Inglesa do Estado de São Paulo Departamento de Educação do IBILCE/UNESP Rua Cristóvão Colombo 2265 15054-000 São José do Rio Preto SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada:** sim
Instituição de vínculo: Associação dos Professores de Língua Inglesa do Estado de São Paulo	
Observações:	

(105)

Nome da Revista:	**ALETRIA – Revista de Estudos de Literatura**
ISSN: 0104-5210	**Data de início**: 1993
Endereço: Centro de estudos Literários Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários Faculdade de Letras FALE-UFMG, sala 4015 Av. Antônio Carlos, 6627 Campus da Pampulha 31270-901 Belo Horizonte MG	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: FALE/UFMG	
Observações: E-mail: cel@letras.ufmg.br poslit@letras.ufmg.br Tel: (031) 3499-5133 FAX: (031) 3499-5490 Publicação anual (artigos, ensaios, resenhas de pesquisadores da PG e estudantes da FALE/UFMG e outras instituições.	

(106)

Nome da Revista:	**Arte & Linguagem – Língua e Literatura na Educação**
ISSN:	**Data de início**:
Endereço: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Departamento de Lingüística R. Monte Alegre, 984, 05014-001 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: PUC-São Paulo	
Observações: Edição EDUC-Cortez (São Paulo)	

(107)

Nome da Revista:	**Lácio-Revista de Letras do Unicentro Newton Paiva**
ISSN:	**Data de início**: 1999
Endereço: Rua Goitacases, 1762 Barro Preto 30190-052 Belo Horizonte MG	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**:sim
Instituição de vínculo: CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA	
Observações:	

(108)

Nome da Revista:	**TERESA- Revista de Literatura Brasileira**
ISSN:1517-9737	**Data de início**: 2000
Endereço: Av.Prof.Luciano Gualberto, 403 Cidade Universitária 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**.sim
Instituição de vínculo: USP-Programa de pós-graduação-Literatura Brasileira	
Observações:	

(109)

Nome da Revista:	**Revista Arte Comunicação**
ISSN:	**Data de início:**
Endereço: Centro de Artes e Comunicação Rua Acadêmico Hélio Ramos, s/n Cidade Universitária-UFPE 50740-530 Recife PE	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada:** sim
Instituição de vínculo: Centro de Artes e Comunicação – UFPE	
Observações: semestral	

(110)

Nome da Revista:	**Caderno Uniabc de Letras**
ISSN: 1516-6155	**Data de início:** 1999
Endereço: Avenida Industrial, 3330 Santo André SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada:** sim
Instituição de vínculo: UNIABC-Universidade do Grande ABC	
Observações: annual	

(111)

Nome da Revista:	**Estudos Japoneses**
ISSN: 1413-8298	**Data de início:** 1979
Endereço: Centro de Estudos Japoneses da Universidade São Paulo Av. Prof. Lineu Prestes, 159 Cidade Universitária USP 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada:** sim
Instituição de vínculo: Departamento de Letras Orientais da Faculdade deFilosofia, Letras e Ciências Humanas daUniversidade de São Paulo	
Observações: publicação anual E-mail: ccjap@edu.usp.br	

(112)

Nome da Revista:	**SIGNUM – Estudos Literários**
ISSN: 1516-103X	**Data de início:** 1998
Endereço: Programa de Pós-Graduação em Letras C. Postal 6001 86051-990 Londrina PR	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada:** sim
Instituição de vínculo: Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Estadual de Londrina	
Observações: publicação anual E-mail: eduel@npd.uel.br	

(113)

Nome da Revista:	**BOLETIM**
ISSN: 0102-6968	**Data de início**: 1980
Endereço: Universidade Estadual de Londrina Centro de Letras e Ciências Humanas C. Postal 6001 86051-990 Londrina PR	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Centro de Letras e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Londrina	
Observações: publicação semestral E-mail: disque-gramatical@uel.br	

(114)

Nome da Revista:	**Graphos**
ISSN: 1516-1536	**Data de início**: 1997
Endereço: Programa de Pós-Graduação em Letras Universidade Federal da Paraíba Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Cidade Universitária 58.051-900 – João Pessoa – PB	
Tem corpo editorial: Sim	**Tem política editorial informada**: Sim
Instituição de vínculo: Universidade Federal da Paraíba	
Observações: Semestral Fone: (83) 216-7289 / (83) 216-7335 (fax) E-mail: posletras@cchla.ufpb.br	

(115)

Nome da Revista:	**Cadernos de Língua e Literatura Hebraica**
ISSN: 1415-7977	**Data de início**: 1998
Endereço: Departamento de Literaturas Orientais Faculdade de Filosofia Línguas Ciências e Letras - USP Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 C. Postal 8105 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: FFLCH-USP - Área de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas	
Observações: anual E-mail: pubflch@edu.usp.br H-Page: http://www.usp.br/fflch/fflch/html	

(116)

Nome da Revista:	**Vértices**
ISSN: 1516-8689	**Data de início**: 1999
Endereço: Departamento de Literaturas Orientais Faculdade de Filosofia Línguas Ciências e Letras - USP Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 C. Postal 8105 05508-900 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: FFLCH-USP - Área de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas	
Observações: anual E-mail: pubflch@edu.usp.br H-Page: http://www.usp.br/fflch/fflch/html	

(117)

Nome da Revista:	**Revista Fragmentos**
ISSN: 0103-1783	**Data de início:** 1986
Endereço: Revista Fragmentos Caixa Postal 5049 88040-970 Florianópolis SC	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada:** sim
Instituição de vínculo: Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras – Universidade Federal de Santa Catarina	
Observações: E-mail: frag@cce.ufsc.br	

(118)

Nome da Revista:	**Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos**
ISSN: 0103-8893	**Data de início:** 1991
Endereço: Consejeria de Educación de la Embajada de España Av. Jorge João Saad, 905 Morumbi 05618-001 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada:** sim
Instituição de vínculo: Embaixada da Espanha	
Observações: publicação anual E-mail: cursos@u-net.com.br Home-page: http://www.cervantes-brasil.com.br Tel: (011) 3779-18.55 Fax: (011) 842-63.55 - R. 215	

(119)

Nome da Revista:	**Revista de la APEESP**
ISSN:	**Data de início:** 1991
Endereço: Revista de La APEESP Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 Prédio de Letras FFLCH/DLM/USP C. Postal 2530 01060-970 São Paulo SP	
Tem Corpo Editorial: não	**Tem política editorial informada:** sim
Instituição de vínculo: USP	
Observações: publicação bienal E-mail: l.rogerio@originet.com.br Fax: (011) 3871-2709	

(120)

Nome da Revista:	**IDIOMA**
ISSN: 1414-0837	**Data de início:** 1982
Endereço: Centro Filológico Clóvis Monteiro Instituto de Letras da UERJ Rua São Francisco Xavier, 524 sala 11031 – bloco B Maracanã 20559-900 Rio de Janeiro RJ	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada:** sim
Instituição de vínculo: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	
Observações: Publicação anual E-mail: cefil@uerj.br Home-page: http://www.uerj.br/~letras ("link": tira-dúvidas de português) Tel: (011) 587-7254	

(121)

Nome da Revista:	**Cadernos de Língua Portuguesa**
ISSN: 1415-5117	**Data de início**: 1997
Endereço: Setor de Língua Portuguesa - Instituto de Letras da UERJ Instituto de Letras da UERJ Rua São Francisco Xavier, 524 sala 11017 – bloco A Maracanã 20559-900 Rio de Janeiro RJ	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Universidade do Estado do Rio de Janeiro	
Observações: Publicação semestral E-mail: cefil@uerj.br Home page: http://www.uerj.br/~letras ("link": publicações) Tel: (011) 587-7286	

(122)

Nome da Revista:	**Cadernos de Tradução**
ISSN: 1414-526X	**Data de início**: 1996
Endereço: Revista Cadernos de Tradução Caixa Postal 5129 88040-970 Florianópolis -SC	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Núcleo de Tradução da UFSC	
Observações: publicação semestral Página na Rede: http://www.cce.ufsc.br/cadernos e-mail: cadernos@cce.ufsc.br	

(123)

Nome da Revista:	**Littera; Lingüística e Literatura**
ISSN: 1518-8825	**Data de início**: 2000...
Endereço: Rua Teófilo C. de Barros 100 33600-000 São Leopoldo RS	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo - FCHPL	
Observações: semestral	

(124)

Nome da Revista:	**Coleção Ensaios**
ISSN: 1519-0218	**Data de início**: 1998 - ...
Endereço: Universidade Federal de Santa Maria Prédio do centro de Educação, Letras e Biologia Mestrado em Letras – Sala 3222 – Bloco A2 97105-900 – Santa Maria - RS	
Tem Corpo Editorial: sim	**Tem política editorial informada**: não
Instituição de vínculo:	
Observações: Anual E-mail: mletras@cal.ufsm.br Assinaturas: http://www.ufsm.br/mletras Fone/ fax: (055) 220 8359	

(125)

Nome da revista:	**Idioma**
ISSN : 1414-0837	**Data de início**: 1971
Endereço: Centro Filológico Clóvis Monteiro Instituto de Letras da UERJ Universidade do Estado do Rio de Janeiro 20000-000 Rio de Janeiro RJ	
Tem corpo editorial: sim	**Tem política editorial informada**: sim
Instituição de vínculo: UERJ	
Observações: anual	

(126)

Nome da revista:	Linguagem em (Dis)curso
ISSN : 1518-7632	Data de início: 2000
Endereço: Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem Centro de Pós-Graduação de Tubarão Av. Marcolino Martins Cabral, 39 88701-000 Tubarão SC	
Tem corpo editorial: sim	Tem política editorial informada: sim
Instituição de vínculo: Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL	
Observações: semestral http://visao.unisul.br/linguagem/Revista/index/html	

(127)

Nome da revista:	Open to Discussion
ISSN : 1516-7682	Data de início: 1991
Endereço: Departamento de Letras Anglo-germânicas Universidade do Estado do Rio de janeiro Rua São Francisco Xavier 524 / 11.002 bl. A 20550-013 Rio de Janeiro RJ	
Tem corpo editorial: sim	Tem política editorial informada: sim
Instituição de vínculo: Universidade do Estado do Rio de janeiro -UERJ	
Observações: Tel-fax: (021) 587.71.49 www2.uerj.br/~letras	

(128)

Nome da revista:	Letr@ Viv@
ISSN : 1517-3100	Data de início: 1999
Endereço: Cidade Universitária – Campus I Centro de Ciências Humanas Letras e Artes Departamento de Letras Modernas João Pessoa PB	
Tem corpo editorial: sim	Tem política editorial informada: sim
Instituição de vínculo: Departamento de Letras Estrangeiras Modernas	
Observações: anual e-mail: beta@netwaybbs.com.br	

Nome da revista:	
ISSN :	Data de início:
Endereço:	
Tem corpo editorial:	Tem política editorial informada
Instituição de vínculo:	
Observações:	

BEST COPY AVAILABLE

O Texto em Suporte Eletrônico

(Eletronic Texts)

Vilson J. Leffa
(Universidade Católica de Pelotas)

O texto, para ser lido, precisa de um suporte onde ele possa ser de alguma maneira apoiado para a melhor visualização por parte do leitor. O suporte mais comum é o papel, mas muitos outros também podem ser usados como o plástico, o vidro, o acrílico, a madeira, o muro, a camiseta, o tronco de uma árvore e até suportes menos comuns e mais efêmeros como a areia da praia ou a fumaça de um avião no céu. Em todos esses casos, a visualização se dá de modo direto, sem o acréscimo de um processamento entre o suporte e os olhos do leitor geralmente basta a presença da luz.

Com as novas tecnologias de impressão, no entanto, há casos em que a simples presença da luz não é suficiente; é necessário um processamento adicional a fim de tornar o texto visível para o leitor. É o que acontece, por exemplo, com o texto informatizado: os bits, as unidades mínimas de informação compostas apenas de partículas de luz e escuridão, são totalmente invisíveis ao olho humano. É preciso um complexo sistema de processamento que não apenas amplie esses sinais, mas que também os traduzam em letras e gráficos para a compreensão do leitor.

O objetivo deste trabalho é descrever uma experiência de produção de texto informatizado. Para isso, mostra-se o que foi a criação do CD-ROM TELA (Textos em Lingüística Aplicada), destacando-se, entre outros aspectos, as diferenças que existem entre o texto impresso em papel e o texto em suporte eletrônico, as vantagens e desvantagem de cada mídia, os recursos da mídia eletrônica e as implicações que todos esses aspectos trazem para a produção e recepção do texto informatizado.

D.E.L.T.A., 17:Especial, 2001 (121-136)

Apresentando Tela

TELA é um CD-ROM de Textos acadêmicos nas áreas de Lingüística e Lingüística Aplicada, com ênfase maior em Lingüística Aplicada. Reúne, entre outros, textos completos de teses de doutorado, dissertações de mestrado, anais de congressos, relatórios de pesquisa, relatos de experiências, currícula de professores e pesquisadores, periódicos e alguns livros. O CD reúne cerca de 45.000 páginas de textos o que equivale, em termos comparativos, a 225 volumes de 200 páginas impressas em papel.

Esses textos, por estarem colocados em suporte eletrônico, podem ser acessados por dois caminhos básicos: (1) pela estrutura hierárquica, seguindo o princípio da árvore invertida, em que cada escolha ramifica-se em outras escolhas até chegar ao texto final; ou (2) pela busca indexada, onde o usuário digita uma ou mais palavras, e o programa lista os textos que contêm a palavra desejada, na ordem determinada pelo usuário.

A Figura 1 mostra a tela do menu inicial da estrutura hierárquica, onde cada figura ou quadro representa um link para outras telas, que se abrirão em outras opções, até que o leitor chegue ao texto final desejado.

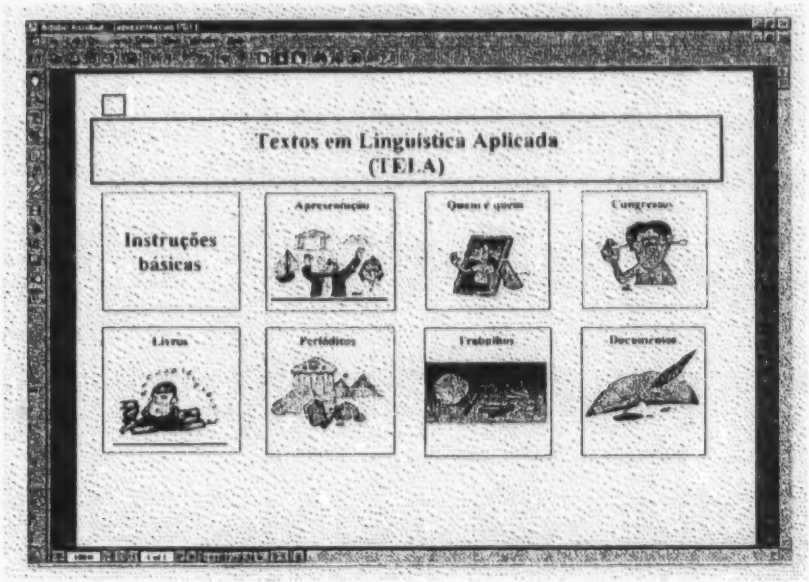


Figura 1 – Menu inicial de TELA

BEST COPY AVAILABLE

Clicando em "Instruções Básicas", por exemplo, o usuário chega a um outro menu, mostrado na Figura 2, onde se mostram quais são os primeiros passos que o usuário deve dar, como deve fazer para pesquisar na base de textos, como ver um resumo dos comandos, como contribuir, como citar e como tirar dúvidas através de perguntas e respostas. Em poucos segundos, qualquer uma das 45.000 páginas pode ser acessada com alguns cliques do mouse. Chegando ao texto final, há ainda uma lista de marcadores (bookmarks), que desce automaticamente à esquerda do texto para facilitar o acesso a qualquer uma de suas partes, permitindo uma navegação mais rápida e dando ao usuário não só a visão da página que está sendo lida mas também das partes principais do texto.

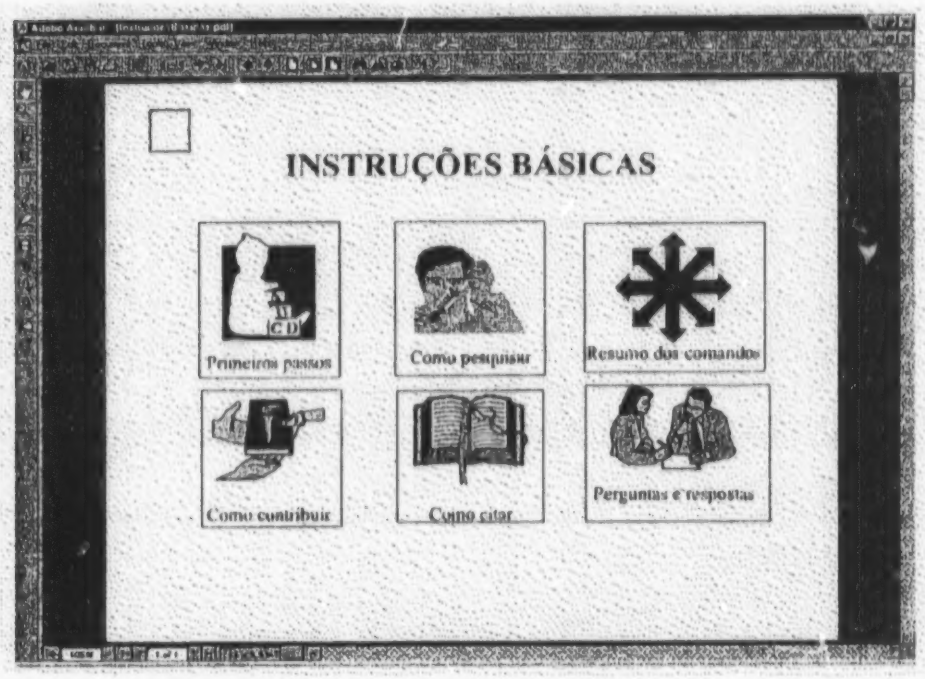


Figura 2 – Menu de instruções básicas

Além da facilidade de navegação dentro da estrutura hierárquica, há também a preocupação de tornar a interface com o programa o mais interativa possível, procurando-se até prever alguns movimentos incorretos do usuário. A Figura 3, por exemplo, mostra um desvio, que é automaticamente acionado, caso o usuário cometa o engano de clicar numa imagem exibida anteriormente, em vez de clicar na barra de ferramentas.

BEST COPY AVAILABLE

Figura 3 – Desvio acionado automaticamente quando o usuário comete um engano.

Os textos apresentados em TELA, no entanto, usam também os recursos da informática, permitindo que o usuário não apenas navegue pelo CD, como se ele fosse um jornal ou uma revista, mas que encontre rapidamente nas 45.000 páginas somente aquilo que lhe interessa. Para isso todos os textos estão indexados, possibilitando o acesso a qualquer trabalho publicado, seja por autor, assunto, tabela, gráfico, ou mesmo por qualquer palavra de qualquer texto. Basta clicar no ícone "busca", na barra de ferramentas, e depois digitar a palavra ou palavras que deseja encontrar na caixa de diálogo que se abre. Imediatamente todos os textos que contêm as palavras digitadas começam a aparecer na tela. A Figura 4 mostra um exemplo em que o usuário pede para que sejam mostrados os textos que contenham as palavras "identidade" e "heterogeneidade" segundo o critério de "proximidade" o que significa que o programa mostrará em primeiro lugar os textos em que as duas palavras estejam mais próximas uma da outra. O programa permite também a busca de parte de palavras (ex.: todas as palavras que começam com "hiper-" ou terminam em "-logia") e de segmentos maiores que a palavra (ex.: um sintagma como "análise de discurso"), permitindo, assim, ampliar ou afunilar qualquer busca.

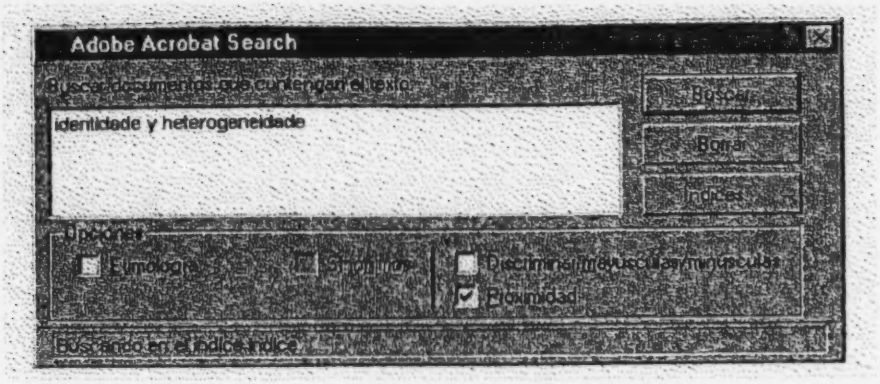


Figura 4 – Caixa de diálogo para busca indexada

TELA é, um grande projeto coletivo, feito com a colaboração de centenas de autores que disponibilizaram seus textos o que resultou num acervo de mais de 2.000 trabalhos individuais. Tem a peculiaridade especial de ser uma obra em que a maioria de seus leitores é provavelmente formada pelos autores que contribuíram com seus trabalhos.

A OPÇÃO PELO SUPORTE ELETRÔNICO

O CD-ROM, como suporte textual, é uma mídia voraz, capaz de compactar numa superfície de 12cm de diâmetro, mais de 60.000 páginas típicas de texto acadêmico, incluindo fotos, gráficos e tabelas. O gigantismo inerente da mídia eletrônica assume proporções de portento quando se compara, por exemplo, o suporte eletrônico com o suporte em papel: o que cabe num CD ocupa o equivalente a 300 livros de 200 páginas. Comparado com o papel, o CD tem vantagens enormes, principalmente em termos de capacidade de armazenamento, mas há também algumas desvantagens.

Entre as desvantagens, as duas mais citadas são a falta de portabilidade e a baixa definição de imagens do texto eletrônico, quando exibido na tela do computador. O texto eletrônico realmente não dá para ser confortavelmente lido numa banheira ou numa fila de check-in para pegar um cartão de embarque num aeroporto mesmo com o uso de notebooks cada vez mais leves e potentes. Um livro, o leitor abre e começa a ler; um computador, o usuário liga e espera até que o processo de inicialização se complete,

BEST COPY AVAILABLE

o que às vezes pode levar mais de um minuto. A definição da página impressa em papel também é superior a da tela do computador. No mundo digital, ao contrário do analógico, as letras e imagens são literalmente descontruídas em pontos para depois serem reconstruídas pelo usuário. Esses pontos, que deveriam ficar abaixo da percepção dos olhos, são às vezes claramente visíveis, e a definição é prejudicada.

Essas desvantagens também podem ser mais aparentes do que reais. Pode-se argumentar, por exemplo, em termos de portabilidade, que é muito mais fácil transportar um CD, mesmo dentro de uma caixa acrílica tradicional (na verdade pode ser acondicionado até dentro de um envelope plástico de espessura mínima) do que carregar 300 livros. Além do mais, o conteúdo de um CD, por ser uma informação digitalizada, pode ser transmitido de um ponto a outro do Planeta, em um tempo e a um custo mínimos, comparado ao que seria necessário para transportar 300 livros. Eu, pessoalmente, doaria com prazer todos os meus livros, periódicos e teses, que enchem várias prateleiras de minha pequena biblioteca, a quem fosse capaz de digitalizá-los para que eu pudesse colocá-los todos dentro do computador. Pouparia talvez os romances e poemas para, de vez em quando, ler um deles à sombra de uma árvore mas o resto desapareceria das prateleiras. Não só ganharia em espaço e portabilidade, como teria tudo automaticamente indexado, permitindo que eu logo achasse qualquer tópico ou referência, sem perda de tempo o que normalmente não me acontece quando procuro um texto na prateleira.

O problema da definição gráfica é também relativo; dependendo do tamanho e qualidade do monitor, muitas imagens podem ter uma aparência melhor na tela do computador do que no papel, às vezes até mais coloridas e brilhantes, independentes da luz ambiente. Por ser um texto líquido, o texto informatizado pode também ser facilmente ampliado ou reduzido, sem perda da definição, já que normalmente usa técnicas de vetorização.

As vantagens do texto impresso em papel parecem depender mais de fatores circunstancias (ex.: ler na cama para esperar o sono) do que das qualidades intrínsecas do suporte textual. Quando se lê um texto acadêmico, cujo objetivo é essencialmente prático, envolvendo a pesquisa e uma participação mais ativa do leitor, que muitas vezes lê um texto para aproveitá-lo no que está pesquisando, o suporte eletrônico oferece enormes vantagens sobre o texto em papel.

A maior delas é que o suporte eletrônico dilui a fronteira entre a leitura e a escrita. Como o espaço usado para ler e escrever é o mesmo a tela do computador e como o texto é líquido, a diluição do que se lê no que se escreve dá-se de modo natural, limitada apenas pela capacidade do autor em aproximar textos compatíveis. A facilidade da reescrita, montagem e composição elimina o plágio e constrói a autoria, removendo as costuras entre o já-dito e o não-dito.

A ESCOLHA DO SOFTWARE

Uma decisão importante na criação do Projeto TELA, foi a escolha do software a ser usado para gerenciar o acervo de textos. Três critérios básicos orientaram essa escolha: idealmente o software deveria ser (1) genérico, isto é, disponível na maioria dos computadores e sem custos adicionais para o usuário final; (2) não exigir instalação no computador para exibição dos textos, podendo ser lido diretamente do CD; e (3) mostrar os textos no formato original.

Inicialmente pensou-se em fazer a conversão dos arquivos coletados para arquivos do tipo ".html", que podem ser lidos por qualquer "browser" (Netscape, Internet Explorer, etc.). Os principais "browsers" estão já instalados na maioria dos computadores, são distribuídos gratuitamente e podem ler os textos diretamente do CD. Têm, no entanto, o inconveniente de alterar a formatação original dos textos não só durante a conversão, mas também de um computador para outro, fazendo adaptações para cada configuração diferente de vídeo.

Depois de várias tentativas e ensaios, optou-se pelo Acrobat Reader da Adobe Systems. Não é de uso tão generalizado como os "browsers", mas atende aos três critérios exigidos. Pode ser incorporado aos "browsers" como "plug-in", lê os textos diretamente do CD, é amplamente usado em manuais e divulgação de produtos e, principalmente, mantém a formatação original dos textos, mostrando-os tais como foram impressos, incluindo, figuras, numeração de páginas, notas de rodapé, etc. Incorpora ainda alguns recursos adicionais que se mostraram extremamente úteis, como um completo sistema de indexação e facilidade de navegação pelo acervo de textos.

Acrobat é apresentado em duas versões: uma completa (Adobe Acrobat) para a conversão dos textos em arquivos "PDF" (Portable Document Format) e uma versão somente para leitura (Acrobat Reader). O Adobe Acrobat produz documentos que podem ser lidos por diferentes plataformas (Windows, Mac OS e Unix) sem mudar a aparência original do texto. O Acrobat Reader, por sua vez, apenas lê os textos produzidos pelo Adobe Acrobat, mas, ao contrário da versão completa, é distribuído gratuitamente pela Adobe Systems, podendo ser baixado pela Internet, o que facilita a publicação e distribuição dos textos. Acrobat é apresentado em várias línguas, inclusive em português, embora, neste caso, sem o mecanismo de busca. Uma vez convertido o arquivo, ele pode ser lido em qualquer versão do programa e em qualquer língua. Para melhor aproveitamento dos recursos usados na criação do Projeto TELA, no entanto, recomenda-se o uso de uma versão com o mecanismo de busca (espanhol, inglês, francês, etc.), inexistente em português.

A Apresentação do Acervo: do Estático ao Dinâmico

Uma das grandes preocupações na elaboração do projeto TELA foi como organizar e apresentar os textos na tela do computador facilitando ao máximo a leitura e a pesquisa nos milhares de páginas que compõem o acervo. O leitor deveria não só encontrar o que desejasse da maneira mais rápida possível, mas também não se desorientar dentro das inúmeras camadas de texto que formam hipertexto do Projeto TELA.

A metodologia básica consistiu, inicialmente, da coleta dos textos e, posteriormente, da organização desses textos.

A coleta dos textos partiu de uma chamada de trabalhos dentro dos moldes tradicionais, seguida de contatos pessoais com organizadores de congressos, editores de periódicos, autores de trabalhos, incluindo preferencialmente textos que já tivessem passado por algum processo de avaliação como teses de doutorado e dissertações de mestrado já defendidas. Na medida em que o acervo foi aumentando, possibilitando a demonstração do programa em congressos e encontros de professores, aumentou também a receptividade ao projeto. O salto mais rápido foi das 10.000 para as 40.000 páginas, com a incorporação, entre outros textos, dos anais do GELNE (Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste), CELSUL (Círculo

de Estudos Lingüísticos do Sul), ABRALIN (Associação Brasileira de Lingüística), ASSEL (Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro) e várias teses de doutorado.

Para a organização dessas dezenas de milhares de páginas experimentaram-se diferentes abordagens. Chegou-se à conclusão de que há duas estruturas hierárquicas possíveis para a apresentação de textos em suporte eletrônico: a hierarquia estática e a hierarquia dinâmica.

A hierarquia estática é aquela que caracteriza a apresentação de textos em papel, podendo obviamente também ser apresentada em suporte eletrônico. Segue o modelo de uma árvore invertida, partindo do tronco para as folhas, de acordo com a taxonomia pré-estabelecida pelo compilador dos textos. Quando o leitor chega para iniciar a consulta, a estrutura dos tópicos e as relações entre eles já estão estabelecidas, cabendo portanto ao leitor adaptar-se e orientar-se por essa estrutura para chegar ao que deseja.

A hierarquia dinâmica não é pré-estabelecida pelo compilador do acervo; estrutura-se e reestrutura-se a cada consulta que o leitor faz e só é possível em suporte eletrônico. Não há menus estáticos que inicialmente descem na tela para a escolha do leitor. A interação inicia-se por caixas de diálogo ("dialogue boxes") e a relação menu/escolha é invertida: primeiro o leitor escolhe, digitando na caixa de diálogo o que deseja pesquisar; depois aparece o menu, estruturado a partir do que o leitor deseja. A grande vantagem dessa hierarquia dinâmica é que os textos mais pertinentes aos interesses do leitor são sempre colocados no topo.

O *Adobe Acrobat* apresenta uma abordagem para a hierarquização dos textos que é extremamente simples na sua concepção e ao mesmo tempo extremamente eficaz nos resultados, baseada no critério da proximidade: os textos em que as palavras escolhidas pelo leitor estão mais próximas uma da outra são mostrados em primeiro lugar. Além de sintagmas simples ("ensino"), é possível também usar sintagmas complexos ("ensino de línguas estrangeiras") e mesmo parte de palavras ("ensin*", "*eira", "*tran*") ou seja, segmentos iniciais, médios e finais de palavra. Isso permite não só refinar a pesquisa através de inúmeras combinações e chegar exatamente ao tópico que se deseja da maneira mais rápida possível, mas também possibilita a investigação de aspectos puramente lingüísticos, como listar as palavras do acervo que contenham um determinado prefixo, sufixo, radical, rima, etc.

333

Inúmeros outros projetos de acervos eletrônicos foram examinados, incluindo as versões digitais de periódicos acadêmicos (*Tesol Quarterly*; *Theory into Practice*), acervos de obras literárias (*Library of the Future*; *World Literary Heritage*), coleções de jornais e revistas (*CD-ROM Folha 97; Time Almanac of the 20th Century; Super Interessante, 10 Anos de Revista em um CD-ROM; Exame, o Melhor dos Anos 90*), enciclopédias (*Compton's, Enciclopédia Interativa, Encarta, Infopedia, Barsa*), CD-ROM's de congressos (*Reuniões Anuais da SBPC, CELSUL, CELLIP, ABRALIN, ANPOLL*), bases de dados (*Eric, Sociological Abstracts, MLA*), etc. A maioria desses acervos apresenta uma combinação das duas estruturas hierárquicas (estática e dinâmica), mas muitos ainda usam programas específicos que precisam ser instalados no computador para que os textos possam ser vistos. Na medida em que se instala um CD depois do outro, cada um exigindo um programa diferente para ser lido, não só ocupando espaço no computador mas apresentando uma interface diferente e conseqüentemente exigindo uma aprendizagem do usuário, fica clara a vantagem de um programa genérico, comum para a leitura de todos os CDs. Essa foi a primeira conclusão a que se chegou depois da análise de todos esses projetos.

A segunda conclusão foi de que se deveria usar as duas hierarquias, tanto a dinâmica como a estática. Permite-se, assim, ao leitor percorrer os menus estáticos, "folheando" o acervo como se fosse uma revista ou livro, e dá-se também a oportunidade de usar as caixas de diálogo, possibilitando os menus dinâmicos por onde se chega exatamente ao que se deseja ler. Enfatiza-se, no entanto, nas instruções iniciais do Projeto que, para melhores resultados, o leitor deve usar a segunda opção.

O uso das duas hierarquias estática e dinâmica , combinado com detalhes acrescentados durante a compilação do acervo, dá ao Projeto TELA, várias opções de navegação, tentando manter o melhor equilíbrio possível entre o específico e o geral. Mesmo quando o leitor encontra especificamente aquilo que deseja, ele pode, querendo, ter uma visão mais geral de outros textos que estão ao redor daquele texto mostrado na tela. Ao ler uma tese de doutorado, por exemplo, o leitor tem na sua frente, simultaneamente, o texto que está lendo, o título do capítulo em destaque e a estrutura da tese com os títulos dos outros capítulos. Se o texto for um trabalho apresentado em congresso, ele tem uma visão dos outros títulos e pode chegar, com dois cliques de mouse, aos detalhes necessários para a referência bibliográfica do trabalho, apresentado como um decalque amarelo colado sobre o texto, sem afetar sua apresentação gráfica.

A decisão sobre o que expor na tela e o que ocultar quando o texto está sendo lido só foi tomada depois de várias tentativas, onde se tentou chegar ao máximo possível de informação sem congestionar a tela com muitos detalhes. Em princípio, observou-se que quanto mais informação, menos necessidade de aprendizagem por parte do leitor no uso do programa, mas mais congestionamento na tela. Para conseguir o equilíbrio entre essas três variáveis, optou-se às vezes por ocultar a informação acessória, deixando no entanto uma pista para que o texto oculto pudesse ser acessado.

A Figura 5 mostra parte de uma página com menos detalhes, no caso sem a sugestão de referência bibliográfica e sem o painel de navegação à esquerda. O leitor, querendo, clica sobre o decalque (de cor amarela na tela do computador) e a sugestão de referência bibliográfica aparece (Figura 6), permitindo, por exemplo, que o leitor cole o texto no trabalho que estiver digitando demonstrando também o que se falou acima sobre a diluição da fronteira entre o ler e o escrever. Se o leitor, por outro lado, clicar no ícone do painel de navegação, na barra de ferramentas superior, a coluna de marcadores desce á esquerda da tela, permitindo que o leitor visualize também as seções gerais dos anais do congresso onde está publicado o trabalho. Clicando no sinal positivo (+), os trabalhos de cada seção são mostrados, com destaque em inverso para o trabalho que está sendo lido, permitindo, assim, ao leitor uma visão geral dos trabalhos do congresso.

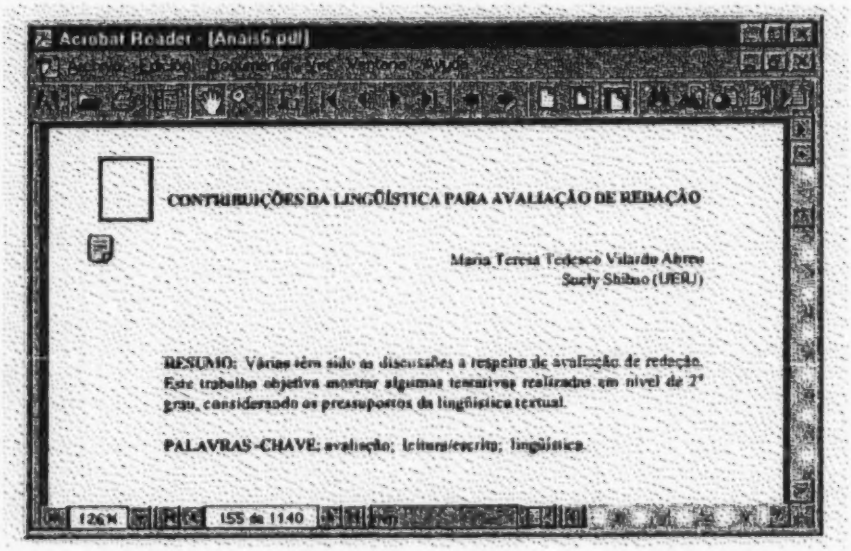


Figura 5 – Tela com menos detalhes

BEST COPY AVAILABLE

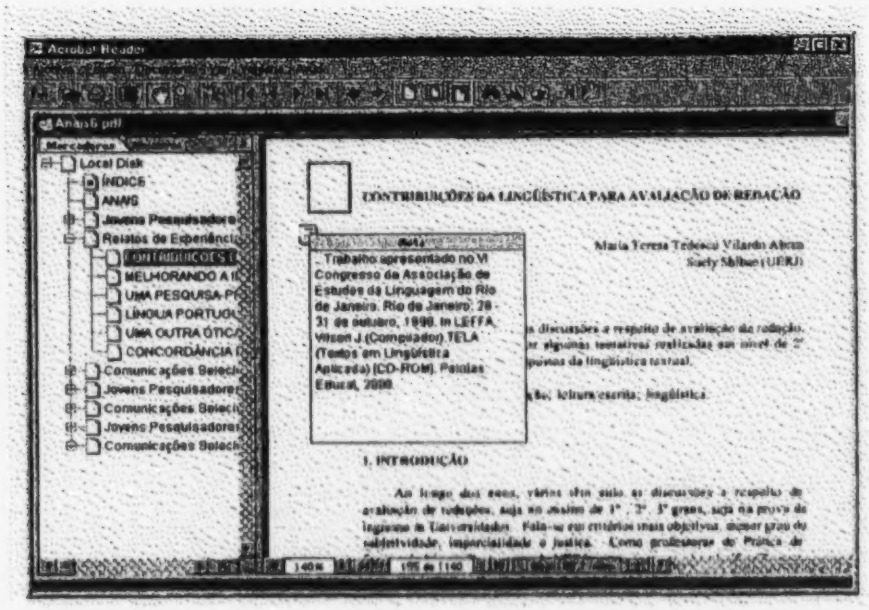


Figura 6 – Tela com mais detalhes

Outra decisão que só foi tomada depois de várias tentativas incluía a questão do que deveria ser inicialmente mostrado ao leitor. Havia dois extremos: (1) mostrar o máximo de detalhes, congestionando a tela, como na Figura 6, e deixando a limpeza por conta do leitor; ou (2) mostrando o mínimo de detalhes (Figura 5), para que o leitor expandisse como desejasse. Mais uma vez, optou-se pelo meio termo, retirando o que parecia obstruir a leitura, como texto sobre texto no caso da referência bibliográfica, e deixando a informação que não obstruía, como o painel de navegação à esquerda. Os textos, portanto, iniciam automaticamente neste meio termo, permitindo ao leitor aumentar ou diminuir o detalhamento conforme suas necessidades ou preferências.

Os usos do Projeto Tela

TELA foi inicialmente projetado unicamente para pesquisa, facilitando o acesso a documentos que ficam muitas vezes restritos a bibliotecas locais, sem a divulgação que merecem. À medida, porém, que se começou a testar e a usar o projeto, descobriu-se que ele também pode ter outras finalidades, inclusive para levantamento de dados estatísticos. Entre essas

BEST COPY AVAILABLE

finalidades, destacam-se freqüência de citações, tendências da área e estudos lingüísticos.

É óbvio que a principal finalidade do Projeto TELA é a pesquisa bibliográfica; nenhuma outra fonte eletrônica no Brasil reúne num só lugar tanta informação sobre uma determinada área de conhecimento como o Projeto TELA. São dezenas de milhares de páginas totalmente indexadas e cobrindo praticamente tudo que interessa aos pesquisadores da área sob diferentes perspectivas, incluindo tópico (ex.: língua materna, língua estrangeira, análise de discurso, sintaxe, fonologia, estratégias de aprendizagem, etc.) e tipos diferentes de publicação (teses, livros, periódicos, anais, etc.). Apresenta não só as fontes onde os textos podem ser encontrados, mas os próprios textos, em versão integral, facilitando a citação, que nem precisa ser digitada basta copiar e colar. Além do texto para citação, a própria referência de muitos trabalhos é também facilitada, como mostra a Figura 6.

Na medida em que se testava o Projeto TELA, descobriu-se que ele também tinha inúmeras outras finalidades. Sendo um arquivo eletrônico, permite, com relativa facilidade, vários tipos de levantamentos de dados sobre os mais diversos tópicos. O Quadro 1 mostra alguns exemplos de possíveis levantamentos, incluindo tendências, autores, associações científicas e instituições de ensino superior. O escore apresentado neste quadro não indica um número absoluto (o total de citações no acervo), mas um número relativo ao número de segmentos existentes no projeto. Se um autor, por exemplo, for citado mais de uma vez em um mesmo trabalho, conta como uma única citação. O número máximo possível para cada item é 100. O quadro não revela necessariamente os itens mais citados em todo o acervo mas apenas os que foram pesquisados, partindo de itens previamente selecionados.

A preferência pelo uso de escores relativos é a maior validade dos resultados proporcionada por essa metodologia. Embora seja também possível fazer a pesquisa em termos absolutos, levantando o número total de citações em todo o acervo, o uso de escores relativos proporciona um resultado mais confiável. Isso pode ser percebido, por exemplo, verificando o número de ocorrências da palavra ABRALIN. Em termos absolutos ela é citada mais de 1.000 vezes, mas esse escore elevado deve-se ao fato de esta palavra fazer parte do rodapé do *Boletim da ABRALIN*, onde é citada em

337

Quadro 1 – Exemplos de algumas citações levantadas do acervo do Projeto TELA

Tópicos	**Escore relativo**
Aprendizagem de línguas	59
Interação em sala de aula	49
Sintaxe	40
Alfabetização	36
Aprendizagem do inglês	31
Aquisição da L2	30
Aprendizagem do espanhol	25
Reescritura	14
Aquisição da L1	10
Nomes citados	**Escore relativo**
Marilda Cavalcanti	30
Luiz Paulo Moita Lopes	27
Maria Antonieta Alba Celani	24
Ângela Kleiman	20
Francisco Gomes de Mattos	17
Associações científicas	**Escore relativo**
ABRALIN	19
ALAB	9
SBPC	9
ABRALIC	5
Universidades	**Escore relativo**
PUC-SP	58
UNICAMP	50
UFRJ	38
PUC-RS	35
UFMG	31
USP	30
UFRGS	27

cada uma das 867 páginas. Já em termos relativos, todas as citações que ocorrem no *Boletim da ABRALIN*, ficam reduzidas a apenas uma citação. O critério pode parecer demasiadamente rigoroso, mas na medida em que é usado com todos os itens, produz um resultado mais confiável, mostrando, por exemplo, que, em comparação com as outras sociedades científicas, a ABRALIN é mais citada no Projeto TELA.

Esses resultados são proporcionados automaticamente pelo programa, bastando que o usuário digite uma palavra ou combinação de palavras. É possível também uma contagem manual dos itens, avaliando quando a ocorrência deve ser ou não considerada uma citação (descartando, por exemplo, as ocorrências que apareçam em cabeçalhos ou rodapés). Essa metodologia, ainda que manual e mais demorada, é também facilitada pelo programa, na medida em que mostra automaticamente cada citação para a avaliação do pesquisador o que só é possível em texto com suporte eletrônico.

Finalmente, é também possível fazer uma pesquisa puramente lingüística do acervo que compõe o Projeto TELA, considerando aspectos lexicais, sintáticos, morfológicos, etc. ainda que o Projeto não tenha sido planejado com essa finalidade. Em um estudo da anáfora, por exemplo, pude verificar rapidamente a hipótese de que o sintagma nominal, quando ligado aos possessivos *seu, sua, seus, suas* pela conjunção coordenada *e*, é o antecedente desses possessivos (*a língua materna e seu ensino, a norma e sua violação, o amor e seus mistérios, a sociedade e suas tensões*). Posso verificar também que a expressão "análise *do* discurso" é 2,5 vezes mais freqüente do que "análise *de* discurso".

O *Acrobat Reader* oferece inúmeros recursos de pesquisa, que possibilita inúmeras formas de busca. É possível pesquisar não só através da lógica booleana, usando diversas combinações de "e" e "ou", mas também usando combinações de diferentes palavras e mesmo partes de palavras.

CONCLUSÃO

O texto em suporte eletrônico oferece vantagens e desvantagens sobre o texto impresso em papel. Dependendo dos objetivos com que o texto é lido, essas vantagens podem ser maiores ou menores. No caso do texto acadêmico, cujo objetivo de leitura é principalmente a pesquisa biblio-

gráfica, as vantagens superam em muito as desvantagens, tanto em quantidade como em qualidade. Em termos de quantidade, o suporte eletrônico permite estocar, em um único CD, o equivalente a 60.000 páginas de texto; em termos de qualidade, permite que o texto seja totalmente indexado, de modo que qualquer tópico, autor ou mesmo palavra possa ser rapidamente acessado, facilitando a consulta. O uso de hierarquias dinâmicas, construídas durante a consulta, ao invés das hierarquias estáticas, sedimentadas durante a produção, pode dar ao leitor uma preciosa economia de tempo, na medida em que automaticamente reordena os textos por ordem de relevância, colocando em primeiro o que é mais pertinente à consulta do leitor.

Demonstraram-se, neste trabalho, algumas diferenças básicas entre o texto eletrônico e o texto impresso em papel. Para isso, usou-se como exemplo ao mesmo tempo em que se o descreveu o Projeto TELA (Textos em Lingüística Aplicada), que reúne em CD-ROM cerca de 45.000 páginas de texto nas áreas de Lingüística e Lingüística Aplicada. Mostraram-se as várias maneiras como o texto que compõe o acervo do Projeto na verdade um hipertexto pode ser consultado, com várias opções de navegação. Descreveu-se também o que foi a feitura do Projeto TELA, desde a coleta dos dados, reunindo mais de 2.000 trabalhos, até a organização e compilação final, incluindo algumas opções críticas como facilidade de uso, sem necessidade de aprendizagem pelo usuário, escolha de software genérico e apresentação dos textos em seu formato original.

Na medida que se foi compilando e testando o Projeto, descobriu-se que ele tem mais usos do que foi originalmente planejado, incluindo não apenas a pesquisa bibliográfica, mas também levantamentos estatísticos, já que inúmeras contagens podem ser automaticamente realizadas. Entre esses levantamentos, por exemplo, podem ser verificados quais são os autores mais citados, as tendências da área, as instituições de ensino superior e sociedades científicas mais freqüentemente mencionadas, etc. Mesmo pesquisas puramente lingüísticas podem também ser realizadas com os recursos de busca inseridos no programa que gerencia o acervo de textos do Projeto TELA.

Finalmente, um aspecto que surpreendeu e que também não estava planejado, foi a receptividade ao Projeto, durante sua compilação. TELA é uma obra essencialmente coletiva, feita da colaboração de centenas de autores que generosamente enviaram seus trabalhos.

Recebido em agosto de 2000

A Preparação de uma Revista Geral

(The Preparation of a General Journal)

Leila Barbara, M. Aparecida Caltabiano & Sumiko N. Ikeda
(PUCSP/DELTA)

O presente relato tem como objetivo apresentar a experiência da Comissão Executiva da D.E.L.T.A. na preparação desta revista científica. Falaremos das características gerais da Revista no que se refere a informações sobre os autores, o conselho editorial, os custos, bem como sobre dificuldades e acertos.

A revista D.E.L.T.A., considerada um dos mais antigos periódicos brasileiros ininterruptos, foi planejada em 1984, dentro do Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, por um grupo de professores, na época todos pertencentes à PUC de São Paulo: Kanavillil Rajagopalan, Mary A. Kato, Fernando Tarallo e Leila Barbara. Lançada como uma publicação da PUC, a Revista foi idealizada para preencher uma lacuna: a área não possuía um periódico de âmbito nacional. Em 1986, a convite da ABRALIN, a Revista tornou-se publicação oficial dessa Associação.

O objetivo primeiro da Revista era ser uma publicação com representatividade nacional, servindo à comunidade de lingüistas do país, e não apenas uma revista da PUCSP. Essa meta foi alcançada, sendo a D.E.L.T.A. reconhecida pela comunidade de lingüística e lingüística aplicada do País. Em 1996, uma consulta levada a efeito pelo CNPq, que na área de Letras e Lingüística foi coordenada pelo prof. Marcuschi, apontou as melhores revistas brasileiras em cada área na opinião dos pesquisadores. De posse desses dados, a FAPESP, selecionou, em 1997, as 35 mais indicadas, que entraram no Projeto Scielo. A revista D.E.L.T.A. foi a única da área de Lingüística e Letras, e está disponível *on line* (www.scielo.br).

Quadro 1: Atualizado em 2001, contendo a distribuição dos autores por tipo de instituição até 17:1

Universidades	N.° de trabalhos	N.° de trabalhos por grupo
PUCSP	44	
Demais Us. Pontifícias	13	
Total PUCs		**57**
Unicamp	58	
Demais Us. Estaduais de SP	17	
Total Us. Estaduais de SP		**75**
Universidades Federais	83	124
Universidades Estrangeiras	45	45
Universidades Particulares	5	5
Total Geral		**306**

O quadro acima mostra as instituições a que estão filiados os autores dos trabalhos publicados na D.E.L.T.A.. Podemos observar que são as universidades federais as mais representadas na revista, seguidas pelas PUCs e pelas 3 Universidades Estaduais do Estado de São Paulo, sendo também alto o número de colaborações de universidades estrangeiras (45 trabalhos). Quanto às universidades estaduais, 58 dos 75 trabalhos do setor foram desenvolvidos na UNICAMP. Das PUCs, com 57 trabalhos, 44 tem sua origem na PUC de São Paulo. Estes índices evidenciam a política da revista e apontam para a pertinência de ela ser patrocinada pela ABRALIN: é publicada no Brasil, por uma instituição específica, mas é uma revista claramente nacional, não local. Os colegas de todos as instituições são convidados a submeter seus trabalhos e encaminhar notícias de suas publicações.

Outra significativa evidência do caráter nacional da D.E.L.T.A. é seu Conselho Editorial, de constituição diversificada, tanto em termos de representações institucionais, como no que diz respeito às áreas de especialização dos conselheiros e com uma boa representação internacional – sendo constante a representatividade desses conselheiros em termos de reconhecimento acadêmico. Dos 57 Conselheiros atuais, há 7 representantes de universidades Pontifícias, sendo 5 da PUC de São Paulo; dos 21 provenientes de Universidades do Estado de S.Paulo, 14 são da Unicamp; de universidades estrangeiras contamos com 17 representantes europeus, 10 americanos (abrangendo a América do Norte, com a maioria, a Venezuela, a Colômbia) e 2 da Ásia.

Quadro 2: Distribuição dos conselheiros no ano 2.000

Universidades	N.° de Pareceristas	N.° de Pareceristas por grupo
PUCSP	5	
Outras Universidades Pontifícias	2	
Total PUCs		7
Unicamp	14	
As outras 2 Universidades Estaduais de SP	7	
Total Univs. Estaduais de SP		**21**
Universidades Federais	22	22
Universidades Estrangeiras	29	29
Universidades Particulares	2	2
Total Geral		**81**

A Revista dá grande importância à escolha dos membros do Conselho Editorial e aos procedimentos utilizados para a seleção de trabalhos. Procura propor para membros do Conselho pesquisadores de instituições diversas, brasileiras e estrangeiras, reconhecidos em sua área de pesquisa e especialistas nas diversas áreas de investigação desenvolvidas pelos seus colaboradores – o que provavelmente corresponde às áreas mais investigadas no Brasil – procurando adequar o número de especialistas por área à demanda corrente em cada período. Quanto aos procedimentos para escolha dos conselheiros, a Revista levanta nomes de pesquisadores; consulta informalmente programas de pós-graduação, conselheiros, colaboradores e a direção da ABRALIN e encaminha a relação para homologação do Conselho da ABRALIN que, via de regra, a homologa sem alterações.

A principal função do Conselho é avaliar os trabalhos propostos para publicação – talvez a parte mais penosa, mas sem dúvida fundamental, da organização de uma revista científica. Tem sido amplamente partilhado pelos conselheiros que contribuem ou contribuíram com a Revista, o objetivo inicial e permanente de manter o alto nível da D.E.L.T.A. e exercer o que reputamos seja função de uma boa revista científica: servir a comunidade, publicando apenas bons trabalhos e partilhar experiência e conhecimento com os autores, e assim contribuir para o aprimoramento dos trabalhos publicados e o desenvolvimento daqueles que ainda não estão

em condições de publicação. Além de preencher um formulário minucioso, os conselheiros, em suas avaliações, têm sido pródigos em sugestões para o aperfeiçoamento dos trabalhos, não se furtando a emitir pareceres sobre mais de uma versão de alguns deles.

A indicação dos pareceristas – dois – para a avaliação de um trabalho específico é feita pela Editoria Executiva; quando um conselheiro acha que se faz necessário substabelecer um trabalho a outro especialista, ele, e somente ele, pode fazê-lo, seguindo procedimento semelhante aos que levam à indicação de conselheiro e informando a Editoria para efetivar o substabelecimento; tem sido freqüente a inclusão desses conselheiros ad hoc em listas de propostas de novos conselheiros. Para cada trabalho, busca-se indicar pelo menos um especialista da área ou de área próxima, e dada a alta qualidade dos conselheiros e a amplitude do público da Revista, é desnecessário que os dois pareceristas sejam especialistas na área específica do trabalho. Tendo o trabalho recebido parecer favorável dos dois pareceristas, ele é publicado; se há discrepância entre os pareceristas, o trabalho é encaminhado a um 'tertius'. Após a avaliação, o trabalho é devolvido ao autor para modificações que podem ser mínimos ou substanciais.

A Editoria Geral é presentemente ocupada por Leila Barbara e Kanavillil Rajagopalan e, diretamente ligadas aos editores, há uma secretária e uma tesoureira que contam com os serviços de assistentes de secretaria e de formatação. A Comissão Executiva, constituída por acadêmicos, incluindo os editores gerais, a secretária, a tesoureira, é responsável pela execução da Revista. A seção de Retrospectiva é competência da presidência da ABRALIN, desde que nos associamos a ela e, nesse caso, pelo menos o contacto formal com autores é feito pelo/a Presidente da ABRALIN, ou alguém por ele/a indicado/a. Freqüentemente são publicados trabalhos apresentados nos encontros pelos especialistas convidados para plenárias da ABRALIN; outras vezes são feitas propostas pela Editoria à Diretoria além de serem examinadas propostas de autores.

Quadro 3: Fluxo de trabalhos de 1997 a julho de 2000, inclusive

Sessão	1997	1998	1999	1o. Sem. de 2000	Total
Artigos	19	11	10	9	49
Retrospectivas		2	3		5
Debate	3	3	1		7
Squibs	2	1	2	1	6
Resenhas	1	4	9	2	16
Entrevista	1		1		2
Perspectivas			3		3
Trabalhos recusados	9	2	4		15
Trabalhos publicados	14	19	12		45
Trabalhos em processo de avaliação ou previstos para publicação			13	12	25
Trabalhos enviados/submetidos	26	21	29	12	88

O quadro acima resume o fluxo de trabalho nos últimos anos. De 88 recebidos, 50 foram publicados e, dos 30 restantes, 15 foram recusados. O baixo número de recusas categóricas é evidência do trabalho cuidadoso dos conselheiros – são exarados pareceres minuciosos, e quando o trabalho evidencia potencialidade é permitida a sua reformulação como foi mencionado acima. O trabalho recusado, se for reapresentado, amplamente reformulado, será re-analisado seguindo novamente todo o processo anterior; já tivemos oportunidade de ver publicados em outros veículos alguns trabalhos recusados, com nota de agradecimento ao parecerista da D.E.L.T.A. pelo *feedback* recebido. A situação de carteira de trabalhos em tramitação compreende uma reserva de material para um ano e meio; este é também o tempo que os procedimentos pré-publicação costumam consumir mesmo que, sempre que possível, a troca de correspondência ser feita por e-mail, para agilizar o processo.

O contigente maior de trabalhos propostos sem indução é de artigos; nos 3 últimos anos, dos 88 trabalhos avaliados, 49 foram Artigos. As demais seções da Revista em geral demandam indução. As Retrospectivas, como já foi dito, costumam ser convidadas pela ABRALIN. Resenhas também são em geral conseguidas por solicitação; a nossa comunidade parece ainda não está aberta para a importância da resenha, que tem a vantagem de publicação rápida e fornecimento de muita informação à comunidade: bibliografia nova, avaliação sobre essa bibliografia. Debates e Squibs são

muito setorizados – parece haver realmente muita resistência na sua proposição. São muito poucas as instituições ou colegas que enviam informações ou notas sobre eventos e novas publicações – as publicadas têm sido resultado de solicitação ou coleta explícita da editoria; estas são as únicas seções da revista que não são submetidas a conselheiros.

Cabe-nos ainda uma palavra sobre os números especiais. Sua origem se deveu à grande quantidade de artigos que, num determinado momento, tivemos em carteira. Mas novas aberturas vieram; eles são uma oportunidade para temas específicos, vozes especiais, eventos especiais e homenagens. A Revista pode delegar sua organização ou pode ela mesma organizá-los; pode atender pedidos, caso em que faz ampla consulta a Conselheiros. Até agora tivemos dois números em homenagem a Fernando Tarallo – fundador da Revista; um em homenagem a Ataliba de Castilho, que fez renascer o projeto da Norma Urbana Culta; um número em homenagem aos 30 anos da ABRALIN. Este número, organizado por Ataliba Teixeira de Castilho, contém material que ele pretendia publicar sobre a pesquisa lingüística no Brasil ao qual, com sua anuência, acrescentamos alguns convidados na área da Lingüística Aplicada, o que resultou num volume de 450 páginas, correspondendo a mais de 2/3 do que a Revista se propõe a publicar por ano. O número especial de 2.000, organizado por Charlotte G., Jairo Nunes e Eduardo Raposo, homenageia a Mary Kato, uma das fundadora da revista e lingüista reconhecida internacionalmente e contém artigos de parceiros de Kato no seu trabalho na Unicamp. Já está planejado um número em homenagem a Mattoso Câmara Jr., por ocasião do centenário de seu nascimento, organizado por Cristina Altman. Houve um número especial destinado ao resumo dos trabalhos publicados nos primeiros 10 anos da Revista D.E.L.T.A. e outro que foi dedicado à vinda de Noam Chomsky ao Brasil – uma edição bilíngüe contendo as conferências do grande lingüista no País, em 1996.

A tiragem da D.E.L.T.A. é de 1000 exemplares. Dos 570 sócios previstos pela ABRALIN, 180 estavam em dia com suas anuidades em 1999. Há um número razoável de assinaturas avulsas, 120 no momento, por volta de 100 exemplares em permuta nacional e internacional e um número semelhante de doações principalmente a bibliotecas e associações, além dos volumes encaminhados a Autores e Conselheiros. O total de saída previsto é de 890 exemplares por número. São freqüentes as campanhas para conseguir novos leitores – quer sócios da ABRALIN, a meta principal, quer assinantes diretos.

A revista teve início com a ajuda da Fapesp, a qual, já no segundo ano, foi substituída pelo CNPq, a principal agência a subsidiar revistas científicas brasileiras. Esse subsídio nunca foi interrompido e no ano 2.000 corresponde a R$20.000,00 anuais. As assinaturas diretas e as vendas avulsas correspondem atualmente a cerca de R$4.800,00; as assinaturas da ABRALIN estão previstas em R$4.662,00 – correspondendo à metade da anuidade de cada sócio mais metade do custo do correio. Isto significa uma receita de R$ 29.468,00, tomando por base o ano de 2.000. Para a efetivação da Revista é fundamental a contribuição da PUCSP, que, de várias maneiras, diretas e indiretas, arca com a maior parcela dos custos: essas despesas incluem horas contratuais de professores e de funcionários para se dedicarem à Revista, material de consumo – um grande número de xerox , impressão de várias versões dos artigos e da própria revista, correio e correspondência em geral, além de equipamento e local. A receita direta da Revista costuma cobrir os serviços gráficos, tendo o ano de 1999 sido excepcional face ao tamanho do número especial que ultrapassou de muito o orçamento.

Assim, o custo médio por volume corresponde a R$70,00, projetando-se a venda de toda a tiragem, o que não acontece nem tendo em vista o saldo de volumes e os volumes doados e os distribuídos a autores e conselheiros.

A diferença entre receita e despesa é coberta pela PUCSP e incluída no orçamento do Programa de Lingüística Aplicada, que é responsável pela Revista. Tudo isso é compensado pelo serviço que, acredita-se, a D.E.L.T.A. está prestando à lingüística e à lingüística aplicada brasileira, quer na publicação de trabalhos de pesquisadores brasileiros, quer de colegas de outras paragens e também na divulgação desses trabalhos nos melhores indexadores internacionais – LLBA (Linguistics and Language Behavior Abstracts), Linguistics and Language Behaviour Abstracts Database, MLA (Modern Language Association) Directory of Periodical, International Bibliography, Sociological Abstracts, ULRICH's International Periodicals Directory – aos quais este ano se junta o ERIC.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

Os trabalhos submetidos à D.E.L.T.A. devem ser enviados:
·em três vias impressas, com páginas numeradas, duas delas sem nenhuma informação que identifique a autoria. Em folha à parte, devem vir um título em português e um em inglês, além do endereço completo, com telefone, fax e e-mail do autor, bem como informação da área em que se insere o trabalho. Os nomes dos autores, com o sobrenome principal em maiúsculas, devem ser seguidos da filiação por extenso;
·em disquete, digitados em programa Word-for-Windows recente, sem formatação além de parágrafo; deve ser colada, no disquete, uma etiqueta contendo o nome do/a autor/a, o título do trabalho e o programa utilizado. O disquete não será devolvido a/o autor/a, que deve manter seu arquivo para as eventuais modificações sugeridas pelos pareceristas.
Notas: devem ser digitadas em pé de página, numeradas a partir de 1. Se houver nota no título, esta recebe asterisco e não numeração. As notas não devem ser utilizadas para referência bibliográfica. As referências devem ser feitas no corpo do trabalho segundo o exemplo: ... como diz Chomsky (1995:152)...; referências após citação: ...(Chomsky 1995:152); no caso de paráfrase (cf.: Chomsky 1995:152). Nunca usar *idem* ou *idem, ibidem*.
Ênfase: usar itálico, não sublinhar.
Tabelas, gráficos, desenhos, quadros e árvores devem ser encaminhados, também separadamente, em versão impressa, pronta para ser fotografada, em laser/ink jet ou tinta nanquim. Devem ser numerados e ter título. Apenas as iniciais do título devem estar em maiúsculas.
Abstract/Resumo: datilografados em itálico, precedidos da palavra ABSTRACT ou RESUMO, em duas versões de cerca de 100 palavras, uma em inglês e uma em português. Recomenda-se que sejam revistos por falantes nativos dos respectivos idiomas. Os ABSTRACTS e RESUMOS devem ser seguidos de quatro palavras-chave/key words, naquela língua, precedidos do termo Key Words ou Palavras-Chave.
Referências bibliográficas: Datilografar a expressão REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Os autores devem estar em ordem alfabética, sem numeração das entradas e sem espaço entre as referências. O principal sobrenome de cada autor é seguido de vírgula e do nome e sobrenomes. O nome de outros autores, quando houver, ou dos organizadores da obra de onde foi retirado o artigo, precedem o sobrenome. O título de livro (precedido de IN:) ou revista deve vir em itálico com todas as iniciais em maiúscula e o número de revista em negrito. Na segunda entrada de um mesmo autor, seu nome é substituído por um traço de 5 toques. Data identificadora da obra, entre pontos após o nome do autor (outras datas relevantes, no final da entrada). Mais de uma obra no mesmo ano, distinguidas pelas letras a, b, etc após a data. Ex.: Labov, William. 2001. *Principles of Linguistic Change*. Massachusetts/Oxford: Blackwell. Lobato, Lúcia. 2000. Formal features and parameter setting: A view from Portuguese past participles in romance future tense. *D.E.L.T.A.* **16/Especial**: 99-128.
Oliveira, Marco Antonio & Maria Luiza Braga. 1997. On Focussing sentences in Brazilian Portuguese. In: Gregory R. Guy, Crawford Feagin, Deborah Schiffrin & John Baugh. Eds.. *Towards a Social Science of Language. Vol.2: Social Interactional Discourse Structures.* Amsterdam: John Benjamins.
Anexos: caso existam, devem ser colocados depois das referências bibliográficas, precedidos da palavra Anexo. Para anexos que constituam textos originais já publicados, enviar em formato final para ser fotografado e incluir referência bibliográfica completa, bem como permissão de editores para reprodução.
A D.E.L.T.A. detém o "copyright"dos trabalhos a ela submetidos, exceto nos casos em que está impresso o contrário. Os trabalhos submetidos à D.E.L.T.A não devem, sob hipótese alguma, ser retirados depois de iniciado o processo de avaliação.
Tamanho: ARTIGO: até 10.000 palavras; se tiver gráficos e/ou anexos, o conjunto não deve ultrapassar 27 páginas. RETROSPECTIVA, DEBATE: até 12.000 palavras. QUESTÕES E PROBLEMAS: até 6.000 palavras. RESENHA: até 3.600 palavras e NOTAS DE LIVROS até 2.000 palavras.

BEST COPY AVAILABLE

INSTRUCTIONS FOR PRESENTATION OF THE CONTRIBUTIONS

Papers submitted to D.E.L.T.A. should be sent: in floppy disk, typed in WORD for Windows with no format other than paragraphs, and three paper copies. The label on the floppy disk must specify the author's name, tittle of the paper, author's affilliation and version of word-processing programme used. To guarantee anonymity when sent to referees, in two of the printed copies, the name, affiliation and other references that may identify the author must be omitted. The floppy disk will not be returned to the author. Therefore, please keep back-up copy for the modifications that may be suggested by referees.

Foot-notes: located at the bottom of the page, numbered from 1. Should there be a foot note in the tittle it is to be introduced by an asterisc (*) and must not be numbered. Foot notes should not be used for bibliographical references. References should be made within the text as in: Chomsky (1995:152)...; after a quotation use: ...(Chomsky 1995:152); when it is not a quotation (cf.: Chomsky 1995:152). Never use *idem* or *idem, ibidem*.

Tables, charts, figures, trees must also be sent sepparately in camera ready format - laser/ink jet or indian ink. The title of tables, charts, figures, are numbered and capital letters are used for initials.

Abstract/Resumo: In Italics, introduced by the word ABSTRACT or RESUMO in two versions, one in Portuguese and one in English of around 100 words each. It is advisable to have them read by native speakers. They are each to be followed by 4 key words/ 4 palavras-chave, preceded respectively by the word Key Words/Palavras-Chave.

References: Type the word REFERENCES. The entries, in alphabetical order and single spaced. Initials of the first author follow the surname; initials of other authors or editors in an entry precede the surname. Titles of books or journals are in italics and the number of journals in bold. In the second entry of a given author his/her name is replaced by a 5 space dash. The date comes between full stops after the author's name; other relevant date come at the end of the entry; more than one work in the same year are distinguished by the letters a, b, etc., within the brackets. E.g.: Labov, William. 2001. *Principles of Linguistic Change*. Massachusetts/Oxford: Blackwell. Lobato, Lúcia. 2000. Formal features and parameter setting: A view from Portuguese past participles in romance future tense. *D.E.L.T.A.* **16/Especial**: 99-128.

Oliveira, Marco Antonio & Maria Luiza Braga. 1997. On Focussing sentences in Brazilian Portuguese. In: Gregory R. Guy, Crawford Feagin, Deborah Schiffrin & John Baugh. Eds.. *Towards a Social Science of Language. Vol.2: Social Interactional Discourse Structures.* Amsterdam: John Benjamins.

Appendices: should there be any, after the references, preceded by the Word Appendix, in upper case. If long stretches of text from published works are to be annexed, please provide camera ready copy as well as complete bibliographical reference and permission from the publishers for reproduction.

D.E.L.T.A. keeps the copyright of the papers submitted unless it officially withdraws this right on request. Papers submitted are not to be witdrawn after the process of refereeing starts.

Size: ARTICLE: maximum length: 10.000 words; OVERVIEW, DEBATE: maximum length: 12.000 words; SQUIBS: maximum length: 6.000 words; REVIEW: maximum length: 3.600 words and BOOK NOTES 2000 words.

BEST COPY AVAILABLE

Free online sample now available on our website!

Discourse Studies

An Interdisciplinary Journal for the Study of Text and Talk

Editor **Teun A van Dijk** *University of Amsterdam, The Netherlands*

Discourse Studies is a multidisciplinary journal for the study of text and talk. Supported by an internationally renowned Editorial Board, it publishes outstanding work on the structures and strategies of written and spoken discourse.

While contributing to new developments at the cutting edge of theory and method, its articles are also accessible to students and other newcomers to each of its areas of specialization.

Stimulating international debate...

Discourse Studies stimulates debate in the field by publishing discussion articles and squibs. Reviews of new books are also a regular feature.

Intended as a broadly conceived forum for the best international work on discourse in any field and specialization, *Discourse Studies* focuses particularly on cross-disciplinary studies of text and talk in linguistics, anthropology, ethnomethodology, cognitive and social psychology, communication studies and law.

Articles that specifically deal with critical socio-political issues continue to be published in Sage's companion journal *Discourse & Society*.

Quarterly: February, May, August, November
(ISSN: 1461-4456) Introductory Rate for Individuals £31/US$48
(Usual Rate £39/US$61) Institutional Rate £218/US$342

SAGE Publications, 6 Bonhill Street, London EC2A 4PU, UK
Subscription Hotline +44 (0)20 7330 1266 / Email: subscription@sagepub.co.uk

Sage Publications online: www.sagepub.co.uk

BEST COPY AVAILABLE

Projeto Editorial e Diagramação

Elaine Cristine Fernandes da Silva

Impressão e Acabamento

JETGRAPHIC

Fone: (11) 5575-7602

351

DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS
EM LINGÜÍSTICA TEÓRICA E APLICADA
D.E.L.T.A., Vol. 17:ESPECIAL, 2001

Tesouraria / Treasurer
Roxane H. Rojo - *PUC-SP*

Correspondência / Mailing address
Revista D.E.L.T.A.
Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL)
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Rua Monte Alegre, 984 - CEP 05014-001 - São Paulo, SP, Brasil
Fone: (55) (0XX11) 3864-4409 Fax: (55) (0XX11) 3862-5840
www.scielo.br
E-mail: delta@pucsp.br

D.E.L.T.A.
Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada

Sumário/Contents

Retrospectivas - Perspectivas/Overviews - Perspectives

Carlos Alberto Faraco – Pesquisa Aplicada em Linguagem: Alguns Desafios para o Novo Milênio / *Applied Research in Language: Challenges for the New Millenium.*

Ingedore Grunfeld Villaça Koch – Lingüística Textual: Quo Vadis? / *Textlinguistics: Quo vadis?*

Suzana Alice Marcelino Cardoso – Dialectologia: Trilhas Seguidas, Caminhos a Perseguir. / *Dialectology: Traveled Roads and Routes to Travel.*

Maria Cecília de Magalhães Mollica & Cláudia Nívia Roncarati – Questões Teórico-descritivas em Sociolingüística e em Sociolingüística Aplicada e uma Proposta de Agenda de Trabalho. / *Theoretical and Descriptive Issues in Sociolinguistics and in Applied Sociolinguistics and a Project for an Agenda.*

Maria Helena Mira Mateus – A Investigação em Fonologia do Português./ *Research in Portuguese Phonology.*

Anexo / Appendix

52ª Reunião Anual da SBPC – Brasília, julho de 2000 – Encontro: A Revista Científica no Próximo Século. / *52ª SBPC Annual Meeting – Brasília, July 2000 – Meeting: Scentific Journals in the New Century.*

Luiz Antonio Marcuschi – Revistas Brasileiras em Letras e Lingüística. / *Letters and Linguistics Brazilian Journals.*

Vilson J. Leffa – O Texto em Suporte Eletrônico. / *Eletronic Texts.*

Leila Barbara, Maria Aparecida Caltabiano & Sumiko N. Ikeda – A Preparação de uma Revista Geral. / *The Preparation of a General Journal.*

BEST COPY AVAILABLE

U.S. Department of Education
Office of Educational Research and Improvement (OERI)
National Library of Education (NLE)
Educational Resources Information Center (ERIC)

NOTICE

REPRODUCTION BASIS

☒ This document is covered by a signed "Reproduction Release (Blanket) form (on file within the ERIC system), encompassing all or classes of documents from its source organization and, therefore, does not require a "Specific Document" Release form.

☐ This document is Federally-funded, or carries its own permission to reproduce, or is otherwise in the public domain and, therefore, may be reproduced by ERIC without a signed Reproduction Release form (either "Specific Document" or "Blanket").